

# 22.º festival do folclore



*olímpia-sp*

*10 a 17 de agosto de 86*

*colaboração*

**BRADESCO**

o banco brasileiro

## 22.º FESTIVAL DO FOLCLORE

1986 — ANO INTERNACIONAL DA PAZ

"Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus." (Mateus 5.º-9)

O Deus da nossa fé, que nos guarda a vida, quis que coordenássemos, uma vez mais o Festival do Folclore de Olímpia. Ele não teria permitido se não nos desse também na sua bondade, as virtudes da paciência, do equilíbrio, da coragem, do idealismo, da firmeza e da visão maior das nossas responsabilidades perante Olímpia e seu Folclore.

O 22.º Festival do Folclore coincide com as comemorações do Ano Internacional da Paz. A paz é a aspiração fundamental de cada homem e de toda a humanidade. Mas a paz social só pode resultar de um relacionamento entre pessoas, grupos e nações, fundado na justiça, na lealdade e no amor. Só este relacionamento constitui propriamente uma ordem, do qual a paz é a resultante mais autêntica. O mundo sempre desejou a paz: a oliveira é o símbolo cristão da paz; a saudação pentecostal é paz, irmão. Medeiros e Albuquerque, no Hino da Proclamação da República (1890) expressou: "Mensageiros da paz, paz queremos./ É de amor nossa força e poder." Muitas frases esparsas, pintadas nos muros das cidades, clamam pela paz, que está perdida ou que está sendo escondida pelo tempo.

É grande o amor dos homens. A elevação do espírito ao acesso à consciência da identidade nos destinos comuns é a força criadora da fraternidade universal, que o maior de todos os homens, a divindade, transfigurada em forma humana, pregou entre turbas bárbaras, para que na terra reinasse a paz: a paz que é o supremo ideal de todos os viventes; a paz que deve ser árbitro supremo de todos os dissídios; a paz que não deveria nunca desertar das almas, para reinar soberana em toda a terra, em todos os espíritos que sentem em cada grito de dor alheia, a dor da própria carne torturada; que sente em cada sofrimento alheio, a vibração do próprio sentimento.

A paz é possível. Ela existe. Ela se manifesta em exemplos tangíveis, acessíveis e indiscutíveis.

Uma demonstração e afirmação da paz são a vida e testemunho dos elementos folques, partícipes dos grupos de folguedos folclóricos.

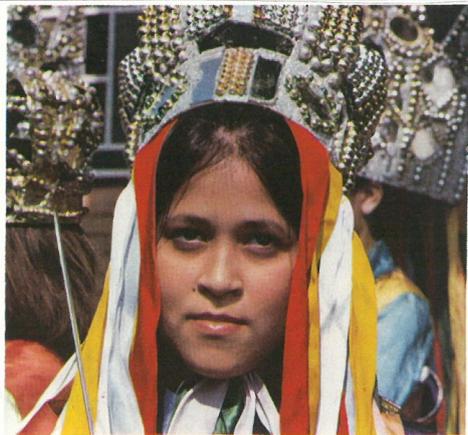
São almas boas, ingênuas, intocáveis, que revelam dentro de si um paraíso de sonhos, um procedimento de verdadeira abnegação, porque o folclore espalha o amor e a paz é a filha preferida desse amor.

Louvado seja Deus por nos revelar a paz, através das manifestações folclóricas.

Devemos exaltar o nome de Olímpia, através de nossa participação ativa no seu desenvolvimento e pela contribuição nessa grande luta pela preservação do folclore. Cada olimpiense tem uma responsabilidade a ser cumprida e esta cidade será cada vez mais nobre e soberana, se soubermos corresponder, à altura, os reclamos da verdadeira nacionalidade. O Brasil é um país sério, é um povo pacífico. Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos brasileiros. E ao mundo!

**JOSÉ SANT'ANNA**

Criador do Festival do Folclore



**GUERREIRO**

Guerreiro é folguedo nascido no Estado de Alagoas. Ou melhor, o mais belo folguedo alagoano. Pertence ao ciclo natalino (24 de dezembro a 6 de janeiro), mas é apresentado em qualquer época do ano. Resulta da fusão de Reisados alagoanos, dos Caboclinhos, da Chegança e dos Pastoris. Compõe-se de instrumentistas (sanfona, tambor e pandeiro), cantadores e dançadores. Assemelha-se aos Reisados, porém, com maior número de figurantes e episódios, ostentando maior riqueza nas indumentárias e enfeites, assim como nas músicas.

São integrantes do folguedo: rei, rainha, mestre, contramestre, embaixadores, general, Caboclinhos de Lira, Sereia, índio Peri e seus vassallos, Mateus, palhaço, Estrela de Ouro, Borboleta e outras figuras, totalizando vinte e seis elementos, número que pode variar.

O que prende muito a atenção do espectador é a beleza dos chapéus e coroas usados pelos participantes — respeitável arte popular, admiráveis peças artesanais.

Usam indumentária muito colorida, simulando trajes nobres. Fitas multicoloridas, espelhos ovalados e redondos, contas de aljófar e enfeites de árvore de Natal adornam os maravilhosos chapéus que aparecem em formato de igrejas e palácios; coroas, diademas, mantos, saiotos e calções.

A coreografia é bem variada e as músicas a todos agradam.

O auto consta de cantigas dançadas (peças), entremeadas de marchas (danças não cantadas). Há representações, entremeios ou partes, precedidos e finalizados por cantigas e danças caracterizadas dos grupos de Reisados, como: marchas de ruas, cantos e danças de abrição de portas, de entrada de sala, adoração ao Divino e despedida.

As partes mais fascinantes são a do índio Peri (que substitui a guerra dos Reisados), da Sereia, da Lira com seus caboclinhos, os entremeios do Boi — indispensáveis em qualquer apresentação, a burrinha, o zabelê (jaraguá).

O Guerreiro sobrevive em vários municípios alagoanos.

FOTO: Alzina Ângela de Vasconcelos Melo, rainha do Guerreiro de Chã Preta — AL, grupo coordenado pelo Prof. Pedro Teixeira de Vasconcelos — 19.º Festival do Folclore de Olímpia (1983).  
Fotógrafo: Emídio Luisi.

**José Sant'anna**  
Coordenador do FEFOL

Consultei: Pedro T. de Vasconcelos e José Maria T. Rocha (folcloristas de Maceió).

PREFEITURA MUNICIPAL DE OLÍMPIA

O Excmo. Municipal de Olímpia, Estado de São Paulo, nos termos do Decreto n.º 1730, de 22 de agosto de 1984, que dispõe sobre o reconhecimento de serviços relevantes prestados por pessoas e entidades em prol da preservação da cultura, da tradição e das artes populares brasileiras, sumamente honrada outorga este

Diploma

de

Reconhecimento por Serviços Culturais Relevantes

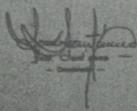
em homenagem ao

**BRANCO**

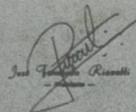
que, pela sua atuação expressiva, muito contribuiu através dos Festivais de Folclore de Olímpia, para a preservação da cultura, da tradição e das artes eminentemente brasileiras.

Olímpia, Capital do Folclore.

Em 22 de agosto (Dia do Folclore) de 1985

  
— Prefeito Municipal —

  
— Vereador —

  
— Vereador —



### **Carta à Diretoria do BRADESCO:**

*Que lhe poderíamos dizer, ao depois de colaborações especialíssimas e carinhosas aos nossos Festivais do Folclore?*

*Nada, porque não poderíamos dizer tudo. E por não podermos dizer tudo, dói-nos ficar simplesmente no obrigado, porque obrigado, não ultrapassando os estreitos limites da cortesia, de nenhum modo manifestaria os sentimentos verdadeiros e as idéias expressivas de uma sincera gratidão.*

*Sabemos que falamos a uma Diretoria de alma bem nascida e bem fadada, grande ao mesmo tempo pelo impulso modelar de uma nobre hereditariedade e pela administração correta que lhe rasgou as amplas perspectivas de um futuro, transformadas hoje em realizações felizes; Diretoria zelosa e, por isso mesmo, capaz de compreender as supremas lutas dos que sofrem pela concretização de um ideal.*

*Voltamos, então, ao simples e inexpressivo obrigado, certos de que os corações melhor se entendem, às vezes, por expressões breves e até pelo silêncio.*

*Queira aceitar pois, preclara Diretoria do BRADESCO, o nosso singelo agradecimento: Obrigado!*

*Olímpia, agosto de 1986*

**a) José Sant'anna**

*Coordenador do Festival*

# ANUÁRIO DO FOLCLORE

22.º FESTIVAL DO FOLCLORE

10 a 17 de agosto de 1986

Olímpia — A Capital do Folclore

*Manzoll  
Olímpia - SP.*

Departamento de Folclore do Museu de História e Folclore "D. Maria Olímpia" e Comissão de Folclore (Conselho Municipal de Cultura), da Prefeitura Municipal de Olímpia.

ANO XIII  
22 de agosto de  
1986  
N.º 16

## SUMÁRIO

- 1 — SETILATRIA: TEMOR E RESPEITO  
José Carlos Rossato
  - 2 — ARTESANATO DECORATIVO  
Iseh Bueno de Camargo
  - 3 — OITO CONTOS FOLCLÓRICOS DE OLÍMPIA  
José Sant'anna
  - 4 — ADIVINHAS ZOOMÓRFICAS  
Rogério de Oliveira
  - 5 — FOLCLORE VOTIVO NA IMPRENSA DE OLÍMPIA  
Palmira M. Degásperi Rodrigues
  - 6 — DOIS MOMENTOS BELÍSSIMOS DA MÚSICA FOLCLÓRICA  
Inezita Barroso
  - 7 — MONTARIA  
Antônio Clemêncio da Silva
  - 8 — SIMPATIAS PARA CRIANÇAS ANDAR  
Afrânio Santana de Oliveira
  - 9 — FAÇA FIGA, BOBA!  
Meire Irâni
  - 10 — COZINHA JUNINA  
Alzira Sant'Ana de Oliveira
  - 11 — FESTAS JUNINAS  
O ACENTUADO GOSTO PELAS TROVAS  
José Sant'anna
  - 12 — APELIDOS  
Laura Della Mônica
  - 13 — DANÇA DO COCO  
Maria Aparecida de Araújo Manzoll
  - 14 — CAPA-BODE  
Alcides Niceas
- DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
REGISTRO  
CORRESPONDÊNCIA  
NOTICIÁRIO

## EXPEDIENTE

Rua Jorge Tibiriçá, n.º 420  
Caixa postal 60  
Telefone: (0172) 81-1929 - Ramal 14  
Patrimônio de São João Batista  
15 400 — Olímpia — SP  
Diretor: José Sant'anna  
Redatora: Iseh Bueno de Camargo  
Auxiliares: Antônio Clemêncio da Silva,  
Célio José Franzin, João José Abra e Sidney Carlos Schalch.  
Fotos: Hélio Garcia Filho  
Cromos: Bié Junqueira

Todo trabalho de redação assinado é de total responsabilidade do autor. Quaisquer artigos ou ilustrações deste Anuário podem ser reproduzidos, desde que citada a fonte.

Gráfica BRADESCO  
Osasco - SP

# Setilatria: temor e respeito

JOSÉ CARLOS ROSSATO  
Departamento de Folclore — Olímpia

Folclorística é o termo usado para designar a ciência que estuda o folclore. Nada mais lógico. Não é a Linguística que expressa o estudo da língua falada? Então, empregemos Folclorística para o estudo da sabedoria do povo.

Na comunicação popular, com frequência, notamos a presença de números. É o caso de se lembrar:

- O rico e o pobre são gente.
- O soldado protege os dois.
- O operário trabalha pelos três.
- O vagabundo come pelos quatro.
- O advogado defende os cinco.
- O padre reza pelos seis.
- O médico examina os sete.
- O coveiro enterra os oito.
- O Diabo carrega os nove.
- A mulher engana os dez.

Pois bem, mas nem todos os numerais são dotados de alto valor folclórico. São poucos. Apenas três. Deste tríduo, o *sete* é um dos mais lembrados. O povo tem por ele temor mórbido e obsessivo, quando não respeito e admiração.

É impossível precisar o início da importância do *sete* para os seres humanos. É encontrado em todas as camadas sociais de todos os espaços geográficos e em todos os tempos, da Antigüidade Clássica ao dias que correm.

*Sete* são as maravilhas do mundo antigo: Templo de Diana, Estátua de Júpiter, Colosso de Rodas, Mausoléu, Pirâmides do Egito, Farol da Alexandria e Jardins Suspensos da Babilônia.

*Sete* divisões encontramos na antiga organização social romana: família, cúria, gens, centúria, tribo, cidade e nação.

*Sete* graus aparecem na hierarquia dos impérios: Imperador, Arquiduque, Duque, Marquês, Conde, Visconde e Barão.

Mas não é só. Mostraremos a presença marcante do *sete* nos mais diversos setores em que o homem age alterando e modificando os mais diferentes ambientes.

## ASTRONOMIA

No sistema Geocêntrico de Ptolomeu, os astros que supostamente estavam ao redor do nosso planeta eram *sete*, a saber: Sol, Lua, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno.

## ZOOLOGIA

Os ovos de pomba são chocados no espaço de duas semanas (2x7); os de galinha em três (3x7); os de pata em quatro (4x7); os de gansa em cinco (5x7); e, os do avestruz em *sete* (7x7). Outros exemplos:

*Sete-barbas* — peixe de couro da Amazônia.

*Sete-portas* — outra denominação da abelha jataí.

## BOTÂNICA

É grande a relação de vegetais, flores e frutos com o numeral em estudo. Apontaremos apenas um exemplo de cada.

*Sete-capotes* — Árvore silvestre.

*Sete-cotovelos* — variedade de pêra.

*Sete-saias* — planta ornamental e medicinal.

## LITERATURA

Pródiga é a listagem de obras em que o *sete* está presente. Isto ocorre nos mais diferentes países, tanto do Ocidente como do Oriente, tanto nas áreas evoluídas como nas subdesenvolvidas. É leitura para as mais diferentes faixas etárias, em gêneros diversos: do infantil ao místico, do filosófico ao romântico e da ficção científica ao mero lazer. Exemplificando:

As *Sete Cores do Céu*, de Murilo de Araújo; As *Sete Faces do Amor*, de André Maurois; As *Sete Giras de Exu*, de Maria Helena Farelli; As *Sete Mulheres*, de Guy des Cars; As *Sete Mulheres do Barba Azul*, de Anatole France; As *Sete Palavras*, de Martins de Oliveira; As *Sete Palavras de Cristo*, de Ludolphus de Saxônia; As *Sete Portas da Paz*, de Cláudio Fornári; As *Sete Preces*, de José Oiticica; As *Sete Rosas do Espírito*, de Gustavo Barroso; O *Sete Belo*, de Alessandro Veraldo; Os *Sete Anõezinhos Encontram Seu Lar*, de Walt Disney; Os *Sete Bagos de Uva*, de Charles Paul de Koch; Os *Sete Dias*, de Vladimir Maximov; Os *Sete Gigantes*, de José Silva Neto; Os *Sete Invencíveis*, de Cliff Brasley; Os *Sete Manuais da Teosofia*, de Annie Besant; Os *Sete Minutos*, de Irving Wallace; Os *Sete Mistérios da Europa*, de Jules Romains; Os *Sete Mostradores*, de Agatha Christie; Os *Sete Pecados Capitais*, de Guimarães Rosa; Os *Sete Tesouros*, de Lúcia Jordão Vilela; Os *Sete Últimos Flagelos*, de Georges Duhamel; *Sete Afirmativas do Livro de Mormon*, de Andrews Widtsoe; *Sete Anos no Tibet*, de Heinrich Harrer; *Sete Covas*, de Jack Grey; *Sete Dias*, de Franklin de Oliveira; *Sete Dias a Cavalão*, de Hermilo Borba Filho; *Sete Dias de Maio*, de Fletcher Nebel; *Sete é o Número Ímpar*, de Neida Lúcia Mora; *Sete Estrelo*, de Milton Dias; *Sete Histórias Verdadeiras*, de Graciliano Ramos; *Sete Palmos de Terra*, de Keith Luggier; *Sete Raios de Sol*, de Fernando Vidal Ribeiro Neto; *Sete Retratos de Mulher*, de Daniel Rops e tantos outros.

Contamos com informações prestadas por Antônio Gilberto Arado, Geny Alberini e José Sant'anna, no que tange a este item.

## HISTÓRIA

Neste vasto compartimento do saber humano, encontraremos o *sete* espalhado por todo o mundo habitado. Citaremos alguns exemplos:

*Sete Povos das Missões* (aldeias jesuíticas fundadas há três séculos, no Rio Grande do Sul), hoje em ruínas.

Guerra dos *Sete Anos* — conflito europeu ferido nos meados do século XVIII.

Roma é conhecida como a Cidade das *Sete Colinas*.

*Sete* de janeiro de 1822, dia do Fico, D. Pedro prometeu permanecer no Brasil. Daí alguns meses a proclamação da nossa independência política, num outro dia *sete*.

Em 7/4/1831, abdica D. Pedro I em favor do seu filho.

É considerável o volume de reis com o VII.

Na Suíça, o Conselho Federal é composto de *sete* membros.

Diversos Papas ostentaram o VII: João, Estêvão, Leão, Benedito, Gregório, Inocêncio e Clemente. *Sete nomes*, seria coincidência?

A Igreja teve ainda dois antipapas com o VII, a saber: Bonifácio e Clemente.

### TOPÔNIMOS

Do rol de nomes próprios de lugares, envolvendo o *sete*, retiramos os exemplos:

*Sete Lagoas*, cidade de Minas Gerais.

*Sete Barras*, Município paulista.

*Sete-Irmãos*, montes localizados em Marrocos, na África.

### MÚSICA

Na arte musical encontramos, dentre outros, *sete* notas; *sete* sustenidos; *sete* bemóis; *sete* claves; *sete* bequadros; e muitos outros *setes*.

### ASTROLOGIA

Os Caldeus usaram e abusaram do *sete*. A Astrologia floresceu na Caldéia, onde a semana de *sete* dias já existia. Cada astro ficou influenciando um dia da semana. É o regente. Até hoje isto está em voga: Sol — domingo; Lua — segunda-feira; Marte — terça-feira; Mercúrio — quarta-feira; Júpiter — quinta-feira; Vênus — sexta-feira e Saturno — sábado.

### PROFECIAS

Ao surgir esta palavra vem à mente o nome de Nostradamus, muito embora, outros viventes, Santos e até a Bíblia profetizaram acontecimentos. Para esta personagem, de fama internacional, o *sete* representa o sábado. O *sétimo* milênio é o que vivemos, tendo iniciado em 1973 (note também a presença do *sete*). Nas Centúrias deparamos com diversos vaticínios onde o *sete* está presente. Vamos citar apenas dois exemplos:

A segunda vinda de Jesus será no começo do *sétimo* milenário.

No *sétimo* mês de 1999, do céu virá um grande Rei de terror.

### BÍBLIA

É enorme o volume de exemplos bíblicos onde aparece o *sete*. Aliás, este é o numeral com maior presença quantitativa no mais popular livro do mundo, de todas as épocas e de todos os tempos. Mesmo assim proporemos poucos exemplos para não tomarem muito espaço:

“Trabalharás seis dias; mas o *sétimo* dia será para ti uma coisa santa; é o Sabá, o dia do repouso consagrado ao Senhor.” Êxodo 35,2.

“E no *sétimo* dia ele descansou de toda a obra que havia feito. Ele abençoou e santificou o *sétimo* dia porque nesse dia ele repousou da obra que tinha feito.” Gênesis 2,1-3.

Também no mais velho livro que se tem notícia encontramos o episódio dos sonhos do faraó, interpretados tão habilmente por José. Diz a tradição que o rei vira *sete* vacas gordas que saíam do rio Nilo e, depois, igual número, porém, de magras que devoravam as outras. Viu também *sete* espigas grandes e bonitas que eram devoradas por igual número de secas e feias.

### CATOLICISMO

Para Santo Agostinho, o *sete* é o número preferido na religião Católica. Eis alguns exemplos:

*Sete* pecados mortais: soberba, avareza, luxúria, ira, gula, inveja e preguiça.

*Sete* igrejas iniciais do Cristianismo: Éfeso, Pérgamo, Tiatira, Sordés, Smirna, Filadélfia e Laodicéia.

*Sete* graus da hierarquia católica: Papa, Cardeal-Patriarca, Cardeal, Arcebispo, Bispo, Cônego e Padre.

*Sete* sacramentos: Batismo, Confirmação, Penitência, Eucaristia, Extrema-unção, Ordem e Matrimônio.

*Sete* verdades fundamentais, a saber: Deus, homem, religião, revelação, pecado, Jesus Cristo e Igreja.

*Sete* dons do Espírito Santo: sabedoria, entendimento, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor de Deus.

*Sete* são as idades da Igreja: de Cristo a Nero; de Nero a Constantino; de Constantino a Carlos Magno; de Carlos Magno a Carlos V; de Carlos V ao Grande Rei que virá para a França; do Grande Rei ao Anticristo; e, do Anticristo ao fim dos tempos.

Na oração Pai-nosso encontramos *sete* súplicas, precedidas por um preâmbulo:

Pai-nosso, que estais no céu:

1 — Santificado seja o vosso nome.

2 — Venha a nós o vosso reino.

3 — Seja feita a vossa vontade assim na terra como no céu.

4 — O pão nosso de cada dia nos dai hoje.

5 — Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido.

6 — Não nos deixeis cair em tentação.

7 — Mas livrai-nos do mal. Amém.

Não é Nossa Senhora das *Sete* Dores, a mãe de Cristo?

A Ave-maria tem *sete* partes, a saber:

1 — Ave-maria, cheia de graça.

2 — O Senhor é convosco.

3 — Bendita sois vós entre as mulheres.

4 — Bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus.

5 — Santa Maria, mãe de Deus.

6 — Rogai por nós, pecadores.

7 — Agora e na hora da nossa morte. Amém.

Para o fim dos tempos Jesus previu *sete* acontecimentos:

1 — Falsos profetas. 2 — Guerras e sedições. 3 — Terremotos. 4 — Fomes. 5 — Pestes. 6 — Coisas espantosas. 7 — Grandes sinais do céu.

Na cruz, antes de morrer, Jesus pronunciou *sete* frases. São conhecidas como as *sete* palavras de Cristo:

1 — “Pai, perdoa-lhes (algozes) porque não sabem o que fazem.”

2 — “Tenho sede!”

3 — “Mulher, eis aí o teu filho” (dirigindo-se à Virgem Maria) e ao apóstolo: “Eis aí a tua Mãe!”

4 — “Hoje estarás comigo no Paraíso!” (ao ladrão convertido).

5 — “Meu Deus! meu Deus, por que me abandonastes?”

6 — “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!”

7 — “Tudo está consumado!” (ao preceder à morte)

Existem muito mais exemplos. Os interessados poderão pesquisar nas obras dos grandes cérebros da Igreja, como Padre Antônio Vieira, Tomás de Aquino, Santo Agostinho e outros. Por problema de falta de espaço, não as registraremos.

Alguns desses dados do Catolicismo foram informações verbais de: Antônio Aparecido Bortuluzzi, Cláudio Roberto de Paula, Isabel Aparecida da Costa, Rodrigo Alvarenga Paranhos e Paulo César Rodolfo, todos residentes na área urbana de Votuporanga (SP).

Ao lado da Católica Apostólica Romana, o Budismo, o Maometismo e outras religiões utilizam muito o folclórico *sete*.

### BUDISMO

Para a religião de Buda, só para citar um exemplo, com o número, *sete* meios são necessários para o homem se tornar puro: domínio de si mesmo; procurar a verdade; energia; alegria; serenidade; concentração; e magnanimidade.

## MAOMETISMO

Na religião criada por Maomé, o céu tem *sete* andares e o inferno, o mesmo número.

## APOCALIPSE

O *sete* é o número mais citado nas revelações apocalípticas. Simboliza a religião. Daí ser empregado em sentido simbólico. Foram os *sete* céus dos planetas que contribuíram para que esse numeral figurasse na maioria das revelações do Apocalipse.

No Apocalipse de São João encontramos: *Sete* Anjos, *Sete* Candeeiros, *Sete* Cornos, *Sete* Cabeças, *Sete* Cálices, *Sete* Espíritos, *Sete* Estrelas, *Sete* Lâmpadas, *Sete* Olhos, *Sete* Pragas, *Sete* Montes, *Sete* Igrejas, *Sete* Trombetas e outros.

## UMBANDA

Na Magia Branca ou médio espiritismo há *sete* linhas, sendo que cada uma delas é presidida por uma entidade que é o patrono. Essas linhas são:

1 — Linha de Oxalá (Jesus Cristo). 2 — Linha de Iemanjá (Virgem Maria). 3 — Linha do Oriente (São João Batista). 4 — Linha de Oxoce (São Sebastião). 5 — Linha de Xangô (São Jerônimo). 6 — Linha de Ogum (São Jorge). — 7 — Linha Africana (São Cipriano).

Cada uma dessas linhas é subdividida em *sete* legiões ou falanges, cada uma com um chefe próprio. Por exemplo, a linha de Iemanjá, assim está:

1 — Legião das Sereias. 2 — Legião das Ondinas. 3 — Legião das Caboclas do Mar. 4 — Legião das Caboclas do Rio. 5 — Legião dos Marinheiros. 6 — Legião dos Calungas. 7 — Legião da Estrela-Guia.

## QUIMBANDA

Nas atividades da Magia Negra ou Quimbanda, também conhecida como Necromancia, verifica-se o absoluto domínio do sagrado número. Não admitido pelo cristianismo moderno, mas mesmo assim ocupou proeminência na Babilônia, sem contudo ter-se popularizado em Roma e na Grécia.

A Quimbanda está dividida em *sete* linhas. Cada uma com chefe próprio. Eis as linhas da Lei da Quimbanda:

1 — Linha das Almas. 2 — Linha das Caveiras. 3 — Linha de Nagô. 4 — Linha de Malei. 5 — Linha de Mossorubi. 6 — Linha dos Caboclos Quimbandeiros. 7 — Linha Mista.

A semelhança do que ocorre na Umbanda, cada linha da Quimbanda está dividida em *sete* falanges. Cada uma é chefiada por um Exu. Dentre esses influentes espíritos enumeramos:

1 — Exu das *Sete* Estrelas. 2 — Exu das *Sete* Cachoeiras. 3 — Exu das *Sete* Montanhas. 4 — Exu das *Sete* Espadas. 5 — Exu das *Sete* Flechas. 6 — Exu das *Sete* Chaves. 7 — Exu das *Sete* Ventanias.

Lembramos que o Exu é o orixá que representa as forças adversas ao ser humano. O Pai de Santo ou Chefe do Terreiro venera o *sete*. Para ele tudo é *sete*. Quando alguém pretende ingressar como médium, tanto na Umbanda — também chamada jocosamente de Macumba por muitos — como na Quimbanda, enfastiará de ouvir o *sete*. Isto nós presenciamos durante as nossas pesquisas de campo efetuadas em diversos terreiros, nos últimos anos. Em Fernandópolis, neste Estado, por diversas vezes, presenciamos no Terreiro José Baiano a ação do Pai-de-Santo, Eujaques Alves de Almeida, evocar o *sete* com tanta insistência que demonstrava ser esse número o mais falado que outro qualquer.

Em Magia Negra a Lua é conhecida por *sete* nomes: Liafu, Liafur, Liachacho, Liaquim, Liarucre, Liarute e Liatum.

Uma entidade desta seita, a Pomba-Gira, que representa a crueldade em figura feminina aparece com várias denominações. Lembramos de: *Sete*-Anéis, *Sete*-Becos, *Sete*-Camas, *Sete*-Caveiras, *Sete*-Chifres, *Sete*-Esquinas, *Sete*-Grutas, *Sete*-Marafos, *Sete*-Noites, *Sete*-Pembas, *Sete*-Velas, *Sete*-Véus e *Sete*-Vidas.

## HOMEM

A vida humana está dividida em ciclos de *sete* anos, sendo cada um com características próprias, admitindo transformações físicas e mentais. Até aos *sete*, brinca. Daí aos 14, educação elementar de primeiro grau. Aos 14, puberdade. Aos 21, emancipação. Aos 28 pleno amadurecimento. Aos 35, viva força intelectual. Aos 42 inteligência máxima. Aos 49, declínio intelectual. Aos 56, preocupação com o pós-túmulo. Aos 63, decadência física. Aos 70, aumento da decadência até o final da vida terrena.

É de 38 semanas ( $38 \times 7 = 266$  dias) a duração da gestação humana, podendo variar até 40 espaços de *sete* (280 dias).

A ovulação acontece no 14.º (2x7) do ciclo. A implantação do ovo na cavidade é no 21.º (3x7). A menstruação ocorre no 28.º dia, ou seja 4x7.

Temos *sete* orifícios na cabeça: dois olhos, duas narinas, dois ouvidos e uma boca.

São *sete* as principais glândulas de secreção interna: hipófise, tiróide, paratiróide, supra-renais, sexuais, pâncreas e timo.

Consoante à Psicologia Experimental, temos *sete* sentidos: visão, audição, paladar, tato, olfato, intuição e estereognóstico (orientação).

O sistema nervoso está dividido em *sete* partes principais: medula, cérebro, cerebelo, epífese, grande simpático, istmo do mesencéfalo e bulbo raquidiano.

O rastro humano deixa *sete* sinais na terra: o tornozelo, a planta e os cinco dedos.

Ao morrer o homem é sepultado numa profundidade de *sete* palmos e os católicos assistem a missa de *sétimo* dia, como ritual milenar.

A vida do homem da caverna à Era Espacial teve *sete* fases:

1 — Montou a cavalo. 2 — Montou no barco. 3 — Montou no carro de rodas. 4 — Montou no veículo motorizado. 5 — Montou no balão. 6 — Montou no avião. 7 — Foi à Lua e ao espaço sideral.

Teve *sete* níveis a evolução econômica da humanidade, a saber:

1 — Caça e pesca. 2 — Pastoreio. 3 — Agricultura. 4 — Troca de produtos. 5 — Comércio com moedas. 6 — Indústria rudimentar. 7 — Indústria tecnológica.

O amor, força que move o homem e o mundo, possui *sete* etapas: cega, sensorial, intelectual, social, ideológica, racional e universal.

*Sete* são as fases da vida do ser humano: embrião, infância, adolescência, juventude, virilidade, maturidade e senilidade.

A maioria desses dados sobre o homem, conseguimos inquirindo as pessoas: Aparecida Vieira, Cosmorama (SP), Genésio Donisêti do Nascimento, Marcelo Luís Marques, Roberth Vinicius de Freitas e Roberto Vilela de Menezes, todos residentes na cidade de Votuporanga (SP).

## CINEMA

Nem mesmo a *sétima* arte deixou de explorar a existência do misterioso *sete*. Várias películas ocuparam-no, tais como: "Os *Sete* Samurais", "Os *Sete* Mercenários" e diversas outras explorando a inevitabilidade do famosíssimo agente secreto 007. Isto sem mencionar o aproveitamento fora do título. Quem não se lembra que Papillon utilizou a *sétima* onda para fugir da Ilha do Diabo?!...

## CARTOMANCIA

Ler a sorte através de cartas de baralho é uma atividade bem distribuída por todos os espaços. Ora mais divulgada, ora menos, mas em todos os locais há alguma cartomante com maior ou menor habilidade.

Conseguimos dialogar com uma, assumindo o compromisso de guardar em sigilo o nome, residência e demais dados da informante votuporanguense.

Descobrimos que não há unanimidade entre as pessoas que procuram interpretar o significado das cartas. As cartomantes usam diferentes quantidades de cartas, inclusive o baralho todo. Contudo, é mais comum a utilização de 21 cartas (lembre-se 7x3).

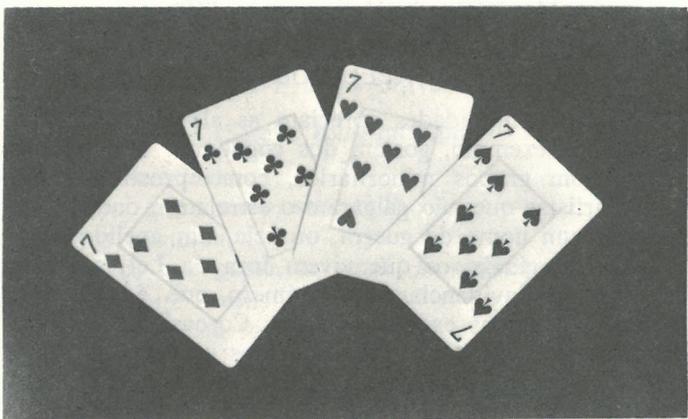
Relataremos apenas o valor das que ostentam o número, ora objeto de estudo.

*Sete-de-Paus* — pouco dinheiro ou dívida inesperada de pequena monta.

*Sete-de-Copas* — tranqüilidade com pensamentos agradáveis.

*Sete-de-Ouros* — zombaria.

*Sete-de-Espadas* — pequenos aborrecimentos.



No Tarô, o mais antigo baralho, desde os tempos egípcios, apresenta diversas cartas-chaves, onde o *sete* significa "O Carro-triunfo, superação de obstáculos".

Há quem procure ver a sorte através de dados. Colocam-se três nas mãos daquele que pretende tirar a sorte. Com as mãos fechadas ele mexe e solta-os sobre um local plano. Se a soma der o misterioso *sete* tem as seguintes indicações: Se for moço, não casará logo e tem sorte nos negócios. Se for jovem do outro sexo, prenuncia bom casamento. Caso seja pessoa casada antevê muito trabalho. Os separados terão sérias dificuldades econômicas e de relacionamento social e conjugal. Obviamente, se for outro número, o resultado será diferente, não sendo necessário explicar.

## CARTEADO

Entre os jogos de cartas há o chamado *sete-e-meio*. Só entram as cartas do ás até o sete e as figuras: Dama, Rei e Valete.

## TRUCO

É uma forma de lazer antiqüíssima e amplamente conhecida. É utilizado um baralho comum com a presença de *sete-de-copas*, *sete-de-ouros* e de outras cartas.

Até 1971, quando foi realizado o 7.º Festival do Folclore de Olímpia, não ocorreu o Campeonato de Truco. No entanto, a partir do ano seguinte, sucessivamente tem acontecido o evento. O que serve para evidenciar que o Campeonato Estadual de Truco é bem mais jovem que o iniciado na Capital do Folclore.

## VINTE-E-UM

Outro jogo realizado através de cartas de baralho é o vinte-e-um. Recordar-se que é um múltiplo de *sete*.

Célio José Franzin informou-nos que entram todas as cartas, exceto o curinga. Portanto, o *Sete-de-Copas*, *Sete-de-Espadas*, *Sete-de-Ouros* e *Sete-de-Paus* fazem parte.

## QUIROMANCIA

A antiqüíssima Quiromancia estuda a nossa vida através das linhas e sinais inseridos nas palmas das mãos. Aparecem *sete* montes: da Lua, de Marte, de Vênus, de Mercúrio, de Júpiter, de Saturno e de Apolo.

## SIMPATIAS

É substancioso o volume de simpatias para os mais diferentes fins em que o *sete* está evidenciado. Exemplificamos com os que seguem, do grande universo que recolhemos nos últimos anos.

### PARA CURAR COBREIRO

Numa sexta-feira pegar uma tesoura. Colocar nela um pedacinho de carvão vegetal. Fazer uma cruz sobre o local afetado, dizendo *sete* vezes seguidas: cobreiro vá embora que eu te corto. Repetir durante *sete* sextas-feiras seguidas.

### CONTRA MAU-HÁLITO

Cozinhar alfazema do campo, para usar em gargarejos durante *sete* dias consecutivos.

### CONTRA BRONQUITE

Torrar três cavalos-marinhos na chapa. Reduzi-los a pó. Dividir em *sete* porções. Embrulhá-las em pacotinhos. Durante uma semana seguida, a pessoa adoentada deve tomar uma porção com café, começando numa sexta-feira.

### PARA CURAR QUEIMADURA

Pegar *sete* folhas de algodoeiro. Esfregá-las entre as mãos para o sumo sair e colocá-las sobre o local afetado. Repetir durante três dias seguidos.

### PARA NÃO SER PICADO POR COBRA

Pegar *sete* dentes de alho e distribuí-los pelos diversos bolsos. Daí *sete* dias jogá-los em água corrente. Repetir a simpatia sempre que for caçar, pescar ou ir ao campo.

## CRENDICES E SUPERSTIÇÕES

Este binômio sempre esteve presente na cultura popular. O povo aprecia deveras as crendices e superstições enraizadas através das décadas e décadas no seio da cultura espontânea. Eis alguns exemplos:

A criança gaga se ficar *sete* anos sem cortar os cabelos recuperará a voz perfeitamente.

Bruxa é a última filha, da série de *sete* seguidas, salvo se for batizada pela primogênita.

Carregando uma estrela de *sete* pontas o indivíduo terá alegria, amor, bondade, fé, otimismo, saúde e trabalho.

Dá sorte visitar *sete* igrejas na Semana Santa.

Ferradura com *sete* furos afugenta o azar.

Gato é animal de *sete* fôlegos.

Mulher tem fôlego de *sete* gatos.

O indivíduo que se veste de palhaço nas Folias de Santos Reis, por promessa, deve fazê-lo pelo período de *sete* anos consecutivos.

O integrante da recomenda de almas cumpre esta obrigação durante *sete* anos.

O sétimo filho ininterrupto do casal será lobisomem, se não for batizado pelo irmão mais velho.

Quem mata um gato tem *sete* anos de atraso na vida.

Quebrar espelho traz *sete* anos de azar.

Se a criança pagã foi enterrada junto à porteira do curral, depois de *sete* anos, pode-se ouvir seu choro.

Se contar *sete* estrelas, mostrando-se com o dedo, a pessoa ganhará uma verruga.

*Sete* anos antes de acabar o mundo não nascerá nenhuma criança.

## LINGUAGEM

O povo é o verdadeiro criador do idioma. Assim sendo, temos obrigação de ouvi-lo.

Desse filão chamado linguagem popular podemos obter várias expressões. É uma questão de observação. Eis alguns exemplos:

*Barriga-de-sete-almocos* — glutão.

*Barriga-de-sete-malas* — mesmo significado do anterior.

*Bicho-de-sete-cabeças* — insignificante, porém, muito lembrado.

*Bola sete* — nome dado à bola de cor negra no jogo de sinuca, que por ser a de maior valor é conseqüentemente a mais disputada durante a porfia.

Café tipo *sete* — produto bem cotado para a exportação por conter pouca impureza.

Cercado pelos *sete* lados — expressão utilizada no jogo-do-bicho para designar as apostas válidas, nos cinco primeiros prêmios do sorteio, no grupo pertencente ao bicho e em todas as dezenas.

Domingo *sete* — bobagem, sem sentido, fora do contexto.

Fechar a *sete* chaves — guardar com extremo cuidado para conseguir o máximo de segurança.

Fôlego de *sete* gatos — expressão utilizada para indicar pessoa muito resistente.

Futebol *sete* — semelhante ao esporte bretão, muito praticado no Sul do País, contando com *sete* participantes por equipe, praticado em quadra e não há impedimento de jogadas.

*Homem-dos-sete-instrumentos* — indivíduo que exerce diferentes atividades ou várias funções.

*Mal-de-sete-dias* — infecção no umbigo ou tétano do recém-nascido. Tende a desaparecer, por completo, em virtude do progresso da Medicina e da Higiene. Todavia, ainda é considerável nas áreas mais afastadas e mais subdesenvolvidas do interior do Brasil.

*Sete* cães e um osso — algo que é desejado por muitos.

*Sete* costados — tradição familiar de muitas e muitas décadas.

Nascer de *sete* meses — crianças que nascem prematuramente ao sétimo mês de gestação. Existe a crença de que essa alma será extremista, na sorte e no azar.

Pintar o *sete* — praticar estrepolias, fazer travessuras.

*Sete* falas doces — enganar alguém com promessas vãs.

*Sete* fôlegos — ser muito resistente.

*Sete* gerações — ofensas muito graves.

*Sete* mares — muito inteiro.

*Sete* palmos — designação alusiva à profundidade da campa nos cemitérios.

*Sete* quinas — viver alegre, contente.

*Sete* virtudes — denominação vulgar da pinga.

*Sétima* arte — cinema.

*Sétimo* céu — plenitude.

Tipo *sete* — forma de designar um indivíduo de grandes méritos com muitas virtudes. Serve também, por extensão, a objetos de bom valor.

## DITADOS

Muitos são os ditos utilizados pelo povo em que está presente o numeral *sete*. São incontáveis os exemplos. Contudo, lembramos dos que seguem:

Cada *sete* que sabe contar há um que sabe falar.  
De *sete* em *sete* tudo se repete.

Deve-se dobrar *sete* vezes a língua antes da falar.

Os gigantes dão passos de *sete* léguas.

Pense *sete* vezes antes de escrever.

Quem rouba ladrão tem *sete* anos de perdão.

*Sete* é conta de mentiroso.

Que vale um boi para quem tem *sete* fazendas?

## ADIVINHAS

Nesta salutar forma de lazer, onde as pessoas unem o agradável passatempo com o útil desenvolvimento do raciocínio envolvendo perspicácia, o *sete* marca presença. Eis dois exemplos para ilustrar:

1 — Onde o quatro vale mais que *sete*?

Resp.: No jogo de truco.

Coletada em Olímpia (SP) por José Sant'anna.

2 — Quando dividindo o doze por dois resulta *sete*?

Resp.: Fazendo-se um traço horizontal ao meio do romano XII. A parte superior será VII.

Registrada em 1980, no Distrito de Símonsens,

Município de Votuporanga (SP).

## APELIDOS

Certas comunidades apreciam as alcunhas. Os marginais, por exemplo, gostam dos cognomes. Isto também ocorre com grupos minoritários, como prostitutas, travestis, artistas que não galgaram o estrelato e outros. Eles possuem um nome de guerra, ou seja, um apelido.

Os marginais, os que vivem fora da Lei, apreciam os cognomes evidenciando o número que é objeto de estudo. Eis alguns exemplos: "*Sete* Coroas", "*Sete* Facadas", "*Sete* Vidas", etc. Não podemos esquecer do "*Sete* Dedos", de fama nacional, que viveu o auge de sua perversidade no início da segunda metade deste século.

"*Bola sete*" é o epíteto do compositor carioca Diomedes Tavares dos Santos.

Querendo ou não, outra alcunha que surge com relativa frequência é "*Sete*mezinho" aplicado aos que nascem prematuramente no sétimo mês de gestação.

"*Sete* quilos" é o tratamento dado às pessoas magras, raquíticas e esqueléticas.

## QUADRAS

O *sete* não está ausente nas quadrinhas anônimas. Essa composição espontânea apresenta quatro versos com sentido completo, apresentando rimas.

Note o exemplar recolhido em Votuporanga (SP) no início desta década.

*Sete* e *sete* são quatorze  
Com mais *sete*, vinte e um  
Tenho muitos namorados,  
Mas não gosto de nem um.

É impossível tratar de quadras anônimas sem mencionar a eminente autoridade do assunto: Prof. José Sant'anna. Cedeu-nos estas sete quadrinhas sobre o número *sete*, recolhidas em Olímpia — a Capital do Folclore. Integram o volumoso trabalho "*Quadras Anônimas*", no capítulo Matemática:

1 — *Sete* cravos, *sete* rosas,  
Formando um ramalhete,  
Meu benzinho está no meio  
Servindo de alfinete.

2 — *Sete* e *sete* são catorze  
Com mais *sete*, vinte e um,  
Tenho muitos que me querem,  
Mas eu gosto só de um.

- 3 — *Sete e sete* são catorze  
E mais *sete*, vinte e um  
Todo dia morre gente,  
Mas no céu não tem nem um.
- 4 — *Sete e sete* são catorze  
Três vez *sete*, vinte e um  
De *sete* amor no mundo  
Só tenho paixão por um.
- 5 — Com essa são *sete* vezes  
Que eu entro nesse salão,  
Trago seu nome e lembrança  
Dentro do meu coração.
- 6 — Meu anel de *sete* pedras,  
*Sete* pedras ele tem;  
*Sete* anos de cadeia  
Para quem roubar meu bem.
- 7 — Lá em cima daquele morro  
Tem um ninho de angola,  
Há um mês e *sete* dias  
Meu amor não joga bola.

Note que elas são *setissílabas*, isto é, cada verso é composto de sete sílabas.

### O QUE O FILHO PENSA DO PAI

(Sete e seus múltiplos)

Aos *sete* anos:

Papai é um sábio, sabe tudo.

Aos *quatorze*:

Parece que papai, às vezes, se engana.

Aos *vinte e um*:

Meu pai está fora da época.

Aos *vinte e oito*:

O "velho" está caducando, não sabe nada.

Aos *trinta e cinco*:

Com minha experiência, nesta idade, meu pai seria milionário.

Aos *quarenta e dois*:

Não sei se consulto o "velho", talvez possa me ajudar.

Aos *quarenta e nove*:

Que pena que o "velho" já morreu, pois ele tinha boas idéias.

Aos *cinquenta e seis*:

Lastimo ter compreendido tarde a sabedoria de meu pai.

Recolhido da parede de um bar, em Cosmorama (SP), em 1985.

### EPÍLOGO

Vimos que o *sete* não é um simples numeral intercalado entre o antecedente seis e o posterior oito. É um número impregnado de magia. Na mentalidade popular encerra sentimento de santidade e perfeição.

O extraordinário *sete* é universal. Das cores do arco-íris, também conhecido como arco de *sete* cores ou arco das *sete* velhas — vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e roxo — às viagens espaciais. Das religiões diversas ao capitalismo massacrante. Das profecias às ciências exatas. Do comunismo ao socialismo. Da utopia à realidade. Dos primórdios da Humanidade aos dias hodiernos. Enfim, por todos os lugares e por todos os tempos, o folclórico *sete* sobreviveu e está presente no seio da cultura espontânea do povo.

Da Antigüidade Clássica aos dias que correm, o *sete* impregnou diversos relatos que se prendem, muitas vezes, ao misterioso e ao lendário.

Ao finalizar, cumpre-nos o dever de afirmar que por coincidência ficamos *sete* anos registrando dados para este trabalho. Não só ouvindo o povo, sobretudo os elementos folques, como coletando dados curiosos em almanaques, pasquins e publicações alternativas, de circulação muito restrita.

# Artesanato decorativo

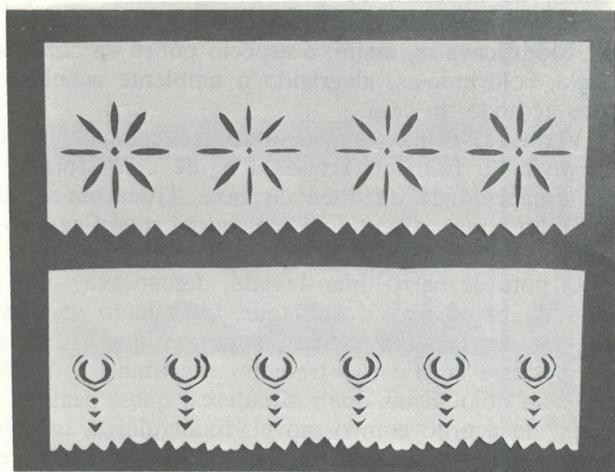
ISEH BUENO DE CAMARGO  
Departamento de Folclore — Olímpia

Artesanato decorativo e funcional. Folclórico, portanto.

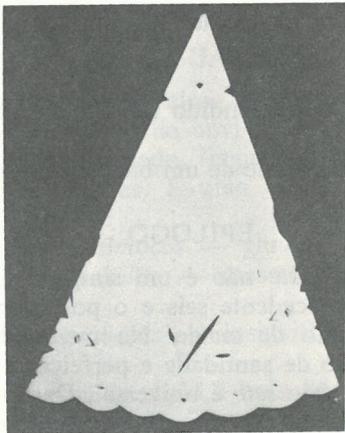
Muita gente dos dias atuais, muitas pessoas que sempre viveram em grandes centros urbanos, pessoas pouco observadoras, talvez nunca tenham visto um desses trabalhos, trabalhos que foram autênticas maravilhas do mundo de ontem. Aqueles que nasceram e viveram no início deste século e os do final do século passado, puderam apreciar o capricho e o zelo com que as donas de casa, especialmente as mais simples e pobres, e prendas, procuravam ocultar a velhice ou as linhas desgraciosas dos seus móveis, dos trastes domésticos.

Não havia uma casa humilde que não ostentasse, com bizarria, delumbrantes trabalhos artesanais, feitos com qualquer tipo de papel e aos quais davam e dão, ainda, o nome de "toalhinhas".

Qualquer papel servia — manilha, pardo, papel-jornal, jornal velho, folhas de revistas, papel de seda. E muita imaginação, e tempo, e vontade de alegrar o ambiente.

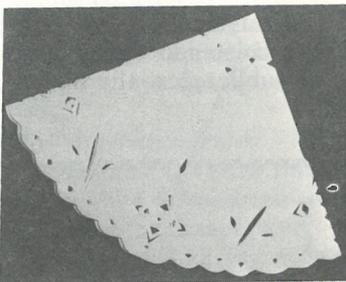


Toalhinhas de papel... anteparo de panelas, louças, objetos vários nas prateleiras, nos guarda-comidas antigos, nas estantes pobres de livros, mas ricas de bugigangas amadas, nas cantoneiras dos potes ou filtros, nos armários.



Eram trocadas periodicamente, dependendo do tempo disponível, da quantidade de pó e fuligem acumulados, da aquisição de novos papéis, da criação de um novo desenho, de um novo bico.

O papel era dobrado de várias formas, muitas e muitas vezes e, sem ser preciso desenhar a lápis ou qualquer outro objeto, a tesoura ia cortando, pouco a pouco, um autêntico labirinto de piques e aberturas, até o instante mágico de desdobrá-lo e apreciar o rendilhado maravilhoso, resultado do trabalho "tecido" pela mente fértil, pela fértil imaginação.



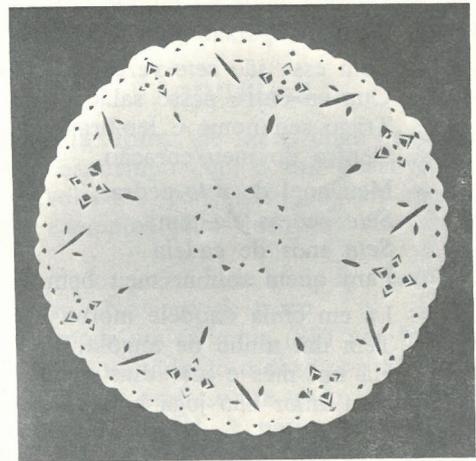
Quase sempre media-se o comprimento da peça a ser coberta e colava-se a "toalhinha" de papel nas beiradas do móvel, com sabão ou cola feita em casa — motivo de muitas dores de cabeça pelo acúmulo de massa seca que tendia a crescer. Às vezes era colada sobre outro papel, mais grosso, papel que era chamado "forro". Tábua por tábua, a começar pelas mais altas iam, pouco a pouco, modificando o aspecto da velha prateleira, do singelo armário, do cantinho do pote de água, da moringa, do "quinto" de madeira que armazenava a água para o dia todo. Modificava-se, assim, o aspecto pobre da cozinha ou da sala, colorindo-as, alegrando o ambiente acanhado de escuro cômodo da casa.

Vizinhas, velhas amigas, recentes conhecidas, todas observavam o trabalho artesanal e, de certa forma, mediam a capacidade da dona da casa. Trocavam-se modelos. Todos eram discutidos, elogiados, modificados, ampliados.

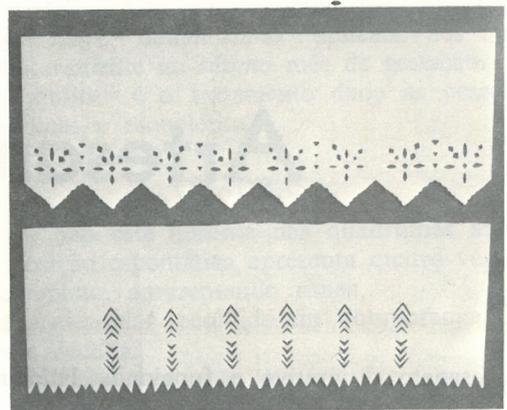
O pote de barro, bem lavado, descansava sobre toalhinha de papel mais forte, todo trabalhado nas bordas para que, ao pegar a caneca, a pessoa que "matava" a sede, pudesse verificar o trabalho executado e dessedentar-se sem nojo. Estas eram circulares, quase sempre e as demais, de acordo com o móvel, retangulares, quadradas ou triangulares. Algumas, muito raramente as vi, eram ovais e, mais raramente ainda, amorfas, acompanhando o papel disponível.

Armários e caixotes embelezavam-se quando recobertos por essas jóias de natureza singela, colorindo a

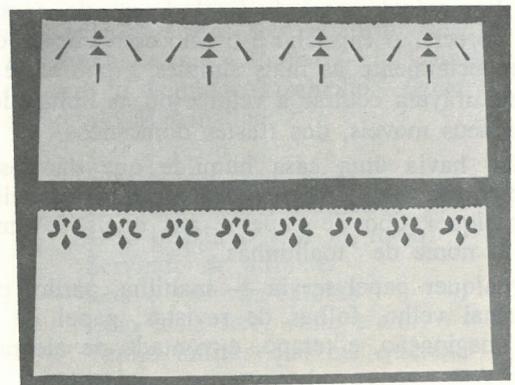
sala, destacando e realçando os "trens" de mesa e fogão sobre elas depositados. Sujas prateleiras cobriam-se de verde, vermelho, amarelo, rosa, creme, azul e tudo parecia novo e limpo. E a dona de casa, tranqüila. Missão cumprida — por uma semana, por quinze dias, por um mês...



Por que papel? Talvez por ser mais barato que o tecido, por ser mais versátil, por prescindir o uso de máquina de costura, o uso de agulha e linha e, provavelmente, por ser descartável, permitindo renovação constante. Sabe-se, por informação direta, que era usado em todo o país, desde o século passado. É provável que seja muito mais antigo o seu uso mas, à falta de informações fidedignas, ficamos com o que sabemos, através de nossas avós — uma baiana meio bugre, outra descendente de português e espanhol: os trabalhos em papel, em qualquer papel encontrado, imitavam as rendas das casas ricas, as toalhas de seda e linho que ornamentavam sobrados e casarões, escondiam o feio dos móveis e, quando belos e criativos, chegavam a superar os modelos dos quais foram copiados — finas peças de linho ou cambraia de Portugal, bordados da Madeira, rendas de Sevilha...



Assim, passando das mães para as filhas, geração após geração, as toalhinhas de papel permaneceram por anos sem conta, traduzindo um anseio sempre presente, anseio pelo belo, pelo funcional, pelo "mais barato". No



Nordeste, no Norte, no Centro-Oeste, no Sul, ainda vemos resquícios desse "luxo" do passado, acreditando-se que tenham sido trazidos pelos conquistadores — portugueses, espanhóis, holandeses, franceses e pelos colonizadores italianos e alemães. No entanto, sem uma fonte para pesquisa aprofundada, deixo-me levar pelas asas da fantasia e, espalhando meu verde-amarelo, afirmo que as toalhinhas de papel são criações da nossa gente humilde, amante do belo, gente paciente dos dias que se foram, gente nossa, nosso povo.

Em muitas casas ainda são usados papéis rendilhados como toalhas, toalhinhas, coberturas de tábuas, esconderijo de baratas e traças, alvo predileto de ratinhos vorazes. O plástico, por sua durabilidade e pouca necessidade de lavagem, impera hoje onde, há poucos anos atrás, só o papel aparecia. E muito do colorido alegre das casas desapareceu. E muito artesanato se perdeu. E quem mais perdeu foi o nosso folclore, empobrecendo-se um pouco mais, a cada dia que passa.

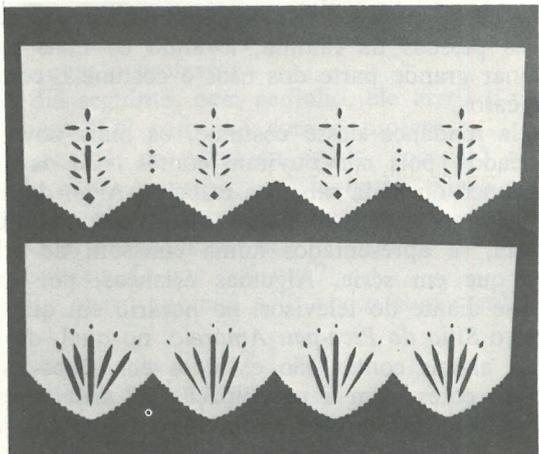
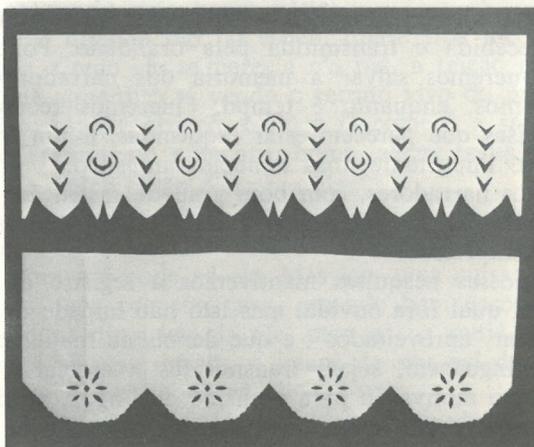
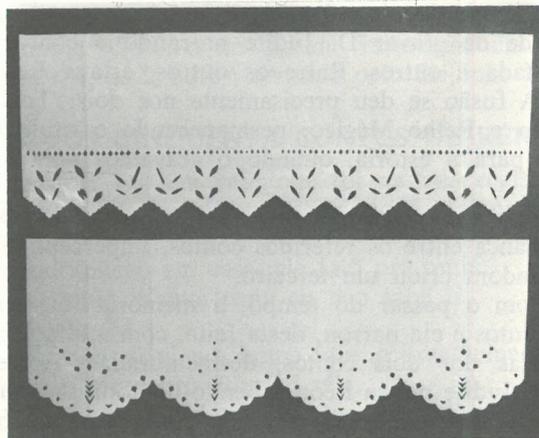
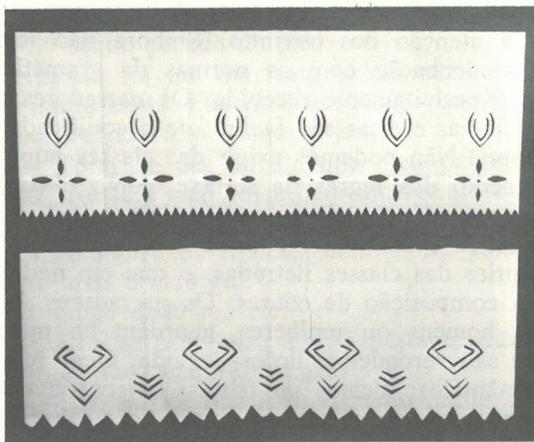
Hoje as donas de casa não dispõem de tempo para a criatividade dos *bicos de prateleira*. Tudo já vem pronto. Além do mais, o trabalho absorve todo o tempo de uma doméstica que, além das lides caseiras, vê-se na contingência de trabalhar fora para equilibrar o orçamento familiar. Existem, ainda, em lares pobres, pessoas que "areiam" seus alumínio e os colocam em prateleiras, ornamentadas com os tradicionais bicos que estão em fase de desaparecimento. No entanto, esse tipo de trabalho, tão antigo entre nós quanto à idade de nosso país, comprova ser o folclore sempre vivo, sempre atual.

Em Olímpia, sem necessidade de muitas andanças, fomos encontrando casas com os saudosos bicos de papel

e um número muito grande de donas-de-casa que os cortam com amor, carinho e arte, relembrando, todas elas, o seu uso obrigatório em dias que ainda estão próximos. E são elas, mulheres olimpienses que detêm, em suas casas singelas, um pouco da magia do passado, um pouco dos sonhos que acalentaram gerações de mulheres simples e anônimas. E, coisa curiosa, ao pedir a algumas que nos recortassem bicos que guardavam na memória, um verdadeiro rastilho de pólvora foi acionado, pois dezenas de donas-de-casa lembraram-se do que faziam e, houvesse espaço, um livro sobre essas rendas encantadoras poderia ser escrito e desenhos dos bicos encheriam centenas de páginas. As toalhinhas de papel ainda estão em cena, ainda são usadas em muitos lares. Como está na moda reviver o passado em móveis e moda, é possível que essas toalhinhas de papel ainda venham a fazer parte da decoração dos lares atuais.

Algumas olimpienses peritas nessa arte: Narcisa Batista Franzin (autora da maior parte dos trabalhos apresentados), Elvira Matos Fogagnoli, Geni Moreira, Corina de Barros, Laura Lopes Jaqueto, Edna Ferreira, Sebastiana Narciso, Lourice A. Sgorlon, Lídia Cunha, Felisbina Fossalussa, Nair Santinon, Romilda Baú e algumas dezenas de outras grandes artesãs. Temos certeza de que, se aprofundássemos a pesquisa, em todas as casas de Olímpia — Capital do Folclore, encontraríamos uma pessoa, pelo menos, pronta a nos recortar um bico de prateleira, belo, rico, digno de uma exposição. Assim são as coisas da nossa terra — lindas e ocultas, valiosas, mas esquecidas. Folclore bem ao jeito brasileiro!

Trabalhos (desenhos) recortados pelas donas-de-casa da cidade, pois não adentramos na zona rural, sempre mais pródiga em reminiscências do passado.



# Oito contos folclóricos de Olímpia

JOSÉ SANT'ANNA

Departamento de Folclore — Olímpia

“Quem conta um conto acrescenta-lhe um ponto”, assim diz antiqüíssimo provérbio do povo. Mas pode diminuir um ponto também. Depende muito do narrador que pode ser criativo ou apenas reproduzidor do texto que conhece. Permanecendo muito tempo sem contar os casos, a pessoa chega, às vezes, a esquecê-los quase que por completos. A memória é falível. Ela precisa de treinos. Conhecemos uma contadora de casos que, honra seja feita, era uma ótima narradora, D. Judite dos Santos, falecida aos 52 anos, em 1981, que sabia, com muita segurança, para mais de uma centena de estórias. Ocorria, todas as semanas, tirar um tempinho, na boca da noite, para “contar causos”, principalmente às pessoas da família. Mas somente à noite, pois o “Quem conta caso de dia, cria rabo”, era um refrão na boca de D. Judite.

Essa narradora não muito velha, analfabeta, crente fervorosa do catolicismo, mãe de 6 filhos, era filha de um contador de estórias, o senhor Joaquim Caju (assim era conhecido), de saudosa memória (e de ótima memória), conhecedor de um número incontável de contos e, acima de tudo, extraordinário narrador, que ao final, improvisava belíssimas fórmulas, na maioria versificadas. Logo se vê que D. Judite foi uma grande herdeira do pai.

Certa noite, narrando estórias, que há muito tempo não contava, acabou por fundir dois contos, sem a menor percepção do que estava fazendo. Por sorte, gravamo-lo. Era bonito demais. Levava o nome de Toalha Encantada. Muito tempo depois, 16 anos, tivemos novamente a oportunidade de gravar D. Judite narrando o conto Toalha Encantada e outros. Entre os outros, estava Relho Mágico. A fusão se deu precisamente nos dois: Toalha Encantada e Relho Mágico, permanecendo o título do primeiro para a estória, quando o gravamos pela primeira vez.

Vejam o que a memória faz! Por causa de pequena semelhança entre os referidos contos, imperceptivelmente, a narradora criou um terceiro.

Com o passar do tempo, a memória foi separando os assuntos e ela narrou, desta feita, com muita sabedoria, as idéias dos dois contos, desmembradas. Acreditamos que D. Judite nunca ficou sabendo da confusão que criou na narração dos contos, por não contá-los mais frequentemente. Mas nós os gravamos e, ao passarmos para o papel, descobrimos os enganos que ela cometeu. Isto ocorre, às vezes, a alguns narradores de estórias.

Contar estórias é muito bom, mas ouvi-las é melhor ainda.

Modernamente, as coisas tornaram-se mais fáceis e em toda casa há um televisor que atrai a atenção de quase todas as pessoas da família, levando os mais velhos a abandonar grande parte dos usos e costumes, como o de contar casos.

Pela mudança desse costume, os mais novos ficam prejudicados, pois não ouviram contos, não os aprenderam e pouco ou nada sabem a respeito. Além do mais, os contos são muito mais atraentes, mais vigorosos e de muita beleza, se apresentados numa emissora de televisão, mesmo que em série. Algumas crianças, por exemplo, sentam-se diante do televisor, no horário em que é apresentado o *Sítio do Pica-pau Amarelo*, no qual, de quando em vez, alguns contos são exibidos em cenas especiais, vivas, em cores, com a participação de artistas especiais (de linguagem ortodoxa e acessível) e sob o zelo de pessoas de visão geral e correta. Agrada-nos também assistir

a essas apresentações. Mas ao mesmo tempo, embora não sendo neófobo, sentimos saudades dos serões nas calçadas, nas portas das salas, nas varandas, nas salas ou nas cozinhas, quando eram especiais para ouvirmos contos acompanhados de pipoca, quitandas, chá e café, servidos nos intervalos, quando o contador descansava, para depois prosseguir até a hora em que o sono começasse a rondar.

Mas contar casos parece que já caiu de moda, já se tornou arcaico, dizem algumas pessoas.

Parecer fora de moda, parece. Mas não é. Ainda existem muitos narradores de contos, embora a platéia seja pequena. Acontece ao costume o mesmo que está acontecendo ao teatro, ao cinema, ao circo, etc. depois do advento da televisão e consequente facilidade adquiretiva de aparelhos, mesmo por parte das pessoas mais pobres, das cidades e dos campos. Espetáculos, sempre; gente, pouca.

Mas, felizmente, a arte singela de *contar contos* está viva, conta com poucos adeptos, porém, não é agonizante. Pelo menos em Olímpia ainda está sendo assim.

Há narradores equivalentes ao nosso Pai João — uma das figuras mais interessantes da história africana no Brasil — preto velho, contador de estórias. Esses paisiões (ou mães-joanas) são eufóricos, usam adequadamente as mãos, com gestos simpáticos; voz ora suave, ora trovejante; criativos, põem um pouco de bom humor, como tempero que dá sabor à conversa. A linguagem atraente segura a atenção dos ouvintes. Embora não tenham nenhuma preocupação com as normas da gramática, a mensagem é perfeitamente recebida. Os narradores codificam suas idéias e estas são facilmente decodificadas pelos receptores. Não podemos exigir das classes populares o conhecimento das regras da sintaxe, como o conhecimento da concordância, da colocação pronominal ou das leis da fonética e nem mesmo proibir o emprego de palavras próprias das classes iletradas, o que em nada desmerecem a composição de contos. Os narradores, jovens ou velhos, homens ou mulheres, guardam na memória contos que são verdadeiras lições de vida. Quer recreativos ou românticos; alegres ou tristes; longos ou curtos; sérios ou engraçados; fáceis ou enigmáticos; simples ou acumulativos, os contos são uma inesgotável mina de ouro da qual extrairemos preciosas pepitas de conhecimentos e sabedorias.

Esta nossa preocupação em recolher contos é o perigo da memória levar tudo ao esquecimento ou de a morte levar para o túmulo parte do acervo extraordinário desse conhecimento. Este é o grande problema da cultura recebida e transmitida pela oralidade. Por isso mesmo, queremos salvar a memória dos narradores de nossos contos, enquanto é tempo. Queremos recuperar muitas coisas que parecem estar esquecidas. É um trabalho não só importante, mas também fantástico.

Muitos narradores, com bom grau de instrução, nararam seus contos, em linguagem correta e com muitos recursos de expressão.

Em nossas pesquisas mantivemos o registro da linguagem tal qual fora ouvida, mas isto não impede que os textos sejam “aproveitados”, e que depois da mudança do nível da linguagem, sejam transmitidos a escolares, até mesmo como motivação para o ensino da língua, servindo como grande recurso para o estudo dos aspectos da gramática normativa, ao mesmo tempo em que nos forne-

cem elementos para conhecermos o padrão de língua que nossa gente simples deseja e quer.

Tivemos o privilégio, em nossa infância, de desfrutarmos desse costume brasileiro, uma agradável tradição, com estórias de encantamentos, religiosas, sobre animais ou coisas, que nos distraíam, pacientemente transmitidas por pessoas que acompanharam e dirigiram nossa meninice: Hipólita Teodora da Silveira Sant'anna (nossa mãe), Maria Cândida de Jesus (nossa avó paterna), Virgínia Faria de Siqueira (nossa madrinha), Ana Maria de Jesus (nossa vigilante) e João Joaquim de Sant'anna (nosso pai). E, graças à boa memória que Deus nos reservou, sabemos-los de cor, ainda hoje.

Esta coletânea de oito contos registrados para publicação, retirados de um arquivo de 300 peças gravadas em Olímpia, no momento fortalece nosso trabalho de cultura oral para salvaguardarmos o conteúdo da Contologia Folclórica Olímpense, que é rico acervo de nossa literatura.

Apesar de existirem muitos contadores de estórias, podemos provar que o gosto pela narração, em Olímpia, é mais acentuado entre os homens.

Olímpia é considerada, por grande parte de folcloristas famosos, como um dos mais importantes núcleos para a pesquisa e coleta de contos folclóricos, acúmulo de longo tempo, pura expressão cultural do povo que deve ser resguardada, tendo em vista a preservação dos valores folclóricos e do tradicional na vida quotidiana.

Assim agindo, não teremos tanta saudade de Olímpia, que por culpas de hipérteses e metáteses tecnológicas, está, sub-repticiamente, deixando de ser o que foi.

## 1 — O ESPELHO MISTERIOSO

“Tinha um home que tinha um fio que parecia muito co'ele. Esse fio era casado. Passando muito tempo, esse pai morreu e o fio ficou muito triste, muito aborrecido e num tinha corage nem pra trabaiá mais. Num passeava mais. Só sentia sodade do pai.

Quando foi um dia, saiu pr'um camim e se pôs a andá, muito triste. Encontrô um amigo que perguntô por que ele tava tão triste daquele jeito.

— Tô triste des do dia que meu pai morreu. Não consigo vivê sem meu pai e nem um retrato ele dexô. Eu gostaria tanto de vê meu pai, mas nem sonho co'ele. Por isso eu vô Morrê de tristeza, com muita paxão por não podê vê mais o meu pai.

O amigo disse pra ele:

— Óia, se ocê quisé me dá bastante dinheiro, uma riqueza, eu faço ocê vê seu pai.

— Uai, se ocê fizé isso, eu acho muito bão. O que eu pudé fazê pr'ocê, eu faço.

Esse home triste nunca tinha se visto no espeio e a muié dele também nunca nem ouviu falá nesse trem.

Então marcaro o dia de se encontrá, no camim. E no dia marcado, nas hora combinada, eles se encontraro.

O amigo apareceu com um espeio na mão e logo foi entregano pr'o home triste.

Ele quando oiô no espeio quase ficou loco de tanta alegria. Como ele se parecia c'o pai, a feição era a mesma, ele aquerditô tá vendo o retrato vivo do próprio pai. Pegô o espeio, abraçô, beijô e já começô a sará da tristeza. Transformô num otro home, alegre, satisfeito.

O amigo então disse pra ele:

— Já que ocê tá satisfeito assim, guarde bem esse retrato. Quando senti sodade e quisé vê seu pai, a quarqué hora ocê pode vê ele. Mas tem uma coisa: Pega esse retrato, leva pra sua casa, esconde bem escondidinho e num dexa ninguém oiá ele, nem a sua muié, porque se arguém vê esse retrato, a image de seu pai desaparece e ocê nunca mais pode vê ele.

Assim ele fez. Vortô pra casa, guardô o retrato no fundo de uma mala e todo dia, cedo, ele ia lá e oiava

o pai dele. Era ele mesmo que ele tava veno, mas nem dava fé.

Ele fazia isso todos os dia. Acabô de uma vez a tristeza do home. Ia trabaiá cedo, sempre alegre, sempre cantano, sobiano.

A muié ficou desconfiada:

— O que será que tem esse home? De repente ficou mudado. Levanta todo dia cedo, abre a mala, vê alguma coisa que tem lá dentro, fecha a mala e sai alegre, cantano. Eu vô sondá o que tem lá dentro.

Esperô o marido saí e quando ele já tava meio longe, abriu a mala e viu o que tava no fundo dela. Achô aquele espeio, coisa que ela nunca tinha visto, tirô e oiô nele. Viu ela no espeio e assustada, falô:

— É assim? Por isso que esse danado vem e óia o espeio e sai contente. É por causa dessa égua que tá aqui!

E saiu muito nervosa, foi na casa da mãe dela, que também nunca tinha oiado em espeio e contô o caso pra ela.

A véia, muito nervosa, foi co'a fia pra vê o retrato da otra muié do genro. Chegano lá, pegô o espeio, oiô e falô assim:

— Credo-em-cruz! Que bruxa feia! Ainda se fosse uma muié nova, bonita, a gente podia entendê a paxão dele. Mas uma véia empapuçada dessa, que num tem mais lugá aonde pô as ruga, num posso aquerditá. E deu um soco tão forte no espeio que ele se espedaçô todo.

Dizem que até hoje o home tá procurando o retrato do pai dele.

Acabô a história,

Morreu a vitória.

Quem quisé que conte otra.”

Narrado por Benedito Batista de Carvalho, solteiro, hortelão, pouca instrução escolar, 30 anos, 1976, residente na Rua Eugênio Storto, n.º 1, Vila Mouco, Olímpia. Ouviu-o no dia de Sexta-feira da Paixão de 1974, às 2 horas, contado pelo Sr. João Peludo.

## 2 — OS CINQUENTA CONTOS DE RÉIS

“Era uma vez um véio que foi na vila registrá um neto. E pagô dois mi réis pelo registro da criança. Achô muito caro.

Quando chegou em casa, ele falô pra muié:

— Ó muié, é uma pena eu não saibê lê.

— Por quê?

— Porque eu vi um home fazeno umas cinco carreira de letra e me cobrô dois mi réis.

— Então por que ocê não vai aprendê a lê?

— Mas eu acho que eu não aprendo. Eu já tô muito véio.

— Aprende sim! Menino aprende. Por que ocê não aprende?

— Mas a escola é muito longe daqui. É quatro légua de lonjura.

— Cavallo bom ocê tem. Amanhã cedo eu mato um frango, faço uma matula e ocê vai pra escola. Ocê vai lá e trata com o professor.

No dia seguinte, bem cedinho, ele arreô o cavallo e seguiu viagem. Foi conversá com o professor.

Chegano lá, na porta da escola, encontrô o professor dando aula. Amarrô o cavallo numa estaca e foi entrano de espora e chapéu, perguntano:

— Qual é o professor aí?

— Sou eu. O que ocê qué?

— Eu quero aprendê a lê e vim aqui combiná com o senhor.

— Qual a sua idade?

— Oitenta e cinco ano.

— Com essa idade o senhor não pode mais entrá na escola. Já tá passado de idade.

— Ah! . . . , passado de idade? Eu quero aprendê a lê. Eu compro e pago! Eu preciso aprendê a lê.

O professor pra não dexá o véio desapontado, fez uma lista do material escolar que ele precisava e consentiu que ele começasse a vim na aula a parti do dia seguinte.

Foi um dia, dois e no terceiro dia, o professor muito irritado com a incapacidade do véio, disse muito nervoso:

— O senhor não precisa mais vim aqui, porque tem a cabeça muito dura. Tá perdendo o seu tempo e fazeno eu perdê o meu. Pode i s'embora. Não vorte mais.

O véio também nervoso tirô do seu emborná todo o material e distribuiu para as crianças. Depois abriu a lata de virado de frango, espaiô em cima da mesa, mandô a molecada comê e saiu dizendo:

— Vê-me embora! Não preciso de escola. Se a minha muié quisé aprendê a lê, ela que venha na escola. Eu não vorto mais!

Montô no cavalo pra vortá pra casa. Andô um tanto. Já distante, parô pra descansá um poco debaxo de uma arve. Mas não ficô parado lá, porque assim que desceu do cavalo achô uma cartera com cinqüenta conto de réis. Tratô de i mais depressa pra casa.

Chegano em casa, a muié perguntô:

— Ó véio, como foi de escola?

— Fui muito bem! Com três dia de aula ganhei cinqüenta conto de réis.

A muié, muito presa a dinheiro, imediatamente rasgô um canto do corchão, pra guardá aquela dinherama.

O marido previniu a muié pra guardá segredo.

Depois que a muié guardô o dinheiro no corchão, o marido pediu pra ela matá um frango pr'o armoço. Enquanto isso ele arranjà uma lata, pôs o dinheiro, costurô o corchão pra ela não percebê e enterrô a lata no quintal.

Por um dia a muié guardô segredo, mas já no dia seguinte contô pra uma das suas comadre. A comadre contô pra otra e assim essa notícia andô dez légua dali, até que chegô nos ovido do home que tinha perdido os cinqüenta conto.

Então o homem querendo recuperá o dinheiro, convidô um amigo e foro os dois na casa da pessoa que espaiô a notícia e, da casa desta, foro na casa da otra muié. E de informação e informação acabô descobrino a casa do véio que tinha achado o dinheiro.

Chegano na casa do felizardo, os dois home encontraro a muié e foro perguntano:

— Ó dona, é verdade que o seu marido achô cinqüenta conto de réis?

— É verdade.

— E cadê o dinheiro?

— Tá dentro do corchão.

— Nós pode i lá vê?

— Pode sim.

Entraro no quarto. A muié abriu o corchão e procura daqui e procura dali, joga paia pra todos os lado e nada de achá o dinheiro.

Daí, um dos home perguntô:

— Cadê o seu marido?

— Ele tá carpino o mandiocal ali acima. E a muié acompanhô eles até no serviço onde o véio tava trabaiano.

Chegano no lugá, perguntaro pr'o véio que tava capinano:

— Foi o senhor que achô cinqüenta conto de réis?

— Eu?! Eu nunca achei dinheiro!

— Mas sua muié disse que o senhor achô.

— Minha muié é demente. Ela não sabe o que fala.

Se eu tivesse achado argum bom dinheiro eu num tava aqui trabaiano no cabo da enxada.

Então, os home perguntaro pra muié:

— Num é verdade, dona, que o seu marido achô cinqüenta conto de réis?

— É verdade sim!

Nesta hora o marido entrô na conversa e perguntô:

— Quando foi que eu achei esse dinheiro?

Ela respondeu:

— Quando fez três dias que você foi na escola.

Então um home piscô pr'o otro e se retiraro convencido de que a véia era mesmo uma doente."

Contado por João Marques de Miranda, casado, aposentado, pouca instrução escolar, 72 anos (1980), residente na Avenida Mário Vieira Marcondes, n.º 1036, Patrimônio de São João Batista, Olímpia. Aprendeu-o quando ainda era criança, ensinado por seu pai, Sr. José Satiro de Miranda.

### 3 — OS DOIS MEDROSOS

"Certa vez residia num vilarejo, há muitos e muitos anos atrás, uma moça de rara beleza para a sua época. Vivía dos bens deixados pelos pais. É era uma grande fortuna.

Com o passar dos anos seus dias foram se tornando vazios e a vida sem sentido.

Despertou-se, então, na linda donzela, a vontade de casar-se.

Ao tomar aquela atitude foi-se, imediatamente, à janela do seu ornamentado sobrado.

Surge, em pouco tempo, a passos largos, um rapaz.

A moça fez-lhe um sinal e mandou que seus criados o trouxessem até ela. Meio acabrunhado, o moço atendeu o convite. Sem nenhum bate-papo, a moça perguntou se ele queria casar-se com ela. O rapaz não hesitou em dar a resposta positiva.

— Sim, é claro.

A moça, então, fez-lhe a seguinte proposta.

— Volte aqui no próximo dia quinze, às duas horas da tarde para o nosso casamento. Não precisa vir nem para namorar. Volte só no dia do casamento. Certo?

O moço saiu pisando alto de felicidade.

A moça continuou na janela. Dentro de poucos minutos apareceu outro moço mais bonito ainda.

A mesma proposta lhe foi feita com as mesmas observações. A única diferença foi no horário. Marcou com este o casamento para as quatro horas do mesmo dia quinze.

O moço despediu-se, saiu radiante e até sonhando acordado.

A moça, ainda, permaneceu na janela para concretizar seus sonhos, observando todos os jovens de bela estatura que por ali passavam.

Surge, então, outro rapaz de seu agrado.

Chamou esse terceiro e depois de uma confidência, fez-lhe as mesmas propostas.

O rapaz, todo calmo e destemido, aceitou o recomendado e despediu-se dela trocando um forte aperto de mão e um olhar enamorado. Saiu decidido e a passos firmes e da esquina ainda lhe acenou um adeus.

Os dias foram passando calmos e tranqüilos para a moça e de muita inquietude para os rapazes, disputadores da fortuna.

Finalmente, o dia quinze chegou. O céu estava azul, limpo com poucas nuvens enfeitando o espaço.

Grandes esperanças para os três rapazes, embora um não soubesse da existência do outro.

Às duas horas, exatamente, o primeiro candidato ao casamento bateu à porta da donzela.

Ela abriu a porta e ficou surpresa ao deparar-se com o primeiro rapaz com quem ela havia tratado o casamento.

— Eu sou o moço com quem a senhorita prometeu casar-se hoje, disse com voz fraca e meio trêmulo, de medo ou de emoção.

— É verdade, disse a moça toda esperta. Mas acontece que você deve saber que sou muito rica, possuo muitos bens e preciso, então, casar-me com um homem que tenha muita coragem. Você é capaz de fazer tudo o que eu mandar?

— Sim, faço, respondeu o interessado, já com dúvida.

— Nós vamos pô-lo num caixão de defunto, trancá-lo e levá-lo naquela igrejinha que fica na matinha da estrada velha. Se você der essa prova de coragem, mando buscá-lo amanhã de manhã e depois me caso com você. Está bom?

— Sim, disse o jovem, concordo.

Então os criados o trancaram num caixão preto e o levaram, apressadamente, para a igrejinha.

Mal chegaram de volta, lá já estava o segundo rapaz que havia marcado o casamento para as quatro horas.

Depois de cumprimentá-lo, sorridente, o moço foi diretamente ao assunto.

— Eu sou o rapaz com quem a senhora prometeu casar-se hoje, às quatro horas.

A moça, desinibida, respondeu-lhe:

— Sim, me lembro. Mas há uma condição. Sou muito rica e preciso de um marido que cuide dos meus bens. Você é medroso?

— Não!, foi a resposta.

— Está disposto a qualquer prova?

— Sim!, disse o rapaz, meio amedrontado.

— Então, prosseguiu a moça. Morreu hoje um preto velho, meu escravo. Está lá na igrejinha da estrada velha. Você fique lá velando por ele até amanhã cedo. Depois venha e eu me casarei com você. Está bom?

— Sim, irei, disse ele, entre os dentes. Apanhou o chapéu e seguiu ressabiado, pensando em sua louca aventura.

A igrejinha ficava perto da vila, mas em um lugar despovoado e triste. Uma matinha na baixada, uma gruta onde os urutaus e aves de mau agouro cantavam.

Era este o lugar onde estava exposto o enorme caixão preto. O rapaz chegou religiosamente. Benzeu-se, acendeu as velas que já estavam curtas, balbuciou algumas rezas, mas devido ao aspecto sinistro não teve coragem de ficar lá dentro. Puxou um rolete e sentou-se à porta da igrejinha como se estivesse com muito calor ou fugindo de algum mau cheiro.

As horas se foram passando. O sono, mais um companheiro, já não permitiu que ele trocasse as velas. E esta falta de coragem talvez tivesse sido motivada por alguma mexidinha pelo defunto ou por algum barulhinho indiscreto. Mas o guarda permanecia fiel, pelo lado de fora.

Nestas alturas dos acontecimentos chegou à casa da moça o terceiro rapaz, todo confiante.

— Você mandou que eu viesse hoje, dia quinze, às seis horas, para o nosso casamento. Aqui estou.

— Sim, disse a moça milionária, eu me lembro. Mas esqueci de avisá-lo que preciso de um homem de muita força e de muita coragem. Você tem tudo isto?

— É claro, retrucou o rapaz.

— Morreu um preto velho, meu escravo, e está lá na igrejinha da estrada velha. Vá buscá-lo. Mas antes, pegue o carrinho de bodes, amarre uma vela grande nos chifres de cada um deles e em cada fueiro, e saia na calada da noite. Se você conseguir trazer o defunto, me casarei com você. Está bom?

O rapaz fez todos os seus mandados, ajeitou o carro e partiu.

Lá na igrejinha estava o guarda.

Só se ouvia o barulho infernal de sapos e rãs.

Tudo era triste. A noite já tinha estendido seu negro véu sobre a terra. Embora muito triste ele ainda tinha esperança de realizar seu casamento com a famosa moça, pois afinal tudo ia correndo mais ou menos.

De repente, o guarda ouviu bem ao longe o grito desconhecido de um carreiro nervoso.

O eco de sua voz penetrava pela mata afora.

— Vamos bode! Vamos Diabo!

Quando a voz foi-se aproximando, o guarda pegou o chapéu que havia dependurado em um prego, na parede de dentro da igrejinha, e sem fazer o sinal da cruz, por falta de tempo e não de religião, voltou-se para o defunto e disse rapidamente:

— Companheiro, você fique aí que o carro do inferno está vindo para buscá-lo. Adeus!

E disparou-se para o lado oposto, em desbravada carreira.

O defunto pôs-se a gritar com todas as forças acumuladas em seus pulmões, com a chegada misteriosa do carro noturno, e bradava em alta voz:

— Eu juro que não quero casar!

E o carreiro disse, impiedosamente:

— Não adianta pedir. Vim para buscá-lo e vou levá-lo para a moça afortunada, cumprindo a minha tarefa.

Ajuntou o caixão e o colocou no horrível carro de fogo.

Em meio à multidão que aguardava o desfecho, o caixão foi aberto.

Ninguém ficou sabendo a cor do pobre homem. Suas únicas palavras foram:

— Eu não quero casar não.

E partiu, correndo, desenfreadamente.

Até hoje não apareceu mais na vila.

Do guarda também ninguém soube notícias, mas deve estar assombrado até hoje.

Com o terrível espetáculo, o terceiro rapaz provou sua coragem. Casou-se com a bela e rica donzela. Dominou seus bens e os dois estão vivendo felizes até hoje.

Acabou-se esta estória  
Que aprendi e sei contar,  
Quem quiser que narre outra,  
Porque já vou-me deitar.”

Narrado por Acedilo Novaes, casado, alfaiate, instrução de 1.º grau a nível de 4.ª série, 45 anos (1983), residente na Rua Coronel Francisco Nogueira, n.º 781, Patrimônio de São João Batista, Olímpia. Ouviu-o quando contava 18 anos de idade, contado por seu primo Francisco, já falecido.

#### 4 — O PORTUGUÊS E OS GRILOS

“Diz que era uma vez um português que saiu de Portugal e veio para o Brasil pra ganhar dinheiro.

Chegou no Brasil trabalhou, trabalhou e ajuntou muito dinheiro. Aí ele se lembrou de um pedido que a mulher fez, quando ele veio para cá.

— Ó Manuel, quando tu voltares do Brasil, traga-me uma novidade.

Ele matutou muito no que poderia comprar pra satisfazer o pedido da esposa. Mas em tudo que pensava em comprar em Portugal também havia. E as coisas que lá não existiam ele nem podia pensar em levar, pois era difícil demais o transporte por navio.

Passados alguns dias ele ouviu um grilo cantando tão alto dentro do quarto em que ele estava dormindo: cri-cri-cri... E disse:

— Oh! Deus, esse malvado não me deixa dormir e eu não consigo matá-lo.

Procurou o grilo, revirou as peças do quarto e nada de encontrá-lo. Mas era só deitar, ouvia aquela serenata distonante, aborrecedora.

Foi aí, então, que ele teve uma inspiração:

— Raios! Em Portugal não há grilos, então eu vou levar um casal deles para minha esposa.

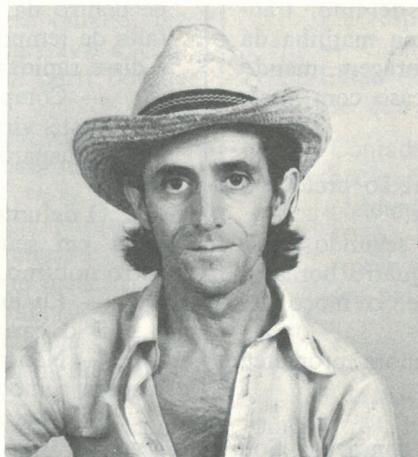
Será uma grande novidade. Um bicho pequenino que canta fino e muito alto.

No dia da viagem ele conseguiu um caszinho de grilos, colocou-o numa caixa de fósforos, tampou muito bem e pôs numa valisa.

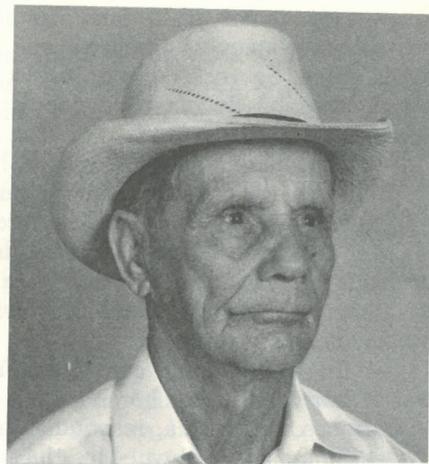
CONTADORES DAS  
ESTÓRIAS

Olímpia — SP

Benedito Batista de Carvalho  
João Marques de Miranda  
Ezequiel Batista de Carvalho  
Antônio José de Sousa  
Acedilo Novaes  
Rosa Pereira dos Santos  
Leocrécio Papâni  
Joaquim José dos Santos



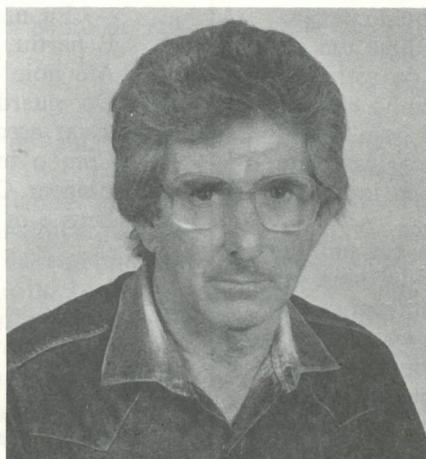
Benedito Batista de Carvalho



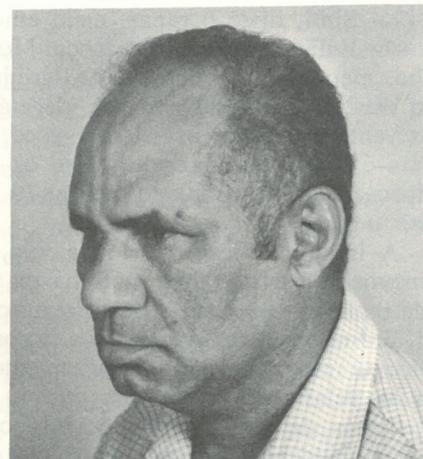
João Marques de Miranda



Ezequiel Batista de Carvalho



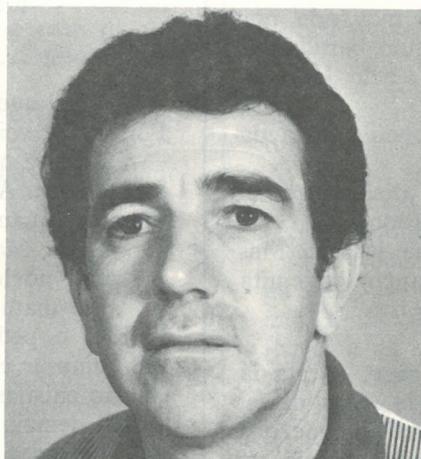
Antônio José de Sousa



Acedilo Novaes



Rosa Pereira dos Santos



Leocrécio Papâni



Joaquim José dos Santos

Durante a viagem, todos os dias, ele fazia questão de ir ver os grilinhos. Abria a valisa, tirava a caixa de fósforos, olhava os bichinhos e guardava novamente.

Um outro português, companheiro de viagem, vendo aquela cena que se repetia todos os dias, esperou por um descuido do patrício, enquanto ia ao bar tomar um copo de vinho, mexeu na valisa dele pra ver o que ele tanto admirava dentro de uma caixa de fósforos.

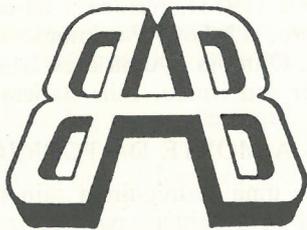
Abriu a caixa devagarinho e viu aqueles dois insetos pretos, presos lá dentro. E disse consigo:

— O compadre é bobo demais! Levando pra Portugal dois bichinhos tão feios e olhando os infelizes, com tanto amor, a cada dia que passa. O que será que ele pretende fazer com os coitadinhos?

Olhou, raciocinou um pouco, jogou os dois grilos no mar e guardou a caixinha vazia dentro da valisa.

Terminado o aperitivo, o português, voltou satisfeito para dar uma olhadela no casazinho de grilos. Saiu, dizendo:

— Vou ver os meus grilinhos! Vou ver os meus grilinhos!



# **BENEFICIADORA BALBO**

**COMÉRCIO DE CAFÉ E SACARIAS**

*ARMANDO BALBO*

“O folclore é como se fosse poema de amor feito em luz, do amor que cria, do amor que une, do amor que redime, do amor que purifica as almas. O folclore espalha a paz. A paz é a filha diletta do amor. E só é feliz o homem, e só são felizes os povos, nas horas de paz, nas horas em que sob seus tetos e dentro de suas almas não pairam as apreensões da maior de todas as calamidades que os afligem, que é a guerra”.

(JOSÉ SANT'ANNA)

## **BENEFICIADORA BALBO**

**RUA WASHINGTON LUÍS, N.º 576**

**CAIXA POSTAL 351**

**TELEFONES: DDD (0172)**

**81-1067**

**81-1287**

**81-3488 (NOTURNO)**

**15 400 — OLÍMPIA — SP**

Abriu a caixa de fósforos e ela estava vazia.

Então, ele murmurou:

— O que terá acontecido? Os meus grilos não estão aqui, nem vivos e nem mortos. Como foi que eles saíram daqui? A caixa estava fechada.

Depois de muito pensar, ele disse:

— Já sei: um engoliu um e o outro engoliu o outro.”

Narrado por Antônio José de Sousa, casado, cisterneiro, pouca instrução escolar, 53 anos (1981), residente na Rua Júlio Ferrânti, n.º 243, Bairro de São José, Olímpia. Aprendeu o conto quando contava 10 anos, ensinado pelo pai, Sr. José de Sousa.

## 5 — A FILHA DO REIS

“Havia um reis que tinha uma fia muito bonita. Quem fizesse uma pergunta pra ela e ela não decifrasse, casaria com ela.

Por causa disso, muitos interessado em casá co'ela tinha morrido. Ela sabia decifrá qualquer pergunta.

Havia uma veinha muito pobre que tinha um fio. Este fio destinô a i fazê uma pergunta pra fia do reis.

A veinha achô que o fio ia morrê e falô pra ele: Ocê num vai. Ele teimô: Eu vô.

Discutiro bastante, mas ele acabô venceno.

Então a veinha envenenô um pão e deu pra ele levá. Ele arreô seu animal de estimação e foi s'embora. Com ele seguiu sua cachorrinha por nome Pita.

Seguino viagem ele deu o pão pra cachorrinha comê. A cachorrinha comeu e morreu.

Ele preparô a cachorrinha e assô ela.

Continuano viagem encontrô sete caçadô e os caçadô comero a cachorrinha. Morreu os sete caçadô. Ele escoiou a mió arma que eles tinha e seguiu viagem.

Com essa arma ele atirô num gavião, mas matô uma juriti. Então ele tirô a lasca de um “cruzeiro” que tinha na estrada, assô a juriti e comeu.

Passano perto de um rio ele viu um carnero morto boiano, seguido por um urubu. Perto desse memo rio ele viu uma cobra enrolada num cipó bem grosso.

Andano mais pra frente, já longe do rio, ele sentiu muita sede. Então ele rapô com uma faca o suor do cavalo em que viajava e bebeu.

Tudô isso aconteceu com ele durante a viagem.

Chegano na presença da fia do reis, ele fez esta pergunta pra ela, baseada no que aconteceu durante sua viagem:

- A massa (1) matô a Pita (2),
- A Pita matô sete (3),
- Dos sete escoi a mió (4),
- Atirei o que vi (5)
- E matei o que não vi (6)
- Com lasca de pau sagrado (7)
- Assei e comi (8)
- Vi um morto (9) carregano um vivo (10)
- Coisa que eu nunca vi;
- Vi o bom (11) no pió (12)
- E o pió no bom.
- Bebí água sem ser gerada.
- Do céu e da terra. (13)
- O que é?

1 — pão. 2 — cachorrinha. 3 — caçadores. 4 — arma. 5 — gavião. 6 — juriti. 7 — cruzeiro. 8 — juriti. 9 — carnero. 10 — urubu. 11 — cipó. 12 — cobra. 13 — suor.

A fia do reis pediu três dia pra decifrá o significado da pergunta. Mas não conseguiu.

O resurtado foi o casamento do moço pobre com ela.

No dia do casamento teve uma grande festa. Ele levô a mãe pra assisti o casamento e ela ficô muito contente. Tão vivo bem até hoje.”

Narrado por Ezequiel Batsita de Carvalho, viúvo, aposentado, sem instrução escolar, 71 anos (1983), residente na Rua Marechal Deodoro, n.º 566, Patrimônio de São João Batista, Olímpia. Ouviu a estória em 1922, contado por seu irmão, Luís Batista de Carvalho.

## 6 — A MORTE DA FORMIGUINHA

“Uma vez uma formiguinha saiu muito cedo do formigueiro e foi num cantero para cortar cebolinha. Lá no cantero a neve prendeu o pé dela.

A formiguinha perguntou: Ó neve, você é que pode muito que o meu pé prende?

A neve respondeu: Quem pode mais é o sol que me derrete.

A formiguinha perguntô: Ó sol, você é que pode muito que derrete a neve, a neve que o meu pé prende?

O sol respondeu: Quem pode mais é a nuve que me tampa.

A formiguinha perguntô: Ó nuve, você é que pode muito que tampa o sol, o sol que derrete a neve, a neve que o meu pé prende?

A nuve respondeu: Quem pode mais é o vento que me espaia.

A formiguinha perguntô: Ó vento, você é que pode muito que espaia a nuve, a nuve que tampa o sol, o sol que derrete a neve, a neve que o meu pé prende?

O vento respondeu: Quem pode mais é a parede que me tampa.

A formiguinha perguntô: Ó parede, você é que pode mais que tampa o vento, o vento que espaia a nuve, a nuve que tampa o sol, o sol que derrete a neve, a neve que o meu pé prende?

A parede respondeu: Quem pode mais é o rato que me rói.

A formiguinha perguntô: Ó rato, você que pode mais que rói a parede, a parede que tampa o vento, o vento que espaia a nuve, a nuve que tampa o sol, o sol que derrete a neve, a neve que o meu pé prende?

O rato respondeu: Quem pode mais é o gato que me pega.

A formiguinha perguntô: Ó gato, você é que pode mais que pega o rato, o rato que rói a parede, a parede que tampa o vento, o vento que espaia a nuve, a nuve que tampa o sol, o sol que derrete a neve, a neve que o meu pé prende?

O gato respondeu: Quem pode mais é o cachorro que me pega.

A formiguinha perguntô: Ó cachorro, você que pode mais que o gato, o gato que pega o rato, o rato que rói a parede, a parede que tampa o vento, o vento que espaia a nuve, a nuve que tampa o sol, o sol que derrete a neve, a neve que o meu pé prende?

O cachorro respondeu: Quem pode mais é a onça que me mata.

A formiguinha perguntô: Ó onça, você é que pode mais que o cachorro, o cachorro que pega o gato, o gato que pega o rato, o rato que rói a parede, a parede que tampa o vento, o vento que espaia a nuve, a nuve que tampa o sol, o sol que derrete a neve, a neve que o meu pé prende?

A onça respondeu: Quem pode mais é o caçadô que me mata.

A formiguinha perguntô: Ó caçadô, você que pode mais que a onça, a onça que mata o cachorro, o cachorro que pega o gato, o gato que pega o rato, o rato que rói a parede, a parede que tampa o vento, o vento que espaia a nuve, a nuve que tampa o sol, o sol que derrete a neve, a neve que o meu pé prende?

O caçadô respondeu: Quem pode mais é Deus que me mata.

A formiguinha perguntô: Ó Deus, você é que pode mais que mata o caçadô, o caçadô que mata a onça, a onça que mata o cachorro, o cachorro que pega o gato, o gato que pega o rato, o rato que rói a parede, a parede que tampa o vento, o vento que espaa a nuve, a nuve que tampa o sol, o sol que derrete a neve, a neve que meu pé prende?

Deus respondeu: Eu posso mais que te mato esfregada com o pé. E matou ela.

Por esta razão é que a formiga é amaldiçoada.”

Narrada por Joaquim José dos Santos, solteiro, aposentado, analfabeto, 73 anos (1983), residente na Rua Floriano Peixoto, n.º 276 (fundos), Patrimônio de São João Batista, Olímpia. Sabe esta estorieta desde criança, ensinada por sua mãe: Maria Prudência.

## 7 — SÃO ROQUE

“Havia um fazendeiro muito rico, mas também muito muxiba. Era um avarento que não gostava de ajudar a ninguém. Não dava esmolas aos pobres e nem ajudava nas campanhas da igreja.

E explicava o porquê de não ajudar a paróquia, dizendo que os santos não comiam e nem bebiam e que o dinheiro ofertado era para encher a barriga de preguiçosos.

Assim, a riqueza desse fazendeiro unha-de-fome foi cada vez mais se multiplicando.

A indiferença dele com as coisas da igreja chegou a tal ponto que um dia os parentes e até mesmo os empregados o aconselharam a dar um adjutório para reformar a igreja, pois ele era muito rico e precisava agradar a Deus e aos santos.

O ricaço pão-duro pensou muito sobre o assunto e decidiu ir à igreja para assistir à missa. E falou consigo mesmo:

— Vou fazer uma promessa de ir à missa. Cada vez que o padre falar o meu nome, eu dou um conto de réis para ajudar a igreja.

Este fazendeiro se chamava Roque.

Num dia qualquer ele se vestiu muito bem, apanhou um pacote de dinheiro de notas de um conto de réis, reuniu a família e foram todos assistir à missa.

Os amigos ao verem o mão-fechada dirigir-se para a igreja, ficaram tão surpresos que até diziam:

— Hoje vai sair uma alma do Purgatório! Olhem só, o fazendeiro munheca está indo para a igreja com toda a família.

A igreja era um prédio velho que necessitava de completar a pintura já iniciada, mas paralisada por falta de dinheiro.

Ao chegar na igreja, o fazendeiro fez questão de sentar-se no primeiro banco para ouvir melhor as palavras do sacerdote.

O padre iniciou a missa, anunciando:

— Meus queridos irmãos! Hoje a Santa Igreja celebra, pelo seu calendário, o dia de São Roque...

O fazendeiro olhou para a esposa, botou a mão no bolso do paletó, tirou o pacote de dinheiro e dele separou uma nota de um conto de réis e a colocou sobre o banco.

No decorrer da missa, à hora da explicação da segunda leitura do ritual, o padre comentou:

— São Pedro quando estava no mundo convidou São Roque para ajudá-lo nos momentos difíceis. Andaram muitos dias em missão religiosa até que chegaram à beira de um rio que não dava passagem, por falta de uma ponte:

São Pedro disse:

— São Roque, e agora?

Em seguida, São Roque, deu uma sugestão:

— Vamos arrumar um machado e um traçador. Derubemos esta árvore grande daqui e com o tronco dela faremos uma pinguela para atravessarmos este rio.

Derrubaram a árvore e, ficando um de cada lado, puseram-se a serrar o enorme tronco. Enquanto estavam serrando, o serrote fazia um barulhinho: roque-roque, roque-roque, roque-roque...

O fazendeiro, atônito, que já havia separado quatro contos de réis, pegou o pacote de notas e à medida que o serrote ia e voltava, acabou depositando sobre o banco toda a quantia de dinheiro que havia levado na igreja.

E foi com a oferta especial do fazendeiro mão-definado que o vigário pôde terminar a pintura da igreja.

Graças à promessa que ele fez e, principalmente, graças a São Roque.”

Narrado por Leocrécio Papâni, casado, técnico em contabilidade, 41 anos (1983), residente na Avenida Mário Vieira Marcondes, n.º 152, Patrimônio de São João Batista, em Olímpia. Conhece o conto há dez anos, mas não sabe o nome de quem o contou.

## 8 — O REI CEGO

“Era uma vez um rei cego que não teve cura na medicina. Um dia apareceu no palácio um senhor de cor escura, um benzedô: Benzeu as vistas do rei e falou:

— Seu rei, quem pode curá essa cegueira que o senhor tem há muitos ano vai sê a escuma do pássaro louro. Esse passo louro vive nas matas virge e quando ele canta, ele sortia pelo bico uma escuma. E é só essa escuma do passo louro que o senhor pode curá sua cegueira.

O rei chamô os três filhos, pediu pra eles que saísse a cavalo pela mata virge à procura do tal passo louro. O que encontrá o passo louro e trouxé essa escuma pr’o papai sará das vista, eu vô dá a metade da minha fortuna.

Aí, esses três irmão arrearo seus cavalo, pegaro um vidrinho cada um pra recolhê a escuma milagrosa e saíro à procura dela. Quando chegaro numa encruzilhada, raro. O mais velho disse assim:

— Vamos saí cada um pr’um lado pra vê quem encontra a escuma do passo louro. Aquele que achá primeiro a escuma chega aqui nessa encruzilhada e dá um grito como aviso. Aí a gente sai da mata e vamo para casa.

Andaro o dia todo pela mata, procurando a bendita escuma. Os dois irmão mais velho não encontraro. Foi o mais novo que teve sorte.

Quando ele ovuiu e viu o passo louro cantando colocô o vidrinho na direção que o passarinho cantava pra pegá a escuma que ele sortava. Encheu o vidrinho. Ficô muito contente, montô no cavalo e foi pra encruzilhada pra encontrá os seus irmão. Chegando na encruzilhada deu um grito de alerta e os mais velho disse para o irmão do meio:

— Olha só, nós como mais velho não conseguimos encontrá o passo louro e ele como mais novo achô. Não faz mal. Vamos matá ele, repartir a escuma nos nossos vidrinho e lá em casa nós falamo pr’o papai que foi nós dois que encontramos a escuma. Eu achei um poco e você otro tanto. Você segura ele e eu como mais velho, eu mato ele com este facão. Era o facão que tinha levado pra cortá os cipó e espinho no meio da mata, enquanto procuravam o passo louro. Mataro o irmão caçula e enterraro o coitadinho numa cova que fizeram lá mesmo, na encruzilhada.

Depois montaro a cavalo e foro pra casa levá a escuma pra curá a cegueira do pai.

Chegaro no palácio, contentes com a fortuna que iam recebê, dizendo pr’o pai:

— Papai, aqui está a espuma do passo louro. Eu achei um passarinho e meu irmão do meio achô otro. Cada um de nós trouxe um poco de espuma. Mas este tanto vai dá pr'o senhor enxergá a luz do dia.

O rei passô a espuma nos olhos e imediatamente enxergô a luz do mundo.

Foi aí, então, que os dois dissero pr'o pai:

— Papai, aconteceu um fato muito triste e o nosso irmão caçula não vortô pra casa. Ele foi com nós e entrô na mata pra procurá o passo louro, mas um bicho feroz engoliu ele.

O coitado do rei no mesmo tempo que tava alegre por está enxergando ficô triste pela morte do filho mais novo.

E os dois irmão procurava consolá o pai:

TO-CAI TO-CAI PASSA-GE-RO FUI EU MESMO QUE A-CHEI AES-  
CU-MA QUE O PA-SSO LOU-RO SOR-TÔ O DO MEIO QUE ME SE-GU-  
RÔ O MAIS VE-LHO QUE ME MA-TÔ.

Tocai, tocai, passageiro,  
Fui eu mesmo que achei a espuma  
Que o passo louro sortô  
O do meio que me segurô,  
O mais velho que me matô.

O mascate ficô maravilhado e falô pr'o companheiro:

— Vamos no palácio pra mostrá pr'o rei esta flauta que toca sozinha?

O companheiro disse:

Larga de bobage, nós tamo muito cansado. Vamo segui viaje. Pode sê que o rei nem recebe nós.

Ele respondeu:

— Não, não é bobage não. Você não viu o que a flauta tocô. Não fui eu que toquei. Eu nem soprei ela, ela tocô sozinha. Até parece um mistério. Vamo no palácio, o rei recebe nós e podemos até ganhá uma fortuna dele. Insistiu tanto com o companheiro que ele acabô seguindo junto pr'o palácio.

Chegaro no palácio e pediro orde pra falá com Sua Majestade. O rei atendeu.

— Majestade, o senhor qué fazê o favor de pôr esta flauta na boca pra vê o que ela toca, sozinha?

O rei respondeu:

— Não, não quero. Hoje eu enxergo, mas era cego. Quando meus três filho saíro pela mata virge à procura do remédio pra curá minhas vista, um bicho perigoso acabô devorando meu filho caçula. De lá pra cá eu ando tão aborrecido que nem música eu gosto mais.

— Mas por favor, Majestade, põe esta flauta na boca. Exprementa. O senhor não vai arrepêdê.

Os dois mascate insistiro tanto, tanto, que até a rainha pediu pr'o marido que atendesse o pedido dos dois estranho.

O rei, então, meio contrariado, muito tristonho, pôs a flautinha na boca e ela tocô assim:

Tocai, tocai, meu pai,  
Fui eu mesmo que achei a espuma  
Que o passo louro sortô  
O do meio que me segurô,  
O mais velho que me matô.

Em seguida, os mascate pediro pra rainha tocá a flauta. Ela não quis tocá dizendo sê a música muito

— Infelizmente, ele foi vítima de um bicho feroz, coitadinho! Procuramo muito, mas não foi possive encontrá. O remédio é se conformá com a ajuda de Deus.

Passados uns dia vinha vindo por aquela estrada dois mascate que vendia ropa nas fazenda. Na encruzilhada, justamente no lugá onde os dois irmão mardoso tinha enterrado o irmão caçula, tinha nascido uma linda moita de bambu que dava uma sombra muito agradave. Os dois mascate vendo aquela sombra fresquinha, reservero pará ali pra descansá um poco e comê a merenda que levavam. Depois que aproveitaro muito daquela sombra maravilhosa, um dos mascate, muito curioso, cortô um gomo de bambu e dele fez uma flautinha. Pôs a flautinha na boca pra tocá, mas sem que ele soprasse, ela tocô assim:

triste. Os mascate insistiro também co'ela pra tocá a flautinha. Aí, o rei também pediu pra ela tocá. Ela pôs a flauta na boca e ela tocô assim:

Tocai, tocai, minha mãe,  
Fui eu mesmo que achei a espuma  
Que o passo louro sortô  
O do meio que me segurô,  
O mais velho que me matô.

Perto dos pais estava a princesa, filha única do casal. Então o rei pediu pra ela exprementá a tocá a flautinha. No começo ela também recusô a tocá, porque a flautinha falava coisa muito triste. Os mascate também insistiro co'ela e por fim ela aceitô. Então ela pôs a flauta na boca e a flauta tocô assim:

Tocai, tocai, minha irmã,  
Fui eu mesmo que achei a espuma  
Que o passo louro sortô  
O do meio que me segurô,  
O mais velho que me matô.

Depois o rei ordenô:

— Agora quem vai tocá a flauta é o meu filho do meio:

O moço fez de tudo para não pegá naquela flautinha.

— Não vô tocá. Esta contigo é triste demais. Eu não tenho corage de continuá ouvindo. Meu irmãozinho foi engolido por um bicho brabo. Por isso, eu não quero tocá a flauta.

O rei, então, falô muito nervoso:

— De qualquer jeito você vai tocá essa flauta.

Não tendo jeito de escapá, o rapaz, com muito medo, pôs a flauta na boca e ela tocô assim:

Tocai, tocai, meu irmão,  
Fui eu mesmo que achei a espuma  
Que o passo louro sortô  
Você mesmo que me segurô,  
O mais velho que me matô.

O rei, a rainha e a princesa já tavam quase estorando de nervoso, pois já tavam descobrindo toda a verdade. Então o rei diz pr'o filho mais velho:

— Pega esta flautinha, meu filho e toque agora.

— Não papai, eu não tenho vontade de tocá isso. É uma cantiga triste demais e que não é verdadeira.

Mas o rei não arredô o pé e fez ele tocá a flauta, mesmo sem querê.

O rapaz pôs a flautinha na boca e ela tocô assim:

Tocai, tocai, meu irmão  
Fui eu mesmo que achei a escuma  
Que o passo louro sortô  
O do meio que me segurô,  
Você mesmo que me matô.

O rei depois de ficá sabendo toda a verdade sobre a morte do filho caçula, não suportando a mágoa que tava sentindo, chamô os criados dele e deu essa orde:

— Vocês vão no mato e traga dois cavalo dos mais brabo que tivé. Daqueles que nunca foro montado e nunca viero no cocho comê sal. Mas antes de buscá os animal, prende esses dois assassinos num quarto e deixa uns capanga vigiando.

Os criados saíro pr'o campo e com muita dificuldade conseguíro amarrá os dois cavalo pra levá no palácio. Os cavalos era tão brabo que fungava sem pará e batia com os pé no chão. O rei disse pr'os capanga.

— Amarra cada um deles num cavalo. Não precisa nem botá os arreio. Amarra bem amarrado os braços, as pernas e a cintura. Depois bate nos cavalos e sorta eles no meio do campo.

Os cavalos saíro tão furioso, passava no meio de cipó, cerca de arame e tudo que tinha na frente e conforme passava nos lugar eles iam deixando os pedaços

dos dois irmão sem coração. Assim o rei vingô a morte do filho mais novo, matando os dois mais velho que eram os assassino.

Aí, Sua Majestade, pediu pr'os dois mascate que levasse ele, a mulher e a filha lá na encruzilhada, na moita de bambu, onde estava sepultado o filho caçula, morto pelos dois irmão.

Pegaro um enxadão e seguiro para lá. Naquele lugar onde nasceu aquela moita de bambu dero duas enxadãozada. Na de três a moita de bambu tombô e o menino sartô vivo. Sartô e foi abraçando o pai, a mãe e a irmã e contô o que tinha se passado.

— O meu irmão do meio me amarrô e o mais velho me sangrô, porque eu achei a escuma do passo louro e eles queria a metade de sua fortuna.

O rei contente e agradecido disse:

— Você, filho, é o dono da metade da minha fortuna, por merecimento.

E o rei e a rainha dero, como recompensa, parte da fortuna pr'os dois mascate, porque eles descobriro o mistério da morte do filho mais novo.

Acabô-se a história e viva a vitória”.

Narrado por Rosa Pereira dos Santos, casada, benzedeira, sem instrução escolar, 70 anos (1983), residente na Avenida do Folclore, n.º 566, Jardim Santa Ifigênia, Olímpia. Conhece o conto desde os 5 anos de idade. Aprendeu-o com uma moça de 15 anos, chamada Marciana.

## Adivinhas zoomórficas

ROGÉRIO DE OLIVEIRA

Centro de Pesquisas e Estudos Folclóricos — Olímpia

*Zoomórfica* é adjetivo híbrido constituído pelos elementos gregos *zoo* (animal), *morf* (forma) e pelo sufixo latino, nominal, feminino, *ica* (pertencente ou relativo a). Portanto, *zoomórfica* versa sobre animais. Irracionais, é evidente.

As adivinhas educam a inteligência, comprovam a rapidez do raciocínio. São os principais testes (provas) folclóricos (juntamente com os travalínguas), para porem em atividade o pensamento das pessoas, principalmente de crianças.

Para respondê-las, somos obrigados a pôr em atividade nossa atenção, memória e imaginação. As adivinhas obrigam a imaginação a efetuar ágeis movimentos na procura da resposta, sobretudo quando esta é de difícil solução.

Ensinam-nos de tudo e nos colocam diante dos mundos animal, vegetal, físico, mítico, psicossocial, das palavras e das coisas. Educam mais, quando os enigmas e soluções são éticos, estéticos e confraternizadores.

Documentamos, para este Anuário, uma pequena seleção de *Adivinhas Zoomórficas*, favorecendo ao leitor com as soluções, dadas logo após a proposição das perguntas.

- 1) Quem é que inventou a fila?  
— As formigas.
- 2) Corre nos campos até que se lhe amarrem os pés e as mãos para despi-la. O que é?  
— A ovelha.
- 3) Quando uma pessoa está desanimada, qual animal leva a culpa?  
— A preguiça.

- 4) O que é que caminha no ar e deixa rastro?  
— Aranha.
- 5) O que é que sentado fica mais alto do que em pé?  
— Cachorro.
- 6) Qual o animal que carrega a casa nas costas?  
— Caramujo.
- 7) Que animal só tem uma banda?  
— Caranguejo (ele tem só dois quartos).
- 8) O que é que tem cabeça, mas não tem cabelo; é comprido, mas não é alto; anda, mas não tem pé?  
— Cobra.
- 9) Não tem dedos, nem anéis e corre sem ter pés?  
— Cobra.
- 10) O nome do dono é o nome da casa. O que é.  
— Cupim.
- 11) Onde é que passa um boi, mas um mosquito não consegue passar?  
— Em teia de aranha.
- 12) Passeia como rei, canta anunciando as horas e domina sua morada. O que é?  
— Galo.
- 13) Tem corpo de gato, tem cara de gato, mia como gato, mas não é gato. O que é?  
— Gata.
- 14) Qual o bicho que disse que já valeu muito?  
— Javali.
- 15) O que é que enterrada tem vida e se desenterrada morrerá?  
— Minhoca.

- 16) O que é que tem asa como ave, voa como ave, não põe ovos e dá leite?  
— Morcego.
- 17) Num terreiro havia um casal de patos e uma pata. Quantas patas havia?  
— Oito.
- 18) O que a formiga tem maior que o boi?  
— O nome.
- 19) O que é verde sem ser planta e fala sem ser gente?  
— Papagaio.
- 20) Qual o bicho que anda com patas?  
— Patos.
- 21) O que é que dentro d'água está vivo e fora dela morrerá?  
— Peixe.
- 22) Qual é o país da América do Sul, cujo nome é de uma ave?  
— Peru.
- 23) Qual o vivente que para nascer, primeiro trabalha?  
— Pintinho.
- 24) O que é que põe os pés na cabeça para andar?  
— Piolho.
- 25) Por que cavalo pintado não morre?  
— Porque é apenas desenhado.
- 26) Por que as abelhas gostam tanto do seu trabalho?  
— Porque é doce.
- 27) Por que, ao chegar o inverno, as aves voam para longe?  
— Porque não podem ir a pé.
- 28) Por que o jabuti mexe com o rabo?  
— Porque o rabo não pode mexer com o jabuti.
- 29) Por que quando o galo canta, ele fecha os olhos?  
— Porque sabe a música de cor.
- 30) O que é que quem tem procura, quem não tem, não quer?  
— Pulga.
- 31) O galo começando cantar às três horas da madrugada, a que horas ele parará de cantar?  
— Quando cantar a última vez.
- 32) Quando é que se nega que o cão é o melhor amigo do homem?  
— Quando se chama alguém de cachorro.
- 33) Quantas vezes o galo canta no dia?  
— Quantas vezes ele quiser.
- 34) Que animal tem os ossos por fora e a carne por dentro?  
— Siri.
- 35) São quatro esteios e uma telha só. O que é?  
— Tatu.
- 36) Qual o animal que come com o rabo?  
— Todos, pois nenhum tira o rabo para comer.
- 37) Quantos patos são quando há um pato entre dois patos, um pato atrás de dois patos e um pato à frente de dois patos.  
— Três patos.
- 38) Numa mesa estão pousadas cinco moscas. Você mata uma, quantas ficarão?  
— Uma, a que morreu; as outras voarão.
- 39) Quanto mais escura a noite, mais gente o enxerga. O que é?  
— Vaga-lume.
- 40) O que é que vê no escuro e não é gato, tem lanterna e não é guarda.  
— Vaga-lume.
- Importante observar: "As adivinhas escrupulosamente selecionadas, sobretudo as que estão em verso, desempenharão uma função incalculável como exercício da mente através do engenho e da memória, como geradoras ou vivificadoras do clima poético e como sustentadoras de valores espirituais, em bem da relação de intimidade e ternura em que elas colocam as crianças diante das plantas, dos animais, das coisas e até mesmo das abstrações..." (Rafael Jijena Sánchez, Argentina, 1948:11).
- 41) Eu sou feia e perigosa,  
Inspiro medo e horror,  
Eu teço minha casinha  
No lugar por onde eu for.  
— Aranha.
- 42) Sou pequena e caço bem,  
Eu não corro, nem dou salto,  
Também não saio de casa,  
Onde eu vivo e onde eu mato.  
— Aranha.
- 43) Entrei no fundo do mar  
Saí no fundo da areia,  
Quem quiser saber meu nome  
Pegue a beabá e leia.  
— Baleia.
- 44) Qual o pássaro  
Que voa para trás,  
O serviço que faz  
É o nome que traz.  
— Beija-flor.
- 45) Esse atrevido não fala  
Salta tal qual o saci,  
Mas bem que diz muito bem:  
Não esconda que te vi.  
— Bem-te-vi.
- 46) Todo o pássaro voa,  
Mas há um que não,  
Acerte seu nome  
E mate a questão.  
— Ema.
- 47) A meia-noite se levanta o francês,  
Conta as horas, mas não conta o mês,  
Traz esporas, não é boiadeiro,  
Tem serra, não é marceneiro.  
— Galo.
- 48) Juro e juro por ti,  
Por quantas penas tivé;  
Se não soubé a resposta,  
Cabeça de burro é.  
— Juriti.
- 49) No alto está,  
No alto mora,  
Quando nos vê  
Nos finca a espora.  
— Marimbondo.
- 50) É verde, mas não é planta,  
Fala com voz estridente,  
Canta, reza, xinga e ri  
Este bicho impertinente.  
— Papagaio.
- 51) Na casa há quatro cantos,  
Cada canto há um gato,  
Cada gato vê três gatos,  
Quantos gatos há de fato?  
— Quatro gatos.
- 52) Ele é branco de nascença  
E preto por natureza,  
Vê na morte a alegria  
E na vida só tristeza.  
— Urubu.
- 53) É um inseto pequeno  
Não é feio, nem é belo,  
De dia ele é preto,  
De noite ele é amarelo.  
— Vaga-lume.

- 54) À noite, fica voando,  
Iluminando a escuridão,  
Parece estrela fugindo,  
Subindo para a amplidão.  
— Vaga-lume.
- 55) Vevê ficou doente,  
Iaiá foi visitar,  
De-o-dô saiu depressa,  
Vê se pode adivinhar.  
— Veado.

As adivinhas são testes de conhecimentos admiráveis, pois condensam toda a perspicácia do nosso povo. Põem à prova a capacidade dos decifradores.

Em Olímpia há um número volumoso de adivinhas sobre diversos temas, as quais tencionamos publicar fu-

turamente. Além da grande contribuição cultural, são ótimos passatempos para as horas de recreação.

#### AGRADECIMENTOS

Agradeço a contribuição que recebi na montagem deste trabalho: Lúcia Aidar (minha mãe), Anali de Oliveira (minha irmã), Sebastião Jesus de Oliveira e Alzira Sant'Ana de Oliveira (meus avós), José Sant'anna e Clarismundo Sant'Ana (meus tios), Antônio Clemêncio da Silva e Célio Franzin (meus amigos), Meire Irâni e Júlio César Irâni (meus primos). A todos, minha gratidão perece.

NOTA: Rogério de Oliveira, olimpiense, 12 anos, estudante da 6.<sup>a</sup> série do 1.<sup>o</sup> grau. Iniciado no estudo de Folclorística.

# Folclore votivo na imprensa de Olímpia

PALMIRA MARCELINA DEGÁSPERI RODRIGUES  
Departamento de Folclore — Olímpia

Tão antiga quanto as mais remotas civilizações, a prática dos ex-votos permeia também o cotidiano do olimpiense, sobretudo através da imprensa.

Fato folclórico de caráter universal, o ex-voto constituiu-se em pagamento de promessa feita à divindade ou ao santo em reconhecimento por alguma graça alcançada. Esta relação estabelecida com um ente sobrenatural (Deus ou o Santo) baseia-se em alguns pressupostos. O primeiro deles é a crença na existência de seres de natureza superior, onipotente (Deus) ou em condições de desencadear efeitos derivados deste poder (Santos), seres estes que podem e querem estabelecer comunicação com os homens, inclusive atendendo aos seus pedidos. O segundo pressuposto é o de que milagres existem, ou seja, apesar da regularidade com que ocorrem os fenômenos da natureza e de conhecidas as suas leis, pode este mecanismo ser rompido, a lei natural sustada pela ocorrência do "milagre", não esporádico mas até resvalando para o corriqueiro. Por último, como acabamento desta posição mística, permeada de boa dose de superstição, a crença de que os favores obtidos devem ser de alguma forma divulgados como meio de pagamento à entidade que os realizou. Esta materialização da graça alcançada se realiza sob as mais diversas formas: pintura, fotos, escultura de partes ou de todo o corpo humano, objetos (muletas, óculos, cadeiras de rodas, etc.), inscrições em mármore ou outro material, ofertas de bens (ermidas e capelas), ofertas de elementos simbólicos (velas votivas, flores, fitas), objetos penitenciais (cruzes, pedras), participação em procissões usando roupas iguais ao do santo de devoção. Da riqueza da prática dos ex-votos dão testemunho, em particular, as "salas dos milagres" e as publicações nos jornais.

À semelhança do que ocorre em outras localidades, a divulgação, pela imprensa, de graças alcançadas pode ser constatada, em Olímpia, nas páginas de seus dois semanários: *Tablóide da Nova Paulista* e *Folha da Região*.

A pesquisa efetuada, por levantamento de amostragem, entre os anos de 1981 a 1984, reproduz as conclu-

sões do Prof. Raymundo Dall'Agnol em seu trabalho "O ex-voto na imprensa", pelo menos quanto aos seguintes aspectos:

- raramente o nome do devoto aparece por extenso apostado ao texto; geralmente são utilizadas as suas iniciais ou apenas uma letra inicial. De acordo com o Prof. Dall'Agnol "a omissão do nome completo, por extenso, parece denotar certo sentimento de prudente pudor, não se expondo à curiosidade do público". De qualquer maneira, o devoto acredita que o Santo sabe de sua gratidão e o cumprimento da promessa se concretiza com a publicação da prece.
- a referida omissão do nome completo não permite identificar se há maior número de devotos entre os homens ou entre as mulheres;
- entre as invocações destacam-se: *Deus* (sob a forma de Prece Milagrosa), *Jesus* (Oração à Chaga do Ombro de Jesus, Poderosa Novena ao Menino Jesus de Praga), *Espírito Santo* (Oração ao Divino Espírito Santo), *Nossa Senhora* (Oração à Virgem Maria, Oração à Nossa Querida Mãe Nossa Senhora Aparecida), Santo Antônio, Santo Expedito, São Judas Tadeu, Santa Paula Frassinete, Santa Clara, As Treze Almas; foi registrada ainda a Oração do Viajante.

É grande o número de orações que integram a coleção do folclorista Prof. José Sant'anna, de Olímpia, que há muitos anos se vem dedicando à pesquisa e coleta dos *Ex-Votos* na imprensa.

Os textos publicados, geralmente são eivados de erros ortográficos, de concordância e de pontuação. Do ponto de vista do devoto, tenha ele consciência ou não das falhas gráficas, a promessa se cumpre com a publicação realizada.

## Oração Nossa Querida Mãe Nossa Senhora Aparecida

Querida mãe Nossa Senhora Aparecida, vós que nos ama e nos guarda todos os dias, vós que sois a mais bela das mães, a quem eu amo com todo o coração, eu vos peço para que me ajude a alcançar esta graça por mais dura que ela seja, sei que vós me ajudará e me acompanhará sempre até a hora de minha morte. Amém.

Rezar 1 Pai Nosso e 3 Ave Maria.

E fazer três dias seguidos esta oração que alcançará a graça por mais difícil que ela seja e mandar publicar no jornal. Em caso extremo fazer a Oração 3 horas consecutivas.

Agradeço a Graça Alcançada.

M A T S.

Do ponto de vista da pesquisa e análise do fato em si, sobretudo numa perspectiva de coleta folclórica, o que aí se evidencia é justamente a pureza de intenção e a ausência de sentido crítico. Por outro lado, a fé que transborda dos estreitos limites da oração individual para colocar-se, de alguma forma, de público, num ato de humildade e submissão ao sobrenatural, é pelo menos digna do respeito de todos.

Como fato folclórico o ex-voto é um campo aberto à pesquisa, à coleta e ao estudo. Como manifestação de fé, veículo de comunicação do homem com o sobrenatural, um acervo a desafiar o homem na busca do infinito.

Tudo isto é folclore. Folclore é o contínuo refazer, espontâneo e livre, do saber e do fazer de um povo ou de um grupo social.

---

## Dois momentos belíssimos da música folclórica: “Jorginho do Sertão” e “Moda do Peão”

INEZITA BARROSO

Departamento de Folclore — Olímpia

Tenho sido muito gratificada com minhas vindas a Olímpia. Pesquiso muito. Aprendo demais. No ano de 1969, tive a agradável oportunidade de, sentada na escadaria do Correio de Olímpia ser apresentada, numa tarde do dia 13 de agosto, pelo Prof. Sant'anna, ao olimpense por adoção, *Seu Caçula*, com o qual mantive um bate-papo de quase 3 horas de duração.

Aliás, já o conhecia há algum tempo, não pessoalmente, mas através de alguns discos gravados em 78 rotações, dos quais sempre procurei aprender as músicas e cantá-las pelo país a dentro.

Inicialmente, falou-me de sua cidade de nascimento, Piracicaba, descrevendo-a, pormenorizadamente, nas épocas em que ele era menino e depois jovem. Explanou sobre a Festa do Divino nas águas, da Dança do Tambu (Batuque ou Umbigada), das Rodas de Cururu e do grande número de violeiros caipiras existentes na cidade e nos campos piracicabanos.

Com muita saudade recordou o seu padrinho artís-

tico, Cornélio Pires, que o levou a realizar programas caipiras em dupla com seu irmão Mariano, nas festas, nos programas radiofônicos e a gravar o primeiro disco de música caipira. Contou-me das viagens em caminhões e até dos programas que realizavam em outras cidades do interior paulista e mesmo em outros Estados brasileiros. Descreveu seus instrumentos, comentou acerca das afinações de sua viola e das primeiras músicas que interpretou.

Contou-me sobre o humorismo de Cornélio Pires, de seu desmedido amor pela moda de viola e do orgulho que sempre sentia ao interpretá-las e ouvi-las.

A nobreza de Seu Caçula era o traço característico expressivo de sua personalidade. Tinha um procedimento esbelto no físico e apresentava-se robusto e esguio. Dizia-me que aproveitava os dias de sua juventude para dizer aos semelhantes que no mundo tinha vindo viver para tocar viola e cantar.

Viveu a infância em contato com a natureza.

A nota dominante de Seu Caçula era a bondade. Prezava os semelhantes com muita solicitude. Não era um homem triste.

Soube dar aos temas musicais interpretados o colorido descritivo. Era tão dedicado como seu irmão Mariano. Os dois eram perfeitos na arte de cantar e daí foram proclamados como os "genuínos caipiras".

Seu Caçula, alma sentimental e pacífica, sempre alheio à política e competições, muito sincero, e com o encanto da naturalidade, narrou-me alguns trechos de sua vida:

"Meu nome é Aparecido da Silva Belo e fui apelidado de Caçula. Nasci no dia 16 de junho de 1911, na cidade de Piracicaba, neste Estado. Sou filho de Antônio da Silva e Escolástica da Silva. Aos sete anos de idade perdi meus pais e cresci sob os cuidados de minha irmã Olívia. Éramos 7 irmãos, 4 homens e 3 mulheres. Piracicaba era o centro dos violeiros paulistas e desde mocinho, eu e meu irmão Mariano (mais velho que eu), nós entusiasmamos em formar uma dupla. E tivemos vitórias. Cornélio Pires, embora tieteense, residindo na capital paulista, "descobriu-nos" em Piracicaba e levou-nos para São Paulo para pertencermos a sua turma de violeiros. Viajamos com Cornélio para quase todos os Estados brasileiros, realizando espetáculos caipiras. Em 1929 lançávamos o primeiro disco no gênero, com as músicas Jorginho do Sertão e Moda do Peão. Alcançamos muito sucesso, apesar de não ser costume, naquele tempo, gravar música caipira em nosso país. E assim levávamos a vida. Éramos pobres. Para sobrevivermos em São Paulo, durante o dia éramos pedreiros e, à noite, cantávamos. Participamos de muitas serenatas, tão em voga naquela época. Gravamos muitos discos de 78 rotações. Em 1936, ano de eleições municipais, viemos a esta cidade, para cantarmos nos comícios políticos para o Sr. Mário Vieira Marcondes. Aqui fiquei conhecendo uma moça, de família muito respeitável: Jandira, filha do Sr. Natal Breda e D. Teresa Breda, fortes fazendeiros do Município. Gostei da cidade, mas gostei ainda mais de Jandira. Princiamos o namoro e neste mesmo 1936, no dia 26 de julho, realizamos nosso casamento. Aí, a dupla Caçula e Mariano, forço-

samente se desfez. Após o casamento fomos residir em São Paulo, onde permanecemos poucos meses. Voltamos, definitivamente, para Olímpia. Era o tempo dos grandes cafezais, e cultivavam-se usos e tradições sertanejas. De nosso casamento nasceram quatro filhos: Vera, Vilma, José Carlos e Paulo César. Meus esportes prediletos sempre foram a caça e a pesca, mas meu vício imbatível sempre foi o cigarro. Em Olímpia passei a ser proprietário da Fazenda Capituva e nela cuidava da agricultura e da pecuária. Cheguei até a instalar um alambique para presentear aos amigos com um pouco de cachaça. Fiz um bom núcleo de amigos. Sempre que ia a Piracicaba ainda matávamos a saudade dos bons tempos da viola, cantando com o irmão Mariano. Em Olímpia mesmo, apresentamos um espetáculo musical noturno no Estádio Teresa Breda, na década de 1950, ao lado de Cornélio Pires, e ainda logramos muito êxito. Mais tarde, a convite de Luís Vieira, reunimos nossos instrumentos e cantamos no rádio pela última vez. Gosto de trabalhar e inclusive até de cozinhar. Preparo muito bem leitoa e peixe e não dou oportunidade a outras pessoas de minha família para lidarem, na cozinha, com esses quitutes. Sempre cultivei boa amizade com artistas caipiras e gente do rádio. Minha casa, aqui, sempre foi um prolongamento da casa deles. Sou profundo admirador do Festival do Folclore de Olímpia, porque dignifica a sabedoria do povo brasileiro. Sempre auxílio nos gastos para a hospedagem dos grupos folclóricos e chego a hospedar alguns deles na minha própria residência, como os cururueiros piracicabanos que não permito ficarem em outro lugar. Gostando de Folclore, louvo a iniciativa e a coragem do Prof. Sant'anna, a quem sempre darei o meu apoio para a continuação de seu importantíssimo trabalho.

Agora, Inezita, eu que já não tenho boa voz para continuar cantando, quero fazer-lhe este pedido: — e continuou sua linguagem de intensa cor piracicabana — Você toca muito bem viola e é dona de uma voz invejável. Por que você não grava essas duas "modas" com as quais estreamos em disco: Jorginho do Sertão e Moda do Peão?"



Mariano e Caçula numa de suas últimas fotografias

Após esta agradável conversa, registrada em gravador portátil, ainda dialogamos muito tempo. Seu Caçula conhecia toda a história da música caipira em nosso torrão paulista. Diletante, consignava no papel os fatos cor-

riqueiros acontecidos em Piracicaba, São Paulo e Olímpia. Eram simples passatempos. Os assuntos prestativos ao chiste eram sempre o campo de suas observações. Mas, afinal, Caçula e Mariano, conquistaram posição

culminante na plêiada dos violeiros da época. São os corifeus do movimento de gravações de músicas caipiras.

Mais tarde, em visita ao Capitão Furtado — Ariovaldo Pires — o grande compositor fez-me a mesma proposta: Inezita, grave as modas folclóricas recolhidas por Tio Cornélio: Jorginho do Sertão e Moda do Peão.

Em agosto de 1972, senti uma tristeza incalculável quando soube que Seu Caçula havia falecido no dia 28 de abril. Mas o pedido que ele formulara foi atendido tal como ele desejara: gravei as duas músicas em 1980 num elepê prensado pela Copacabana.

D. Jandira, ainda muito saudável, reside na sua bela casa da Rua Coronel Francisco Nogueira, n.º 210, em Olímpia, ladeada pelo carinho de seus filhos, nora, genros e de seus queridos netos.



Cornélio Pires, coletador das duas músicas folclóricas

A *História do Disco Caipira*, de tão grande sucesso nos dias atuais, começa em maio de 1929, com a gravação do primeiro disco de música caipira no Brasil pela turma “Cornélio Pires”. Era um 78 rotações de rótulo vermelho, que levava o selo Colúmbia. De um lado *Jorginho do Sertão* e, do outro, *Moda do Peão*, ambas recolhidas pelo próprio Cornélio, o bandeirante da música caipira.

Natural da cidade de Tietê — SP, Cornélio foi escritor, folclorista, jornalista, poeta e cantor. Cornélio nasceu em 1884 e faleceu em 1958.

Foi com Cornélio que a música caipira passou a ser encarada sob o ponto de vista profissional. A princípio, por volta de 1914, Cornélio dedicava-se a organizar espetáculos pelo interior de São Paulo, para divulgar a arte caipira e apresentar artistas sertanejos. Eram as Conferências Cornélio Pires.

Com o passar do tempo, aquelas apresentações tomaram jeito de espetáculos e foi a essa altura que Cornélio tomou a iniciativa de gravar um disco. Ao chegar em São Paulo, porém, viu seu grande sonho cair água abaixo: gravadora alguma queria arriscar um tipo de música que, acreditavam, não teria receptividade junto ao público.

Confiante em seus propósitos, Cornélio não desistiu. Ao contrário, armou-se de toda sua força de vontade, juntou-se a alguns amigos — as duplas Zico Dias e Ferrinho, Mandi e Sorocabinha, Mariano e Caçula — e pagou para gravar seu próprio disco, assumindo, sozinho, o risco do empreendimento. A responsabilidade de etiqueta própria saiu com numeração a partir de 20.000. Os cinco primeiros discos dessa série se tornaram sucesso comercial e, a partir do número 20.005, a série “Cornélio Pires” começou a sair sob total responsabilidade da Colúmbia/Continental.

Lançava, assim, a série caipira “Cornélio Pires”. Pode-se dizer, portanto, que ele foi um dos primeiros independentes da música brasileira.

*Jorginho do Sertão* e *Moda do Peão* aconteceram em um pesado disco de cera sob n.º 20.007. Embora não conste do selo original, as composições foram interpretadas por *Mariano e Caçula*, como anuncia Cornélio em sua fala inicial. São, verdadeiramente temas folclóricos paulistas, coligidos por Cornélio, que na própria gravação se encarregou da apresentação. Cornélio os recolheu durante suas costumeiras peregrinações pelo interior de São Paulo, quando proferia palestras e conferências humorísticas. Nos auditórios, entre uma risada e outra do público, Cornélio aproveitava para vender parte dos 25 mil exemplares do disco.

De início, *Jorginho do Sertão* e *Moda do Peão* desmentiram as previsões das gravadoras, pois em apenas 20 dias o disco estourava com 5 mil cópias vendidas.

## DOCUMENTÁRIO A

### I — JORGINHO DO SERTÃO (moda de viola)

O JORGINHO DO SERTÃO RA PAIZINHO DE TALENTO NU-  
MA CARPA DE CAFÉ E LEINJEI TÔ TREIS CASAMENTO BO - RA NA HO-  
RA DA DESPE - DI - DAI AI AI AI É QUEA MORE NI - NHA  
CHO - RA AI AI AI AI O

- 1 — O Jorginho do Sertão  
Rapaizinho de talento  
Numa carpa de café  
Ele injeitô três casamento.
- 2 — Logo veio o seu patrão  
Cheio de contentamento:  
Tenho três filhas sortera  
E lhe ofereço em casamento.
- 3 — Logo veio a mais nova,  
Cheia de tope e de fita:  
Jorginho, case comigo  
Que das três sou a mais bonita.
- 4 — Logo veio a do meio,  
Vestidinho cor de prata:  
Jorginho, case comigo  
Ou então você me mata.
- 5 — Logo veio a mais velha,  
Por ser mais interessera:  
Jorginho case comigo  
Que eu sô a mais trabalhadeira.
- 6 — Jorge pegô seu cavalo  
Encilhô na mesma hora  
Foi dizê pra morenada:  
Adeus! que eu já vô-me embora.
- 7 — Na hora da despedida,  
Ai, ai, ai, ai.  
É que a moreninha chora,  
Ai, ai, ai, ai.
- 8 — O Jorginho resorveu  
É melhor que eu mesmo suma  
Não posso casá com as três  
Ai, eu não caso é com nem uma.

Do disco "Jóia da Música Sertaneja", lado B, música 4, duração 2'45, autoria de Cornélio Pires, COELP 41 317, P: 1980, Inezita Barroso, Gravadora Som Indústria e Comércio S.A. (Disco Copacabana), São Paulo.

#### Análise da Música

Fraseologicamente podemos notar que a melodia é constituída por duas partes: a primeira parte — parte A, que se repete 6 vezes durante o canto e a segunda — parte B, que é cantada uma vez. Depois de cantada a parte B, é novamente cantada a parte A. Verifica-se uma estrutura ABA dentro do desenvolvimento da melodia. Analisando as partes, separadamente, temos:

*Parte A* — é dividida em dois semiperíodos de quatro compassos, sendo ambos anacrúsicos. O motivo rítmico



é o gerador de todo o desenvolvimento temático do primeiro semiperíodo. Já no segundo semiperíodo há uma sucessão de colcheias



numa escala descendente — uma conclusão temática em oposição ao primeiro semiperíodo, que é ascendente e mais rico ritmicamente.

*Parte B* — é dividida também em dois semiperíodos anacrúsicos, sendo que melodicamente os dois são iguais, existindo apenas uma pequena variação rítmica do segundo em relação ao primeiro semiperíodo.

Constituído de valores rítmicos maiores, este trecho tem um caráter dolente, no qual o intérprete dando maior expressividade, canta-o de forma intimista para criar com "portamentos" e leves "rubatos" — o clima de despedida da letra.

Harmonicamente o acompanhamento da viola sai da relação tônica-dominante, dando uma leve modulada

para *dó maior* no quarto compasso da *parte A*. Já na *parte B*, o acompanhamento vai para a subdominante, dominante e retorna à tônica.

## II — JORGINHO DO SERTÃO

(moda rasqueada)

- 1 — O Jorginho do Sertão,  
Rapaizinho de talento  
Numa carpa de café  
Ele injeitô três casamento.
- 2 — Logo veio o seu patrão  
Cheio de contentamento:  
Tenho três filha sortera  
E lhe ofereço em casamento.
- 3 — Logo veio a mais nova,  
Cheia de tope e de fita:  
Jorginho, case comigo  
Que das três sô a mais bonita.
- 4 — Logo veio a do meio,  
Vestidinho cor-de-prata:  
Jorginho, case comigo  
Ou então você me mata.
- 5 — Logo veio a mais véia,  
Por ser mais interessera:  
Jorginho, case comigo  
Que eu só a mais trabalhadeira.
- 6 — Jorge pegô seu cavalo,  
Enciô na mesma hora  
Foi dizê pra morenada:  
Adeus! que eu já vô-me embora.
- 7 — Na hora da despedida,  
Ai, ai, ai, ai.  
É que a morenada chora,  
Ai, ai, ai, ai.
- 8 — O Jorginho arresolveu  
É melhor que eu mesmo suma  
Não posso casá com as três  
Ai, eu não caso com nem uma.

Do disco "Serrinha & Zé do Rancho Cantam Modas Sertanejas", face B, música 1, autoria de Cornélio Pires, LPDS — 32 088, P: 1969, Disco Lar (Gravações Elétricas S.A. — São Paulo).

## III — JORGINHO DO SERTÃO

(rasqueado)

- 1 — O Jorginho do Sertão,  
Rapaizinho de talento  
Numa carpa de café  
Ele injeitou três casamento.
- 2 — Logo veio o seu patrão,  
Cheio de contentamento  
Tenho três filhas soltera  
Lhe ofereço em casamento.
- 3 — Logo veio a mais nova,  
Cheia de tope e de fita:  
Jorginho, case comigo  
Que das três sou mais bonita.
- 4 — Logo veio a do meio,  
Vestidinho cor de prata:  
Jorginho, case comigo  
Ou então você me mata.
- 5 — Depois veio a mais velha,  
Por ser mais interesseira:  
Jorginho, case comigo  
Que eu sou mais trabalhadeira.

- 6 — Jorginho pegou seu cavalo,  
Encilhou na mesma hora  
Foi dizer pra morenada:  
Adeus que eu já vou embora.
- 7 — Na hora da despedida,  
Ai, ai, ai, ai.  
É que a namorada chora,  
Ai, ai, ai, ai.
- 8 — O Jorginho resolveu:  
É melhor que eu mesmo suma  
Não posso casar com as três  
Ai, eu não caso com nem uma.

Do disco "*Música Sertaneja em História da Música Popular Brasileira*", lado B, música 6, autoria de Cornélio Pires, Itaporanga e Itararé, Polygram — GRA 61 463 973, P: 1983, Gravadora Abril Cultural, São Paulo.

Na presente versão, lançada em agosto de 1981 a dupla Itaporanga e Itararé e acompanhamento instrumental, surge numa interpretação impecável que se preocupou em respeitar ao máximo o registro original pela Gravação Rancho Polygram, do elepê Riqueza de Caboclo n.º 249 3413, Direitos autorais de Editora e Importadora Musical Fermata do Brasil Ltda.

#### IV — A PRIMEIRA APRESENTAÇÃO EM RÁDIO

##### *Tonico e Tinoco*

Tinoco: — O seu José Augusto de Barros, num certo dia, apareceu num caminhão Ford 29, e lá fomos para São Manuel participar do programa "O domingo é nosso". Em toda a região havia apenas dois rádios: um na sede da fazenda e outro na Estação Inácio Pupo (Sorocabana). Nossa família contou para todo mundo sobre nossa cantoria. A sede da fazenda ficou repleta de gente para ouvir o rádio.

Chegamos em São Manuel empoeirados, parecendo bonecos de chocolate, pois tínhamos vindo na carroceria do caminhão. Descemos com nossas violinhas encardidas e nos dirigimos para o estúdio, onde o diretor falou: "Quando aquela luz se acender, vocês começam a cantar, e vejam se não erram". Cantamos uma música do Cornélio Pires, Jorginho do Sertão.

- 1 — O Jorginho do Sertão  
É um rapaz inteligente  
Numa carpa de café  
Ele injeitou três casamento.
- 2 — Acabou o seu serviço,  
Alegre, muito contente,  
Foi dizer ao seu patrão:  
— Quero a minha conta corrente.
- 3 — — Sua conta não te dou  
Por ser um rapaz de talento  
Jorginho, tenho três filhas,  
Lhe ofereço em casamento.
- 4 — Logo veio a mais velha,  
Por ser mais interesseira:  
— Jorginho case comigo  
Que sou mais trabalhadeira.
- 5 — Logo veio a do meio  
Com seu vestido de chita:  
— Jorginho case comigo  
Que eu das três sou mais bonita.
- 6 — Logo veio a mais nova,  
Vestidinha de amarelo:  
— Jorginho case comigo  
Que eu das três sou a flor da terra.

- 7 — Na hora da despedida, ai, ai,  
Que as morena chora, ai, ai.
- 8 — O Jorginho do Sertão  
É um rapaz de pouca lua:  
— Não posso casar com as três,  
Então não caso com nenhuma.
- 9 — Na hora da despedida  
Que as morena chora.  
— Adeus pra vocês que ficam,  
O Jorginho vai-s'embora.

Fomos muito aplaudidos pelo auditório, mas o programa, naquela hora, não estava sendo transmitido para fora. Ficamos decepcionados e o acontecimento serviu de piada. O seu José Augusto, que era acionista da Rádio, desligou-se dela imediatamente, não aceitando os argumentos do técnico de que a rádio havia saído do ar.

Do livro "*Da Beira da Tuia ao Teatro Municipal*" — Tonico e Tinoco — A dupla Coração do Brasil, 2.<sup>a</sup> edição, Editora Ática, 1984, São Paulo, páginas 31 e 32:

#### V — JORGINHO DO SERTÃO

- 1 — Jorgino lá do sertão,  
Era um moço inteligente,  
Na capina do café  
Ele enjeitô três casamento.
- 2 — Jorgino lá do sertão  
Lhe disse o fazendero:  
Tenho três filha sortera,  
Ofereço em casamento.
- 3 — Logo veio a mais velha,  
Por ser a mais interessera,  
Jorgino, casai comigo,  
Qui eu sô a mais trabaiadera.
- 4 — Depois veio a do meio,  
Com seu vestido amarelo;  
Jorgino, casai comigo,  
Que eu sô a flor da terra.
- 5 — Logo saiu a mais nova,  
Com seu vistidim de chita:  
Jorgino, casai comigo  
Que eu sô a mais bonita.
- 6 — Arreei o meu cavalo,  
Adeus que eu já vô m'embora,  
E a hora da despedida  
É a hora que as morena chora.
- 7 — Jorgino lá do sertão,  
É um rapaz de pouca luma;  
Num posso casá com as treis,  
Ai, eu num caso é cum nem uma.

Das páginas 74 e 75 do livro *Folclore do Café*, de Marina de Andrade Marconi, vencedora do Concurso Sílvio Romero, da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro do Ministério da Educação e Cultura, em 1966, publicado pelo Conselho Estadual de Cultura da Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Governo do Estado de São Paulo, 1976.

#### VI — JORGINHO DO SERTÃO

(Cornélio Pires)

"Jorginho do Sertão  
É rapaz inteligente  
Numa carpa de café  
Ele injeitô três casamento.

Jorginho do Sertão  
É rapaz de meia-lua,  
Não posso casá co'as três  
Ai, não me caso com nenhuma."

Fragmentos de Jorginho do Sertão — Sertanejo com Amor — Grupo Matita Perê, 409.6035, lado B, Soma, Sistemática Globo de Gravações Audio-visuais Ltda., novembro de 1979, São Paulo.

*Jorginho do Sertão* ganhou tal popularidade que levou o Capitão Furtado (Ariovaldo Pires), sobrinho de Cornélio Pires, a compor o rasqueado "*História do Jorginho*", cuja primeira estrofe foi assim elaborada:

"O Jorginho do Sertão  
Dexô nome em toda parte  
O diacho do rapaz  
Pr'o namoro tinha arte  
Era mesmo decidido  
Bonitão e de talento  
Em uma carpa de café  
Enjeitô três casamentos".

Esta música foi gravada pelos irmãos Paranaenses no disco "Irmãos do Campo e da Cidade", face B, música 4, PSP-LP-1048 — Som Indústria Vilela Santos Ltda. — V. Sertanejo, sem data de prensagem, Rio de Janeiro.

## DOCUMENTÁRIO B

### I — OI, VIDA MINHA! (moda de viola)

Oi, vida minha!

.....

- 1 — Eu desde pequenininho  
Tinha má inclinação  
Eu arriscava a minha vida  
Pra domar quarqué pagão  
Oi, vida minha!  
Oi, vida minha!
- 2 — Eu laçava burro brabo  
E chegava no morão  
Ai, o macho cavava terra  
De subi poeira do chão  
Oi, vida minha!  
Oi, vida minha!
- 3 — Eu montava em burro xucro  
E também em redomão  
Ai, eu carçava o par de espora  
Com bem dor no coração  
Oi, vida minha!  
Oi, vida minha!
- 4 — Do que eu tinha mais vergonha  
Era a filha do patrão  
A caçoar dando risada  
Óia só o jeito do peão!  
Oi, vida minha!  
Oi, vida minha!
- 5 — De uma feita no rodeio  
Eu cismeí de ser campeão  
Vi a morte pelos olhos  
No descer do chapadão  
Oi, vida minha!  
Oi, vida minha!
- 6 — O machão pulava arto  
E formava cerração  
Ai, eu passei por meu benzinho

E nem pude dar a mão  
Oi, vida minha!  
Oi, vida minha!

Do disco "*Jóia da Música Sertaneja*", lado B, música 5, duração 3'32", autoria de Cornélio Pires, COELP 41 317, P: 1980, Inezita Barroso (e coro), Gravadora Som Indústria e Comércio S.A. (Discos Copacabana), São Paulo.

#### Análise da Música

Há, nesta melodia, duas estruturas temáticas: uma primeira — *parte A*, que ocupa os nove primeiros compassos e um refrão que se repete duas vezes.

*Parte A* — é constituída de dois semiperíodos anacrúsicos — o primeiro semiperíodo tem quatro compassos e o segundo, cinco. Portanto, uma divisão fraseológica irregular. O motivo rítmico gerador do desenvolvimento temático



forma um ritmo marcado, contraposto pelos dois primeiros compassos do segundo semiperíodo, através de figuras de maior valor. O desenho melódico é simétrico, pois a curva melódica descreve movimentos ascendentes, alternados com movimentos descendentes.

*Refrão* — é mais lento e tem um caráter tético, sendo constituído de dois compassos. Ele se repete na voz do intérprete e na voz do coro.

Harmonicamente o acompanhamento da viola se prende à estrutura de tônica e dominante, somente.

### II — OI, VIDA MINHA! (cururu)

Oi, vida minha!

.....

- 1 — Eu desde pequenininho  
Tinha má incriminação  
Eu arriscava a minha vida  
Pra domar qualquer pagão  
Oi, vida minha!  
Oi, vida minha!
- 2 — Eu laçava burro brabo  
E chegava no morão  
Ai o macho cavava terra  
De subi poeira no chão  
Oi, vida minha!  
Oi, vida minha!
- 3 — Eu montava em burro xucro  
E também em redomão  
Ai eu calçava o par de espora  
Com bem dor no coração  
Oi, vida minha!  
Oi, vida minha!
- 4 — Do que eu tinha mais vergonha  
Era a filha do patrão  
A caçar dando risada  
Óia só o jeito do peão!  
Oi, vida minha!  
Oi, vida minha!
- 5 — De uma feita no rodeio  
Eu cismeí de ser campeão  
Vi a morte pelos olhos  
No descer o chapadão  
Oi, vida minha!  
Oi, vida minha!
- 6 — O machão pulava arto  
E formava cerração  
Ai, eu passei por meu benzinho  
E nem pude dar a mão  
Oi, vida minha!  
Oi, vida minha!

Do disco "Sertão em Festa", lado 2, música 1, duração 2'50", autoria de Cornélio Pires, CH 3224, P: 1970, Tião Carreiro e Pardinho (e coro), Discos Chantecler, São Paulo.

### III — OI, VIDA MINHA! (MODA DO PEÃO) (cateretê)

Tinoco: — Por volta de 1930, ouvíamos a música *Vida de Peão*, de Cornélio Pires, numa gravação de Mandi e Sorocabinha pela Casa Edson, através de um velho gramofone instalado na Fazenda do Cintra. Certa vez, conversando com o Capitão Furtado — oportunidade em que descobrimos que ele era sobrinho do famoso Cornélio Pires —, ele falou: "Vocês poderiam gravar *Oi, Vida Minha!* Com certeza seria um sucesso, pois ainda ninguém regravou esta moda de meu tio". Gravamos, e tornou-se uma música solicitada até hoje.

- 1 — Eu bem desde pequenininho,  
sempre tive incriminação,  
arriscava a minha vida  
pra montá em qualquer pagão ...  
Oi ... vida minha!
- 2 — Eu laçava burro bravo  
e chegava no morão,  
o macho cavava as terra  
de subi poeira no chão ...  
Oi ... vida minha!
- 3 — Certa vez foi num rodeio,  
amuntei num redomão,  
eu carcei meu par de espora  
com bem dor no coração ...  
Oi ... vida minha!

- 4 — Queria fazê bonito  
para a fia do patrão,  
que estava dando risada  
pra ver o jeito do peão ...  
Oi ... vida minha!
- 5 — O macho pulava arto,  
que formava cerração,  
eu passei por meu benzinho  
e nem pude dar a mão ...  
Oi ... vida minha!

Extraído do livro "Na Beira da Tuia ao Teatro Municipal" — Tônico e Tinoco — A dupla coração do Brasil, 2.<sup>a</sup> edição, 1984, Editora Ática S.A., São Paulo, páginas 251 e 252.

Do disco "Tônico e Tinoco — 31 Anos", lado 1, música 6, autoria de Cornélio Pires, CLP 9 181, P: 1973, Tônico e Tinoco, Gravadora Caboclo Chantecler, São Paulo.

### IV — MODA DO PEÃO (recortado mineiro)

- 1 — Quando eu era pequenininho,  
Tinha male incriminação  
Eu arriscava minha vida  
Pra muntá em qualquer pagão  
Oi, vida minha!
- 2 — Eu laçava burro brabo,  
Chegava ele no moirão  
O macho cavava terra  
Levantá poeira do chão  
Oi, vida minha!
- 3 — Quando eu entrei pra dentro  
Saí com lombio na mão  
Eu carcei meu par de espora  
Com bem dor de coração  
Oi, vida minha!
- 4 — Do que eu tinha mais vergonha  
É da fia do patrão  
Que estava dando risada  
Vamo vê o jeito do peão!  
Oi, vida minha!
- 5 — Quando eu muntei no macho  
No descer de um laderão  
Eu vi a morte pr'o meus olho(s)  
No descer de um chapadão  
Oi, vida minha!
- 6 — O macho pulava arto  
E formava cerração  
Eu encontrei com meu benzinho  
Nem num pude dar a mão  
Oi, vida minha!

Do disco "Vieira e Vieirinha (Silêncio do Berrante)", lado 2, música 5, autoria de Mariano e Caçulinha, R — 7128, P: 1973, Vieira e Vieirinha, Gravadora Rosicler (Gravações Chantecler, São Paulo). Primeira gravação — CH 3089.

### V — MODA DO PEÃO (moda de viola)

- 1 — Quando eu era criancinha  
Tinha mar incriminação  
Eu arriscava minha vida  
Pra muntá em qualquer pagão  
Oi, vida é a minha!
- 2 — Eu largava o burro brabo  
E chegava no moirão  
Ai, o macho cavava terra  
Levantá poeira do chão  
Oi, vida é a minha!

- 3 — Do que eu tinha mais vergonha  
Das duas filha do patrão  
Ai, que tavam dando risada:  
Vamo vê o jeito do peão!  
Oi, vida é a minha!
- 4 — Ai, quando eu entrei pra dentro  
Carculo o mio na mão  
Ai, eu carcei meu par de espora  
Com bem dor de coração  
Oi, vida é a minha!
- 5 — Ai, quando eu muntei no macho  
No descer de um laderão  
Ai, eu via a morte p'lo olhos  
No descer de um chapadão  
Oi, vida é a minha!
- 6 — O macho pulava arto  
Que formava cerração  
Eu encontrei com meu benzinho  
Nem não pude dar a mão  
Oi, vida é a minha!

Do disco "História da Música Popular Brasileira — Música Sertaneja", lado A, música 1, autoria de Cornélio Pires, apresentação de Cornélio Pires, Mariano e Caçula, P: 1983, Gravadora Abril S.A. Cultural, São Paulo. Nota: Continental — GRA 62214039.

Direitos autorais de Editora e Importadora Musical Fermata do Brasil Ltda.

### CONCLUSÃO

*Jorginho do Sertão e Moda do Peão (Oi, Vida Minha!)*, modas de viola paulistas, muito antigas, conquistaram muito sucesso, graças ao dinamismo de Cornélio Pires, que dedicou todo empenho à divulgação dessas duas páginas do folclore musical que ele conheceu tão bem, pois vivera grande parte de sua mocidade entre as pessoas simples, entre nossos matutos. Divulgou, intensamente, a figura do caipira, registrando, sob os aspectos a sua sabedoria, valorizando assim a vida sertaneja.

Cornélio pesquisou nossa folcmúsica e foi também grande compositor de música do gênero sertanejo, deixando, em disco, todo o seu respeitável trabalho.

Mas, infelizmente, pouca coisa ainda existe. Vejamos o que está escrito em "Auxiliar", publicação bimestral da Corporação Bonfiglioli, sob a responsabilidade da Incremento Propaganda e Comunicação S.A. n.º 70, julho-agosto de 1984, Cultura, página 21, sobre Cornélio: "A maior dificuldade é a reedição de seus trabalhos.

No caso de sua discografia, apesar de se especular em torno de 108 discos gravados, até hoje se conseguiram recuperar 48 gravações. Num país onde inexiste o hábito de se arquivar informações para o futuro, muitos dos discos gravados por ele devem ter virado brinquedo na mão de crianças".

O que restou de Cornélio Pires são estudos sobre seus trabalhos feitos por folcloristas e amigos.

No caso estão as indigitadas músicas folclóricas: *Jorginho do Sertão* e *Moda do Peão*, que por descuido ou desconhecimento, as gravadoras atribuem a autoria ao folclorista Cornélio Pires, quando ele mesmo confessa tê-las conseguido através de suas pesquisas folclóricas diretas.

Das duplas de violeiros da Turma Caipira "Cornélio Pires", a que mais se destacou foi a dos irmãos *Mariano* (Mariano da Silva, nascido em Piracicaba no dia 19-1-1907 e falecido em São Paulo no dia 8-4-1969, aos 62 anos de idade) e *Caçula* (Aparecido da Silva Belo, nascido em Piracicaba no dia 16 de junho de 1911 e falecido em Olímpia no dia 28 de abril de 1972, aos 61 anos de idade). *Jorginho do Sertão* e *Moda do Peão* tornaram-se símbolos desse gênero musical, gravados, primeiramente, pelos pioneiros *Mariano* e *Caçula*. Mas Cornélio Pires não se limitou a recolher motivos folclóricos para suas apresentações ao vivo e para a sua série de gravações. Escreveu para o Mariano musicar os versos satíricos do "*Bonde Camarão*", que também teve a agradável oportunidade de gravar.

Antes de finalizar, quero agradecer a bondade sempre acolhedora do Prof. José Sant'anna pelo apoio maciço que vem dando aos meus trabalhos, e ao maestro Jônatas Manzolli.

### BIBLIOGRAFIA

- 1 — Revista Som do Sertão — Edição Especial de Contigo n.º 348-A, Editora Abril, sem data, nos artigos:
  - a — Quem não se lembra da moda da Mula Preta? — página 14.
  - b — O Bandeirante da Música Caipira, texto de Marcos Teixeira, páginas 16 e 17.
- 2 — Revista Som Verde — n.º 1, setembro de 1979, Som Verde Ltda., diretor responsável J. Natele Neto e redator Eduardo Leão — São Paulo, página 5.
- 3 — Folheto assinado por Ariovaldo Pires — Capitão Furtado — que acompanha o disco 50 Anos de Música Cabocla, lançado pela Gravações Elétricas S.A. (Discos Continental — São Paulo), em comemoração ao Cinquentenário da Música Caipira.
- 4 — Discoteca da Música Sertaneja, de Valdemar Balbo, Rua do Colibri, n.º 148, Conjunto Habitacional "Antônio José Trindade", Olímpia — SP.
- 5 — Biblioteca do Departamento de Folclore do Museu de História e Folclore "D. Maria Olímpia", de Olímpia — SP.

# Montaria

ANTÔNIO CLEMÊNCIO DA SILVA  
Departamento de Folclore — Olímpia

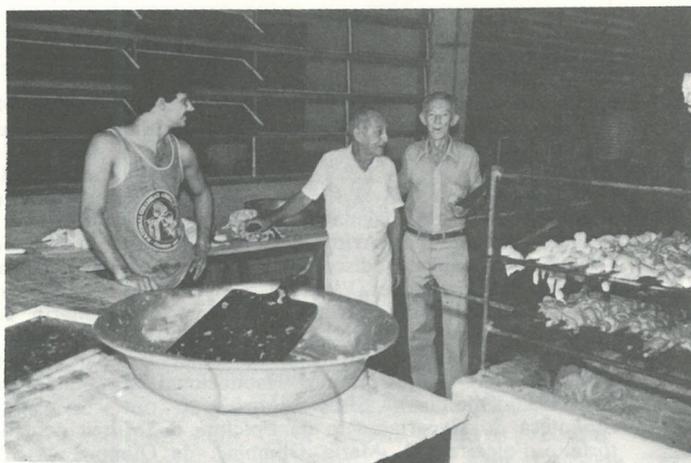
Nas fazendas de criatório, ou melhor, nas estâncias — denominação sulista que, aos poucos está dominando a região — ocorrem certas manifestações folclóricas de veras interessantes e de reais valores, dadas a espontaneidade. Nessas propriedades onde são criados não só bovinos, como ainda muares e cavalos, ocorrem em certas circunstâncias: vacinação, castração, marcação e curativos, verdadeiras festas entre os jovens filhos dos proprietários, do administrador e dos demais empregados da

fazenda — onde fica patente a força e o interesse da juventude. Isto ocorre em fins de semana, geralmente nas tardes de sábado ou nas manhãs de domingo.

É uma atividade voltada exclusivamente para os jovens, sobretudo adolescentes que sonham, bem colorido, com a realização do ideal que carregam, demonstrando força, valentia e coragem desmedidas. Eventualmente, pode ocorrer a presença de um adulto, porém, pouco depois dos vinte anos. Esse interesse tem início na pré-



adolescência e, em decorrência disso, começam a usar botas (de meio cano ou completas); chapéus de aba larga, lenço no pescoço, guaiaca; vestuários — camisas e calças — que lembram o vaqueiro; esporas e até carregam faca ou canivete, em certas situações. Procuram imitar, com todas as cores, dentro de nossa ótica, o peão de boiadeiro. Após a realização de qualquer uma das atividades enumeradas — vacinação, castração e curativos decorrentes — onde é demonstrada, com galhardia, a capacidade individual na lida com animais desse porte, por parte de cada um, ocorre a confraternização. É o momento de saborear o churrasquinho, uma galinhada ou uma leitoa à passarinho, preparada pela mãe de um dos integrantes do grupo, pela cozinheira da sede da fazenda, quando não, por eles próprios. A cachaça, quase sempre, está presente para alegrar ainda mais o ambiente.



Do começo da atividade até a confraternização, a alegria é contagiante. Muitos participam de verdadeiras touradas, enfezando novilhos com tecidos vermelhos, e naturalmente, defendendo-se da fúria dos animais. Outros montam em muares e cavalos semixucros. É natural que ocorram quedas. Mas tudo é festa e alegria. Quando um cai, serve de estímulo para outro tentar. Os menores montam em bezerros desmamados.

Sem sombra de dúvidas, essas atividades representam o embrião dos rodeios e festas de peões, hoje tão divulgados.

Essas festas passaram a ser comercializadas e com o tempo ficaram tradicionalizadas. Atualmente há até uma associação que sindicaliza peões de rodeio sem profissão, por iniciativa de Barretos — a coriféia do movimento — em 1980. Há de ressaltar que existem empresas especializadas na organização e realização desta modalidade de festa metafóclórica.

Tendo por base nossa região, é difícil o município que não promova, anualmente, um rodeio ou uma festa de peões de boiadeiro. Até mesmo certos distritos marcam presença neste mister. Isto sem contar, naturalmente, a

tradicionalíssima (pioneira) Festa do Peão de Boiadeiro, organizada pelo Clube dos Independentes, em Barretos, há três décadas consecutivas, sempre em agosto, logo após o término do nosso Festival do Folclore. Com esse evento, Barretos tornou-se conhecida internacionalmente, sendo a maior do gênero em toda a América Latina.

Em Olímpia — a Capital do Folclore — realizam esses torneios, até dois anualmente, denominados: Festival do Peão e Festa do Caubói (Cowboy). Preferimos grafar *caubói*, já aportuguesada, uma vez que, aos poucos, esta palavra está se integrando ao léxico da língua.

O distrito de Ribeiro dos Santos, neste Município, também promove, anualmente, a Festa do Peão.

## RODEIO EM OLÍMPIA

Os lidadores da faina pastoril encontram algumas formas tradicionais de recreação popular — o Rodeio.

*Rodeio* é um vocábulo que significa o trabalho que desempenha o homem que cuida da criação de gado bovino, como já dissemos, quando reúne os animais para contar, curar, marcar, dar ração, etc. *Gado*, na linguagem do povo se refere sempre ao bovino, mas sua aplicação é mais ampla. Há gado equino, asinino, caprino, ovino, suíno e outros. *Animal* é outra palavra que, na mesma linguagem, passa a referir-se ao equino ou asinino. Maior prova é, que qualquer pessoa, ao ser chamada de animal, irrita-se facilmente, pois entende que está sendo comparada a um burro. E nega-se ser animal, em qualquer acepção da palavra. *Criação* é sinônimo de animal. E animal é, popularmente, sinônimo para cavalo e burro. *Cavaleiro*, embora se derive de cavalo, é o homem que monta não só em cavalo, mas em quaisquer outros animais: burro, boi, cabrito, porco e até criança brincando com cavalinho-de-pau. *Peão*, no sentido figurado do termo é nome dado à pessoa que monta em animais, embora seu significado seja o de quem anda a pé. *Boiadeiro* deveria ser exclusivamente empregado à pessoa que lida com o gado bovino, mas seu significado se estende ainda para quem anda a cavalo.

O *Rodeio*, no Estado de São Paulo, é a doma festiva, é a oportunidade na qual os peões, domadores, peleadores, tropeiros, enfim, os que lidam e usam animais de montaria possam, publicamente, mostrar seus dotes e habilidades de bons e elegantes cavaleiros, capazes de permanecer cavalgando o animal xucro sobre seu lombo e sob aplausos ou apupos da assistência. *Doma* quer dizer, tornar-se senhor (dono do animal) que passará a obedecer às ordens do domador. E, para isso, são encilhados alguns burros e cavalos xucros e mesmo re-domões, para a domaço.

Hoje, o Rodeio se tornou um acontecimento notável, consagrador do peão de boiadeiro, dos domadores. O Rodeio é uma das formas de atrações populares praticado em geral logo após o término das longas caminhadas da comitiva que, depois de muitas "marchas" chega ao ponto da entrega da boiada.

O Rodeio da cidade em geral se inicia com o desfile dos participantes. Passeio a pé dos montadores, seguidos de outros, cavalgando animais, ricamente aperados, muito bem enjaezados e os cavaleiros vestidos a caráter.

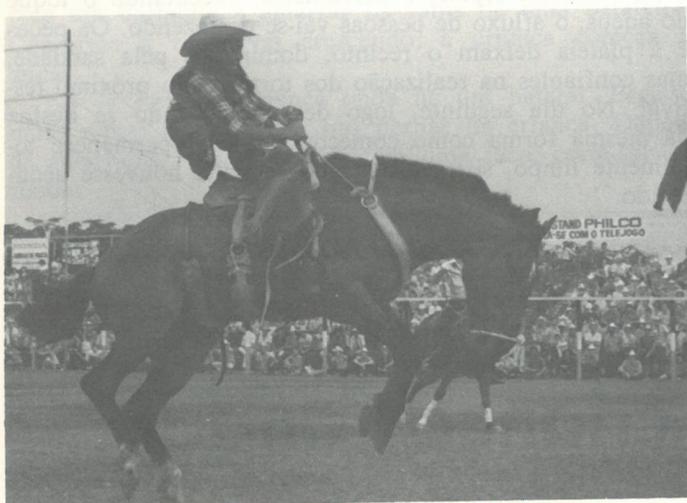
Os peões são muito vaidosos no que concerne ao traje. São elegantes e ágeis no andar. Chegam ao convencimento de que são os melhores, uns super-homens. Por isso a figura humana do peão nem sempre é bem retratada.

Mantendo-se firme no lombo do animal, apesar do perigo, ele é vivamente aplaudido pela platéia. Porém, quando não consegue parar, é vaiado com todas as forças dos presentes. De uma forma ou de outra, quem tem coragem de subir num quadrúpede xucro, no interior de um picadeiro, é um herói. O peão é corajoso e per-

suasivo para conquistar a vitória. É solidário com os colegas que sofrem revés, repartindo-lhes o prêmio a que fez jus, quando não há "indenização" a todos os montadores.

Seu traje é aprimorado. Usa calças de lona (ou de couro) colocadas sobre outras, geralmente de brim. Camisa lisa ou estampada, existindo grande preferência pelo xadrez. Botas de cano longo, lisos ou sanfonizados. Esporas de rosetas denticuladas. Cinturões com largas fivelas ou guaiacas. Lenços coloridos no pescoço, presos por pequenos cocos ou miniaturas de cabeça de boi. Chapéus de variados modelos, de abas largas, adornados com fita ou até mesmo penas coloridas e barbicachos para segurá-los à cabeça. Uns usam ainda munhequeiras de couro com ou sem ilhós. Outros carregam em cordões, no pescoço, medalhas de santos, cruzeiros, figas e até mesmo breve com orações poderosas. Isto denota a confiança à religião.

Os *animais* (cavaleiros e muare) recebem nomes designativos, como estes que recolhemos em nossos rodeios: Arruaceiro, Barreto, Breijinho, Brinquedo, Bronze, Cabana, Cancã, Cassino, Castelo, Castigo, Chuvisco, Coquetel, Desafio, Desenho, Dugão, Esquime, Estrela, Furão, Gato Preto, Poiano, Joari, Leviano, Maracaju, Marcante, Marimbondo, Nanuque, Nega Maluca, Pacoera, Palito, Pavão, Petróleo, Pintura de Guerra, Piqui, Pirapó, Relâmpago, Rojão, Roseta, Safira, Sergipe, Vai-que-é-mole, Venta Seca, Volta Seca e outros.

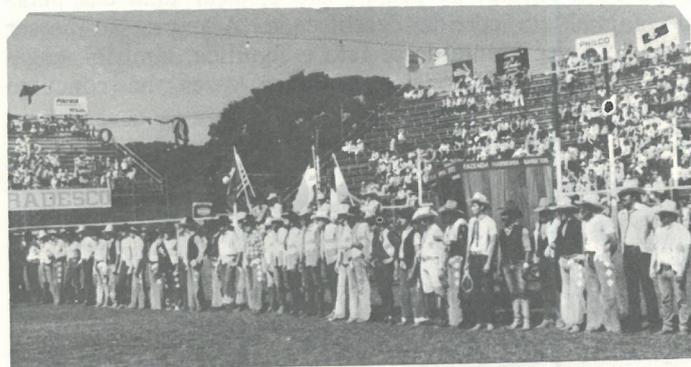


De *bois*, anotamos os nomes: Baiano, Bagrinho, Carotinho, Castelo, Fumanchu, Fuscão Preto, Paixão, Palácio, Sete-ouro, Teimoso, Vulcão Negro, Zóio Preto.



Também os *peões* são apelidados, na maioria dos casos pela platéia; outras vezes, por eles mesmos. Registramos: Bole-bole, Bombardeiro, Câmbio Negro, Cigano,

Diamante, Doquinha, Faísca, Furacão, Gaúcho, Gira Mundo, João do Pulo, Macujé, Maragato, Negrinho, Pulinho, Rio Branco, Romano, Safira, Sopro do Inferno, Tição Elétrico, Zé Pelado e outros.



O Festival do Peão, bem como a Festa do Caubói, de Olímpia, não têm recinto próprio, nem local determinado. Realizam-se aonde der certo. Terrenos baldios, não muito pequenos, podem sediá-los.

O recinto compõe-se de um picadeiro circular, metálico, com aberturas próprias para saída e entrada, do peão e do animal. Junto à área determinada para o encilhamento dos animais, acha-se instalado um palanque alto, onde se abrigam os membros da comissão julgadora, convidados especiais e o estúdio do serviço de alto-falantes. Este é dirigido por animador qualificado, habituado à tarefa.

As arquibancadas situam-se ao redor do picadeiro. Têm o formato circular. São desmontáveis, de madeira ou metálicas. No terreno do recinto, tanto internamente como pelo lado de fora, armam-se barracas para a venda de comestíveis e de bugigangas em geral.

Os montadores, por economia ou por gosto pessoal, preferem ser os próprios cozinheiros. Para tal função, instalam sua cozinha também no recinto da festa, usando fogão de lenha e fazendo constar do cardápio o feijão e o arroz tropeiros, torresmo de toucinho de porco, carne assada na chapa e outras guloseimas. O café, às vezes, é feito e servido à moda tropeira. Dormem no recinto, em redes armadas em postes ou sobre colchões, espalhados pelo chão.

Nas festas, a platéia consta de homens e mulheres, novos e velhos, de todas as classes sociais. Alguns procuram trajar-se a caráter.

Durante as montarias há horário destinado a outras atividades muito atraentes, como: mesa da amargura, pega do garrote, prova do leite, prova do xucro, futebol (boi e bola) e outras. São brincadeiras que provocam risos, distraem, divertem, mas se revestem, ao mesmo tempo, de alegria e perigo.

Realizam-se espetáculos culturais e artísticos: catira, fandango, violeiros, humoristas e outros.

Para alegrar ainda mais o ambiente festivo, são rodadas músicas que prestam louvores à Natureza, nas quais se destacam: o berrante, berranteiro, besta, boi, boiada, boiadeiro, burro, candeeiro, carreiro, carreteiro, carro de boi, cavalo, comitiva, doma, domador, égua, laço, mula, peão, toureiro, tropa, tropeiro, vaqueiro, vaquejada, etc. nos diferentes gêneros musicais (cateretê, cururu, moda-de-viola, pagode, toada, valsa e outros) nas vozes de conceituados artistas brasileiros.

O "Segura, peão!" ecoa aos ouvidos da platéia do início ao final da montaria, dominando, de modo contagiante, a mente de todos.

Não raro se apresentam alguns meninos que são bons cavaleiros, trajando-se à moda gaúcha, pois este é o traje preferido do nosso peãozinho: bombacha, bota sanfonada, sombreiro com barbicacho preso sob o queixo. O espetáculo consiste em demonstrações de perícia de laçar a pé ou a cavalo, de pealar, isto é, laçar uma das patas do animal em corrida desenfreada. A expressão passar o pealo é decorrente desse fato e significa, também, enganar alguém. Nos rodeios, algumas vezes, há concurso de berrante.



A eleição da rainha é uma constante. Ela é quem vai passar a coroa, cumprimentando os cavaleiros dispostos em fila indiana. Enquanto estes tiram o chapéu, estão saudando a platéia. Depois a rainha posta-se ao lado deles, na fila. Os peões tiram novamente o chapéu e fazem o Sinal da Cruz.

## REGISTRO HISTÓRICO

O primeiro Festival do Peão de Olímpia aconteceu em agosto de 1966, juntamente com o segundo Festival do Folclore. O local de sua realização foi o Campinho do Batata. Foi uma iniciativa de estudantes do então Colégio Estadual e Escola Normal "Capitão Narciso Bertolino", sob a liderança do jovem Eromir Urbano Sponchiado (Botiô) e contou com o apoio incondicional do Prof. José Sant'anna. Dois anos depois criou-se a Ordem dos Cavaleiros do Vale do Rio Grande — ORCAVALE — presidida pelo Sr. Alpidio Rossi que passou a comandar o Festival do Peão. Este até 1977 foi uma belíssima atração dentro do Festival do Folclore. De lá para cá, houve desmembramento, decorrente do crescimento de ambos. A partir daquela data, vem se destacando como organizador dos Festivais do Peão, o olimpense Saulo Correia da Cunha, considerado um dos mais eficientes juizes desse torneio em todo o território nacional.

Rodeio é festa de muita emoção, pois põe em perigo a vida do peão e a do animal. Montar é uma arte que exige dedicação total e coragem absoluta. Eis a razão de ser uma festa que desperta a atenção de toda a coletividade.

Após os quatro dias de espetáculos apaixonantes, a festa chega ao seu final.

Sob barulhenta saraivada de fogos de artifício são dados "vivas" aos vitoriosos, acompanhados de abraços e parabéns. A seguir, o berranteiro, executando o toque do adeus, o afluxo de pessoas vai-se desfazendo. Os peões e a platéia deixam o recinto, dominados pela saudade, mas confiantes na realização dos torneios do próximo festival. No dia seguinte, logo de manhã, tudo se desfaz da mesma forma como começou. O local permanece totalmente limpo, silencioso, como se nada houvesse acontecido.

---

# Simpatias para criança andar

AFRÂNIO SANTANA DE OLIVEIRA  
Departamento de Folclore — Olímpia

A palavra *simpatia* vem do grego: *sim* (com) e *patos* (paixão, sofrimento). O termo significa afinidade, atração entre dois seres.

Em magia, é o ato de atrair algo que se deseja, por meio de uma coisa semelhante ao que se deseja.

Para uns é crença infundada, presságio sem base. O sofrimento e o desespero levam as pessoas a crerem na eficácia das simpatias. A fé passa a ser uma confiança cega da vontade, um sentimento do coração.

A mãe ampara, a todo instante, o seu filhinho, e para este ela é seu universo. E em sendo assim, nas horas em que a criança precisa descansar, dormir, sempre resta um tempinho para que a mãe entoe uma cantiga de ninar, cantada com muita ternura e dolência, tornando a criança calma para adormecer. É o momento em que, através do sono, o filho se separa, por um tempinho, de sua mãe, quando esta é apenas do lar, não exercendo atividades fora dele. Os acalantos devem ser bem entoados, com textos adequados, embora as cantigas tradicionais, em sua maioria, às vezes, amedontram à criança: "Tutu marambá não venha mais cá/que o pai do menino te manda matá"; "Bicho-papão sai de cima do

telhado/deixa o menino dormir sossegado"; "Dorme nenê/que a cuca vem pegá"; "Boi da cara preta/pega este menino..."; etc.

A criança é muito delicadinha em tudo, dá muito trabalho e requer muita vigilância e, em conseqüência, a mãe, sozinha, não pode prestar toda a assistência e orientação ao filho. Ela se vê na situação de aceitar a ajuda de outras pessoas da família, de vizinhas ou mesmo de uma babá bem orientada.

Quando a criança atinge a idade de "engatinhar", é grande a preocupação da mãe para vê-la andar. Alguns nenês aos nove meses já estão andando. Outros só o fazem com um ano ou um ano e alguns meses. Cada criança tem o seu ritmo próprio de desenvolvimento. Mas quando a criança fica atrasada em relação a outras nesse aspecto, aí sim, que a coitada da mãe se desespera. A mãe quer vê-la passar da dependência total à autonomia dos movimentos próprios. Apoiado no amor, bate palma e repete, vezes sucessivas a lengalenga: "Dandá, dandá/Dandá pra ganhá tentém", estimulando o interesse do filhinho pelo primeiros passos. Nessa ocasião, oferece toda proteção e segurança ao pequeno, para que ele

não caia, não se machuque, não tenha medo de querer andar. A sensação de insegurança é grande, mas a mãe transmitirá o apoio e encorajamento, segurando-lhe as mãozinhas e amparando-a nos primeiros passos, para poder ingressar nessa nova fase do seu desenvolvimento.

Se por acaso o filhinho retardar um pouco para equilibrar-se, ficar em pé sem apoio, a mãe treina-o dia por dia, para que ele comece a caminhar. Como não existe remédio para antecipar a época de andar, a mãe, ansiosa, ou mesmo temerosa de alguns defeitos que possam impossibilitá-lo, aumenta-lhe a preocupação. Recorre, então, à prática de toda e qualquer "simpatia" que sabe ou que lhe é ensinada por amigas, na certeza de que nela está a solução para o problema.

Ouvimos os depoimentos de muitas mães e os registramos para publicação, porque não constituem um relato de um quadro morto, mas uma narração viva, ainda largamente praticada nos dias de hoje.

As *simpatias* são como uma poesia, uma cantiga agradável, a satisfação de uma fome. É preciso compreender o alcance espiritual do fenômeno para analisá-lo do único ângulo certo: o da inteligência do coração, o do poder da fé. E não o da inteligência da razão.

1 — Levar, em três sextas-feiras, a criança em uma leira de batata. Pôr a criança no chão. Escolher uma das ramas mais viçosas e bater, levemente, nas perninhas da criança, dizendo: Anda nenê, anda nenê, anda nenê. Mas isso terá que ser feito antes do sol se pôr.

2 — Tirar a medida do joelho aos pés da criança com um barbante e amarrar na rama de uma batateira. Conforme a rama vai crescendo, a criança começa a andar.

3 — Levar a criança onde há um batatal. Pega-se umas ramas e as amarra nas pernas da criança. Depois de amarradas, uma senhora, com uma faca, corta-as, dizendo:

— Que se corta?

A mãe da criança responde:

— O medo.

Faz-se isso três vezes, em três sextas-feiras.

4 — Pega-se uma rama de batata e faz-se uma argola, colocando a criança dentro dela. Pega-se um machado e repita essas palavras, três vezes, cortando a argola da rama da batata:

— O que eu corto?

Outra pessoa responde:

— Medo.

— É isso mesmo que eu corto.

5 — Mata-se uma galinha preta, retira-se as penas e ferva-as. Dê banho na criança com essa água, três vezes, em três sextas-feiras seguidas. A carne desta galinha não pode ser comida. Deverá ser enterrada.

6 — Pegue uma galinha preta e a depena. Põe-se as penas a ferver e, com a água, dar banho nas pernas da criança. Faça três vezes a simpatia, isto é, em três dias.

7 — Mata-se uma galinha preta. Escalde-a para depená-la. Esfriar a água e lavar as pernas da criança. Faz-se em 3 sextas-feiras seguidas.

8 — Mata-se um frango preto e com a água, no qual ele foi lavado, banha-se as pernas da criança durante três sextas-feiras seguidas.

9 — Mata-se um frango, corta-o em pedaços e põe-os numa vasilha com água. Retira-se os pedaços de carne e banha as pernas da criança com a água ensanguentada. A carne não será aproveitada.

10 — Matar um frango e passar os pés dele nas covinhas das pernas da criança.

11 — Passar os pintinhos que acabam de nascer, do joelho aos pés da criança.

12 — Tirar a medida da perna de um cabrito, do joelho para baixo, e amarrar a medida na perna da criança.

13 — Pega-se linha de carretel e tira-se a medida da grossura da perna de um cabrito e a amarra na perna da criança. A argolinha não pode ser retirada, tem que deixá-la cair sozinha. Basta fazer uma só vez, numa sexta-feira, e quando a argolinha cair, a criança andar.

14 — Ferventa-se a perna de um veado. Deixar esfriar a água e lavar as pernas da criança. Três sextas-feiras seguidas.

15 — Quando uma pessoa for viajar a cavalo, deve-se pegar a criança e passá-la dentro das rédeas.

16 — Pegar um formigueiro, de formigas lava-pés, e pô-lo numa bacia com água fervente. Depois deixar a água mornar e dar banho na criança, da cintura para baixo.

17 — Em três sextas-feiras, esfregar um ovinho de aranha na covinha de uma das pernas da criança.

18 — Colhe-se ovos de aranha e esfregue-os nas juntas das pernas da criança, durante 3 sextas-feiras.

19 — Fazer três círculos com cipó-de-são-joão. Colocá-los na porta da cozinha e pôr dentro dele a criança. Uma outra pessoa com um machado, pergunta à mãe da criança que a segura:

— O que corto?

A mãe responde:

— O medo.

A outra afirma:

— Assim mesmo eu corto.

E corta três vezes o primeiro círculo. Depois, leva a criança, andando apoiada, até a porta da sala e a outra pessoa acompanha com o machado, levando os outros círculos de cipó. Põe-se a criança dentro do círculo de cipó e repete a mesma coisa. Depois volta-se novamente para a porta da cozinha e faz a mesma coisa com o terceiro círculo.

20 — Faz-se uma coroa, enrolando o cipó-de-são-joão como se fosse corda. Põe-se a coroa no chão e a mãe passa a criança dentro dela três vezes, dizendo:

— O que passa?

— O medo. (Responde uma outra pessoa.)

21 — Pegue um punhado de cipó-de-são-joão e faça uma rodilha. Põe a criança dentro da roda e pegue uma faca e corta a roda de cipó em três pedaços. A mãe da criança perguntará:

— O que eu corto?

A outra pessoa responderá.

— Medo.

— Assim mesmo é que eu corto.

Em cada cortada do cipó é que diz estas palavras.

22 — Fazer um círculo com cipó-de-são-joão. Duas pessoas, uma à frente com a criança e a outra acompanhando-as.

A da frente corta o cipó com um machado e diz:

— O que eu corto?

A outra responde:

— O medo de fulano (o nome completo da criança).

Repetir 3 vezes.

23 — Pegar um cipó-de-são-joão ou ramo de chuchu. Fazer uma rodilha de três voltas. Passar três vezes a rodilha na criança e na terceira (a criança dentro da rodilha). Uma pessoa pega um machado e pergunta:

— O que eu corto?

— O outra pessoa responde:

— Medo.

Repetir três vezes e em cada vez dar três cortes no cipó.

24 — Com cipó-de-são-joão faz-se uma rodilha de três voltas. Põe-se a criança dentro da rodilha e tira-a em seguida. Depois, apanha-se um machado e faz-se a pergunta:

— O que eu corto?

A pessoa responde:

— Medo de (citar o nome da criança).

Repetir três vezes.

25 — Faz-se círculo de cipó-de-são-joão. Coloca-se a criança no centro deste círculo.

O benzedor pergunta:

— O que corto?

A acompanhante da criança diz:

— Medo.

O benzedor responde:

— Então eu corto.

E dá um pique no cipó com o machado. E assim se procede por três vezes. Logo a criança estará andando.

26 — Faça três laços de cipó-de-são-joão. Põe-se um laço na porta da sala e a criança dentro dele. Corta-se o cipó com um machado, dizendo:

— Corto o medo do (fulano).

Dar uma volta na casa com a criança. Volta-se à porta e põe a criança dentro do segundo laço de cipó e faça a mesma coisa. E com o terceiro laço também a mesma coisa.

27 — Na primeira sexta-feira da Lua Quarto Minguante faz-se um círculo de cipó-de-são-joão no meio da porta da cozinha e coloca-se a criança dentro. Em seguida corta-se o cipó com uma faca e diz:

— O que eu corto?

A outra responde:

— O medo de fulano (nome da criança).

A outra responde:

— Está cortado.

28 — Faz-se uma rodilha de cipó-de-são-joão. Coloca a criança dentro dela. Uma pessoa corta o cipó com o machado, dizendo:

— O que eu corto?

A mãe responde:

— O medo.

Três vezes.

29 — Passar a criança por uma porta fazendo-a andar. Após a criança ter passado pela porta, uma outra pessoa coloca um pedaço de cipó-de-são-joão no chão por onde ela passou e pergunta:

— O que eu corto?

A outra responde:

— O medo.

A outra pessoa, com um machado ou faca, diz:

— É o medo mesmo que eu corto. E dá um pique no cipó.

Repete-se isso três vezes, uma em cada porta. E, em cada porta, um novo pedaço de cipó-de-são-joão.

30 — Uma pessoa faz a criança andar, enquanto que outra pega o cipó-de-são-joão e faz um círculo e põe a criança dentro dele. Outra pessoa, com uma tesoura, ergue o cipó e dá três cortes em forma de cruz, dizendo, em cada vez que o cortar:

— Anda sem medo.

Repete-se três vezes.

31 — Em três sextas-feiras levar a criança onde há um cocho de ração dos animais. Pôr a criança em pé dentro do cocho. Fazer a criança andar, segurando-a pela mão. Completando a primeira caminhada, pegar a criança no colo e levá-la para iniciar a segunda. E assim, até completar a terceira caminhada no cocho. "Há criança que consegue andar antes de completar a simpatia".

32 — Pôr sal no cocho dos animais e dar três voltas com a criança em torno dele.

33 — Levar a criança, durante três sextas-feiras, a dar 3 voltas num cocho onde se põe comida aos animais.

34 — Fazer a criança andar em cocho onde se põe a ração aos animais, dando três voltas. A cada volta, pergunta-se:

— O que corto?

Uma outra pessoa responde:

— O medo.

Repetir em três sextas-feiras.

35 — Levar a criança três sextas-feiras a um cocho onde se coloca sal para o gado e fazer a criança andar nele enquanto se faz a pergunta:

— Que eu corto?

Uma pessoa responderá:

— Medo.

— Isto mesmo eu corto.

E fazer um pique com um machado, levemente, dentro do cocho. Repetir três vezes.

36 — Na primeira sexta-feira da Lua Minguante, faz a criança andar 3 vezes dentro de um cocho, dizendo-lhe:

— Fulano, você vai em Roma e volta andando.

37 — Pôr a criança dentro de um cocho com sal, fazendo-a andar, com o auxílio de uma pessoa (mãe, madrinha...)

Repetir a simpatia durante três sextas-feiras seguidas.

38 — Uma pessoa faz a criança andar no cocho, enquanto que a outra com um machado, pergunta:

— O que eu corto?

A mãe responde:

— O medo de (fulano).

Depois de dar volta dentro do cocho, põe-se a criança no chão e diz:

— Corto medo e corto o rastro de (fulano).

Então a que está com o machado, corta o rastro da criança. Três vezes a mesma coisa.

39 — Em três sextas-feiras, à hora do pôr-do-sol, fazer a criança dar três voltas num cocho de animais, dizendo: O sol levará o teu medo.

40 — Põe sal no cocho do gado e faz a criança andar em cima do sal. Uma outra pessoa, com um machado, diz:

— O que eu corto?

— Medo (responde a mãe).

Abandona-se o local e deixa o sal para o gado comer.

Repete-se em nove sextas-feiras. E em cada sexta-feira três vezes.

41 — Fazer a criança andar dentro do cocho onde os animais comem o sal, três sextas-feiras.



42 — Passar com a criança em três portas encarrilhadas. Uma pessoa leva a criança pelos braços e a outra a acompanha com um machado na mão.

A que está com o machado, pergunta:

— O que eu corto?

A que está com a criança, responde:

— Medo.

— Medo eu corto.

Dar três batidas leves, no chão, com o machado, cada vez que passar uma porta.

43 — Uma pessoa segura a criança no chão, na porta da sala, enquanto que a outra com um machado pergunta:

— O que eu corto?

A outra responde:

— Corto o medo do fulano.

A que está com o machado diz:

— Será cortado. E cortando 3 vezes, pergunta-se 3 vezes também.

Depois rodeia a casa com a criança, rezando 3 Ave-marias e 1 Pai-nosso.

44 — A mãe, apoiando a criança, coloca-a numa porta, e a faz andar em direção à segunda porta. Uma outra pessoa, com um machado, acompanha e faz a pergunta:

— O que eu corto?

A mãe responde:

— Medo.

— Medo eu corto, batendo o machado, em forma de cruz, no local onde a criança pisou. Completa-se após ter passado três portas. Repetir a simpatia durante três sextas-feiras.

45 — Põe a criança na porta da cozinha e ande com ela para dentro da casa. Encosta-se a faca no rosto da criança, três vezes, dizendo:

— O que eu corto? (pergunta a mãe da criança)

A outra pessoa responde:

— Medo.

— Assim mesmo é que eu corto.

46 — Leve a criança a uma encruzilhada e faça com que ela ande fazendo uma cruz, três vezes. Uma mulher segue atrás, dizendo:

— Que corta?

E vai cortando, com uma faca, os rastros da criança.

A mãe, responde:

— O medo.

Faça-se isso em três sextas-feiras.

47 — Amarra-se um cipó na perna da criança. A mãe, levando-a pela mão, dá uma volta em torno da casa, enquanto outra pessoa vai atrás com um machado. Em cada canto, corta-se um pedaço do cipó e faz-se a pergunta:

— O que eu corto?

E a mãe responde:

— Medo de (fulano).

Repete-se em três cantos da casa, durante três sextas-feiras.

48 — Numa sexta-feira, dar 3 voltas com a criança ao redor da casa, fazendo-a andar.

Em três cantos da casa pára e diz:

— O que eu corto?

A mãe responderá:

— O medo de *fulano* (nome completo da criança).

49 — No dia de São João, duas pessoas, uma à frente, apoiando a criança e outra seguindo atrás, darão volta em torno da casa. A que apóia a criança diz:

— O que eu corto?

A outra responde:

— O medo de *fulano* (o nome completo da criança).

50 — Em três sextas-feiras, a última vez saindo pela porta. Coloca-se a criança em pé, no canto da casa e a mãe a segura. Em frente à criança, pôr seis ramos de batata-doce, no chão. A madrinha, ou qualquer outra pessoa da família, pergunta à mãe:

— O que eu corto?

A mãe responde:

— O medo de (fulano), para andar.

Realizar em três sextas-feiras. Cada sexta-feira em um canto da casa.

51 — Coloca-se uma boa quantidade de cinza no rabo do fogão. Depois a mãe coloca os pés da criança em cima do monte de cinza, deixando ficar o sinal dos seus pés. A seguir faz-se uma cruz, com uma faca, dizendo:

— Que eu corto?

A mãe da criança responde:

— O medo do fulano.

Faz-se isso em três sextas-feiras seguidas.

52 — Faz-se um arco com um cipó-de-são-joão. Passa-se a criança por dentro desse aro. Então, uma pessoa, com um machado na mão, corta o cipó, dizendo:

— O que eu corto?

Responde a outra pessoa:

— Medo de (e menciona o nome da criança).

Repete-se esta simpatia 3 vezes, em sextas-feiras.

53 — Em uma sexta-feira, segura-se a criança por ambas as mãos e ajudando-a a dar alguns passos, deixam-se as marcas dos pés da criança na areia. (Qualquer pessoa pode segurar a criança).

Atrás, à medida que a criança dá os primeiros passos, uma outra pessoa, com um machado na mão, faz uma cruz sobre as marcas dos pés da criança, deixadas na areia, dizendo:

— O que corto?

— Medo de (fulano), responde a pessoa que a segura.

Repete-se isto 3 vezes.

54 — A casa tem que ter três portas seguidas. Pegue a criança e um machado. Dê uma volta ao redor da casa e entra na primeira porta que tem que ser a da cozinha. Bater com o machado no chão, dizendo:

— O que eu corto? (pergunta a mãe da criança).

Uma outra pessoa responde:

— Medo.

— Assim mesmo eu corto.

Bater o machado no chão outra vez, saindo pela porta da sala. Repete-se isso três vezes.

55 — Faça um caminho de cinza e põe a criança para andar sobre ele. Com o machado, cortar o rastro da criança, em cruz, dizendo:

— O que eu corto?

— O medo do (fulano).

Faça em três sextas-feiras.

56 — Num dia de sexta-feira, segurar a criança pelas mãos, dizendo-lhe:

— Vamos à missa?

Outra pessoa acompanha, varrendo por onde a criança passar. Ao atravessar a porta, o lixo será varrido entre as perninhas da criança. É preciso que sejam atravessadas três portas e que a simpatia se repita em três sextas-feiras.

57 — Tomar a criança pelos dois bracinhos e sair pela porta da sala, dizendo: Vamos à missa? Dar três voltas ao redor da casa e entrar pela porta da cozinha.

58 — Num domingo, de manhã, entrar com a criança pela porta da sala. Ao passar a porta da sala diz-se para a criança: Vamos à missa?

Depois, atravessar mais duas portas, fazendo a mesma pergunta à criança. Três vezes. Realizá-la em três domingos.

59 — Pôr a criança, em pé, na porta da cozinha e dizer:

— Fulano, vamos à missa?

Dar voltas ao redor da casa e entrar pela porta da sala.

Repetir durante três domingos seguidos.

60 — Três domingos seguidos a mãe, com a criança, andar em torno da casa e fará esta pergunta à criança:

— Vamos à missa?

Uma outra pessoa vai atrás, com uma vassoura, varrendo o chão de atravessado e formulando a pergunta:

— O que eu corto?

A mãe diz:

— O medo.

A outra torna a dizer:

— Eu mesmo corto. E faz uma cruz no chão com a vassoura. Assim até terminar a volta em torno da casa.

61 — Pôr a criança, em pé, na porta da cozinha e dizer:

— Fulano, vamos à missa?

Dar voltas ao redor da casa e entrar pela porta da sala.

Repetir durante três domingos seguidos.

62 — Numa manhã de domingo, à hora da missa, a mãe põe a criança à sua frente e, segurando-a pela mão, diz-lhe:

— (Fulano), vamos à missa?

Fazer a criança dar três passos, segurando-a pelas mãos e levantando-a ao ar. Inicia-se na porta da sala, passa-se pela do meio e termina na porta da cozinha, sempre fazendo o convite à criança, e fazendo-a dar 3 passos e levantando-a ao ar.

63 — Tomar a criança pelos dois bracinhos e sair pela porta da sala, dizendo: Vamos à missa?

Dar três voltas em redor da casa e entrar pela porta da cozinha.

64 — Faz-se uma argolinha de cipó-de-são-joão, com 9 voltas. Pega-se a criança no colo, põe a argolinha encostada nas pernas da criança, e dá-se três voltas em redor da casa, dizendo:

— Vamos à missa, (fulano), mas vamos andando.

Isto tem que ser feito numa sexta-feira.

Ao terminar, jogue a argolinha para trás e não deixe a criança voltar-se.

65 — Quando o sino da igreja bater para a missa (domingo) chamar a criança para ir à missa e dar três voltas ao redor de casa.

66 — Levar a criança a uma casa que tenha três portas e que a última seja saída para fora. Uma pessoa segue segurando a criança pelos braços e uma outra a acompanha com uma palha de milho e uma tesoura.

A pessoa que está com a palha, pergunta:

— O que eu corto?

— A que está com a criança, responde:

— O medo de (fulano).

Então, a pessoa que está com a palha, corta-lhe um pedaço, mas não a atira ao chão. Depois que passar a última porta, joga os pedaços da palha para trás. Fazer a simpatia em três sextas-feiras.

67 — Amarrar três palhas de milho, emendadas uma às outras, nos pezinhos da criança, fazendo-as andar.

Vai cortando três vezes o nó, com uma faca ou um machado.

68 — Fazer nove nós com palha de milho, emendando uma à outra. Uma pessoa vai segurando a criança e à medida que esta vai andando, a outra vai cortando os nós com o machado.

A pessoa que vai cortando os nós, diz:

— O que eu corto?

A que está segurando a criança, responde:

— O medo de (nome completo da criança).

Repete-se isso até serem cortados os nove nós.

69 — Faz-se três rodilhas de palha de milho e coloca-se uma em cada porta: da sala, do meio e da cozinha.

Põe-se a criança dentro da rodilha. Uma pessoa, portando uma tesoura, pergunta:

— O que eu corto?

A mãe da criança responde:

— Medo de (fulano).

— Assim mesmo eu corto.

E assim procede-se nas duas portas restantes. Faz-se isto em três sextas-feiras.

70 — Põe-se a criança perto do pilão. Depois com a mão-do-pilão soca-se três vezes, e diz:

— O que eu soco?

— O medo, responde outra pessoa.

Repete 3 dias seguidos.

71 — Na primeira sexta-feira de Lua Minguante, pega a criança e finge que a soca 3 vezes no pilão, dizendo:

— Fulano, você vai em Roma e volta andando.

72 — A mãe põe e tira a criança dentro de um pilão, três vezes, depois desce-a ao chão fazendo-a andar.

73 — Três sextas-feiras de Lua Quarto Crescente, colocar a criança dentro do pilão e levantá-la novamente, como se estivesse socando arroz. Repetir a simpatia 3 vezes e em três sextas-feiras.

74 — Em 3 sextas-feiras, levar a criança junto de um pilão. A pessoa que estiver com a criança, pergunta:

— O que eu soco?

— A mãe da criança responde:

— Medo.

— E a outra dirá:

— Assim que eu soco.

Repetir 3 vezes.

75 — Para criança aprender a andar, fingir que está socando-a no pilão, três sextas-feiras seguidas.

76 — Pegar a criança e simular socá-la no pilão, 3 vezes, com os pés para baixo.

77 — Pegue a criança e a coloque nove vezes dentro do pilão, dizendo:

— O que eu corto? (pergunta a mãe da criança)

Uma outra pessoa responde:

— Medo bravo.

— Assim mesmo eu corto.

78 — A mãe da criança pega-a pelas mãozinhas, fazendo-a andar ao redor da casa. Outra pessoa, com uma vassoura, vai varrendo por onde ela passar. Chegando em cada canto da casa, diz:

— Que o medo de andar desapareça.

E a mãe reza, baixinho, uma oração preferida.

79 — Uma pessoa varre a casa, jogando o cisco nas perninhas da criança, enquanto uma outra a faz andar.

Na porta da cozinha, põe a criança dentro de uma bacia, junto com o cisco. Depois leva a bacia para o quintal, tira a criança e joga fora o cisco.

80 — Numa casa onde houver 3 portas, uma pessoa vem com a criança andando e a outra com a vassoura varrendo. Esta pessoa pergunta:

— O que eu varro?

A pessoa que está com a criança, diz:

— Medo.

A varredora responde:

— Assim mesmo que eu varro.

81 — Na segunda, quarta e sexta-feira fazer a criança (ajudada pelas mãozinhas) a dar três voltas em torno da casa.

Uma outra pessoa segue e, com uma vassoura, vai varrendo o local por onde a criança passar.

A varredora pergunta:

— O que eu varro?

A condutora da criança, responde:

— Medo (de fulano).

Repetir três vezes.

82 — À hora em que o sol esconder-se, uma mulher de nome Maria, sairá com uma vassoura em direção ao sol, abrindo caminho e chamando a criança pelo nome. A mãe da criança, apoiando-a, a fará seguir pela estrada aberta. A simpatia se repetirá em três sextas-feiras.

# Laticínios Flor da Nata Ltda.



Produtos "Flor da Nata"

Escritório Administrativo:

RUA PEDROSO ALVARENGA, 1245 — 9.º ANDAR  
FONES: 852-2300 — 852-2722 — 852-2811 (DDD - 011)

ITAIM

04 531 — SÃO PAULO — SP

"As comemorações que em agosto se realizam em todo o País, através das mais variadas formas, inclusive das projeções dessa sabedoria, mostram que o Brasil, nessa ânsia de integração, busca realizá-la estudando o modo de ser de sua gente, nas suas expressões rudimentares, nelas perscrutando os traços fundamentais da sua psicologia, da sua ação e da sua continuidade."

(RENATO ALMEIDA)

## LATICÍNIOS "FLOR DA NATA"

**Olímpia para o Brasil**

RUA AMÉRICO BRASILIENSE, 939 e 957

FONES: 81-1148 e 81-1220 (DDD - 0172)

15 400 — OLÍMPIA — SP



## Indústria e Comércio Walfredo Ltda.

**SUPERMERCADOS ZUCCA-SERV**

FILIAIS: Olímpia, Barretos, Jaboticabal, Bebedouro,  
Guaraci, Araraquara, Tabapuã, Guaira e São Paulo.

"Assim como o hinário se enriquece com as canções tipicamente de inspiração brasileira, assim os símbolos sagrados recebem também, no culto à nacionalidade, a contribuição valiosa das tradições, especialmente do folclore e da arte popular. No primitivismo não há formas preconcebidas: é a alma que se revela em impulsos e instintos de criação".

(CELSO KELLY)

## SUPERMERCADOS ZUCCA-SERV

**O prazer de servir**

Escritório e Depósito Central:

AVENIDA MÁRIO VIEIRA MARCONDES, 177/141/109

FONES: (0172) 81-1073

81-1250

15 400 - OLÍMPIA - SP

83 — Pegar a criança pelas mãos, no canto da casa. Outra pessoa vai varrendo atrás dos pés da criança e pergunta à pessoa que a está levando:

— O que eu varro?

A pessoa responde:

— O medo de (diz o nome da criança).

Dando a volta 3 vezes pela casa, termina onde começou a primeira volta. Três sextas-feiras.

84 — A mãe faz a criança dar 3 passos e outra pessoa varre 3 vezes atrás, dizendo:

— O que eu corto?

A mãe responde:

— O medo de (fulano)

A outra pessoa confirma.

— Assim mesmo que eu corto.

85 — Varrer em 3 portas, fazendo o lixo passar por debaixo das pernas da criança. Jogar o lixo sem que a criança o veja.

86 — A mãe, com a criança, a fará dar volta na casa. Outra pessoa, com uma vassoura varrerá atrás da criança dizendo:

— O que eu varro?

A mãe dirá:

— O medo.

A outra pessoa dirá:

— O medo será varrido.

Deixa-se um canto de casa sem varrer. Dar três voltas e em três sextas-feiras.

87 — Dar três voltas dentro de uma casa, cujos cômodos se interliguem por portas: uma casa cuja cozinha possua uma porta que dê para a sala, da sala para um quarto, deste quarto para o outro. A pessoa que acompanha a criança irá na frente, seguida por outra que varrerá o local, dizendo:

— O que é que eu varro?

A que conduz a criança responde:

— Medo.

Fazer a simpatia durante três sextas-feiras seguidas.

88 — Em três sextas-feiras varrer o lixo de todos os cômodos da casa, fazendo com que a criança, ajudada por alguém, caminhe à frente.

89 — Dar uma volta ao redor da casa, varrendo atrás da criança. Depois joga o lixo na rua, tendo se a criança na frente. Volta-se pelo mesmo lugar andando, não deixando a criança olhar para trás.

90 — Num dia de sexta-feira, segura-se a criança pelos braços, entrando pela porta da cozinha para dentro da casa. Em cada porta por onde passar, recita-se a estrofe:

Hoje é sexta-feira,

Sexta-feira é,

O (fulano) vai andar.

Com Jesus, Maria e José.

Dá-se uma volta ao redor da casa. Repete-se três vezes a simpatia.

91 — Em três sábados seguidos, pôr a criança nos cantos da casa e em cada canto, dizer:

Hoje é sábado,

Sábado é,

Vou pôr fulano de pé

Que Nossa Senhora Aparecida qué.

92 — Numa noite de luar, a mãe com o filho no colo sairá ao terreiro e dirá:

Lua, luá

Até você i e vortá

O (fulano) vai andá.

Diz-se isto em três sextas-feiras seguidas.

93 — Fazer a criança dar três pulinhos, segurando-a e chamá-la pelo nome.

Repetir isso 3 vezes.

94 — Senta-se a criança no chão e ao seu redor coloque oito cascas de ovos, só abertas nas pontinhas.

Ao lado ficam quatro mulheres, formando um quadrado, em torno da criança.

A primeira pergunta para a segunda:

— O que faremos?

A segunda mulher responde:

— O medo de andar será morto.

Após terem falado, saem do lugar e as outras duas passam no lugar das anteriores e rezam uma Ave-maria, enquanto que a outra pega duas cascas de ovos e enchendo-as de água, jogam-nas sobre os pezinhos da criança.

95 — Fazer a criança caminhar em três cantos da casa, três sexta-feira seguidas.

96 — Passar espuma quente de lenha nas pernas da criança.

97 — Numa Sexta-feira da Paixão, a mãe coloca o filho num cesto (de pão, de frutas ou mesmo de roupa) e carregando uma vasilha, visitará a casa de três famílias, de preferência à hora do almoço. Em cada casa que visitar, a mãe dirá:

— Me dá um pouquinho de comida para essa criança andar.

Coloca-se aquele pouco de comida na vasilha, e visita as outras duas casas, sempre dizendo a mesma coisa e reunindo as comidas numa só vasilha.

Chegando em casa, mistura-se bem as comidas e dê para a criança comer, o tanto que ela aceitar. A sobra será jogada em água corrente.

98 — Fazer no chão uma coroa com cipó-rastejante. Põe-se a criança dentro. Com um facão, cortar três vezes a coroa, dizendo em cada vez: (Fulano), eu te corto o medo.

99 — Fazer uma criança andar em volta da casa, três vezes. Uma outra pessoa vai atrás cortando com um machado os rastos que ela deixar.

100 — Vestir a calça do pai na criança e andar três vezes ao redor da casa.

101 — No sábado da aleluia, às 10 horas, pega-se a criança e segurando-a pelos braços, põe os pés dela no chão e sai arrastando-a de modo que forme um trilho no chão.

102 — No sábado da aleluia, às 10 horas, quando tanger o sino da igreja, a mãe pega a criança pelos braçinhos e sai andando. Atravessa a rua três vezes. Vai e volta.

103 — Toma-se uma tira de pano virgem, bonito. Amarra-se no tornozelo esquerdo da criança. A mãe toma-a pelos braços na porta da sala, conduzindo-a para dentro de casa.

A madrinha, que acompanha com um machado, pergunta:

— O que eu corto?

A mãe responde:

— Medo.

E bate-se o machado no pedaço de pano. Passa-se em três portas, repetindo-se sempre a mesma coisa. Após a simpatia, atira-se o pano numa encruzilhada.

## COMENTÁRIOS

Algumas dessas simpatias, embora parecidas, diferem entre si em pequeninos pontos. Após uma análise, o leitor perceberá o relacionamento que há entre o que se pretende (criança andar) e os meios empregados para a sua obtenção: cortar o medo, cortando-se o cipó com faca, tesoura, machado... A utilização de frango, cabrito, aranha e outros animais, pela esperteza que eles têm. Outros recursos: sexta-feira, números, orações, etc. também se explicam.

Uma simpatia engraçada e quase que impossível também aparece: vestir as calças do pai na criança e forçá-la a andar.

As de número 36 e 71 talvez sejam o resultado da mistura de conteúdos, muito comum na aprendizagem oral.

#### AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos às informantes, todas olímpenses, que nos transmitiram seus conhecimentos sobre simpatias para criança andar. Coleta: 1969.

- 1 — D. Albertina Batista, 70 anos, 11, 20, 43, 67).
- 2 — D. Alice dos Santos, 56 anos (2, 12, 27, 32, 37, 48, 59, 61, 72, 79, 91). 3 — D. Antônia da Silva Estêvão, 56 anos (1, 18, 25, 52, 80). 4 — D. Antônia Pícoli, 62 anos (5, 13, 47, 64). 5 — D. Eleonora Garcia, 62 anos (19, 38, 70, 84, 100). 6 — D. Élide Minári, 65 anos (86, 92, 96). 7 — D. Helena Palmiéri, 86 anos (7, 50, 66). 8 — D. Isolina Pires, 45 anos (4, 41, 53, 58, 99). 9 — D. Joana Rita de Jesus, 58 anos (3, 6, 14, 21, 45). 10 — D. Julieta Zanaica, 65 anos (28, 46, 101). 11 — D. Luzia de Almeida, 67 anos (36, 71, 75, 83). 12 — D. Maria Alves Patrocínio, 89 anos (10, 76, 98). 13 — D. Maria Aparecida Golo Gemente, 33 anos (26, 55, 57, 63). 14 — D. Maria Basso de Carvalho, 56 anos (54, 77, 95). 15 — D. Maria Conceição Zuim Lazarin, 42 anos (74, 87, 90). 16 — D. Maria da Conceição Basso, 56 anos (8, 17, 103). 17 — D. Maria de Oliveira,

68 anos (22, 29, 30, 49, 60, 68, 73, 78, 93, 94). 18 — D. Maria Nicolina Hipólito, 70 anos (9, 15, 102). 19 — D. Maria Ramos, 53 anos (23, 35, 40, 56). 20 — D. Narcisa Batista de Miranda, 49 anos (16, 33, 39, 97). 21 — D. Nadir Alves Hayashida, 22 anos (42, 85, 89). 22 — D. Rosa Dias, 58 anos (69, 82, 88). 23 — D. Rosa Pereira dos Santos, 56 anos (31, 44, 62, 65). 24 — D. Teresinha Batista Henrique Teixeira, 35 anos (24, 34, 51, 81).

O espírito da *simpatia* — força misteriosa que mantém o confronto moral tão necessário à psiquê — força original que é um halo de fé e de esperança tombado da cabeça reflexiva da mãe sobre a vida de seu filho, ontem, como hoje, é o amor. E para sempre será o amor. O amor e a fé vencem tudo. Coisas belas e puras do nosso folclore.

Do folclore brasileiro, produto de uma miscigenação, muito bem conceituada pelo nosso confrade Prof. José Sant'anna: "O folclore representa a soma de tudo quanto o povo faz: seja certo ou errado, e disso resulta a sua verdadeira psicologia. É ciência controversa e divergente. O fenômeno folclórico modifica-se sempre, mas traz em sua essência valores que persistem para a eternidade. Por isso, deve ser pesquisado e estudado com amor, para ser devidamente valorizado, depois de afastada a parte inaproveitável."

## Faça figa, boba!

MEIRE IRÂNI

Departamento de Folclore — Olímpia

É muito comum nosso povo utilizar-se de *amuletos* e outros apetrechos próprios das religiões puramente feitiçistas. Entretanto, a religião católica, embora não se enquadrando no rol dessas religiões, muitos de seus adeptos têm inculcado no espírito o uso desses apetrechos.

Que se utilizem todos esses objetos, ainda estamos de acordo, porém, o que não podemos conceber, é que eles sejam encarados como coisas divinas, depositando-lhes uma fé exagerada e sem fundamento, o que acarretaria voltarmos novamente ao culto pagão das divindades.

Mas quem pode dominar a vontade do povo?

Certas pessoas depositam uma confiança irrestrita em patuás, amuletos, etc., quando se trata de magia e a finalidade é unicamente uma questão material, isto é, para dar sorte em negócios, etc. E tudo isso por obediência à superstição. Mas acredito que a humanidade jamais deixará de acreditar nessas coisas, porque a grande influência que esses objetos exercem no subconsciente das pessoas, transforma-lhes, por completo, o seu modo de pensar e agir.

A palavra *amuleto* vem da língua latina "amuletum", do verbo *amolire*, afastar. O amuleto é representado por uma medalha ou objeto semelhante, que as pessoas trazem consigo, por superstição, e ao qual lhe atribuem a virtude do afastamento de malefícios, doenças, olhogordo. Ao amuleto são atribuídos poderes mágicos. Por isso, as pessoas o carregam para ter sorte ou afastar o azar.

Foram os povos caldeus, egípcios e persas, os primeiros a introduzirem a crença nos amuletos, desde tem-

pos imemoriais. Também os judeus os usavam, com as mais variadas interpretações.

Os amuletos consistiam na representação em forma de figuras, de deuses. Da mesma forma, gregos e romanos conceberam o uso de amuletos, devido talvez às relações que travaram com os povos asiáticos.

Segundo a história das religiões, o uso dos amuletos teve larga repercussão durante a Idade Média, na qual quase todas as religiões cristãs deles se utilizavam. Embora condenados pela igreja católica, não deixaram inúmeros católicos de alicerçar a crença nos amuletos.

É preciso não confundir amuleto com talismã, pois o talismã não se traz intimamente ligado à própria pessoa, tal como se dá com o amuleto. Aquele, segundo certas crenças, possui uma virtude mais intensa. Segundo alguns, o amuleto pode afastar os perigos, as doenças e até mesmo evitar a morte de quem o possui, ao passo que o talismã, além desses mesmos dotes, possui o poder de atacar os inimigos, ou afastá-los definitivamente.

Dentre os amuletos que se usam até hoje, destaca-se a *figa*. Figa é palavra de origem latina: *ficus*, *figa*, é a mão humana, em que o polegar está colocado entre o indicador e o médio.

"É uma representação do ato sexual, em que o polegar é o órgão masculino e o indicador e o médio o triângulo feminino. O símbolo da reprodução anula as influências negativas da esterilidade, adversas à vida."

"Outro tipo comum da figa é a *mão cornuda*, "mano cornuta", feita pela mão em forma de chifre, na qual os dedos indicador e mínimo ficam estendidos paralelamente e os demais dobrados. A mão cornuda reflete os cornos, atributos da potência viril, voltados às forças

da criação e reprodução." É muito conhecida contra mau-olhado, feitiçaria, acidentes.

"A figa contra a jetatura, o fascínio, é amuleto itifálico, ligado ao culto obsceno."

Segundo Câmara Cascudo, em Dicionário do Folclore Brasileiro, a origem africana das figas é insustentável. Proveio de cultos orgiásticos, especialmente nas ilhas do Mediterrâneo, radicando-se em Roma, onde se irradiou.

#### Mau-Olhado

Segundo a crendice popular o *mau-olhado* produz o quebranto. É feitiço, doença causada por olhares maus, tanto por inveja, como por maldade, podendo ser causada, inconscientemente, sobre coisas, animais ou pessoas.

Este mal é atribuído a certas pessoas invejosas que têm nos olhos a força do mal, provocando desgraça. São pessoas de *olho-gordo*, *olho-comprido* ou *olho-forte*.

Ninguém sabe como começou essa crença, mas sabe-se que ela é muito antiga e difundida no mundo.

Qual um dos melhores meios para evitar o mau-olhado?

A figa é conhecida em diversos países e tida por muito povos como poderosa causa mágica e medicinal. É um dos mais antigos amuletos contra o mau-olhado e usada pelo povo para afastar males, doenças. Esconjura o mal, o contratempo, a inveja e provoca os bons fados. É preservativo de malefícios.

#### Matéria das Figas

As figas são confeccionadas nas mais variadas matérias. São dos mais diversos acabamentos. Também há muitos tamanhos.

Encontramos figas de: barro (ex-voto), cera (ex-voto), madeira (ex-voto ou anuladora de males); cerâmica, bronze (adorno), osso, plástico, prata, platina, pedra sabão, ouro, marfim, azeviche, coquilho, coral, etc. As pessoas de situação financeira privilegiada, preferem-nas em ouro ou marfim. Algumas figas são bem trabalhadas: de unhas polidas, ponteagudas, com anéis, pulseiras e até com babado de renda na manga.

O uso de figa dessa ou daquela matéria impõe um significado místico que o povo costuma dar, pelo o que representa valor. Dessa forma, além do significado simbólico, cada figa, de acordo com a matéria, tem a sua influência mágica. Assim, a de *azeviche* tem o poder de afastar aparições, a de *coral* protege da desventura e da doença, a de *esmeralda* dá a alegria; a de *ouro*, por ser metal duradouro e de muito brilho, é propiciadora de felicidade total. E prosseguem as figas, de outras matérias, contando seus poderes e magia.

#### Madeira para Figas

A crença popular no "poder" de uma figa chega a ser fantástica. O senhor Pio Osório de Menezes, de Olímpia, 1978, fabricava, a mão, com o auxílio de um formão, martelo e canivete, belas figas de madeira, dessas que são colocadas atrás da porta principal da casa. Mas, tinha a preocupação de escolher a madeira, dizendo que nem todas serviam para esse trabalho. A madeira precisa ter alguma virtude, capaz de propiciar o bem, dar proteção, afastar as novidades, coisas feitas, inhaca, lebreia, macacoa, mandiga e quizumba, dizia ele. Para isso, a madeira só poderia ser cortada num dia de sexta-feira de Lua Quarto Minguante. Sexta-feira por ser dia prodigioso para afastar males e, Quarto Minguante, para a madeira não carunchar. Dizia também que o trabalho para a confecção de figas só podia ser realizado em período diurno, à luz do Sol, em local aberto, para que a figa fosse eficaz, isto é, propiciatória de "poderes" e não tivesse interferência maligna nenhuma. Dentre as madeiras escolhidas pelo Sr. Pio, estavam: acácia, bálsamo, ca-

feiro, cajueiro, carvalho, cedro, cerejeira, cipreste, figueira, jabuticabeira, laranjeira, loureiro, limoeiro, mangueira, oliveira, paineira, pereira, pitangueira, salgueiro, sucupira e outras.

Algumas dessas árvores são consideradas sagradas, por isso mesmo eficientes e protetoras, servindo algumas como símbolos: paz, vitória, riqueza, etc.

#### Figas e Cores

As cores são observadas e empregadas sob vários aspectos. Para melhor explicar, vamos dizer sobre o simbolismo das cores em relação à figa, segundo nossos informantes, porque de acordo com a cor é a sua atuação:

**Alaranjada:** Não permite a separação entre casais. Representa a iluminação espiritual.

**Amarela:** Aviva a memória. É indício de fidelidade, lealdade.

**Azul:** Torna a pessoa pura. Possibilita recordações. Proporciona casamento às mulheres.

**Branca:** Anula todos e quaisquer fluidos nocivos. Significa pureza, verdade. Atrai dinheiro. Proporciona paz espiritual, vitória.

**Cinza:** Garante a salvação da alma. Evita a morte por homicídio.

**Marrom:** Serve para dar vigor à pessoa. Concede saúde.

**Preta:** A pessoa alcança o que deseja.

**Rosa:** Não deixa esquecer a pessoa amada. Significa recordação. Proporciona casamento aos homens.

**Roxa:** Garante vida longa. Firma o amor e a verdade.

**Verde:** Favorece os negócios e casos amorosos. Por ser a cor da arruda é também a cor da esperança, e do amor.

**Vermelha:** Dá boa sorte e traz alegria. Torna a pessoa corajosa. Dá força moral.

#### O Uso da Figa

As pessoas usam-na em geral pendurada ao pescoço e a sua principal aplicação é contra o mau-olhado.

Até uma quadrilha folclórica fala de seus efeitos:

"Pra livrar-se da inveja,  
Mau-olhado, coisa antiga,  
Coisa feita, urucubaca,  
Carregue sempre uma figa."

A figa anula os efeitos do mau-olhado e evita o portador de olhar forte, aquele que tem magnetismo nos olhos.

Caprichosamente usada para afastar o perigo dos malefícios, aparece como jóia, broche ou penduricalho para correntes ou chaveiros.

É muito comum encontrá-la com:

**Crianças:** Em correntes, cordões de chupeta, pulseiras, nas roupinhas, do lado esquerdo.

**Homens:** Relógios de pulsos, correntes, carteiras-de-dinheiro, carteiras de documentos, bolsos, chaveiros de carros, abotoaduras de camisas, prendedores (alfinetes) de gravatas.

**Mulheres:** Correntes, bolsas, carteiras, chaveiros, broches.

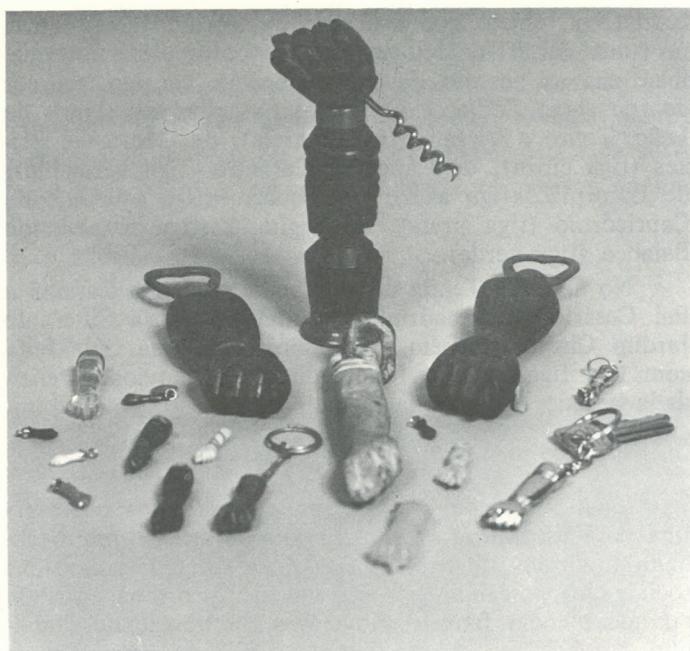
**Em casa:** Atrás de portas da sala, gavetas de armários, enfeites de peças: cômodas, estantes; paredes, abridores de garrafas (saca-rolhas). Aparecem ainda desenhadas.

**Em igrejas:** Nas salas de ex-votos.

**Em terreiros de Umbanda:** Nos altares (gongás).

**Na escola:** Em estojos, nas ponteiras de lápis.

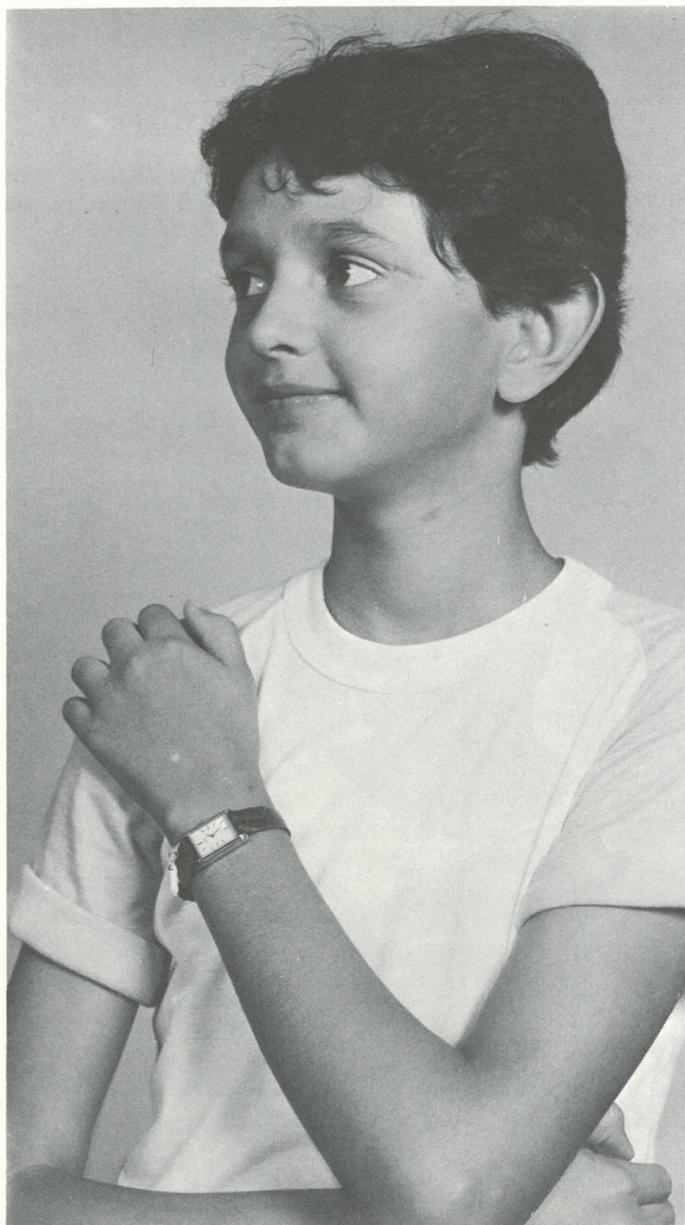
**No cárcere:** Tatuagens, geralmente aplicadas nos braços e no peito.



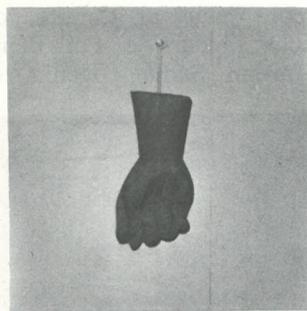
Figas e objetos com figas



Figa na corrente — (Sandra Perpétua Cardoso)



Figa no relógio — (Márcio Eugênio Diniz)



Figa atrás da porta

#### *Crendices*

As pessoas impressionadas têm a tendência de não acreditar em coincidência e interpretam todo fato como portador de sinal. Eis algumas crendices sobre a figa:

- 1 — Carregar uma figa, mesmo como berloque (enfeite, balangandã ou ornamento), traz sorte para a pessoa. Serve de proteção. Evita o caborje.
- 2 — Carregar uma figa na corrente de pescoço, proporciona a realização de bons negócios.
- 3 — Dependurar uma figa na pulseira de uma criança, evitará o quebranto. Se for menino, a figa deverá ser de cor azul e se menina, cor-de-rosa.
- 4 — A presença de uma figa vermelha no altar de um terreiro de Umbanda (gongá, peji) auxilia na realização de bons trabalhos para o paciente. Elimi-

na os maus fluidos, as influências malélicas e a infelicidade que se junta ao consulente. Evita o lili.

- 5 — A presença de uma figa vermelha ou preta no oratório das benzedeiças, serve para ajudar a expulsar os males da pessoa benzida, principalmente de crianças.
- 6 — É bom carregar uma figa branca na carteira de dinheiro, para que este nunca falte à pessoa.
- 7 — A moça que deseja arranjar namorado deverá carregar, ocultamente, no corpo, uma figa de cor azul.
- 8 — O mesmo deverá fazer o moço que procura namorada, porém, a figa terá que ser de cor rosa.
- 9 — Dependurar uma figa de madeira de tamanho grande, em cor natural, atrás da porta da sala, evita todos os males (mau-olhado, inveja) tanto para a família quanto para as plantas do jardim e dos animais domésticos. Auxilia também na boa fabricação de doces caseiros e até de sabões. A porta de entrada da casa é a escolhida para prender amuletos, lugar venerado há tantos séculos e por tantas raças diversas. A porta é lugar cheio de encantamentos e de forças de possível atuação do bem ou do mal. A honra da casa está na sua porta.
- 10 — Uma figa de aço guardada na gaveta de um móvel do quarto, servirá para afugentar as tentações diabólicas.
- 11 — A crença popular aconselha que quem perder uma figa não deve procurá-la, pois leva consigo todo o mal que deveria cair sobre o seu dono.
- 12 — As figas guardadas em armários atraem dinheiro.
- 13 — As figas achadas são ótimas como mascote, isto é, trazem boa sorte.
- 14 — As figas que se racham ou se partem ao meio, significam que o acontecimento se deu pela força do quebranto.

#### *Figa e Umbanda*

Segundo o babaloxá, Sr. Valdomiro Lima de Aragão, conhecido por Valdemar Canuto, do Terreiro de Umbanda "Caboclo Jaguaré e Pai Benedito da Cruz Vermelha", do Jardim Santa Ifigênia, de Olímpia, o



zogo (figa, objeto que é dotado de força mágica) figura no *roncó* (altar) de seu terreiro nas cores preta e vermelha, mas as pessoas devem carregá-las consigo, na cor do seu signo Zodiaco. Assim, os nascidos nos signos de Leão, Touro e Virgem (figa amarela); de Gêmeos e Peixes (figa cinza); de Câncer e Carneiro (figa vermelha); de Escorpião (figa azul); de Aquário (figa branca); de Capricórnio (figa preta); de Sagitário (figa roxa) e de Balança (figa verde).

No altar da Tenda de Umbanda "Caboclo Caramã e Pai Cesário", da madrinha Jesuína de Sousa Silva, do Jardim Cisoto, também de Olímpia, há uma cruz feita com três figas com a finalidade de proporcionar felicidade a todo povo umbandista.

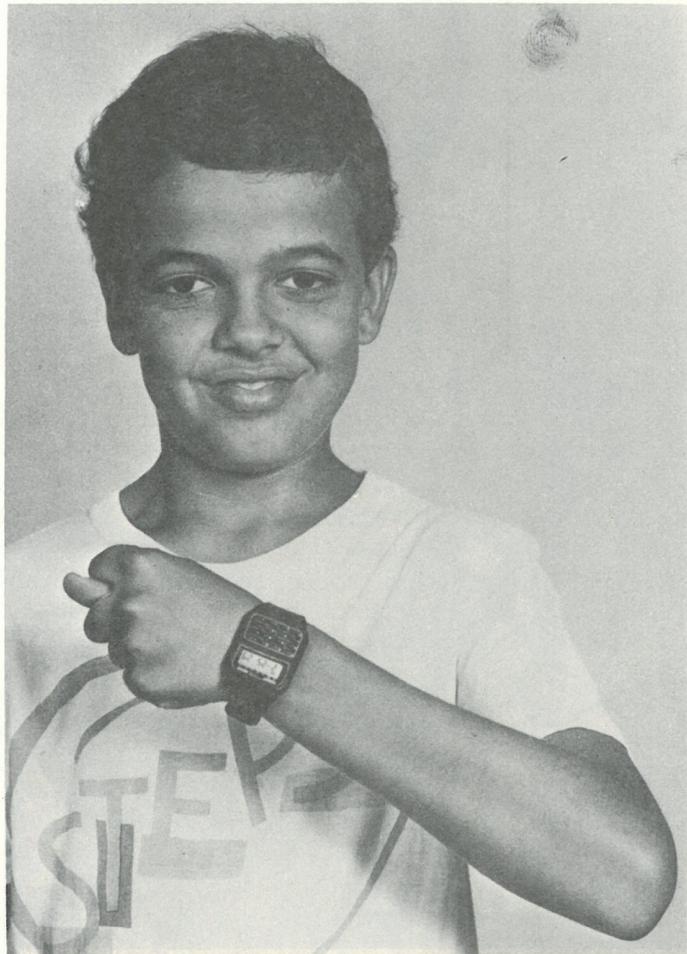
#### *Figa Com a Mão*

Sinal feito com a mão, pondo os dedos como na figa para esconjurar ou repelir: Esconjuro! É muito comum ouvirmos de pessoas das mais diferentes camadas sociais, ao passarem por alguém de quem não gostem ou que tenham fama de invejosos, pronunciando, baixinho, fazendo, ao mesmo tempo, uma figa com a mão: (Eu te desconjuro! Tesconjuro ou Esconjuro!) Que o mal que me deseja caia em você! Que a praga de urubu caia no teu joelho! Cruz-credo! Cruz-em-credo!

Outras pessoas, mais supersticiosas ainda, fazem a figa com a mão esquerda e dizem, em voz baixa, três vezes esta oração, em forma de quadrinha:

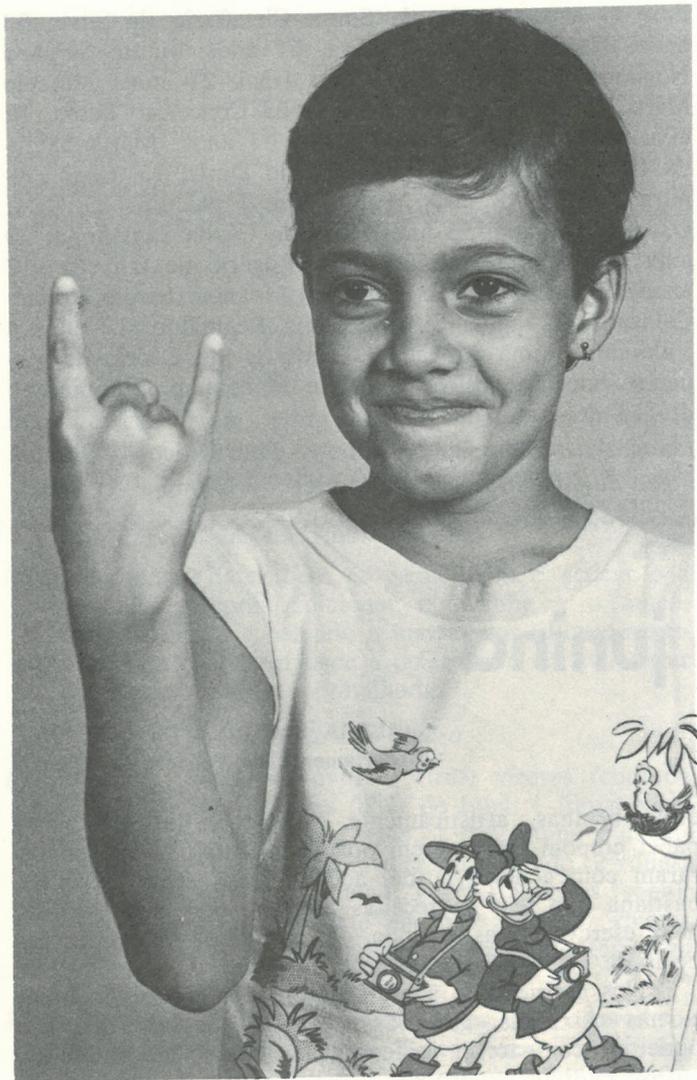
Com um olho eu te vejo,  
Com dois eu te espanto,  
Com a graça de Deus  
E do Divino Espírito Santo. Amém!

Deve-se fazer figa com a mão esquerda contra os inimigos, porque o lado esquerdo é o do infortúnio, da desgraça, da miséria.



Rogério de Oliveira

Ou a mão cornuda, figa feita pela mão em forma de um chifre, para isso estendendo-se os dedos indicador e mínimo em forma paralela, enquanto os demais ficam fechados. Obtém-se assim um poderoso amuleto contra o mau-olhado, peso ou feitiço. No Brasil esta figa serve para isolar, isto é, serve para afastar os perigos do malefício.



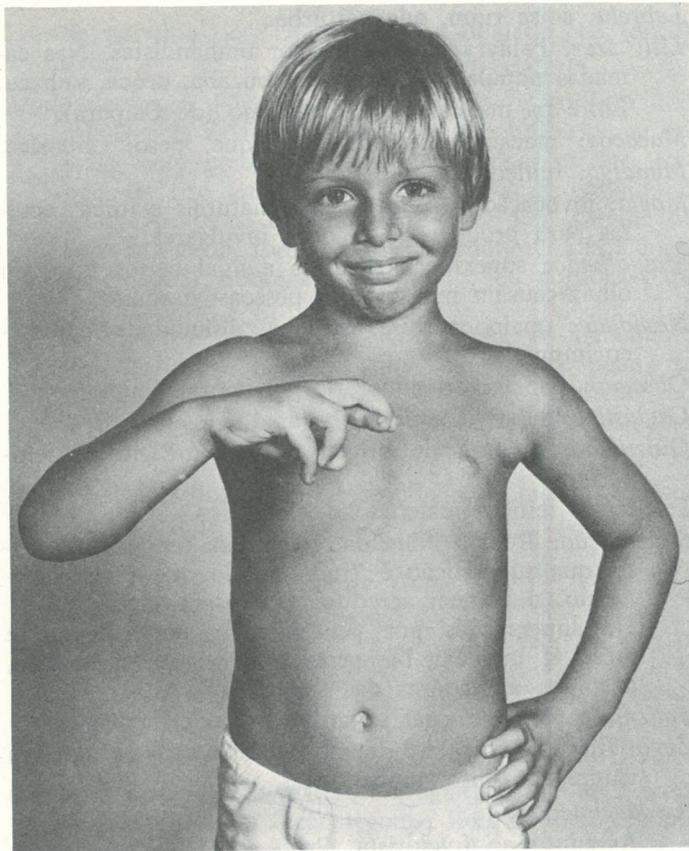
Anali de Oliveira

#### Figa Cruzada

Modernamente está sendo difundido entre nós outro tipo de figa: a figa que convenciamos chamar de cruzada. Sabemos ser largamente empregada nos Estados Unidos da América do Norte.

O dedo médio se superpõe ao dedo indicador, ficando os demais unidos nas pontas. Esta figa também evita o perigo, o sortilégio e traz sorte ao agente. É muito empregada por crianças e jovens em seus brincados escolares: Beijinho, Desconta-no-outro, Mandraque, Metadinha, Rapela, etc.

Ilustra o assunto o menino Gustavo Dornelas Inácio, de 5 anos, residente em Olímpia.



Há muito mais coisas a serem pesquisadas e recolhidas a respeito da figa.

É como nos ensina a Prof.<sup>a</sup> Palmira Marcelina Degásperi Rodrigues: "Folclore é a mais pura expressão do saber ingênuo, do temor gratuito, da arte singela, zelosamente preservados na memória e no cotidiano de um povo".

O povo aprende muito, recebendo informações que passam a dar crédito, porque confiam nelas, ou por um simples temor. E é por esta razão que, passeando com amigas principalmente, e avistando uma pessoa adversária ou conhecida como invejosa, ouvimos sempre o pedido de uma delas: *Faça figa, boba!*

#### Elucidário

**Amuleto:** é o que se usa para afastar o azar, a magia negra, o mau-olhado, ou como proteção contra doenças, roubos e calamidades parecidas.

**Caborje:** ação atribuída a bruxas.

**Credence:** é o crédito que muita gente dá a coisas falsas e absurdas, decorrentes da ignorância.

**Coisa-feita:** bruxaria, feitiçaria.

**Crédulo:** é a pessoa de boa fé e ingênua que acredita em todas as tolices.

**Cruz-credo:** traduz repulsa e é pronunciado para evitar e afugentar os males. Diz-se também cruz-em-credo.

**Encanto:** feitiço, malefício, encantamento.

**Enguiço:** quebranto, mau-olhado, falta de sorte, azar.

**Fascínio:** encantamento, feitiço.

**Feitiçaria:** utilização de poderes mágicos para fazer o mal.

**Inhaca:** forma variante de unhaca, iaca, indisposição, azar, caiporismo, má-sorte.

**Itifálico:** referente ao falo, órgão genital masculino, que era levado nas procissões de Baco. Falo ereto que figurava em certas festas entre os gregos. Amuleto em forma de falo.

**Jetatura:** palavra de origem italiana (iettatura): mau-olhado, azar.

**Lebreia:** coisa ruim, que perturba.

**Lili:** azar. Palavra empregada por umbandistas. Nas camadas populares ouvimos urubucaba, uruca, unhaca. Entre os mais cultos, caiporismo (de Caipora).

**Macacoa:** macaca, doencinha, achaque, peso, caiporice.

**Mandiga:** feitiço.

**Magia:** invocação de poderes sobrenaturais e forças ocultas para produzir fenômenos invulgares.

**Mau-olhado:** superstição segundo a qual certos tipos de olhar causam má sorte às pessoas visadas.

**Novidade:** qualquer coisa estranha, dificuldade, embaraço imprevisto.

**Obsceno:** que fere o pudor, torpe, imoral, impudico.

**Orgiástico:** relativo à orgia, bacanal.

**Quizumba:** palavra de origem africana. Significa feitiçaria.

**Sortilégio:** feitiço; malefício de feitiçeiro.

**Superstição:** Renato Almeida, folclorista renomado, ensina que superstição é "tudo aquilo que sem fundamento, o homem acredita apenas por medo."

Há superstições por pensamentos, por palavras e atos. E também há pessoas que, por precaução, usam os anuladores das superstições.

**Talismã:** objeto ao qual se atribuem poderes mágicos.

**Zogo:** figa, objeto que é dotado de força mágica. Palavra empregada entre umbandistas.

#### Agradecimento

Agradeço ao folclorista, Prof. José Sant'anna, pela orientação dada na realização deste trabalho.

#### Bibliografia

Cascudo, Luís da Câmara — Dicionário do Folclore Brasileiro — A — I — Coleção Dicionários Especializados — 3, Instituto Nacional do Livro — MEC — 1972, páginas 374 e 375.

#### Informantes

Pesquisas realizadas em 1986: Anali de Oliveira, 8 anos; Carla Luciana dos Santos, 10 anos; Crislaine de Fátima Maldo, 12 anos; Dulcinéia de Almeida Borges, 15 anos; Eliana Aparecida Soares, 15 anos; Eliana Aparecida Lopes, 11 anos; Fábio Andrei Zocoler Lopes, 12 anos; Fátima Maria Cabral, 13 anos; Hélio Minari Filho, 34 anos; Isaura de Sousa Clemêncio da Silva, 58 anos; Jesuína de Sousa Silva, 61 anos; Judite Santana Nogueira, 60 anos; Júlio César Irâni, 24 anos; Marcelo Marco Cabrelli, 14 anos; Maria da Conceição Basso, 72 anos; Maria Marcolina de Jesus, 67 anos; Maria Santana Irâni, 46 anos; Márcio Eugênio Diniz, 13 anos; Palmira Moreli, 42 anos; Paulo José Franchini, 13 anos; Osvaldo Santana, 53 anos; Rita de Cássia Sant'Anna, 20 anos; Riolando Irâni, 50 anos; Rogério de Oliveira, 12 anos; Sandra Perpétua Cardoso, 14 anos; Sérgio Roldan Calazans, 22 anos; Sílvia Rosana Reginaldo, 12 anos e Valdomiro Lima Aragão, 39 anos. E Pio Osório de Menezes, falecido aos 65 anos de idade, em Olímpia, no dia 15 de junho de 1980.

**Fotografias:** Hélio Garcia Filho — Foto Quico — Olímpia  
**Figas de Madeira:** Edson Moriel — Olímpia

## Cozinha junina

ALZIRA SANT'ANA DE OLIVEIRA  
Departamento de Folclore — Olímpia

As festas juninas em Olímpia são comemoradas com muito entusiasmo. São verdadeiros espetáculos de amor e fé, principalmente as de São João — o padroeiro da cidade. Nas festas de São João, chamadas joaninas, a comemoração é mais completa, embora os outros santos caipiras também recebam seus louvores. Uma fogueira, foguetório, terço e cafezinho de confraternização sempre acontecem na véspera do dia de Santo Antônio e São Pedro.

Participando de festas joaninas, chamou-me a atenção a que é organizada pelo senhor Francisco Batista de Carvalho, residente numa pequena chácara, onde principia a Rua Eugênio Storto, na Vila Mouco, em Olímpia. Dona Sebastiana Narciso, sua esposa, cuida, com muita dedicação, dos afazeres relacionados às quitandas, às bebidas e aos doces que serão servidos na noite da festa.

Em dias que antecedem a realização do terço, a família já armazena os ingredientes que serão usados na feitura das guloseimas. Alguns são produzidos em sua chácara, outros são ganhos dos devotos do santo e outros são comprados.

Dona Sebastiana é uma senhora de 75 anos, não possui instrução escolar, mas é extraordinária cozinheira. Possui muitos recursos auxiliares de uma boa cozinha: gamelas, colheres de pau, pilões, tachos, panelões, forno e fogão caipiras.

É auxiliada pelos membros da família e também pelas vizinhas que são prestimosas colaboradoras nos trabalhos domésticos.

Além das quitandas, doces e bebidas próprios da festa, e que obedecem a uma tradição popular, ainda dispõe de tempo para confeccionar cartuchos, caixinhas

e sombrinhas, artisticamente montados, de cartolina e papel crepom, para serem doados às famílias que cooperaram com gêneros (fubá, açúcar, leite, etc.). Dona Sebastiana não tem as receitas escritas, pois não sabe ler nem escrever, mas é dona de prodigiosa memória. Sabe-as de cor e não se esquece de nada.

Nos cartuchos e sombrinhas são colocados docinhos e, nas caixinhas, quitandas, para as pessoas que não puderam comparecer à festa, por motivo de saúde ou outros motivos quaisquer.



Acompanhei o trabalho de dona Sebastiana antes e no dia da festa de São João do ano de 1983 e, como registro de seu amor às coisas da religião, às quitandas brasileiras e ao próximo, deixo aqui suas *receitas* impressas, as quais, com o avanço da tecnologia, um dia, por certo, desaparecerão.

No dia de Santo Antônio, assim como no dia de São Pedro, seu Chico e Dona Sebastiana, realizam uma festa mais simples: acendem fogueira, levantam o mastro, estouram fogos de artifício, rezam o terço e oferecem aos participantes uma chocolateada, acompanhada de bolo que leva o nome do Santo.

Mas no dia de São João as coisas mudam de figura e a festança ganha proporções gigantescas. Sortes, adivinhas, banho no rio, simpatias, poesias, violeiros, cate-retê e muitas outras atrações fazem parte da programação da festa do "precursor".

E é quando se soltam buscapés, acendem a fogueira, rezam o terço, erguem o mastro, enfim, quando festejam o badalado São João, o cheirinho gostoso das quitandas e doces inspiram-nos, ainda mais, a revivermos o clima da festa.

A pipoca, herança dos selvagens — maior contribuição do brasileiro à cozinha mundial — faz, obrigatoriamente, parte dos festejos joaninos, assim como o amendoim assado na vagem ou o amendoim descascado e torrado, a batata-doce e a mandioca assadas nas brasas da fogueira.

## RECEITAS

### QUITANDAS

#### *Bolo de Santo Antônio*

**Ingredientes:** 1 (um) prato raso de amendoim torrado e moído. 4 (quatro) ovos. 2 (duas) xícaras (chá) de açúcar. 1 (uma) colher (sopa) de manteiga. 4 (quatro) colheres (sopa) de farinha de trigo. 1 (uma) colher (chá) de fermento em pó.

**Modo de fazer:** Bater bem as gemas com o açúcar e a manteiga. Depois adicionar a farinha e o amendoim. Continuar batendo a massa. Por último, acrescentar as claras em neve e o fermento em pó. Assar em forma untada e polvilhada.

#### *Bolo de São Pedro*

**Ingredientes:** 4 (quatro) ovos. 3 (três) xícaras (chá) de açúcar. 3 (três) xícaras (chá) de fubá. 1 (uma) xícara (chá) de farinha de trigo. 1 1/2 (uma e meia) xícara (chá) de amendoim torrado e moído. 2 (duas) colheres (sopa) de manteiga. 3 (três) colheres (sopa), bem cheias, de chocolate em pó. 2 (duas) xícaras (chá) de leite. 1 (uma) colher (sopa) de fermento em pó.

**Modo de fazer:** Bater primeiramente os ovos. Acrescentar os outros ingredientes. Bater bem. Por último, adicionar o fermento em pó. Assar em forma untada.

#### *Bolo de São João*

**Ingredientes:** 6 (seis) xícaras (chá) de farinha de trigo. 2 (duas) xícaras (chá) de açúcar. 6 (seis) colheres (sopa) de chocolate em pó. 2 (duas) colheres (sopa) de manteiga. 2 (duas) colheres (chá) de cravo moído. 2 (duas) xícaras (chá) de mel. 2 (duas) xícaras (chá) de leite. 2 (duas) colheres (café) de bicarbonato, dissolvido em 2 (duas) colheres (sopa) de água quente.

**Modo de fazer:** Bater todos os ingredientes, de preferência, na batedeira. Pôr para assar em forma untada com manteiga e farinha.

**Nota importante:** D. Sebastiana nos informou de que no bolo de São João é obrigatório o uso de mel, porque ele se alimentava quase que à base de mel silvestre.

#### *Biscoito Chimango*

**Ingredientes:** 2 (dois) pratos (sopa) de água. 1 (um) prato (sopa) de gordura de porco. Sal, o suficiente. 2 (dois) pratos (sopa) de polvilho doce. 1 (um) copo

de polvilho doce. 1 (um) copo de leite. 12 (doze) ovos.

**Modo de fazer:** Pôr para ferver a água, a gordura e o sal. Depois de fervidos, esquentar o polvilho numa gamela, com uma colher de pau. Deixar esfriar. Depois de frio amassar com a mão, acrescentando o leite e os ovos, quebrando um por um. Depois de bem amassado, formar um "murundum" com a massa e passar, sobre ela, um pouco de gordura para não ressecar.

Assar em forno caipira sobre folha de bananeira, espremendo os biscoitos num saquinho de pano, no formato que desejar: letras ou outras figuras.

Depois de assado, guardar em balaio forrado com toalha branca.

**Nota:** Polvilho doce é o que se obtém da massa de mandioca, lavada num só dia.

#### *Biscoito de Goma*

(Espuma)

**Ingredientes:** 1 (um) prato (sopa) de água. 2 (dois) pratos (sopa) e 2 (dois) pires (café) de polvilho azedo. 4 (quatro) colheres (sopa) de gordura de porco. Sal, o suficiente. 1 (um) limão médio.

**Modo de fazer:** Pôr para ferver a água, o sal e os 2 pires de polvilho para fazer a goma. Retirar do fogo para esfriar. Acrescentar os 2 pratos de polvilho, a gordura e o suco de limão. Amassar bem. Enrolar os biscoitos com a mão untada. Pôr para assar em assadeira untada, tendo o cuidado de colocar cada biscoito um pouco distante do outro, pois crescem muito.

**Nota:** Polvilho azedo é o que se obtém da massa de mandioca, lavada em 40 dias.

#### *Biscoitinho*

**Ingredientes:** 1 (um) prato raso de açúcar. 2 (duas) xícaras (chá) de gordura derretida. 1 (um) prato raso de farinha de trigo. 7 (sete) ovos. 4 (quatro) xícaras (chá) de polvilho doce coado. 4 (quatro) colherinhas (café) de sal.

**Modo de fazer:** Misturar o polvilho com o açúcar, a farinha de trigo e o sal. Juntar a gordura derretida, mexendo muito bem. Acrescentar os ovos. Amassar bastante. Enrolar os biscoitinhos em formato de argolinhas. Pôr em tabuleiros para assar. Forno branco.

#### *Bolacha*

**Ingredientes:** 4 (quatro) xícaras (chá) de polvilho doce. 2 (duas) xícaras (chá) de açúcar. 2 (dois) ovos. 2 (duas) xícaras (chá) de maisena. 1 (uma) xícara (chá) de manteiga. 1 (uma) colher (sopa) de sal amoníaco. Leite, se for preciso.

**Modo de fazer:** Amassar todos os ingredientes numa vasilha de pau (gamela). Se a massa ficar muito dura, acrescentar um pouquinho de leite. Estender sobre a mesa com o auxílio de um rolo. Cortar as bolachas com um copo. Forno quente.

#### *Bolo de Fubá*

**Ingredientes:** 5 (cinco) ovos. 8 (oito) colheres de manteiga. 2 1/2 (duas e meia) xícaras (chá) de fubá. 2 1/2 (duas e meia) xícaras (chá) de açúcar. 1 1/2 (uma e meia) xícara (chá) de farinha de trigo. 1 (uma) xícara (chá) de amendoim torrado e moído. 2 (duas) xícaras (chá) de leite. 1 (uma) colher (sopa) de canela em pó. 1 (uma) colher (sopa) de fermento em pó. 1/2 (meia) lata de goiabada.

**Modo de fazer:** Bater bem os ovos. Pôr a manteiga e o açúcar. Acrescentar o fubá, a farinha, o amendoim, o leite. Misturar a massa e depois, o pó roial. Pique a goiabada em pedacinhos, junte à massa, à hora de pôr na assadeira já untada.

#### Brevidade

**Ingredientes:** 1 (um) Kg de açúcar. 1 1/2 (um e meio) Kg de polvilho. 20 (vinte) ovos, sendo 10 (dez) com as claras.

**Modo de fazer:** Misturar todos os ingredientes. Bater com uma colher de pau até mudar de cor. Assar em forno brando em formas untadas com manteiga.

#### Broa de Fubá

**Ingredientes:** 2 (dois) pratos (sopa), bem cheios, de fubá. 1 (um) litro de açúcar. 2 (dois) pratos rasos de gordura. 4 (quatro) litros de água. 1 (um) pires (chá) de polvilho azedo. 1 (uma) pitada de sal. 1 (uma) colher (chá) de canela em pó.

**Modo de fazer:** Fazer uma mistura com o fubá, açúcar, gordura e água. Depois de bem mexida, acrescentar o polvilho, o sal e a canela. Amassar com ovos até o ponto de enrolar. Untar a mão e com um pouco de massa, fazer as broas pequenas, arredondadas. Assadeira untada, forno quente.

#### Cacete

**Ingredientes:** 1 (um) litro de massa de mandioca crua, ralada. 2 (duas) xícaras (chá) de açúcar. 3 (três) ovos. 1 (uma) pitada de sal.

**Modo de fazer:** Levár ao fogo para cozinhar a massa de mandioca, com o açúcar e o sal. Cozer muito bem. Retirar do fogo para esfriar. Depois de fria, acrescentar os ovos batidos. Amassar muito bem com as mãos. Pôr, em colheradas, em folha de bananeira e enrolar. Levár ao forno para assar, até que a folha de bananeira fique bem queimadinha. Retirar do forno, tirar a folha de bananeira, e guardar em vasilha tampada.

#### Canudinho

**Ingredientes:** 3 (três) colheres (sopa) de pinga. 1 (uma) colher (sopa) de óleo. 1 (uma) colher (sopa) de gordura. 1 (uma) colher (sopa) de manteiga. 1 1/2 (uma e meia) xícara (chá) de água morna. 1 (uma) colher (sopa) rasa de fermento em pó. 1 (uma) colher (sopa) de açúcar.

**Modo de fazer:** Misturar os ingredientes. Sovar bem a massa até o ponto de enrolar nos canudinhos de lata. Fritar em óleo ou gordura bem quente ou, então, assar no forno. Recheiar com doce de leite mole, ou de abóbora, ou de banana, ou de batata.

#### Cu-de-Boi

**Ingredientes:** 1 (um) litro de massa de mandioca crua, ralada. 1 (uma) colher (sopa) de gordura de porco. Sal o suficiente.

**Modo de fazer:** Misturar bem os ingredientes. Enrolar em gomos de bambu e assar sobre brasas, como se fosse churrasco (cáfitas), até amarelar bem. Depois de assado, é só puxar o bambu e está pronta a anti-poética, mas deliciosa, guloseima.

#### Pau-a-pique

**Ingredientes:** 6 (seis) xícaras (chá) de fubá. 4 (quatro) xícaras (chá) de água. 1 (uma) xícara (chá) de gordura. 1 (uma) xícara (chá) de manteiga. 2 (duas)

xícaras (chá) de leite. 2 (duas) xícaras (chá) de açúcar. 1 (uma) colher (sopa) de erva-doce. 12 (doze) ovos.

**Modo de fazer:** Misturar o fubá, a água, a gordura, a manteiga, o leite, o açúcar e erva-doce e levar ao fogo para cozinhar. Depois de pronto o angu, retirar do fogo para esfriar. Amassar com ovos inteiros. Pingar as colheradas em folha de bananeira. Enrolar bem, mas não apertar muito. Levár ao forno em tabuleiros. Forno quente.

#### Pão-de-Queijo

**Ingredientes:** 1 (um) prato (sopa) de água. 1 (um) prato (sopa) de gordura. 1 (um) prato (sopa) de polvilho. 1 (um) prato (sopa), nivelado, de queijo ralado. Sal o necessário. 6 (seis) ovos.

**Modo de fazer:** Pôr para ferver a água, a gordura e o sal, para escaldar o polvilho, que deverá estar em gamela. Depois de frio, acrescentar o queijo e os ovos inteiros. Amassar bem, com a mão. Fazer bolinhas médias, com a mão untada. Assar em forma untada. Forno quente.

**Nota:** O pão-de-queijo não pode envelhecer, pois endurece em poucos dias.

#### Queijadinha

**Ingredientes:** 3 (três) ovos. 3 (três) xícaras (chá) de açúcar. 3 (três) xícaras (chá) de farinha de trigo. 1 (uma) xícara (chá) de coco ralado. 1 (uma) xícara (chá) de queijo ralado. 2 (duas) colheres (sopa) de manteiga. 1 (uma) xícara (chá) de leite. 1 (uma) colher (sopa) de fermento em pó.

**Modo de fazer:** Misturar o açúcar, a farinha de trigo, o coco ralado, o queijo ralado, a manteiga, o leite e os ovos batidos, separadamente. Por último, o fermento em pó. Assar em forminhas de papel, colocadas dentro de uma forma grande. Forno temperado.

#### Rosca de Assadeira

**Ingredientes:** 1 (um) Kg de farinha de trigo. 3 (três) colheres (sopa) de fermento. 3 (três) ovos. 2 (duas) xícaras (chá) de açúcar. 4 (quatro) colheres (sopa) de óleo. 1/2 (meio) litro de leite morno. 1 (uma) pitada de sal.

**Modo de fazer:** Bater, com uma colher de pau, os ingredientes, com exceção da farinha de trigo. Depois de bem batido, colocar sobre a farinha de trigo que deve estar numa gamela. Misturar muito bem. Colocar em uma assadeira untada e deixar crescer até dobrar o volume. Assar em forno quente.

#### Sequilha

**Ingredientes:** 2 (dois) pires (chá) de farinha de trigo. 2 (dois) pires (chá) de polvilho doce. 1 (uma) colher (sopa) de gordura. 1 (uma) colher (sopa) de manteiga. 3 (três) colheres (sopa) de açúcar. 2 (duas) colheres (sopa) de caldo de limão. 5 (cinco) ovos.

**Modo de fazer:** Juntar todos os ingredientes, sovando muito bem a massa. Enrolar os sequilhos. Levár ao forno em tabuleiro levemente polvilhado com farinha de trigo.

#### Pão de Sal

**Ingredientes:** 3 (três) colheres (sopa) de fermento. 1/2 (meio) litro de leite morno. 2 (dois) ovos. 1 (uma) xícara (chá) de açúcar refinado. 1 (uma) concha de

óleo. 2 (duas) colheres (sopa) de manteiga. 1 (uma) colher (sobremesa) de sal. 1 (um) Kg de farinha de trigo.

*Modo de fazer:* Pôr numa gamela o fermento, o leite morno, o óleo, a manteiga, os ovos batidos separadamente, o açúcar, o sal e 2 (duas) xícaras de farinha. Misturar bem. Deixar descansar a massa durante meia hora. Depois, acrescentar o restante da farinha e amassar muito bem. Se quiser passar no cilindro, melhor ainda. Enrolar os pãezinhos e deixá-los descansar. Colocar uma bolinha da massa num copo d'água. Quando ela subir, pôr os pãezinhos em assadeira untada. Forno quente.

*Observação:* Pão não é considerado quitanda.

*Nota:* As *quitandas* e o *pão* são servidos acompanhados de café, chocolate, chá de alfavaca ou de alfavema.

## DOCES

### *Bolinha de Amendoim* Docinhos

*Ingredientes:* 1/2 (meio) Kg de amendoim torrado e moído. 1/2 (meio) copo de leite. 1 (uma) xícara (chá) de açúcar. Chocolate em pó (tódi ou nescau).

*Modo de fazer:* Misturar todos os ingredientes, sendo que o chocolate será em quantidade suficiente para dar o ponto de enrolar. Levar ao fogo brando, sempre mexendo, até secar a massa, ou seja, até aparecer o fundo da panela. Retirar do fogo e deixar esfriar. Fazer as bolinhas, enrolando-as nas mãos. Passar em açúcar cristal.

*Nota:* Este doce é conhecido por cajuzinho de amendoim, desde que lhe dê o formato de um pequeno caju.

### *Cocada Branca*

*Ingredientes:* 1 (um) coco-da-baía. 1 (um) prato (sopa) de açúcar.

*Modo de fazer:* Misturar o coco ralado, a água do coco e o açúcar. Levar ao fogo, sem parar de mexer. Quando aparecer o fundo da panela, pingar em colheradas numa forma untada com manteiga.

### *Doce de leite em pedaços*

*Ingredientes:* 6 (seis) litros de leite. 3 (três) litros de açúcar.

*Modo de fazer:* Colocar em uma panela os ingredientes e deixar ferver, em fogo baixo, até aparecer o fundo da panela. Bater bem até dar o ponto e despejar numa pedra mármore, untada de manteiga. Cortar os pedaços no tamanho desejado.

### *Paçoquinha* (em pedaços)

*Ingredientes:* 1/2 (meio) Kg de amendoim torrado. 1/2 (meio) litro de água. 1 (um) Kg de açúcar. 2 (dois) Kg de farinha de mandioca.

*Modo de fazer:* Moer o amendoim em máquina de peça fina. Fazer uma calda com a água e o açúcar. Quando a calda estiver meio grossa, retirar do fogo para esfriar. Acrescentar o amendoim e a farinha de mandioca, misturando-os, ligeiramente. Despejar numa forma e esparramar a massa. Em seguida, cortar os pedaços com uma faca mergulhada em água quente.

### *Paçoquinha* (em pó)

*Ingredientes:* 1/2 (meio) Kg de amendoim torrado e sem pele. 2 (dois) Kg de farinha de mandioca. 1 (um) litro de açúcar. 1 (uma) pitada de sal.

*Modo de fazer:* Misturar todos os ingredientes e socar muito bem num pilão. Servir em pequenos cartuchos de papel.

*Nota:* Se preferir paçoquinha salgada, retirar o açúcar e aumentar a quantidade de sal.

### *Pé-de-moleque*

*Ingredientes:* 1 (um) Kg de amendoim torrado, sem a pele. 1/2 (meio) litro de água. 1 1/2 (um e meio) litros de açúcar. 5 (cinco) rodelinhas, bem finas, de gengibre.

*Modo de fazer:* Quebrar um pouco os grãos do amendoim, no pilão. Fazer uma calda com a água e o açúcar até o ponto de "puxa". Retirar do fogo, para esfriar. Acrescentar o amendoim, mexendo-o com uma colher de pau. Despejar numa forma, pedra ou tabuleiro. Depois de frio, cortar em quadradinhos.

### *Suspiro*

*Ingredientes:* 10 (dez) claras de ovos, 25 (vinte e cinco) colheres (sopa) de açúcar. 5 (cinco) colherinhas (café) de suco de limão.

*Modo de fazer:* Bater muito bem as claras. Pôr o açúcar e o limão e continuar batendo até poder pingar. Quando a massa estiver dura, levar ao forno em assadeiras forradas com folha de bananeira.

## BEBIDAS

### *Licor de Figo*

*Ingredientes:* Algumas folhas de figo. 1 (um) copo de álcool. 2 (dois) copos de água e 1/2 (meio) Kg de açúcar.

*Modo de fazer:* Pôr as folhas em infusão no álcool durante 3 (três) dias. Fazer uma calda de água e açúcar e juntar à infusão, depois de ter retirado as folhas. Misturar tudo, passar num filtro e engarrafar.

### *Licor de Jabuticaba*

*Ingredientes:* 2 (dois) pratos fundos de jabuticaba. 1 (um) prato fundo de açúcar. 2 (duas) garrafas de pinga.

*Modo de fazer:* Lavar as jabuticabas e colocá-las num vidro grande. Pôr o açúcar e depois a pinga. Tampar bem o vidro e, depois de 20 dias, coar. Está pronto.

### *Licor de Jenipapo*

*Ingredientes:* Descascar 4 jenipapos e cortar (com a semente) em quadradinhos. Colocar numa vasilha de louça e despejar pinga até cobrir todos os pedacinhos. Deixar descansar durante 8 dias. Fazer uma calda com 1 1/2 (um e meio) Kg de açúcar e 2 (dois) copos de água. Coar a pinga e misturar com a calda. Engarrafar.

*Nota:* Os licores são preparados com alguns meses de antecedência, pois licor envelhecido é muito mais gostoso.

### *Quentão*

*Ingredientes:* 1 (um) litro de aguardente. 2 (duas) xícaras (chá) de água. 4 (quatro) limões cortados em rodela. Alguns cravos. Pedaçoes de gengibre. Canela em pau. Açúcar a gosto.

*Modo de fazer:* Misturar tudo numa panela e levar para ferver. Conservar em fogo brando e servir em xícara de louça ou copo. Se quiser o quentão mais forte ou mais fraco, diminuir ou aumentar a água.

A tradição de festejar os Santos do mês de junho está, pouco a pouco, se modificando e se tornando privilégio de pessoas de situação econômica e financeira privilegiada, as quais vem substituindo as quitandas e doces por churrasco, pão, mandioca e farofa, acompanhados de cachaça e chope. Mas, felizmente, há os que persistem, embora com dificuldades, em comemorar as datas dos santos caipiras à moda brasileira — festa secular — como o citado casal, Francisco Batista de Carvalho e sua esposa, Sebastiana Narciso.

É muito bom e agradável saber que nem tudo cede, facilmente, às imposições de modernices, conspurcando, com o passar do tempo, os fatos do nosso rico e respeitável folclore.

As quitandas e doces de Dona Sebastiana, em suas festas, podem exibir riquíssimas mesas. São caseiros, tradicionais. Lamentável apenas é observar que a técnica empregada poderá desaparecer. Por isso mesmo, como prêmio, a cozinha joanina de Dona Sebastiana entra para a história do folclore ergológico, para nunca mais sair.

# Festas juninas

## O ACENTUADO GOSTO PELAS TROVAS

JOSÉ SANT'ANNA

Departamento de Folclore — Olímpia

Entre os costumes de nosso povo estão as festas religiosas do mês de junho (festas juninas) consagradas aos três Santos caipiras: Santo Antônio (dia 13), São João (dia 24) e São Pedro (dia 29).

O dia mais importante — o mais festivo — é o de São João (a festa joanina). Não só pelo significado etnográfico das festividades como pela especial estima ao santo precursor de Cristo, é a mais rica e movimentada.

Santo Antônio (casamenteiro), São João (o precursor de Cristo) e São Pedro (o porteiro do céu) são festejados com fogueiras, espetáculos pirotécnicos, balões, cantigas apropriadas, poesias especiais, comezainas, sortes e adivinhações.

Na ocasião das festas, o povo recita:

- 1 — Quando chega o mês de junho  
Vejo muita animação,  
Mês do grande *Santo Antônio*,  
De *São Pedro* e *São João*.
- 2 — *Santo Antônio*, o primeiro,  
*São João* é o segundo,  
O terceiro é *São Pedro*  
Que tem a chave do mundo.
- 3 — *São João* a vinte e quatro,  
*São Pedro* a vinte e nove,  
*Santo Antônio* a treze  
Por ser o Santo mais nobre.

### I — SANTO ANTÔNIO



O mundo inteiro venera Santo Antônio de Pádua, mas ele nasceu em Lisboa em 1195.

A devoção a Santo Antônio veio ao Brasil com os descobridores portugueses. Os portugueses costumavam colocar nomes de santos aos acidentes geográficos, vilas e lugares que fundavam. Desde o primeiro momento o Brasil contou com centenas de nomes colocados sob a

proteção de Santo Antônio. O povo recorria a Santo Antônio, encomendava seus empreendimentos e sobretudo suas vidas. Davam nome aos filhos e às propriedades. Por isso, Santo Antônio tornou-se brasileiro também.

Uma atribuição de Santo Antônio é restituir coisas perdidas. Não somente as coisas materiais, mas também as espirituais.

Uma das características da imagem de Santo Antônio, em todas as artes, é a presença do Menino Jesus em seus braços.

Uma das grandes paixões de Santo Antônio foram os pobres. Séculos depois de sua morte, uma senhora prometeu, caso fosse atendida, dar todas as terças-feiras, certa quantidade de pão aos pobres. Foi atendida e cumpriu a promessa, dando origem ao costume que vigora ainda em nossos dias.

Outra atribuição mais pesada e insistente que recai sobre Santo Antônio é a de ser, ao lado de São Gonçalo, Padroeiro dos Casamentos, o arranjador de maridos, o que leva a feliz termo os namoros, que faz nascer esperanças em encalhes, que desperta o moço para as prendas da futura companheira. Trata-se, é evidente, de um aspecto mais folclórico do que religioso. É uma tradição que vem de longe e deita raízes fundas, ainda hoje, na crença popular. Santo Antônio, cuja festa é celebrada a 13 de junho, é considerado Patrono dos Pobres, Patrono dos Viajantes, Patrono da Família em Constituição, Protetor contra as Doenças e Padroeiro dos Ladões.

O Folclore gravou Quadrinhas onde palpitam a fé simples e a esperança firme de que o Santo atende sempre:

- 1 — *Santo Antônio* de Lisboa  
Feito de pinho de lei;  
*Santo Antônio* me perdoa  
Os beijos que inda não dei.
- 2 — *Santo Antônio* vendo o beijo  
Que eu tinha dado em meu bem,  
Levantou Senhor Menino  
E deu um beijo também.
- 3 — *Santo Antônio*, *Santo Antônio*  
As moças estende a mão;  
Corram moças, vão depressa  
Façam-lhe uma petição.
- 4 — *Santo Antônio* aviva os mortos  
E dá saúde aos doentes;  
Não é muito que despache,  
Mil sadios pretendentes.

- 5 — *Santo Antônio* milagroso  
Advogado dos perdido;  
As moças estão pedindo  
Que lhe dê um bom marido.
- 6 — *Santo Antônio* de Boré  
Não deixe o verão passar,  
*Santo Antônio* dai-me um noivo,  
Noivo bom pra me casar.
- 7 — *Santo Antônio* milagroso,  
Atenda este meu pedido:  
Prepare meu namorado  
Para ser o meu marido.
- 8 — *Santo Antônio* me casai  
Enquanto sou moça viva,  
O milho apanhado tarde  
Não dá palha nem espiga.
- 9 — *Santo Antônio* poderoso  
Atenda este meu pedido:  
Arrumai-me qualquer homem  
Para ser o meu marido.
- 10 — *Santo Antônio* vem do céu  
Desce por um pau de espinho,  
Pra fazer casar tem força  
Como porco no focinho.
- 11 — *Santo Antônio* é um bom santo,  
Livrou o seu pai da forca;  
Há de livrar eu também  
Dessa gente de mau boca.
- 12 — *Santo Antônio* milagroso  
Mansador de burro brabo,  
Venha mansar minha sogra  
Que é parente do Diabo.
- 13 — *Santantônio* é grande santo,  
Desenhado na bandeira;  
Proteja meu casamento,  
Durante a vida inteira.
- 14 — *Santantôi*, casamentero  
Que já casô tanta gente;  
Vejam só, morreu sortero,  
Que santim inteligente!
- 15 — O *Santo Antônio* que eu tenho  
É feito de nós de pinho;  
Da mulher eu gosto muito,  
Da sogra, nem um pouquinho.
- 16 — O *Santo Antônio* que eu tenho  
É trançado de cipó;  
Muita vez a gente gosta,  
Mas amar é uma vez só.
- 17 — Meu *Santo Antônio* querido,  
Meu santo de carne e osso;  
Se tu não me dá marido,  
Não tiro você do poço.
- 18 — Meu *Santo Antônio* adorado  
Acabou de me contar:  
Que amar não é pecado,  
Que pecado é não amar.
- 19 — Meu *Santo Antônio* querido  
Eu vos peço por quem sois:  
Dai-me o primeiro marido  
Que outro, acho eu depois.
- 20 — Meu *Santo Antônio* querido,  
Se queres que eu tenha fé,  
Me arrume um bom marido  
Que faça, ao menos, café.
- 21 — Se *Santo Antônio* pudesse  
Neste dia me ajudar,

- Eu pediria uma prece  
Pra contigo me casar.
- 22 — Não quero *Santo Antônio* grande  
Dentro do meu oratório,  
Eu quero um pequenino  
Pra ouvir meu peditório.
- 23 — Me apeguei com *Santo Antônio*  
Pra casá c'uma crioula;  
As alma ganha uma saia,  
*Santo Antônio*, uma ceroula.
- 24 — Eu tenho um *Santo Antônio*  
Mió que esse não há;  
Pra arrumá noivo ou marido,  
Não precisa nem rezá.
- 25 — Eu conheço um *Santo Antônio*  
Que é bom até demais;  
Se lhe rezo um Credo à frente  
Quatro noivos vêm atrás.
- 26 — Ó meu santo, *Santo Antônio*,  
Santo de Deus estimado,  
No dia treze de junho  
De todos é venerado.
- 27 — Meu querido *Santo Antônio*  
Feito de nó de um pinho  
Com vós arranjo o que quero,  
Porque peço com jeitinho.
- 28 — Junto ao pé de *Santo Antônio*  
Suspendi meu coração,  
Fica aceso noite e dia  
Com a luz desta paixão.
- 29 — Vou pedir a *Santantônio*,  
O meu santo protetor,  
Enquanto estiver distante  
Que não roubem meu amor.
- 30 — É verdade *Santo Antônio*  
Que pr'ocê fazê casá  
É preciso que te enterre  
Sempre de perna pr'o á?
- 31 — Dos santos do mês de junho  
*Santo Antônio* vem primeiro,  
É preferido dos moços  
Por ser bom casamenteiro.
- 32 — Fui no mato cortá lenha  
*Santo Antônio* me chamô,  
Quando um santo chama a gente,  
Que fará um pecadô!
- 33 — Minha avó tem lá em casa  
Um *Santo Antônio* velhinho,  
Os moços não me querendo  
Dou pancadas no santinho.
- 34 — Ninguém se queixe de sorte,  
Que *Santantôi* disse assim:  
Às vezes que Deus se atrasa,  
Vem um anjo no camim.
- 35 — Quem cai na boca do mundo  
A gente deve tê dó;  
Há outras mulheres no mundo,  
*Santo Antônio* é um só.
- 36 — Moça véia quando deita  
Reza a sua oração,  
Bota arguém no pensamento  
E *Santo Antônio* na mão.
- 37 — As moça lá do meu bairro  
Num vê home nem em sonho,  
Pelo jeito as coitadinha  
Tão de mal com *Santo Antonho*.

- 38 — No dia treze de junho  
É pôr a rede e tirar,  
Os peixes tão na fiúza  
De *Santo Antônio* falar.
- 39 — Moça que quer se casar  
Vai pedir a *Santo Antônio*,  
Que a ponha numa linha  
No livro do matrimônio.

*Variante:*

Moças andem bem ligeiro,  
Vão pedir a *Santo Antônio*  
Que ponha todas em linha  
No livro do matrimônio.

## II — SÃO JOÃO



São João (o Batista) é precursor de Nosso Senhor, filho de Zacarias e Isabel.

Como indica o nome, ele anunciara a misericórdia de Deus. João — Dom de Deus — o seu nascimento anunciou a vinda do Salvador.

Ele próprio levou a vida austera no deserto, alimentando-se de gafanhotos e mel silvestre.

Batizou Nosso Senhor no Rio Jordão. Reprovou o pecado de Herodes, pelo que foi encarcerado. Herodias, amante de Herodes, preparou-lhe ciladas e mandou a sua filha que exigisse de Herodes a cabeça de João Batista. Seu desejo foi satisfeito, pois Herodes ordenou que ele fosse degolado.

Desde 1583 a festa de São João é por nós comemorada. É uma tradição que herdamos dos portugueses. Em muitas regiões do Brasil a festa de São João se conserva viva e autêntica, numa mistura de ritos pagãos e religiosidade cristã.

Coincide, em muitos lugares, com o início das colheitas, quando o homem do campo sente necessidade de apelar para forças místicas que o livrem das geadas, secas ou inundações.

Por esta razão é chamado *Padroeiro da Fertilidade Agrícola*. Para muitos, São João é a noite mais fria, além de ser a mais longa.

São João é ainda *Padroeiro das Mulheres Grávidas*, *Patrono dos Veterinários e Patrono do Amor Humano*. É *Mestre e Protetor da Maçonaria*.

A tradição de se lavar a imagem de São João é um simbolismo do batizado de Jesus. Em sua fogueira pode ser usada qualquer espécie de madeira, menos cedro (madeira da cruz de Cristo) e videira (que produz a uva com a qual se faz vinho, símbolo do sangue de Jesus).

A Igreja honra-o como um santo e celebra-o com a festa de 24 de junho, data tradicional de seu nascimento, contrariamente ao que faz com os outros santos dos quais não comemora o nascimento, mas sim a morte. São João, santificado pela visita de Maria a Isabel, nasceu já livre do pecado original. É o padroeiro da cidade de Olímpia.

As Quadras, em torno de São João, assim se expressam:

- 1 — *São João* é o mais lembrado  
Porque a isto faz jus,  
Este Santo, todos sabem,  
Foi quem batizou Jesus.
- 2 — *São João* teve alegria  
E depois teve pesar,  
Por não saber o seu dia  
Para poder festejar.
- 3 — *São João* de onde veio,  
Que veio todo orvalhado  
Veio do Rio Jordão,  
Daquele rio sagrado.
- 4 — Ó meu *São João Batista*,  
Filho da Santa Isabel,  
Batizou meu Jesus Cristo  
Por nome de Emanuel.
- 5 — Se o *Batista* soubesse  
Quando era o seu dia,  
Descia do céu à terra  
Com prazer e alegria.
- 6 — Onde está o *Batista*  
— Ele está na Igreja.  
Anda de mastro em mastro,  
Para ver quem o festeja.
- 7 — Na noite de *São João*  
Fui lavar as minhas mágoas,  
As mágoas tão negras eram  
Que enegreceram as águas.
- 8 — Naquela ponte abismada  
Onde *São João* batizava,  
Diamante era tanto  
Que *São João* se alumiava.
- 9 — Benzinho, boca de cravo,  
Capela de *São João*;  
Cadeado do meu peito,  
Chave do meu coração.
- 10 — Os dois olhos de Maria  
São bombas de *São João*,  
Arrebatam no meu peito  
Retumbam no coração.
- 11 — Já os linhos reflorescem  
E os trigos em pendão,  
Ajuntem-se as moças todas  
No dia de *São João*.
- 12 — Caminhemos, caminhemos,  
Com amor no coração,  
Tirando adjutório  
Pra festa de *São João*.

## CORREIO ELEGANTE

Correio elegante é a correspondência amorosa, às vezes jocosa, que se troca principalmente entre rapazes, por ocasião de festas populares, sendo sua ocorrência maior nas quermesses. É muito difundida a trova popular que, na sua maioria, se constitui de versos heptassílabos, característica acentuada da estrofação folclórica.

Embora Santo Antônio seja considerado o realizador de casamentos, ocupando em nosso país a tarefa outrora atribuída apenas a São Gonçalo, o povo também confia nos poderes de São João Batista. Podemos comprovar a confiança que os mais jovens têm neste santo, registrando algumas estrofes recolhidas, ou melhor "rou-

badas” dos correspondentes durante a realização das quermesses em louvor a São João, em Olímpia, na véspera do dia do santo padroeiro, nos anos de 1957 e 1958.

- 13 — *São João* é santo moço,  
Moço de grande valor.  
Você é um moço santo  
Que me mata de amor.
- 14 — *São João* tem um carneiro  
Pra sozinho não ficar,  
Gostaria que este santo  
Fizesse nós dois casar.
- 15 — *São João!* Meu *São João!*  
Santo muito milagroso,  
Faça com que (fulana)  
Saiba que sou amoroso.
- 16 — *São João* andou no mundo  
Para todos batizar  
E eu ando neste mundo  
Somente para te amar.
- 17 — *São João* tem uma estrela  
Amarrada numa linha,  
Enquanto você existir  
Há de ser somente minha.
- 18 — Oh! se *São João* soubesse  
O tanto que eu te amo  
Fazia nosso casório  
No último mês deste ano.
- 19 — Os olhos de *São João*  
São de uma grande pureza  
Os teus olhos, ó garota,  
Brilham de tanta beleza.
- 20 — Pra festejar *São João*  
O povo solta balão  
E pra festejar você  
Eu solto meu coração.
- 21 — É a *flor-de-são-joão*  
Tão bela por natureza,  
Você parece com ela  
Devido a sua beleza.
- 22 — Lá no céu tem muitos anjos  
Pra *São João* se alegrar,  
Aqui na terra tem eu  
Que vivo só pra te amar.
- 23 — Pra dar certo o casamento  
Já pensei um dia inteiro:  
Vou pedir a *São João*  
Que é santo casamenteiro.
- 24 — Gosto muito de você  
Então não me diga não,  
Fará nosso casamento  
O bendito *São João*.

#### NOTAS:

- 1 — A quadrinha 21 não se refere propriamente ao Santo, mas faz conotação com ele.
- 2 — As quadrinhas são assinadas com o nome verdadeiro, com iniciais ou pseudônimo do remetente. Exigem respostas.

3 — Sempre há um mensageiro para a entrega da correspondência.

### III — SÃO PEDRO



São Pedro, a quem Jesus Cristo outorgou o primado da Igreja, era filho de Jonas (ou João) e irmão de André. Residia em Betsaida, na Galiléia.

Foi chamado o Príncipe dos Apóstolos, a quem Cristo prometeu que edificaria sua Igreja sobre ele, a Rocha, e a ele confiaria toda sua administração, ou em outras palavras, todos os cristãos. Isto é o que significa o simbolismo das chaves. É conhecido, então, como o PORTEIRO DO CÉU.

Uma tradição unânime e ininterrupta afirma que São Pedro morreu crucificado em Roma, onde foi sepultado após ter dirigido, durante muitos anos, a cristandade.

Sua festa é celebrada juntamente com a de São Paulo, decapitado no mesmo dia — 29 de junho.

No seu dia comemora-se, ainda, o *Dia do Pescador* (pois ele era capturador de peixes) e o *Dia do Papa* (por ser considerado o primeiro Papa do catolicismo).

Poucas são as Quadras Folclóricas que se referem a este Santo. Ei-las:

- 1 — *São Pedro* disse a missa,  
Jesus benzeu o altar,  
Assim benzo minha cama,  
Que nela vou-me deitar.
- 2 — *São Pedro* é muito sério  
Com sua chave na mão,  
Fica olhando lá do alto,  
Mas na terra não vem não.
- 3 — Meu *São Pedro* é rigoroso  
Velho, brabo e valentão;  
É santo desconfiado,  
Pois traz a chave na mão.
- 4 — Meu *São Pedro* adorado,  
Meu santo e protetor:  
Abri-me a porta do céu,  
Levai-me a Nosso Senhor.
- 5 — Nós escolhemos *São Pedro*  
Por um singular patrão,  
Alcançai de Deus eterno  
Por nossa culpa e perdão.
- 6 — Para o bom velho *São Pedro*  
Eu tiro o meu chapéu,  
Pois além de ser um santo,  
Ele é porteiro do Céu.
- 7 — Eu tenho fé em *São Pedro*  
Por ser um santo bem certo,  
No dia em que eu morrer  
Deixará o céu aberto.

- 8 — O velho santo *São Pedro*,  
Santo de bom coração,  
Não deixa entrar no céu  
Quem não foi um bom cristão.
- 9 — Reza o forte, reza o fraco,  
Reza quem vive ao léu,  
Pedindo chuva a *São Pedro*  
Do grande poço do céu.
- 10 — Levo a vida a pescar  
Sempre fui bom pescador;  
Confio no meu trabalho  
E em *São Pedro*, o protetor.
- 11 — Minha mãe, quando é meu dia?  
— Meu filho, já se passou.  
Com prazer e alegria,  
Toda a terra se enfeitou.

*Também do período das Festas Juninas:*

*PARA FICAR COMPADRE*  
(Pulando a fogueira)

*Santo Antônio* falou  
E *São Pedro* confirmou  
Para nós sermos compadres:  
Porque *São João* mandou.

*PARA OLHAR SORTE*  
(Papéis enrolados)

Esta noite tiro sorte,  
*São João* vai declarar  
O nome do namorado  
Que comigo vai casar.

NOTA: Há farto material sobre Festas Juninas, que faremos publicar oportunamente.

Agradecimento aos estudantes do C.E.N.E. "Capitão Narciso Bertolino", de Olímpia, 1969, participantes no recolhimento de grande parte das trovas juninas.

# Apelidos

LAURA DELLA MÔNICA  
Departamento de Folclore — Olímpia

É costume, e bem antigo, chamar ou designar alguém, não pelo nome ou sobrenome, mas por outro que lhe foi dado por circunstâncias físicas, morais, reais ou supostas, ou ainda, por seus defeitos, qualidades ou profissões. Não podemos confundir com os cognomes ou a antonomásia, figura de retórica que consiste em acrescentar ao nome da pessoa uma expressão geralmente de sentido nobilitante, diz, Emir M. Nogueira, e nem mesmo os de família.

A História está repleta de apelidos como *Tiradentes*, *o Boca do Inferno*...

A História gaúcha guarda os nomes de *O Lentilha*, *O Verruga*, *O Diabo Coxo*, *O Tenente Galinha*...

Nem os santos escaparam dos apelidos: *Santo Antônio*, casamenteiro; *São João*, fogueteiro; *São Pedro*, chaveiro do céu.

Ao estudarmos a linguagem popular, o capítulo *Apelidos* merece a nossa especial atenção. Poucas pessoas não os têm, e, às vezes, os têm mais de um, dependendo das comunidades onde vivem ou freqüentam. Assim, o Roberto em casa é chamado de *Dorme-dorme* e, na Escola, o *Fininho*.

Eis a história dos apelidos que uma pessoa recebia à medida que se enfurecia com ele. Chavama-se João e tinha no fundo do quintal um enorme coqueiro. Todos o conheciam como o *João-do-coqueiro*. Irritado, mandou cortar o coqueiro, deixando apenas uma parte do mesmo. Não demorou muito tempo e foi chamado de *João-do-toco*. Arrancou o toco, deixou um buraco; tapou o buraco, plantou outra árvore. À medida que os fatos aconteciam, os apelidos também sucediam até que um dia resolveu mudar-se para outra cidade. Não adiantou. Tempos passados encontrou-se com um antigo morador daquela cidade que o reconheceu como o *João-do-coqueiro*.

Há pessoas que se aborrecem com apelidos, enervam-se, mas isto de nada adianta. Por fim acabam por aceitá-los. Muita gente é conhecida unicamente pelo apelido que o acompanha desde a infância, e quando se

torna homem de grande empresa, ou passa a ocupar cargos de relevante importância, por vezes, se envergonha dele.

Assim como o brasileiro apelida tudo, Olímpia não poderia ser diferente. E diga-se de passagem que os habitantes do distrito de *Ribeiro dos Santos*, no Município de Olímpia, são os mais habilitados apelidadores. Qualquer coisinha, por mais insignificante que seja, gera um apelido a alguém.

Podemos afirmar que a maneira pela qual o apelido aparece e é dado, é mais ou menos comum em todas as cidades brasileiras.

Publicaremos a relação dos apelidos recolhidos em Olímpia — a *Cidade Menina-Moça*, a *Cidade-País*, a *Capital do Folclore*. São estes os apelidos mais comuns:

## *Primeiro Grupo*

Este grupo se constitui de apelidos familiares que extravasam aos limites da casa e se popularizam através da vizinhança e escola, até atingir a todos os componentes da coletividade da qual a pessoa faz parte. Se for do uso estritamente familiar, então os apelidos não se enquadram neste nosso trabalho:

— Hipocorísticos são os apelidos caprichosos que costumam revestir os nomes próprios no trato íntimo, para designar as pessoas na linguagem familiar. Estas modificações dos nomes são formas curiosas e muita vez difíceis de analisar: *Antonico*, *Tonhão*, *Tonho*, *Tonicão*, *Tonico*, *Toninho*, *Toniquinho*, *Tote*, *Totó*, *Totonho* (para *Antônio*); *Bito*, *Bitinho*, *Dedito*, *Didito*, *Ditinho*, *Dito*, *Nitinho*, *Nito* (para *Benedito*); *Chico*, *Chicuta*, *Chiquinho*, *Chiquito*, *Quico*, *Quito* (para *Francisco*); *Janico*, *Janjão*, *Jão*, *Joanico*, *Joaninho*, *Joãozinho*, *Zico* (para *João*); *Quim*, *Quincão*, *Quincas*, *Quinzinho*, *Quinzote*, *Quinzuca* (para *Joaquim*); *Juca*, *Juquinha*, *Juquita*, *Zé*, *Zeca*, *Zeco*, *Zequinha*, *Zequita*, *Zezé*, *Zezeza*, *Zezinho*, *Zequito*, *Zezo*, *Zito* (para *José*); *Manduca*, *Mané*, *Maneco*, *Manequinho*, *Manué*, *Neca*, *Neco*, *Nelo* (para *Manuel*);

Cocota, Cota, Cotinha, Mariazinha, Marica, Mariinha, Maricota, Mariquinha, Mariquita, Maruca (para Maria)...

— Algumas pessoas são tratadas pela abreviação de seus nomes (branquissimia): Má (Maria), Tê (Teresa), Jô (João), Lu (Luciano), Rô (Rogério), Pê (Pedro), Ri (Rita), Beá (Beatriz), Benê (Benedito), Dió (Diógenes), Edu (Eduardo), Mada (Madalena)...

— Surgem também apelidos, aproveitando-se as sílabas finais dos nomes próprios. São também exemplos de braquiologia: Bete (Elisabete), Cida (Aparecida), Cisa (Narcisa), Delei (Vanderlei), Lei (Ercilei), Lena (Madalena), Naldo (Reinaldo), Nuel (Manuel), Tiana (Sebastiana)...

— Pode acontecer que o apelido da pessoa se constitua de sílabas repetidas, aproveitadas do nome próprio ou não. De 1964 a 1980 foram observados os apelidos de alunos (meninos e meninas) da atual Escola "Capitão Narciso Bertolino", de Olímpia, e pudemos anotar: Babá, Bibi, Cacá, Dadá, Dedé, Didi, Dodô, Dudu, Fefé, Fifi, Guegué, Guígui, Gugu, Iaiá, Ieiê, Ioiô, Juju, Lala, Lalá, Lelê, Lelé, Lili, Lolô, Loló, Lulu, Mimi, Nana, Naná, Nenê, Nini, Nonô, Pepê, Popó, Quequé, Quiqui, Tata, Tatá, Tetê, Totô, Totó, Titi, Tutu, Vavá, Vevé, Vivi, Zazá, Zezé, Zizi, Zuzu...

— Em família aparecem ainda os apelidos que se popularizam: Beбето, Belinha, Bezinha, Biba, Bica, Bilu, Bitinha, Cado, Caê, Calato, Calu, Ciça; Dado, Dê, Dega, Dema, Demá, Dida, Dilo, Dilé, Dilu, Dinha, Duda, Dula; Eca; Guelo; Feio, Fonfom; Giba, Gudu, Guga, Gute, Guto; Ique; Leca, Lela, Lesa, Lica, Lola, Lula; Mazinho, Mila; Nato, Nado, Nego, Negrinho, Neguinho, Nelo, Nena, Nenzão, Nenzinho, Nhó, Nica, Nina; Pipa, Pita; Queco, Quico, Quito, Quitó; Santinho; Tica, Tico, Ticona, Tifu, Tim, Tiquinha, Tita, Titó, Toca, Tôti, Tote, Tuca, Tufinha, Tula, Tuta, Túti; Vadão, Vadeco, Vadinho, Vado; Xexéu; Zanza, Zica, Zuca, Zuza...

Outros apelidos se formam do aumentativo solitário ou nos que faltam positivos, e se originam sempre de infinitivos verbais: Carlos Brigão, Luís Sabichão, Odete Pedinchona, Pedro Resmungão, Zulmira Chorona...

— Às vezes o apelido se assenta sobre o aumentativo ou diminutivo do nome da pessoa, deixando transparecer o carinho, o desdém ou escárnio: Carlinhos, Flavinho, Lazineiro, Lucinha; Carlão, Ivão, Luisão, Tonhão...

— Entre os nomes próprios convém considerar a locução substantiva própria que se transforma em acrogramas (siglas). As pessoas passam a ser tratadas pelas iniciais dos vocábulos que formam o seu nome. Aplicam-se a políticos e artistas ou a pessoas que desfrutam de popularidade: W. Z. (Wilson Zangirólami), A. R. (Altino Robazi), M. M. (Mário Michéli), J. A. (José Ângelo)...

### Segundo Grupo

Este grupo se constitui de apelidos verdadeiramente populares, impostos pelas pessoas do povo:

— O meio ambiente sempre forneceu apelidos aos seus moradores, bem como a escola, os jogos esportivos e outras atividades: Bocão, Bafo-de-onça, Boca-nervosa, Boca-preta, Caneca, Cuca, Gancho, Maconheiro, Maria Bonita, Maria Derretida, Mossoró, Peteca, Pepone, Perdigueiro, Piopa, Quarta-Feira, Sabará, Zé do Caixão, Zé Lingüiça, Zé dos Cachorros; Ameba, Azeitona, Batata, Barrigudo, Bolinha, Broca, Bronquinha, Cavalete, Caveirinha, Chuca-chuca, Chuchu, Chuim, Curuca, Gancho, Salame, Sopinha, Jatobá, Jiló, Limão, Macarrão, Massarico, Mexerica, Mingau, Peroba, Peteca, Pimentão, Puruca, Sabugo, Saci, Tomatinho, Tigela, Tutano, Tustão, Zé do

Toco, Zóio-de-cuspe; Alicate, Aritana, Avozinha, Biscoito, Bola, Boneca, Bigode, Broca, Canelinha, Caracu, Carabina, Casquinha, Curau, Careco, Fedegoso, Garrincha, Gibi, Giz, Goiabão, Jerimum, Juruna, Martelo, Marreta, Pamonha, Papa-vento, Queijinho, Risadinha, Sabonete, Sebastião Mingau, Serrinha, Telim, Zé Chicrete...

— Outros apelidos lembram o lugar de origem, de procedência das pessoas: Maria Baiana, Zé Carioca, José Sergipano, Zequinha do Norte, Cícero Pernambucano, Miguel Cearense, Ricardo Paraíba, Osvaldo Alagoano, Mané Goiano, João Cuiabano, Antônio Mineirinho, Joaquim Português, Alfredo Italiano, Vicente Espanhol, Miguel Turco, Chica Cigana, Maringá, Tremembé...

— Aparecem apelidos que se ligam à religião da pessoa ou aos trabalhos religiosos por ela exercidos: Ademir Crente, Ana Benzedeira, Alceu da Cadeira da Prece, Cerilo Espírita, Caroinha, Ditinho da Folia de Reis, Maria do Pai Jacó, Miguel Profeta, Nenê do Terreiro de Umbanda, Pastorzinho, Sacristão, Vado Saravá...

— *Bode* é o apelido dado pelo povo aos irmãos maçons. Isto se explica: O maçom, quando ia à Loja, ia buscar a iluminação, isto é, o bôdi, ou melhor, ia ser iluminado (Buda). A palavra era escrita e pronunciada bôud-hi (bôudi), equivalente à iluminação e o iluminado bôud-ha (Buda). Com o tempo perdeu-se o *h* e passou a ser escrita e pronunciada bôudi ou simplesmente *bôdi* (bode). Porém, a insistência na mitificação levou-nos a desenhar o bode dentro do pentagrama. Isto porém é deturpação, é mitificação grosseira.

— *Crente* é o apelido daquele que se integra às igrejas pentecostais, assim como a expressão *pula-nágua*, que diz respeito ao batismo deles. *Protestante* é o apelido do cristão evangélico, *Terninho* ao adepto da T.F.P. e *Papa-hóstia* ao católico que comunga constantemente.

— Também há apelidos com nomes de bichos, naturalmente porque as pessoas apresentam características que, de uma maneira ou outra, fazem lembrar esses animais: Arapuá, Bacalhau, Bezerra, Biriba, Boca-de-bagre, Bodão, Boi, Borboleta, Calango, Canguru, Capivara, Caracu, Caranguejo, Carneirinho, Cricri, Cobrinha, Coelho, Coelha, Curiango, Égua, Elefante, Formigão, Frangão, Galinha, Gambá, Ganso, Gato, Gavião, Grilo, Jacaré, Lagartixa, Lobão, Macaco, Mandi, Morcego, Nambu, Onça, Papagaio, Pardal, Passarinho, Pato, Peba, Peixe, Peixe-espada, Periquito, Peru, Preá, Piau, Pica-pau, Piolho, Pombo, Pulga, Rato, Sabiá, Sapo, Serelepe, Sucuri, Tartaruga, Tatu, Traíra, Tucano, Urubu, Vaca, Zebu, Zé Cascavel, Zé Lagarto...

— Muito comuns são apelidos que alunos atribuem a seus professores ou diretores da escola. Um português, professor de Português, ficou apelidado de *Funética*, porque o capítulo fonética era o que mais ensinava. Outro professor recebeu o apelido de *Seu Né*, porque ao final de cada explicação perguntava aos alunos: né? *Maria Bilhete* assim ficou conhecida uma professora que, por qualquer motivo, enviava bilhete aos pais dos alunos...

— Há também apelidos oriundos da cor, do tamanho, dos defeitos físicos, das perturbações nervosas, dos costumes — (modo de trajar, gula, mesquinhez, vícios, etc.): Cida dos Olhos Verdes, Chico Preto, Chiquim Branquinho, Ferrugem, Índio, Jibóia, Loirinho, Maria Branca, Mané Pintado, Neusa Russa, Surubim, Zé Amarelo; Anão, Baleia, Bananeira, Barril, Cabeçote, Danoninho, Minibrama, Miúdo, Nanico, Pinguela, Três-quartos, Vitamina, Varejão; Boca-mole, Cacacá, Ceguinho, Feijoadá, Mané Gago, Maria da Perna Grossa, Mil-e-um, Mudinho, Pé-de-Cabra, Pé-quebrado, Popopó, Semáforo, Tilápia, Capota, Chico Louco, Chico Trovoada, João Louco, Joaquim Louco, Nair Lambreta, Maria Biruta, Pancada; Arco-íris, Maria Tapete, Coca-cola, Gelatina, Guaraná, Paçoquinha,

Chico Miséria, Unha-de-vaca, Cinco-dedos, João Garraão, Pé-de-Cana, Pedro Cachimbo...

— Muitos são os apelidos por causa da profissão: Benedito Cisterneiro, Chico Barbeiro, Manuel Balaieiro, Getúlio Pescador, Maria Requeijão, Paulo Verdureiro, João Eletricista, Sérgio Tintureiro, Maria Doceira, Toninho Carroceiro, Rui Sorveteiro, João Pipoqueiro, João Soldado, Josias Folheiro, Carlos Jardineiro, Osvaldo Pedreiro, Tiãozinho Sanfoneiro, Artur Bilheteiro, João Geleia, Orlando Açougueiro, Miguel Fogueteiro, Zé do Bar, Zé Cavaquinho, Zequinha Capadô, Joaquim Coveiro, Leo Rancheiro, Ditinho Sertanejo, Cabriteiro, Lino Lavageiro, Darcí Sapateiro, Zé Sapateiro, Miguel da Pedreira, Maquininha, Manoel da Pinga...

— Alguns apelidos são populares e recaem sobre as pessoas por apresentarem alguma semelhança com as pessoas indicadas (física, artística ou cultural). Outros revelam o oposto: Brigitte, Chacrinha, Costinha, Derci Gonçalves, Fafá, Gina, Maria Alcina, Marta Rocha, Regina Duarte, Roberto Carlos, Rui Barbosa, Vanderléia...

— Alguns filhos carregam em seu nome, o nome de seu pai ou de sua mãe, tornando-se apelidos duradouros: Joaquim da Rita, Noca do Vitória Parolim. Quando casados, os homens carregam o nome das mulheres ou vice-versa. E assim passam a ser conhecidos entre os amigos: Cida do Nego, Dita do Toninho, Luís da Fátima, Zé da Rosa...

— Certas pessoas, sem justa causa, mas pela coragem que encerram ou situação financeira favorável, recebem apelidos que se perpetuam durante toda a existência: Capitão, Captura, Comendador, Coronel, Delegado, Marechal, Major, Tenente. Na maioria são pessoas iletradas.

— Políticos também recebem apelidos que se fixam, revelando sua bondade, coragem pessoal, bom ou mau governo: Divino, Leão, Tatu...

— Outros apelidos provêm de defeito de pronúncia, principalmente entre crianças. É oportuno lembrar o

apelido *Tutela* dado a um garotinho que enquanto comia um pedaço de carne (costela) e interrogado por um adulto sobre o que comia, respondeu: Tutela. E assim ficou Tutela para sempre.

— O nome próprio pode servir de apelido a um outro nome próprio, quando há divergência entre a escolha do pai e da mãe. O pai registrou o filho pelo nome de Antônio, mas a mãe o chamou de Uilson e assim permaneceu o tratamento.

— Especiais são os apelidos dados às mulheres que ingressam no comércio da prostituição: Cana Verde, Maria Bolacha, Maria Pé-de-cobra, Otávia Piranha, Sabuga... e aos homossexuais, camada marginalizada da população, que se vangloriam ser chamados andróginos: Florzinha, Gigi, Marcela, Nádia, Tigresa, Vanusa...

— Outros apelidos são adquiridos no cárcere e carregados pela vida: Bebe-sangue, Cascavel, Donzela, Fatalidade, Maconha, Tremendão...

— Nem mesmo os logradouros públicos escapam à apelação. Alguns são pejorativos, outros não: Bosquinho (matinha ao lado esquerdo da Avenida do Folclore, onde havia macacos), Brejinho (antigo campo de futebol, à margem direita da Avenida Aurora F. Neves), Largo das Cabritas (trecho da Avenida Brasil), Pito Aceso (Praça São Benedito), Ponte Preta (sobre o Córrego Olhos D'Água, na Avenida Dr. Valdemar L. Ferraz), Rua Boadeira (Rua Benjamim Constant)...

É bom estudar o apelido e procurar o seu significado, ou seja, saber por que a pessoa o recebeu, porque "folclore é ciência, emoção e arte através das quais um povo preserva sua memória", como escreveu a professora Palmira M. Degásperi Rodrigues, de Olímpia.

Finalizando, queremos registrar nossos agradecimentos ao folclorista José Sant'anna, amante incontestável de Olímpia e que tudo sabe sobre ela, pela valiosa colaboração prestada na realização deste trabalho.

## Dança do coco

MARIA APARECIDA DE ARAÚJO MANZOLLI  
Departamento de Folclore — Olímpia

Está provado que educação é a forma total do indivíduo, é o aprimoramento físico, intelectual e moral e, para esse processo de ajustamento e de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, a criatividade desempenha papel importante.

A personalidade criadora tem mais facilidade em contornar as dificuldades surgidas na sua comunicação com os outros até chegar ao verdadeiro encontro consigo mesma e com as demais. Favorece relações com o meio e a integração do mundo da infância ao da idade adulta.

A criatividade não está restrita a nenhum conteúdo específico, não havendo diferenças fundamentais no processo relativo à pintura, música ou dança.

Assim a pesquisa, a montagem, a própria execução de uma dança, oferecem oportunidade para o desenvolvimento do espírito criador.

Através dos anos temos aplicado nosso trabalho à educação de crianças e jovens, procurando o desenvolvi-

mento total de todas as suas potencialidades, através da livre expressão baseada em conhecimentos adquiridos. Há uma possibilidade de reduzir tensões, respondendo ao desejo interno de exteriorização e de adesão à vida.

É como afirma o folclorista Prof. José Sant'anna: "É uma necessidade social a aplicação do folclore à educação, pois é uma contribuição do mais alto significado pela intenção formativa e pelo caráter de patriotismo que imprime".

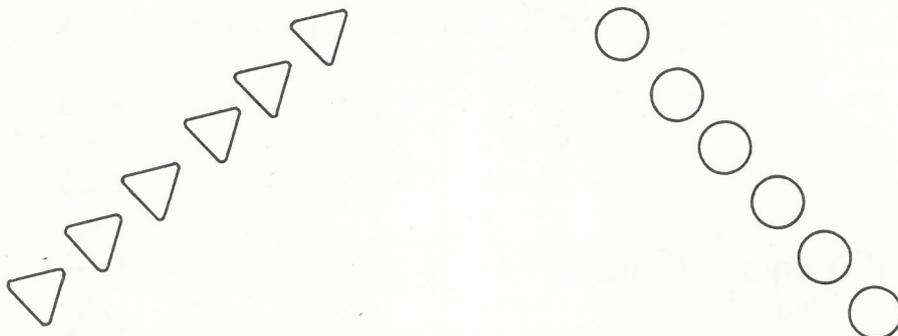
Entre nossas pesquisas realizadas e colocadas à serviço de jovens e crianças através de sua própria criatividade, descreveremos a *Dança do Coco*.

É dança largamente difundida no Norte e Nordeste do Brasil, principalmente nas regiões praias. Todavia, é considerado tipicamente *alagoano* por ter sido este seu Estado de origem e onde foi mais registrado. O coco surgiu nos engenhos, divulgou-se pelo litoral, penetrou nos salões refinados e no meio burguês, para depois re-trair-se e ficar apenas entre o povo, como acontece nos

dias atuais. O coco é sempre dança alegre, movimentada, de ritmo vivo e muito apreciada.

A coreografia do coco obedece à formação de rodas, sapateados, umbigadas, saculejos e palmas.

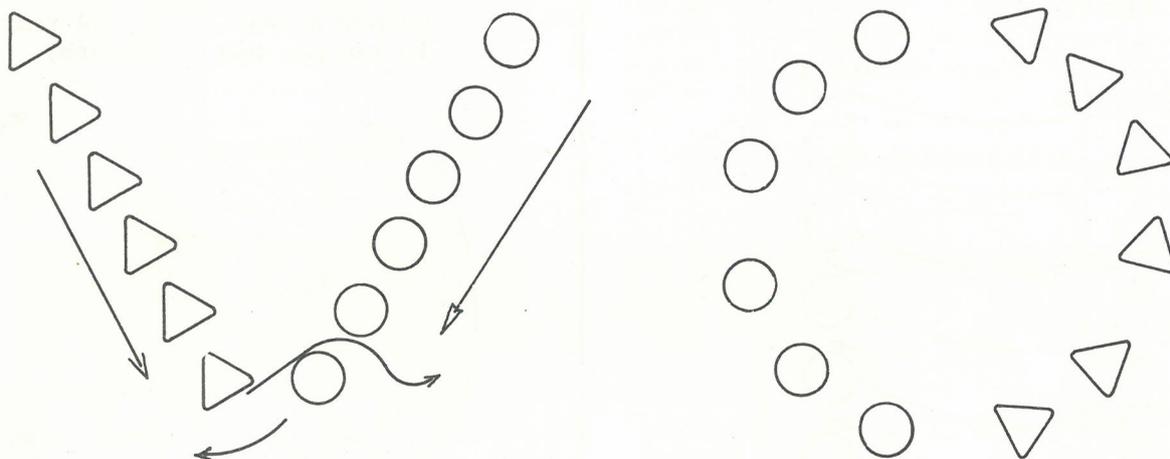
*Posição Inicial*



Cada dançador usa um coco, serrado ao meio.

*1.ª figura*

Os pares se dirigem para a frente, cruzam um com o outro, continuando em círculo no sentido contrário, enquanto entoam o trecho da música:



E olha o coco peneruê, | bis  
E olha o coco peneruá, |

*2.ª figura*

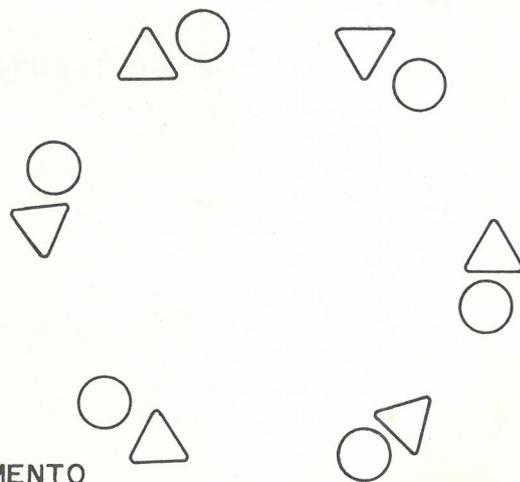
No fundo do palco, cruzam, intercalando dama e cavalheiro, cada um com seu par, enquanto cantam:

Oi pisa o mio, 4 vezes  
Penero xerém!  
Eu não vô criá galinha | bis  
Pra dá pinto pra ninguém.

2.º movimento: Ainda em roda, a dama que seguia à frente do cavalheiro, volta-se para ele e executa:

Saculeja X, Saculeja X, nas pontas do pé: direito, esquerdo, batendo os cocos no já e no X.

Quando cantam *Penero Xerém*, os dois dão uma volta completa pela esquerda, ao redor de si mesmos (parafuso).

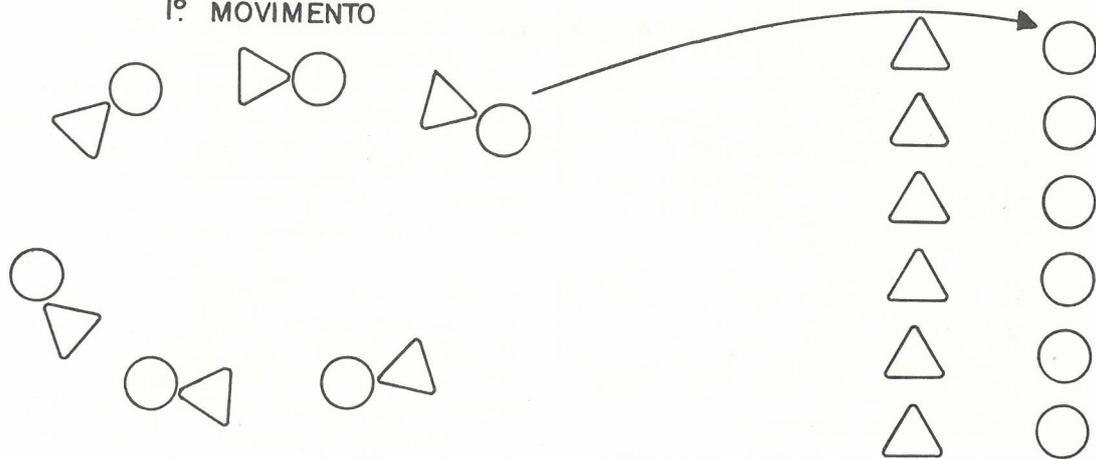


1.º MOVIMENTO

3.<sup>a</sup> figura

O trecho musical é repetido.

1.<sup>o</sup> MOVIMENTO

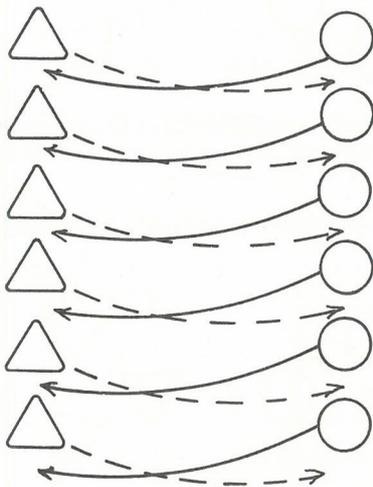


E olha o coco...  
Oi pisa o mio...  
Saculeja...

Os cavalheiros usam uma pequena mão-de-pilão e as damas, peneira.

Música: Penero xerém.

2.<sup>o</sup> MOVIMENTO

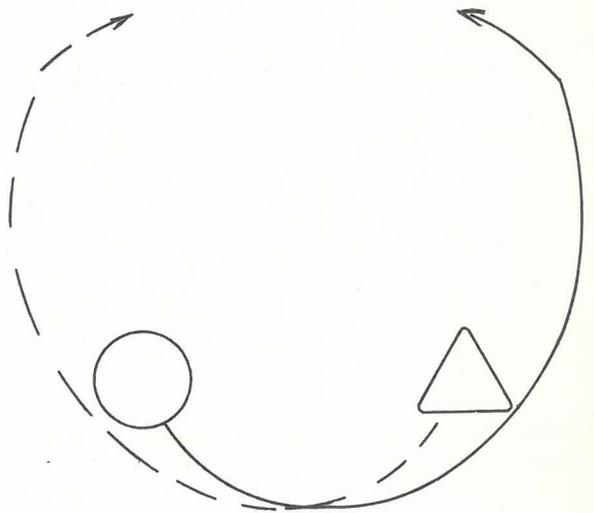


4.<sup>a</sup> figura

1.<sup>o</sup> movimento: Os pares cruzam à frente e seguem em círculos, pelo lado oposto, até ao fundo do palco, onde deixam as mãos-de-pilão e as peneiras e, recebem, novamente, os cocos.

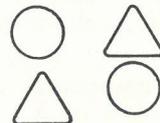
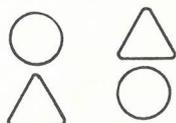
Música:

E olha o coco peneruê, | bis  
E olha o coco peneruá. |  
Oi pisa o mio... (4 vezes)  
Eu não vou criar... (bis)



2.<sup>o</sup> movimento: No fundo do palco as damas voltam a se posicionar à frente dos cavalheiros e se dirigem de 4 em 4, para lugares diferentes do palco.

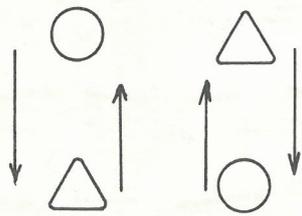
2.<sup>o</sup> MOVIMENTO



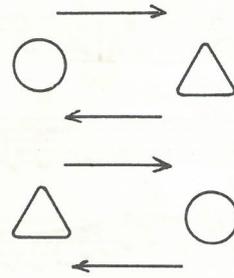
Saculeja  
Penero o xerém

5.<sup>a</sup> figura

Realizam a umbigada, a cada tempo do compasso:



1.<sup>o</sup> MOVIMENTO



2.<sup>o</sup> MOVIMENTO

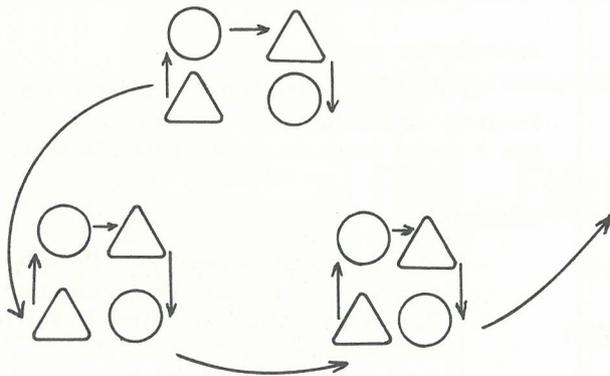
Música:

Esta nega é o coco  
Do estambiro, biro, biro,  
Esta nega é o coco  
Do estambiro, biro, á. (bis)

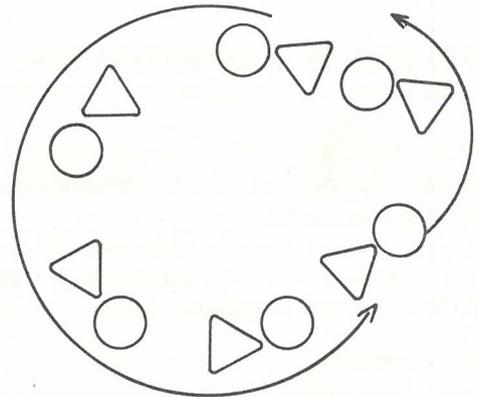
Final — saída

E olha o coco peneruê, | (bis)  
E olha o coco peneruá.

1.<sup>o</sup> MOVIMENTO



2.<sup>o</sup> MOVIMENTO



Grupo Parafolclórico "Cidade Menina-Moça"

### Conjunto musical

O conjunto musical se compõe de: acordeão, violão, ganzá, triângulo e surdo, executados por estudantes.

### Coral

O coral consta de um grupo de vozes (no mínimo, dois cantadores) em uníssono ou vozes improvisadas.

### Indumentária

Moças: vestido estampado, avental branco e chapéu de palha às costas.

Rapazes: calça listrada, dobrada até os joelhos, camisa cor lisa ou estampada, amarrada à frente.

Todos dançam descalços.

### Material necessário

Cocos serrados ao meio, peneiras e mãos-de-pilão, que enriquecem a coreografia e demonstram a liberdade de movimentos de que gozam os dançarinos.

### Considerações finais

O Grupo Parafolclórico "Cidade Menina-Moça" do C.T. "Noiva Sertaneja" é formado de estudantes. Ele tem como objetivo defender, preservar e divulgar o fol-

clore, projetando-o como meio para formação integral de jovens e crianças. Então, uma vez projetado, é o para-folclore em ação.

### Informações orais

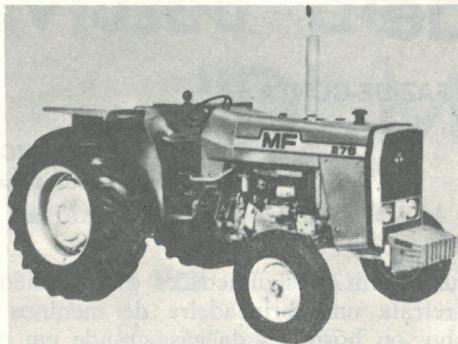
O Prof. José Sant'anna, criador e coordenador dos Festivais do Folclore, incentivador do nosso trabalho, foi-nos a maior fonte de consulta na execução desta dança.

### Bibliografia

- Maria Helena Novais — "Psicologia da Criatividade", 3.<sup>a</sup> edição, 1975, Editora Vozes Ltda.
- Ruy Botti Cartolano e Judith Pereira — "Cantando Espalharei Por Toda Parte", Educação Musical e Educação Moral e Cívica, Irmãos Vitale — Editores, 1970.

### Agradecimentos

Nosso agradecimento aos jovens: Marcos Antônio Zangirolami, desenhista, que cuidou dos desenhos coreográficos, Jônatas Manzolli, maestro, que executou os serviços de organografia (pauta musical) e Francisco de Assis Madalena (fotografia).



## David de Oliveira & Cia. Ltda.

REVENDEDOR — MASSEY-FERGUSON

Conheça todas as vantagens do Massey Plan

“Folclore é como o nascer e pôr-do-sol. Simples. Cotidiano. A sua beleza está no mistério que encerra. O simples mistério do que é natural. São almas intocadas e intocáveis na sua natureza que agitam a festa. Semeiam amor e preservam os usos e costumes, sem nada pedir. Folclore é o retrato vivo do que você não viu. Que ninguém viu. Folclore não tem época. É o ontem e o hoje. É a alma de um povo que, como a corrente de um rio, existe. As águas vão e voltam, sem desmanchar a corrente. Nada novo. Tudo de novo.”

(DIMAS EGYDIO DOS SANTOS)

**DAVID DE OLIVEIRA & CIA. LTDA.**

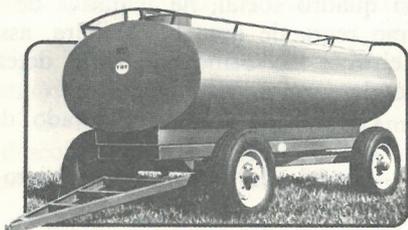
**Revendedor Massey-Ferguson**

RUA JORGE TIBIRIÇÁ, N.º 38 a 86

CAIXA POSTAL 113

FONES: 81-1013 e 81-1014 (DDD - 0172)

15 400 — OLÍMPIA — SP



## FIDO - Fábrica de Implementos Agrícolas

DAVID DE OLIVEIRA LTDA.

**FIDO: Qualidade — Economia**

“Muitas localidades desse São Paulo estuante de dinamismo, grandeza e progresso, como nos demais lugares privilegiados do nosso enorme país, terão condições para competir com esta cidade. Mas Olímpia, filha do sertão, nascida no coração de um grande vale, tinha tudo para se tornar cidade padrão, em estudos folclóricos, no cultivo dos usos, hábitos e costumes da nossa gente e na preservação das mais caras tradições da nossa terra.” (1971)

(ROTHSCHILD MATHIAS NETTO)

**FIDO**

**IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS — DISPOSITIVOS INDUSTRIAIS**

AVENIDA DR. ADEMAR PEREIRA DE BARROS, 630

FONES: (0172) 81-1291 e 81-1061

15 400 — OLÍMPIA — SP

# Capa-bode

UM ESQUECIDO BRINQUEDO DE FAZ-DE-CONTA

ALCIDES NICEAS

(Academia Sorocabana de Letras)

Vão desaparecendo apressadamente as manifestações do folclore lúdico infantil, inclusive nas áreas rurais ainda pouco atingidas pela insinuação agressiva dos mostruários de brinquedos automáticos dos mais variados tipos, condicionamentos e procedências.

A criança de hoje quase não brinca, não sabe como participar de um jogo apropriado à sua idade e ao universo de sua convivência, porque os objetos a ela destinados para o seu devaneio fazem tudo sozinhos: andam, correm, vão e voltam no mesmo impulso, sorriem, gesticulam, fazem caretas, pulam, dançam, choram e soltam palavras programadas, movidos todos por cartuchos eletrônicos ou peças ajustadas pelos laboratórios mecânicos que despertam fascinação aos olhos infantis.

Na regra persuasiva do *marketing*, é muito mais cômodo comprar feito do que fazer com as próprias mãos.

Nas zonas agrícolas ou de domínio da pecuária, os meninos já se esqueceram de como armar arapucas feitas de lascas de maniva (1), para a pega de passarinhos; raramente se juntam num jogo de castanha; perderam a vocação para os torneios de piões arremessados com habilidade (2); talvez nem saibam, agora, fazer seus papagaios (pipas) para empiná-los no aproveitamento de aragens das tardes quentes. Tudo foi ficando para trás, como se fosse feio manter a tradição das brincadeiras não compradas em lojas.

No Nordeste, na zona de prestígio dominador da cana-de-açúcar, brincava-se antigamente com frequência de "faz-de-conta" (3) com o *capa-bode* funcionando em beiradas de partido (4), no sentido de reconstituir, por divertida e propositada imitação, as origens históricas do engenho de açúcar.

O quadro não sofre sensíveis alterações: dois ou três meninos, filhos ou sobrinhos do senhor de engenho, combinam armar um *capa-bode* (espremedor de cana-de-açúcar), nos moldes da engenhoca chamada de "primitivo destorcedor" por Mário Souto Maior, para distração em dias de suas férias escolares.

A engenharia é sumária: dois cilindros de 60 cm, mais ou menos, preparados de madeira resistente com a ajuda do carpina do engenho, giram horizontalmente seguros numa armação feita de duas pranchas, também de madeira pesada, fincadas no solo. Uma extremidade de cada cilindro (moenda) é atravessada por um robusto galho de árvore que permita, sem muito esforço, a movimentação dos rolos espremedores da cana colhida muito perto do local da brincadeira. Os movimentos dos improvisados moendeiros são feitos em sentido contrário. Debaixo desse aparelho rústico fica uma espécie de calha, ou bica, inclinada na melhor forma de receber o caldo da cana esmagada que vai caindo numa cuia, ou num alguidar (5), ou mesmo numa cabaça (6) de boca larga. Terminada a moagem, ou durante, os meninos fartam-se de caldo fresquinho e doce, tornam-se usineiros na base do "faz-de-conta".

O "engenho de pau", como era conhecido na zona do Cariri, a tosca armação com rolos de madeira para espremer cana-de-açúcar, o "brocoió" (7) e a "garapeira" (8), nada mais são que o *capa-bode*, termo este ainda não chegado ao registro dos dicionaristas com o significado de engenho rústico para moer cana, embora alguns escritores tragam o seu aval ao vocábulo, agora apenas figurando em raras referências à mitologia canavieira (9).

Reduzido em suas dimensões e conveniências, o *capa-bode* retrata uma brincadeira de meninos moradores de engenho, ou hóspedes da casa-grande em períodos de folga escolar, organizando eles próprios o seu passatempo na alegre e compensadora lembrança intuitiva do que teria sido a usina de açúcar nos seus primeiros passos, de certo modo, pitorescos.

A importância no brinquedo está na força de instigar a imaginação infantil para um determinado comportamento de natureza ativa. Os meninos, sem se aperceberem, utilizam material rústico e formam um instrumento de brincadeira educativa que define, espontaneamente, um agente de conhecimentos e habilidades de conteúdo pedagógico, expressando ao mesmo tempo o sentido folclórico de uma manifestação lúdica.

O *capa-bode* está quase desaparecido como atividade infantil no campo do folclore lúdico, somente ressurgindo em raras oportunidades ainda como fonte inspiradora do "faz-de-conta" que foi morrendo, pouco a pouco, sob a pressão dos facilitários introdutores do sistema "leve agora e pague em 12 meses".

## NOTAS:

- 1 — *Maniva* — Pedaco do caule do aipim (macaxeira) ou da mandioca.
- 2 — Há meninos tão habilidosos que amarram a ponteira no pião, atiram-no em corrupio no ar para depois apará-lo na unha do polegar direito.
- 3 — *Fazer-de-conta* — A imaginação infantil recria um costume ou quadro social, na tentativa de torná-lo prático como regra de uma brincadeira, assumindo cada participante do brinquedo uma determinada conduta no desenrolar do folguedo.
- 4 — *Partido* — Quadro de terreno plantado de cana-de-açúcar.
- 5 — *Alguidar* — Espécie de bacia feita de barro cozido, para uso doméstico.
- 6 — Fruto maduro do cabaceiro que, tirado o miolo, serve de garrafa ou vaso.
- 7 — "Conheci, quando criança, engenhocas que vendiam caldo de cana, às quais se dava o nome de brocoiós" (José de Figueiredo Filho — *Engenhos de Rapadura do Cariri*).
- 8 — "Aqui, no Rio Grande do Norte, na região de Baía Formosa, foi-nos servido um caldo de cana sacarina, espremido sob nossa vista, de um aparelho muito rudimentar, constituído por dois rolos de madeira resistente, quase unidos e acionados a braços, com o auxílio de manivelas enfiadas no centro de cada cilindro, aparelho a que dão o nome de Garapeira" (Luís Romano — estudo sobre "A Bolandeira" publicado na revista *Brasil Açucareiro*, de agosto de 1943).
- 9 — "Metia-se a funcionar primeiro a engenhoca de moer cana pra garapa, mel e rapadura, que a peãozada cognominava de *capa-bode*" (Juarez Moreira Filho — *Infância e Travessura de um Sertanejo*); "O caldo enviado a tratamento/Provinha da moagem da cana/Obtida através do *capa-bode*/Grosseiro aparelho de esmagar" (Osmar Silveira — *Temas de Engenho*).

Recife, outubro de 1985

# Museu de História e Folclore

## “D. Maria Olímpia”

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

SÍMBOLOS VISUAIS DE OLÍMPIA

*Brasão e Bandeira*

LEI N.º 1289, DE 16 DE JUNHO DE 1977

*Dispõe sobre os símbolos do Município de Olímpia e dá providências correlatas.*

ALVARO CASSIANO AYUSSO, Prefeito do Município de Olímpia, Estado de São Paulo, etc., usando das atribuições que lhe são conferidas por lei,

FAZ SABER que a Câmara Municipal aprovou e ele promulga a seguinte lei:

Artigo 1.º — São Símbolos do Município de Olímpia:

I — O Brasão de Armas;

II — A Bandeira Municipal.

Parágrafo único — Ficam aprovados o Brasão de Armas e a Bandeira Municipal, cujos modelos elaborados com a colaboração do Conselho Estadual de Honrarias e Méritos, ficam fazendo parte integrante desta lei.

Artigo 2.º — O Brasão de Armas de Olímpia tem a seguinte descrição: escudo ibérico, de sable, com uma águia estendida de ouro, tendo nas garras um gládio de goles, posto em faixa e bordadura de ouro, carregada de oito quinquéfolios de goles. O escudo é encimado de coroa mural de prata, de oito torres, suas portas abertas de goles, e tem como suporte, à destra, um ramo de laranjeira e à sinistra, um ramo de cafeeiro, ambos folhados e frutados, ao natural. Listel de goles, com a divisa “SAGUINEM PRO PATRIA DEDI”, em letras de ouro.

Artigo 3.º — O Brasão de Armas de que trata o artigo anterior tem a seguinte interpretação:

I — O escudo ibérico era usado em Portugal à época do descobrimento do Brasil e sua adoção evoca os primeiros colonizadores e desbravadores da nossa Pátria.

II — A cor sable (preto), tem o significado heráldico de fortaleza, constância, prudência, modéstia, sabedoria, ciência, gravidade, honestidade, moderação, fartura, fertilidade, silêncio e segredo, referindo-se aos atributos de administradores e munícipes e à maneira pela qual são conduzidos os destinos do Município.

III — A águia estendida (de asas abertas), é símbolo do poder, prosperidade, vitória, benignidade, generosidade, liberalidade, arrojo para cometer grandes empresas, altos desígnios e coragem, lembrando os primeiros povoadores da região, que anteendo suas potencialidades, lançaram-se ao desbravamento sem medir esforços e fixaram as bases do progresso atual.

IV — O metal ouro é representativo de riqueza, esplendor, glória, nobreza, poder, força, fé, prosperidade, soberania e mando, refletindo o irrefreável progresso alcançado por Olímpia, pelo trabalho diuturno de seu povo, alicerçado em fé inquebrantável na munificência do Todo-Poderoso.

V — O gládio, indica vontade guerreira e justiça e a cor goles (vermelho), derramamento de sangue em batalha, audácia, valor, galhardia, intrepidez, nobreza conspícua e honra, aludindo à participação desassombada do povo de Olímpia nos movimentos cívicos ao lado da Lei e da Justiça, pela Democracia e pela Liber-

dade, como na arrancada heróica de 1932 e na 2.º Guerra Mundial, quando olimpienses ofereceram suas vidas e seu sangue.

VI — A bordadura é indicativo heráldico de favor, proteção e o quinquéfolio de filha querida, recordando que o topônimo “Olímpia”, sugerido pelo engenheiro Dr. Robert John Reid, foi adotado em homenagem à Maria Olímpia, filha de Antônio Olímpio Rodrigues Vieira, líder político da região.

VII — A coroa mural é o símbolo da emancipação política e a de prata, com oito torres, das quais apenas cinco estão aparentes, constitui a reservada às cidades. As portas abertas, proclamam o caráter hospitaleiro do povo de Olímpia e a cor goles (vermelho), na posição em que se situa na coroa mural e, por ser no Brasil a indicativa do Direito e da Justiça, está a significar que Olímpia é cabeça de Comarca, como a dizer: “dentro destas portas, encontrareis a Justiça”.

VIII — Os ramos de laranjeira e cafeeiro, em plena produção, atestam a fertilidade das terras generosas de Olímpia, de que são importantes fatores de riqueza, demonstrando que a agricultura é um dos esteios da economia municipal.

IX — No listel, a divisa “SAGUINEM PRO PATRIA DEDI”, completa o simbolismo, afirmando que Olímpia derramou seu nobre sangue quando o exigiram os interesses da Pátria e o chamado da honra.

Artigo 4.º — A Bandeira de Olímpia, assim se descreve: retangular, de negro, com uma águia estendida de amarelo, segurando nas garras um gládio de vermelho e bordadura de amarelo carregada de oito quinquéfolios de vermelho.

Artigo 5.º — A Bandeira tem 14 M (quatorze módulos) de altura, por 20 M (vinte módulos) de comprimento; a águia, tem 13,5 M (treze módulos e meio) de largura por 7 M (sete módulos) de altura, o gládio tem 9 M (nove módulos) de comprimento, a bordura tem 2,7 M (dois módulos e sete décimos) de largura e os quinquéfolios têm 2 M (dois módulos) de diâmetro.

Artigo 6.º — O Brasão de Armas de Olímpia é exclusivo do Poder Público Municipal e será usado:

I — Obrigatoriamente:

a) nos documentos, demais papéis e correspondência oficial;

b) no Gabinete do Prefeito Municipal e na sala das sessões da Câmara de Vereadores.

II — Facultativamente:

a) na fachada dos edifícios públicos;

b) nos veículos oficiais; e

c) nos locais onde se realizem festividades promovidas pela Municipalidade.

Artigo 7.º — A apresentação e sinais de respeito devidos aos Símbolos de Olímpia, regular-se-ão, no que couber, pela legislação federal.

Artigo 8.º — É proibida a manutenção e reprodução dos Símbolos de Olímpia em locais ou situações incompatíveis com o decoro, bem como em propoganda comercial ou política.

Artigo 9.º — Mediante expressa autorização e a exclusivo critério do Prefeito Municipal, poderão, os Símbolos de Olímpia, ser reproduzidos em distintivos, selos, medalhas, adesivos, flâmulas, bandeirolas, objetos artísticos ou de uso pessoal, em campanhas cívicas, assistenciais, culturais ou de divulgação turística.

Parágrafo 1.º — As reproduções deverão obedecer às proporções e cores originais, ficando para tal arquivados na Prefeitura Municipal, exemplares destinados a servir de modelo.

Parágrafo 2.º — Para a reprodução monocromática do Brasão de Armas é obrigatória a representação de seus metais e cores de acordo com a convenção heráldica internacionalmente aceita.

Artigo 10 — O Poder Executivo, mediante Decreto, estabelecerá as sanções para as infrações dos dispositivos desta lei.

Artigo 11 — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário e,

\* \* \*

em especial, as de n.ºs 283, de 16/04/1957; 998, de 18/09/1969 e 1013, de 31/10/1969.

Registre-se e publique-se.

Prefeitura Municipal de Olímpia, em 16 de junho de 1977.

a) *Álvaro Cassiano Ayusso*  
Prefeito Municipal

Registrada e publicada na Diretoria Geral do Expediente da Prefeitura Municipal de Olímpia, em 16 de junho de 1977.

a) *Lázaro Roberto Ferreira*  
Diretor Geral

## BRASÃO



Para reprodução monocromática

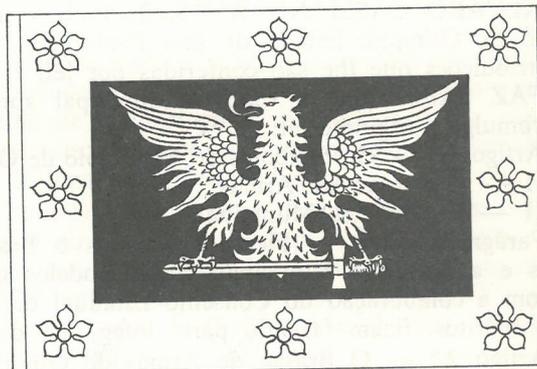


Para reprodução colorida

### Nota:

O Brasão e a Bandeira do Município de Olímpia, idealizados pelo Prof. José Sant'anna e indicados ao prefeito Álvaro Cassiano Ayusso, foram adotados após a aprovação e promulgação da Lei n.º 1289, de 16 de junho de 1977. O anteprojeto de lei que criou aqueles símbolos municipais, em substituição aos anteriores, obedeceu às sugestões do Conselho Estadual de Honrarias e Mérito.

## BANDEIRA



## CORES DO MUNICÍPIO

LEI N.º 1296, DE 1.º DE JULHO DE 1977

*Dispõe sobre as cores do Município de Olímpia e dá outras providências*

ÁLVARO CASSIANO AYUSSO, Prefeito do Município de Olímpia, Estado de São Paulo, etc., usando das atribuições que lhe são conferidas por lei,

FAZ SABER que a Câmara Municipal aprovou e ele promulga a seguinte lei:

Artigo 1.º — São declaradas oficiais as cores preta e amarela ao Município de Olímpia.

Parágrafo único — A adoção oficial implicará na confecção de fitas (de pano) com o ornato das duas cores.

Artigo 2.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Registre-se e publique-se.

Prefeitura Municipal de Olímpia, em 1.º de julho de 1977.

a) *Álvaro Cassiano Ayusso*  
Prefeito Municipal

Registrada e publicada na Diretoria Geral do Expediente da Prefeitura Municipal de Olímpia, em 1.º de julho de 1977.

a) *Lázaro Roberto Ferreira*  
Diretor Geral  
*Rothschild Mathias Netto*

Comissão de História — Olímpia



# Registros

## CÂMARA MUNICIPAL DE OLÍMPIA

*Outorga do Título de cidadania olimpiense às folclorólogas Inezita Barroso e Laura Della Mônica*

*(Uma das mais belas sessões realizadas na Câmara de Olímpia. Ato cheio de emoções).*

O presidente José Carlos Moreira:

*Dando início à sessão solene de hoje, sexta-feira, 10 horas do dia 16 de agosto de 1985, convido os senhores vereadores a tomarem assento em seus lugares.*

*Pausa.*

*A Câmara Municipal de Olímpia sente-se muito feliz em reunir-se festivamente para a outorga do título*

*de cidadania a duas eméritas folcloristas brasileiras, que muito fizeram por Olímpia: Inezita Barroso e Laura Della Mônica.*

*E, para testemunharem este ato solene e de grande importância para o Município de Olímpia, convido para a composição da Mesa:*

### CONVITE ÀS AUTORIDADES

*J.C.M.: Nomeio uma comissão composta pelos senhores vereadores: Dr. Antônio Martins Correia, Sr. Otacílio de Oliveira Neto e Prof. Wanderley Dario Forti, para acompanharem as ilustres homenageadas I. B. e L. D. M. a este recinto.*



*J.C.M.: Sob a proteção de Deus, estão abertos os trabalhos desta sessão solene.*

*J.C.M.: Em pé, cantemos o Hino Nacional Brasileiro, acompanhando a gravação oficial da música. Cantemos com entusiasmo este Hino que renova as esperanças no progresso contínuo do nosso imenso país.*

*J.C.M.: Ainda, em pé, ouviremos a leitura do Evangelho: Epístola de São Paulo aos Efésios, capítulo primeiro, do versículo 3 ao 14, pelo excelentíssimo vereador Dr. Antônio Martins Correia.*

*J.C.M.: Ocupará a Tribuna, para a saudação, em nome da Câmara Municipal, às mais novas olimpienses I. B. e L. D. M., o excelentíssimo vereador Dr. José Sant'anna, autor das proposições, que se faz acompanhar dos juvenis: Osvaldo Domingos Júnior, Alencar Aleixo Franchini, Paulo Humberto Remondi, Marcos André Stellari, Décio Alexandre de Freitas Carvalho, Gilmar Manoel da Silva, Marcelo Marco Cabrelli, Paulo Augusto Sgorlon, Roberto Suematsu Itoyama, Valdinei Magão, todos do corpo discente da Escola Estadual de Primeiro Grau do Jardim Silva Melo. Interferência musical do cantor olimpiense — Noel Costa.*



Momento do Hino Nacional

Vereador Sant'anna:



“O sacerdote reza para absolver o confitente. O causídico põe em jogo todos os recursos do seu talento e de sua lógica na defesa da liberdade e do reconhecimento do direito do cliente. O general luta nos campos de batalha pela vitória de seus comandados que sofrem a agrura do vencido, quando falham suas previsões e sacrifícios. O médico sente o coração sangrando quando vê esvair-se a vida de seu paciente que ele procura salvar.

Inezita Barroso e Laura Della Mônica, com espírito brilhante, têm revelado muito talento cultural ao confitente do sacerdote, ao cliente do causídico, aos comandados do general, ao paciente do médico, porque encantam os que as ouvem e que, por conseqüência, tornam-se seus admiradores. Quem são estas duas respeitáveis estudosas do Folclore Brasileiro?

#### INTERFERÊNCIA

Leitura da biografia de *Inezita Barroso* pelo jovem Osvaldo Domingos Júnior.

Leitura de “*Inezita em Olímpia*” pelo jovem Alencar Aleixo Franchini.

Leitura da biografia de *Laura Della Mônica* pelo jovem Paulo Humberto Remondi.

Leitura de “*Laura Della Mônica em Olímpia*” pelo jovem Marcos André Stellari.

Apresentação do jogral por um grupo de juvenis.

*Todos: Cidadãs Olimpienses*

Paulo: Nascidas à luz de bons astros

*Todos: Vivendo à sombra do amor*

Valdinei: São queridas

Décio: São amadas

*Todos: Demonstram grande valor*

Gilmar: Uma ao calor da viola

Do seu vibrante cantar

Marcelo: Outra ao valor da palavra

Palavra que canta ao soar

Valdinei: São queridas

Décio: São amadas

*Todos: Jamais esquecidas serão*

Roberto: Uma

*Todos: Inezita Barroso*

Paulo: Mulher de riso famoso

Roberto: Outra

*Todos: Della Mônica, Laura*

Valdinei: Que espalha sua aura

Pelos rincões do país

Décio: Duas mulheres de fibra

Gilmar: Com elas a gente vibra

*Todos: De pura emoção nacional*

Roberto: Inezita leva o canto

Marcelo: Como jóias espalhadas

Paulo: Como rosas perfumadas

*Todos: Cultuando o meu Brasil*

Valdinei: Laura a palavra sincera

Décio: A cultura faz popular

Gilmar: Escrevendo, pesquisando

*Todos: O folclore nacional*

Marcelo: Duas mulheres de fibra

Roberto: Com elas a gente vibra

*Todos: De pura emoção nacional*

Paulo: Inezita no cinema

Valdinei: Inezita na Tevê

Décio: Inezita na viola

Gilmar: Inezita no violão

Marcelo: Espalhando a voz possante

*Todos: Por todo nosso rincão*

Roberto: Laura, escritora de fama

Paulo: Musicista de valor

Valdinei: Pesquisa o nosso folclore

Décio: Com carinho

*Todos: Com amor*

Gilmar: As fitas e discos levam

*Todos: De Inezita a sua voz*

Marcelo: O calor

Roberto: As revistas, livros levam

*Todos: De Laura a sua voz*

Marcelo: O valor

Paulo: Perenemente lembradas

Valdinei: São as mulheres sonhadas

Décio: Para nos perpetuar

*Todos: Nas folhas belas da história*

Gilmar: Estão aqui! Vão ficar

Marcelo: Nos corações olímpicos

Roberto: De onde são cidadãs

*Todos: Nós as saudamos agora*

Paulo: Jovens que Olímpia acolhe

Valdinei: Senhoras que o povo admira

Décio: Que com orgulho sussurra

*Todos: Da nossa história o fanal*

Gilmar: Gravados ficam seus nomes

Marcelo: No escrínio do coração

Roberto: Sejam bem-vindas, queridas

*Todos: Inezita Barroso*

Paulo: Inês Madalena Aranha de Lima

*Todos: Laura Della Mônica*

Valdinei: Com orgulho lhe outorgam

*Todos: O título de cidadãs*

Décio: Cidadãs que há muito eram

Gilmar: Por amar nossa região

Marcelo: Por levar de Olímpia o nome

Roberto: Do folclore os feitos

Paulo: Agora no coração

Valdinei: De cada olímpico estão

Décio: Para ficar para sempre

Gilmar: Servindo de união

Marcelo: Entre a escrita erudita

*Todos: E o cantar do sertão*

Roberto: Ponte ligando o universo

Paulo: Aquecendo o coração

Valdinei: Salve! pois

Décio: Cidadãs olímpicas

*Todos: Inezita Barroso*

*Todos: Laura Della Mônica*

Gilmar: Nós as saudamos

Marcelo: Reverenciamos

Roberto: E cantando lhes deixamos

Paulo: Nosso amor e gratidão

Paulo, Valdinei e Décio: Salve! Salve! Olímpia, por amá-las

Gilmar, Marcelo e Roberto: Salve! cidadãs, por nos quererem.

#### LEITURA EM CONJUNTO



Salve, Inezita, a cidadã  
Que em Olímpia criou raiz  
Salve a Laura, que é Della Mônica  
Que é amada neste país.

Quando cantando, quando escrevendo  
Elas descrevem nosso Brasil  
Sentimos logo orgulho tanto  
Por sermos filhos deste país

E uma luzinha verde-azulada  
Escorrendo dentro de nós  
Vai nos dizendo: sejam bem-vindas  
Com os seus livros, com sua voz.

São cidadãs olimpienses  
Merecem todo o nosso penhor  
Por nos amarem e se esforçarem  
Para mostrar o nosso valor.

Já não brincamos com bilboquê  
Nem bonde aberto vemos correr  
Mas por vocês nós conhecemos  
Nosso passado e o Brasil a viver  
Nossas varandas não mostram mais  
Os seresteiros sempre a tocar  
Nem as crianças pulando corda  
Que alegravam o nosso olhar  
Salve afinal as cidadãs  
Que escolhemos para ficar  
Grandes mulheres que nos encantam  
Todo olimpiense irá lembrar.

Todos: Viva Inezita! Viva Laura! Cidadãs Olimpienses!  
Cidadãs do Brasil!

(Jogral preparado pela Prof.<sup>a</sup> Iseh Bueno de Camargo).

A esta parte, juntou-se o conjunto de músicos: executando a música "Lampião de Gás" — pífano: Francis-

co Correia Lima (Correinha), Crato — CE; acordeão: José Milton Aquino de Castro, Fortaleza — CE; órgão: Jônatas Manzolli, Olímpia e violão: José Eufrásio de Morais, Fortaleza — CE.

Prossegue o vereador Sant'anna, cumprimentando as autoridades e completando sua alocução:

Laura Della Mônica e Inezita Barroso se distinguem pelas qualidades de inteligência, excepcional capacidade de trabalho, franqueza, coragem pessoal, bondade acolhedora, espírito de sacrifício e inflexibilidade de ação, que são traços característicos das pessoas fortes.

São nossas irmãs em Cristo. São nossas irmãs na nacionalidade. São nossas irmãs em São Paulo. São nossas irmãs no Folclore. E agora, graças a Deus, são nossas irmãs em Olímpia, porque assim declaram os decretos legislativos 107 e 108, da colenda Câmara Municipal.

E, por este sublime motivo, sobe o meu pensamento ao Trono da Graça Daquele que tudo pode: ao Deus Onipotente, Onipresente, Onividente e Onisciente, suplicando que da Sua cornocópia sagrada sejam derramadas as mais profícuas bênçãos: sobre este ambiente, sobre Olímpia e seu povo, sobre as homenageadas e seus familiares, para que fique selado o concerto estabelecido entre a egrégia Câmara de Olímpia e as duas ilustres folclorólogas Laura e Inezita. Amém".

Noel Costa, cantor olimpiense, acompanhando-se ao violão, interpreta:



### BÊNÇÃO AS CIDADÃS

Com a música de "Perdão Para Dois", de Palmeira e Alfredo Corleto.

Santa Maria, Mãe de Jesus,  
Aqui estou, pleno de luz,  
Venho pedir-te tua bênção.  
E também a proteção.  
Hoje Olímpia está em festa  
E a razão ninguém contesta,  
Nossas irmãs que aqui estão,  
Recebem seu galardão.

Inezita Barroso,  
Respeitável cantora  
E Laura Della Mônica,

Sublime escritora;  
As duas de Olímpia  
Se tornam cidadãs,  
Por isso rogo bênção  
Sobre nossas irmãs.

Adaptação do Prof. José Sant'anna.

J.C.M.: Realizar-se-á, agora, o batismo civil das neófitas olimpienses, na cerimônia denominada lava-mãos, pelos juvenis da Escola Estadual de Primeiro Grau do Jardim Silva Melo: Rogério Franco, Sérgio Alexandre Di Marco, Fátima Maria Cabral, João Luciano Gonçalves, Marcelo Alves Queiroz, Márcio Eugênio Diniz, Eliana Tolfo da Silva, Alex Sandro dos Santos Neto, "porque a presença da água signi-

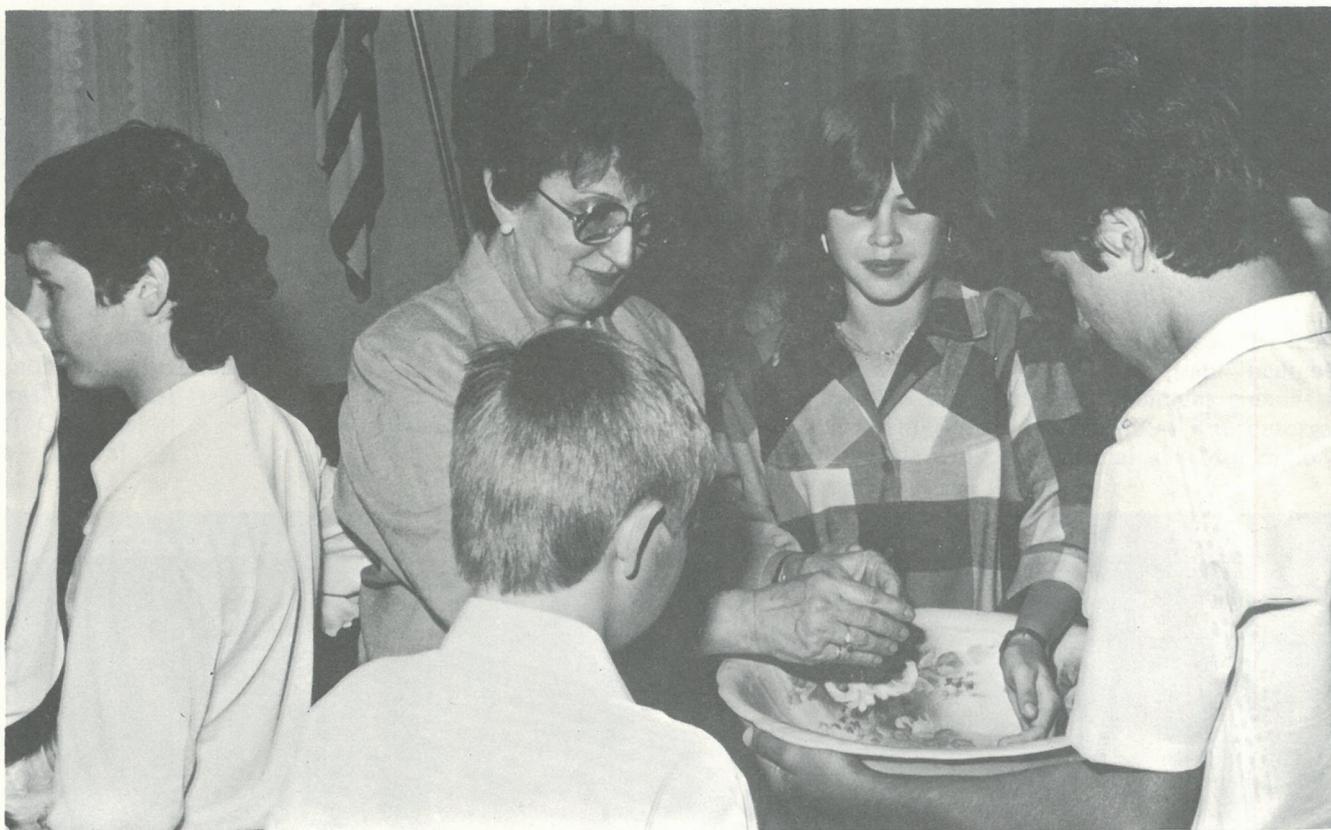
fica refrigerio e bênção”, segundo preceitua Isaías, o profeta da misericórdia divina.

Toalha de linho branco simboliza alegria e pureza. A confecção de tecido de linho é uma das mais antigas manufaturas conhecidas, segundo a Bíblia. As toalhas ornadas com abrolhos, arte folclórica de bom gosto e sobriedade, foram tecidas pela olimpiense Dona Rosinha Pereira dos Santos. Nelas estão bordados o nome das homenageadas e o de Olímpia, em preto e amarelo, cores do Município. Passarão, depois de enxugadas as mãos, a pertencerem às novéis olimpienses.

J.C.M.: Prosseguindo, o vereador Prof. José Sant’anna, acompanhado dos garotos Alessandro dos Santos Menino e Aguinaldo Perpétuo Bernardinelli, da Escola Estadual de Primeiro Grau do Jardim Silva Melo, presente a bandeira do Município de Olímpia, conduzida por Sara Regina Vicente com a guarda composta pelas meninas Alessandra Vieira Campopiano, Ilcimári Aparecida Lopes, Márcia Cristina Fernan-



Lava-mãos — Inezita Barroso



Lava-mãos — Laura Della Mônica

des, Nilda Regina Moreira da Silva e Roseli Cristina Donadi, também componentes do alunado da respeitável E.E.P.G. do Jardim Silva Melo. E, ao som do Hino a Olímpia, cantado pelo Coral Municipal e pessoas presentes, fará a entrega do Título de Cidadania às novas olimpienses.

J.C.M.: Convido as duas mais recentes olimpienses para a prestação do juramento. Todos em pé para este ato. “Prometo, na qualidade de filha de Olímpia, continuar a servi-la, respeitando-a fielmente e amando-a até à morte”.

J.C.M.: Sua Excelência, o prefeito municipal de Olímpia, Sr. Wilson Zangirolami, fará a entrega dos certificados às preclaras cidadãs I.B. e L.D.M., declaradas Hóspedes Oficiais do Município (de 16 a 18/8/1985) como estabelecem os Decretos n.ºs 1793 e 1794/85, de 7 de agosto de 1985. Também serão entregues, pelo prefeito, os diplomas de Reconhecimento por Serviços Culturais Relevantes ao Município.



Momento do Hino a Olímpia



Entrega do título a Laura Della Mônica



Entrega do título a Inezita Barroso



Entrega do título de Hóspede Oficial a I. B. pelo prefeito Wilson

Assim se expressou o Sr. Wilson Zangirolami:  
 Excelentíssimas Autoridades!  
 Senhoras! Senhores!  
 Jovens! Crianças!  
 Inezita e Laura!

Neste momento de alta significação social e cultural para Olímpia e seu povo, cumpro a grata incumbência de passar às mãos das dignas e respeitadas cidadãs olimpienses, o Decreto de n.º 1793 e 1794 que outorgam a ambas o título de Hóspede Oficial do Município, que



Entrega do título de Hóspede Oficial a L. D. M. pelo prefeito Wilson

muito nos honra por serem concedidos a pessoas ligadas às letras, à música e às artes: nossas ilustres homenageadas Inezita Barroso e Laura Della Mônica. É também com grande satisfação que lhes entrego o Diploma de Serviços Culturais Relevantes.

Nossa casa é a casa de ambas, nosso lar, uma continuação dos seus lares, nossa gente um elo a nos unir para sempre.

J.C.M.: Entrega de um frasco, contendo terra do solo olimpiense, colhida no adro da Matriz de São João Batista, padroeiro da cidade, no dia 24 de junho deste ano. Naquele local pisaram muitos olimpienses e floresceram as mais belas roseiras. A terra simboliza a imagem de nossa cidade. Os vidros decorados de quinqüefólios, indicativos heráldicos de filhas queridas, recorda que o topô-

nimo Olímpia foi adotado em homenagem a Maria Olímpia.

A entrega será feita pelas alunas Annuska Cristina Camioto e Renata Cristina Pardo Ruiz, da Escola Estadual de Primeiro Grau do Jardim Silva Melo.

O frasco de terra leva o arranjo floral da senhora Odete Alves Martins Coradini.

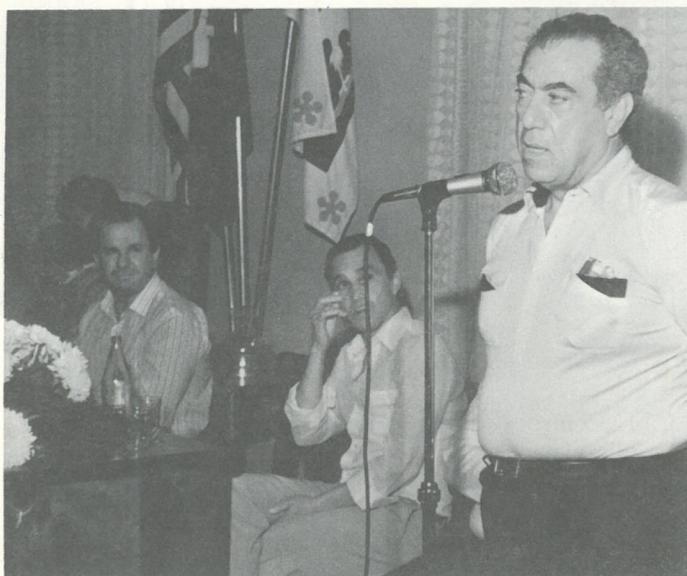
J.C.M.: Ouviremos a palavra sempre vibrante e abalizada do Deputado Federal por São Paulo, Dr. Jorge Maluly Neto, também cidadão olimpiense.



Entrega dos frascos de terra do solo olimpiense

O Deputado Jorge Maluly fez uma brilhante alocução, enaltecendo, com veemência, a cidade de Olímpia. Referiu-se sobre a feliz escolha da Câmara Municipal. Exaltou o movimento sobre o Folclore Nacional que deu a Olímpia o título de Capital do Folclore. Destacou o valor cultural e o trabalho de Inezita Barroso e Laura Della Mônica. Finalizou seu discurso com estas palavras:

Dr. Maluly:



“... título que vem enobrecer a história desta gente. O compromisso da História desta cidade com a história das nossas vidas.

Sei que ele estará em mãos destras. Sei que ele estará em mãos honradas. Sei que ele será o arauto desta terra, na voz do canto e dos escritos, que haverão de ser daqui para a frente.

A cerimônia foi bela, tocante por todos os seus momentos. Vi de Inezita e de Laura as lágrimas se derramarem dos seus olhos. Mas estou certo de que não foram as lágrimas da tristeza. As lágrimas também são da alegria. Da alegria destes instantes, destes momentos. Estas lágrimas emotivas, furtivas diria eu, são lágrimas que selaram o carinho que, por certo, vocês dedicam ou vieram a dedicar a esta terra.

Sou também dela defensor. Sou dela seu amante. E Deus há de nos permitir que aqueles que ostentem o título de cidadão olimpiense, possam, ao ostentá-lo, enobrecê-lo, e ao enobrecê-lo, ajudá-la, para que nós, em nenhum instante, o desonremos. E sei que isto haverá de ser um compromisso final. Parabéns. Junto-me a esta emoção. Abraço-as na certeza de que vocês foram eleitas as filhas queridas de Olímpia e que Olímpia muito se orgulha pela adoção”.

J.C.M.: Neste momento, a Câmara Municipal fará a entrega de uma lembrança às homenageadas: prato de porcelana, no qual está retratado o Brasão das Armas do Município de Olímpia, pelas alunas da Escola Estadual de Primeiro Grau do Jardim Silva Melo: Solange Luzia Nogueira e Eliana Mitsuko Itoyama.



Entrega dos pratos de porcelana — Brasão de Olímpia

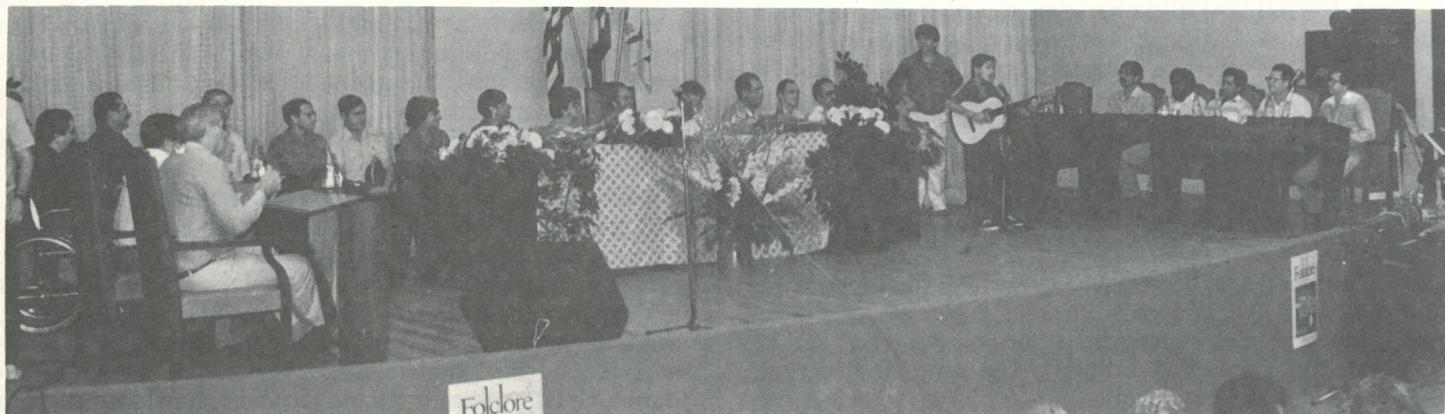
J.C.M.: A Agência BRADESCO de Olímpia, sempre presente aos bons acontecimentos da cidade, oferecerá ramalhetes de rosas — rainhas das flores — às rainhas da cultura I.B. e L.D.M. Presente o gerente

Sr. Luís Carlos Pimentel Gianasi, farão a entrega as moças-bradesco, Elenice Dias de Campos e Luciane Cristina de Sousa.



J.C.M.: Prestará homenagem à Inezita e Laura, o juvenil Alessandro Marquióli, cantando um canto de traba-

lho do folclore olimpiense, recolhido pelo Prof. Sant'anna.



Dança parafolclórica: Chimarrita, recolhida do folclore paulista, pelo Grupo Parafolclórico "Cidade Meni-

na-Moça", do Centro de Tradições Noiva Sertaneja", de Olímpia, sob a direção da Prof.<sup>a</sup> Cidinha Manzoli.



Ouviremos a palavra vibrante da olimpiense de direito, nossa querida irmã, Prof.<sup>a</sup> Laura Della Mônica.

#### DISCURSO DE LAURA DELLA MÔNICA



"CAPTARÁ inteira confiança e melhorará o seu aperfeiçoamento aquele que, na primeira impressão, denota ser uma pessoa perfeita; aquele que o seu valor supera qualquer outra coisa e que manifesta que a integridade e nobreza são as duas mais relevantes qualidades. Então se verá que tudo quanto diz e faz é manifestação de uma pessoa sincera."

"A FACULDADE de agradar não pode ser, de modo algum, filha do artifício. Os atavios luxuosos, as galas esplêndidas, os sorrisos forçados nunca conseguirão o que se conquista com uma expressão saída do fundo da alma, com o acentuado desejo de ser útil a alguém. A simpatia não se rende à lisonja nem ao suborno."

"CADA UM CONSTRÓI o seu próprio mundo e forma o seu ambiente individual, podendo mantê-lo claro, límpido e diáfano como o céu primaveril, sem nuvens."

"O AMOR, a benevolência, a afabilidade criam no nosso espírito, pensamentos elevados e, no nosso coração sentimentos nobres. Enaltecem e purificam o porte. Criam saúde, harmonia, vigor e força. Tendem a colocar-nos em harmonia com o infinito."

"UM ESPÍRITO bem educado é sempre capaz de dar a nota harmônica em quaisquer vicissitudes, situações ou circunstâncias."

"A GRATIDÃO é uma virtude preciosa. Deus é, incontestavelmente, a fonte infinita da inspiração e notáveis revelações que nos conduzirão, como labor constante, probo, a marcantes destinos nos campos das atividades e aspirações."

"DE MAIOR VALOR que uma conta corrente no banco é ter a certeza do apoio moral dos que vêm com simpatia os nossos esforços, dos que nos ajudam com os seus desejos e pensamentos amistosos, dos que estão resolvidos a impedir a nossa queda ou o nosso retrocesso, e que rejubilam sinceramente pelo passo que damos para a frente."

"QUEM LUTA para preservar as raízes de um povo, sabe quão duro é esta missão. Olímpia como cidade tem lutado para manter viva a chama do Folclore. Ela quer adotar como filho todo aquele, que estando em outros rincões, luta também para fazer brilhar os raios fulgurantes do folclore brasileiro."

Estas são algumas das milhares de frases que recebi carinhosamente desta cidade. Imerecidamente, é claro.

Há mais de 20 anos eu passava a manhã na linda Praça da Matriz, matriz que havia perdido a torre e o relógio... E Olímpia — a menina-moça — tornara-se Senhora... Escrevi-lhe uns versos, emocionada pela beleza ímpar, pela gente singular, pelos usos e costumes tão caracteristicamente hospitaleiros. Por onde andam esses versos?... Perdidos... Perdidos como eu nesta terra, que se tornou, pelas atividades folclóricas levadas a sério, sem nenhum esmorecimento, a antonomásia de CAPITAL DO FOLCLORE, reconhecida em todo o território nacional. Perdidos os versos, perdida fiquei. Só, sem parentes, cada vez mais fechando o círculo, escolhendo, a dedo, os amigos por esses brasis. E na sala dos passos perdidos da minha casa, fiz, relampicadamente, um retrospecto de toda a minha vida. A ficção era Olímpia! Olímpia, que há mais de 20 anos me procurou, através de um filho seu. Éramos antípodas: Eu, paulistana, filha de italianos; ele, caipira. Eu, à procura de regionalismos e ele procurando as sintonias, as diástases, as aféreses, as metáteses, os pingos nos is. Eu, católica; ele, protestante. Eu sensata. Ele afoito. Eu, andando parrapasso; ele, a passos de gigante. Ele, homem; eu, mulher. Minha respiração asfisiada pela poluição, ele trazia nas narinas o cheiro do campo e das flores silvestres. Eu, orgulhosamente o rio Negro, ele simplesmente o Amazonas. Eu, às margens do Tietê, sonolento, tortuoso, lendário; ele, às margens do rio Grande. Eu, junto ao pico

do Jaraguá; ele nos morros verde-amarelos dos laranjais. Eu, paciente; ele turrão.

Já sabem a quem me refiro. A este incansável líder: Prof. José Sant'anna.

E foi esse turrão, briguento, amigo, IRMÃO que me trouxe, pela mãozinha, a esta cidade-país: OLÍMPIA.

Noiva sertaneja, Menina-moça, Olímpia, Senhora, Capital do Folclore, Cidade-país, como agradecer a tudo quanto recebi? OLÍMPIA, terra adorada, continuação do meu país: o Brasil, gigante pela própria natureza, se torna mãe gentil que a todos recebe de braços abertos, acolhendo no seio, carinhosamente, até os filhos adotivos.

OLÍMPIA!

Sou aquela que andou infinitas distâncias dentro do espaço, do tempo e da esperança, para te alcançar. Sou aquela que vem da solidão de todos os silêncios, das noites de insônia e de meditação, para te falar.

OLÍMPIA!

Sou aquela que traz nas mãos, um bando de carícias para soltar, em louca revoada no teu claro céu. Sou

\* \* \*

MENSAGEM DE INEZITA BARROSO



Meus queridos irmãos! Eu vou tratá-los assim de agora em diante, porque vocês me permitiram, porque me trataram como irmã. E é uma coisa muito emocionante. Eu nem sei se vou conseguir cantar alguma coisa, depois de todos esses choques emotivos que recebi agora, nesta manhã maravilhosa em que me torno filha de Olímpia.

Então, eu quero explicar, mais ou menos musicalmente, como é que eu cheguei até aqui. Como é que aconteceu esse dia lindo, lindíssimo. Acho que o dia mais lindo de toda a minha vida, até hoje.

Eu tenho sangue de índios, de portugueses e de espanhóis. Nasci meio Iemanjá — metade mulher: terra e metade peixe: muito mar. Amo as praias, adoro nadar. Então é uma mistura assim, muito equilibrada.

aquela que vem de um milhão de poemas, das imagens de amor de todos os poetas, para te exaltar. Sou aquela que traz nos olhos incendiados o amor ardente e puro.

OLÍMPIA!

Sou aquela que provou a ânsia de todas as promessas, que traz a inquietação de todos os desejos e a paciência de todas as esperas.

OLÍMPIA!

Sou aquela que vem da emoção de todas as aventuras e de todas as tentações, para viver um instante de tua infinita ternura de mãe, amiga, irmã!

Sala dos passos perdidos da minha casa... Fiz um ralâmpico retrospecto de toda a minha vida... Eu vivia só, sem nenhum elemento da família, e, de repente, abre-se a janela da vida. Eis minha nova família. Acabo de vir ao mundo. Acabo de nascer...

GENTE!, sou olimpiense! Veja o meu título de identidade!

Obrigada, minha gente, por tudo que não fiz e por tudo que não mereço.

OLÍMPIA, bom dia!

Meu pai, de família de Belém do Pará, de praias, gente de mar, gente salgada. E minha mãe do interior de São Paulo, caipira mesmo. E eu, por um capricho do destino, nasci na Capital, em São Paulo.

E eu gostaria que tivesse sido assim:

“Eu nasci naquela serra  
Num ranchinho beira-chão,  
Todo cheio de buraco  
Donde a Lua faz clarão,  
Quando chega a madrugada  
Lá no mato a passarada  
Principia o barulhão.”

(Angelino de Oliveira)

Mas não foi assim porque a raça, a gente do meu pai, me chamava para o outro lado:

“O canto do mar,  
O canto do mar,  
Quebrando na areia,  
Transforma as estrelas  
Em brilhos de Lua  
Quando a Lua é Cheia.”

(Guerra Peixe e J. M. de Vasconcelos)

E por uma decisão divina, nasci na Barra Funda, na Capital de São Paulo, num dia de Carnaval. Dez pra meia-noite de domingo de Carnaval, com o Cordão Camisa Verde, passando na porta de casa. Naquele tempo a gente nascia em casa. E, naturalmente, eles deviam cantar alguma coisa assim:

“Arrasta a sandália, aí, morena,  
Arrasta a sandália, aí, morena,  
Arrasta a sandália todo dia,  
Que eu mando vir outra lá da Bahia.”

(Baiaco e Aurélio Gomes)

Portanto vocês vejam o samba paulista, o samba-sambão, foi o primeiro som que eu guardei nos ouvidos, na hora de nascer. Isto tudo ficou e tudo foi-se misturando, porque eu sou Norte — Sul, sou mulher, sou areia. Então a música teria que acompanhar. Muito cedo, conheci Mário de Andrade, meu vizinho de bairro, e li tudo o que foi possível, toda a sua obra. E, nessa época, já me apaixonava pelo trabalho dele:

“Quando da brisa no açoite,  
A frô da noite se acordô.  
Fui se encontrá co’a Maroca,  
Meu amô.

Eu senti n’alma um choque duro  
Quando ao muro, lá no escuro,  
Meu oiá andô buscando a cara dela  
E não achô.

Minha viola gemeu,  
Meu coração estremeceu,  
Minha viola quebrou,  
Teu coração me deixou.”

E fui crescendo naquela Barra Funda de Mário Andrade, de muitos italianos, de muitos negros, de muita gente musical, de muito piano, de janela aberta, de manhã, muito cedo: Chopin, Beethoven, Brahms. No meio dos bandolins italianos e das serenatas na Barra Funda, tudo aquilo foi envenenando o meu sangue. E nas férias, fazendas no interior. Com muitos tios fazendeiros, cada um num ponto de São Paulo e já nessa época, na Escola, aprendendo as músicas brasileiras.

“Ai, que saudade  
Do luar da minha terra,  
Lá na serra prateando  
Folhas secas pelo chão!  
Este luar, cá da cidade,  
Tão escuro, não tem aquela saudade  
Do luar lá do sertão.

Não há, ó gente,  
Ó não,  
Luar,  
Como este do sertão.”

(Catulo da Paixão Cearense)

Mas a viola estava presente nas fazendas. Eu perdia dias e noites ouvindo as violas, ouvindo os violões, as modas caipiras. Eu tinha grande inveja de quem era caipira. Nessa época aprendi:

“Eu sou aquele boizinho  
Que nasceu no mês de maio,  
Desde que pisei no mundo  
Foi só pra sofrê trabaio.”

(Folclore Paulista)

Muito triste, não é? Recentemente eu estava cantando esta moda para entreter minha netinha. Ela estava doente, de cama. E, ela, abrindo os olhinhos me disse assim: Essa não! Dessas estórias que o boi morre eu não gosto!

Mas a gente foi indo, foi indo, conhecendo coisas alegres, maravilhosas, no interior paulista. E, no glorioso interior, repleto de coisas importantes, tinha grande admiração pelos animais, especialmente pelo cavalo.

“Tenho meu cavalo preto  
Por nome de Ventania,  
Um laço de doze braça  
Do coro de uma novilha  
Tenho um cachorro bragado  
Que é pra minha companhia  
Eu sô um caboclo forgado  
Ai, eu não tenho fãmia.  
Lá, lá, lá, lá, lá, lá, lá... ”

(Anacleto Rosas Júnior)

Depois chegou o tempo de estudar muito. Terminar o ginásio, o colégio e o normal. Eu sempre ligada nessas coisas, na cultura do povo, mas sem tempo pra estudá-las. Nunca sonhei ser profissional, mas amava apaixonadamente a cultura folclórica. Tinha muita coisa reco-

lhida inconscientemente. Terminei os estudos universitários. De repente, fui a Pernambuco realizar uma pesquisa e me tornei profissional. Na Rádio Clube do Recife cantei, pela primeira vez, como profissional paulista, mas iniciando assim, a carreira de rádio.

“Ostra chegada agora,  
Ostra chegada agora,  
Tá fresquinha  
Passando na cabanga  
Vô vê quem é que qué  
Eu vô pra Campina do Budé.”

(Pregão do Recife, adaptado  
por José Prates)

Que saudade do Recife, meu Deus do Céu! Depois de algum tempo de profissão: cinema, televisão, rádio, me aparece uma das músicas mais lindas e mais escondidinhas, lá em São Paulo:

“Lampião de gás!  
Lampião de gás!  
Quanta saudade  
Você me traz!

Da sua luzinha verde-azulada,  
Que iluminava minha janela,  
Do almofadinha, lá na calçada,  
Palheta branca, calça apertada.”

(Zica Bérjami)

Virou um hino em minha carreira o Lampião de Gás. E até hoje é raro o lugar em que eu cante e que não peçam o Lampião de Gás, que é um hino de glória para a Capital Paulista.

Todavia, eu sempre estive amarrada no litoral e no interior. Eu queria saber como é que a gente virava caipira, porque um sobrinho meu tinha conhecido um amiguinho norte-americano. Ele admirava o menino, porque ele falava Inglês, Português muito carregado, falava bem amarrado e tinha brinquedos lindos: carrinhos eletrônicos, etc. O meu sobrinho achava tudo muito lindo. Um dia ele me perguntou: Tia, como é que a gente vira americano? Aí, eu comecei a pensar: Como é que a gente vira caipira? Era uma coisa que eu queria tanto, porque as pessoas se desapontam. Chegam pra gente e perguntam: Você canta música sertaneja e toca viola. De que cidade você é? Na esperança de ser irmão de cidade.

— Sou da capital. Aí as pessoas desacreditam um pouquinho. Mas não é nada disso que voga. É o coração de brasileira, que pulsa dentro de nós, que decide tudo.

Daí, as viagens para Olímpia, o apoio de José Sant’anna, o apoio maciço dele, o ânimo pra gente continuar recolhendo, apresentando, trabalhando.

É admirável o valor do Prof. Sant’anna. As horas que passei com este dedicado professor voavam. Aprecio a sua ilustrada conversação e, sobretudo, as reflexões que faz sobre Folclorística, da qual é um dos mais legítimos e verdadeiros estudiosos.

Quantos e quantos anos a gente vem se dedicando a este maravilhoso e inesgotável tema: o folclore.

A gente era bem mocinha, não tinha um fiozinho de cabelo branco.

E por falar em branco, eu nunca me esqueço do cheiro gostoso das flores de laranjeira, no Município de Olímpia.

Quando me bate uma saudade de Olímpia, eu me lembro imediatamente desse cheiro da flor de laranjeira e da sua cor branca. Então eu resolvi me casar de novo. Só por causa desta flor de laranjeira, resolvi casar novamente. Mas, desta vez, com o Folclore e com Olímpia.

Para Olímpia, eu então, com emoção, as mesmas palavras desta toada de Jorge Paulo:

“Eu tenho orgulho desta terra tão querida  
A quem dedico todo o amor de minha vida,  
Torrão amado com seus encantos mil,  
Abençoado é o rincão do meu Brasil!”

E daqui a gente continua lutando, pesquisando, analisando. Não sei nem como e nem onde vou terminar os meus dias. Se for no litoral:

“É doce morrer no mar,  
Nas ondas verdes do mar.

Nas ondas verdes do mar, meu bem,  
Ele se foi afogar  
Fez sua cama de noivo  
No colo de Iemanjá.

É doce morrer no mar,  
Nas ondas verdes do mar.”

(Jorge Amado e Dorival Caimi)

Ou se no interior, não é? Não sei aonde a gente vai acabar:

“Paineira velha, fiel amiga,  
Nosso destino é sempre igual  
Se estou contente, você floresce  
Quando eu padeço, tuas flores cai  
Nascemos juntas, paineira velha,  
Vamos morrer nesta união  
Dos vossos galhos, quero uma cruz;  
Da tua madeira, quero um caixão”.

(José Fortuna)

Mas no íntimo mesmo, o mais importante é ser olimpiense. É pertencer à Capital do Folclore, que tão cordialmente me acolheu e na qual a mão do Criador está patente por toda a parte nas obras da cidade. É ser irmã de todos vocês. E mais do que nunca é ser brasileira. É pertencer ao Brasil, país que está bem próximo do céu.

“Dos filhos deste solo és mãe gentil,  
Pátria amada,  
Brasil!”

J.C.M.: Sob a proteção de Deus estão encerrados os trabalhos desta comovente sessão. Convido as homenageadas e todos os amigos para participarem de uma recepção na Chácara do Dr. Ademur Caetano.

### COMENTÁRIOS

A outorga dos títulos de cidadania olimpiense a Inezita Barroso e a Laura Della Mônica revestiram-se de toda pompa, comoveram e encantaram a todos os presentes, chegando muitos a dizer jamais terem assistido a tão planejada e elaborada cerimônia.

Além das palavras e músicas constantes do cerimonial, dos discursos proferidos pelas homenageadas e por autoridades presentes, palavras e músicas que penetraram fundo em todos os que assistiam à solenidade, comoveu-nos, sobremaneira, a presença maciça de público, lotando a Casa da Cultura “Dr. Antônio Sylvio Cunha Bueno”. Lá estavam, vibrando e aplaudindo, 40 representantes da cidade de Lagarto — SE, 50 pessoas de Fortaleza — CE e 46 representantes de São Gabriel — RS. Inúmeros escolares de Olímpia se fizeram presentes, bem como professores, diretores de escolas, profissionais liberais e representantes de outras classes sociais.

Autoridades presentes: Wilson Zangirolami, Prefeito da Capital do Folclore, bem como os prefeitos que integram a Comarca de Olímpia: Dr. Rui Rodrigues de Castro — Altair; Sr. Antônio Genaro Rosa — Cajobi; Sr. Ordair Pastrez — Guaraci e Sr. Amélio Sichiari — Severínia; o vereador José Fernando Rizzatti (secretário da Coordenação dos Serviços Municipais de Olímpia),

Sr.<sup>a</sup> Zuleica Carneiro Zangirolami (1.<sup>a</sup> dama do Município), Sr. Décio Eduardo Pereira (suplente de deputado estadual), Prof. César Augusto Casseb (diretor da FARFI de São José do Rio Preto), Vereador Antônio Frezarin (representante do prefeito e presidente da Câmara de Catanduva), Sargento Gracindo de Lolo (representante do Comandante da 4.<sup>a</sup> Companhia Militar), Sargento Ranulfo Mendes (instrutor do T.G. 02-025), Sr. Luís Salata Neto (presidente dos Veteranos de 32), Sr. Nelito Santos e Sr. Alberto Carlos Gomes Lomba (jornalistas), Reverendo Homero de Freitas Borges Júnior (ministro-pastor do culto metodista), Prof.<sup>a</sup> Báder Abinagem Serrano (delegada de ensino), Prof.<sup>a</sup> Dilma Teresinha Roncaglia e Prof.<sup>a</sup> Nair Fiorin Vicente (supervisoras de ensino), Prof. José Constantino Ferrato (presidente da Comissão Municipal de Educação), Dr. Jorge Maluly Neto. (deputado federal por São Paulo), Dr. Mário Micheli (diretor geral do expediente da Câmara Municipal), Dr. Alfredo Baiocchi Neto (assessor técnico-legislativo da Câmara Municipal), Prof.<sup>a</sup> Iseh Bueno de Camargo (do Conselho Municipal de Cultura), Prof. Victório Sgorlon (diretor do Colégio Comercial Olímpia), Prof.<sup>a</sup> Elsa Ap. Amorin Zafalon e Prof.<sup>a</sup> Ivete Fernandes (diretora e assistente da E.E.P.G. da Vila Silva Melo), Prof.<sup>a</sup> Ineh Bueno de Camargo (assistente do diretor da E.E.P.S.G. “Caetano de Campos”, Aclimação, São Paulo), Prof.<sup>a</sup> Maria Aparecida de Araújo Manzolli (dirigente do Grupo de Danças Parafolclóricas “Cidade Menina-Moça”), Marlene Fortuna (teatrologa, artista de Rádio e Tevê), Sr. Luís Carlos Pimentel Gianasi (gerente do BRADESCO), Prof. Domingos Sávio da S. Campos (coordenador-técnico do SENAC de Olímpia). Membros da Comissão Executiva do 21.<sup>o</sup> FEFOL: Francisco de Assis Madalena, Luís Antônio Fonseca, Valter Galeti, Sílvio Luís Bacheга, Luís Antônio Fonseca, Valter Galeti, Egídio Caputo, Luís Antônio Cavariani, Jair de Alencar e Maria Giuseppe Scura e muitas outras personalidades, cujos nomes não nos seria possível lembrar...

Presentes os vereadores da Câmara Municipal: Adorival Batista da Costa, Alcindo Fossalussa, Antônio Martins Correia, Antônio Roberto Sachetin, Cézari Olmos, Diomedes Ribeiro Filho, Ediclvio da Cunha Sobrinho (2.<sup>o</sup> Secretário), José Carlos Moreira (presidente), José Sant’anna, Otacílio de Oliveira Neto (vice-presidente), Sílvio Roberto Mathias Netto, Wanderley Dario Forti (1.<sup>o</sup> secretário) e Vladimir Demétrio Manoel que, unanimemente votaram pela outorga dos títulos de cidadania.

Tantos foram os acontecimentos que marcaram essa inesquecível cerimônia que nos vemos na contingência de ressaltar apenas mais alguns, a fim de não nos alongarmos infinitamente:

— Faixas de saudação, oferta das Lojas Riachuelo, foram colocadas em pontos estratégicos de toda a cidade e duas, muito grandes, à entrada da Casa da Cultura, reverenciando as duas novas cidadãs.

— A R.T.C. — Rádio e Televisão Cultura, Canal 2, da Fundação Padre Anchieta, filmou toda a solenidade.

— As emissoras olimpienses: Rádio Difusora e Rádio Menina deram ampla cobertura ao evento, retransmitindo toda a sessão.

— Foto Quico registrou os acontecimentos, fotograficamente.

— Os semanários Tablóide da Nova Paulista e Folha da Região recolheram material para reportagens jornalísticas.

— Dora Flores, na pessoa de sua proprietária, homenageou as novéis cidadãs com maravilhosos arranjos florais.

— Receberam as homenageadas cerca de 500 mensagens congratulatórias, enviadas por autoridades e população local e, através da Prefeitura, mais de 100 tele-

gramas, parabenizando-as, vindos de várias regiões do Estado e do País.

— Inezita Barroso ficou hospedada sa residência da Prof.<sup>a</sup> Iseh Bueno de Camargo e Laura Della Mônica, hospeda do casal Wilson e Zuleica Zangirolami.

Laura e Inezita participaram, também, do III Ciclo de Palestras Sobre Folclorística.

Inezita deu autêntico espetáculo musical noturno, no Palanque oficial do 21.º FEFOL, discorrendo sobre todos os gêneros da música popular brasileira e folclórica, especialmente, acompanhando-se ao violão, levando todos os presentes a cantar com ela e com ela vibrar. Além disso, foi-lhe confiada, a pedido do prefeito Wilson e Prof. Sant'anna, a tarefa de saudar, cantando, ao governador do Estado, Dr. André Franco Montoro, presente ao palanque do Festival. E, como era do gosto dessa ilustre autoridade (e esposa) e também do povo que apinhava o recinto, cantou Lampião de Gás. Até o governador cantou com ela. Milhares de vozes se ergueram para entoar o Lampião de Gás, fazendo coro para Inezita. Verdadeira apoteose.

— Inezita Barroso ofereceu, autografado, seu último elepê "Inezita, a incomparável" a amigos e autoridades olímpenses e Laura Della Mônica também ofereceu, autografado, a amigos e autoridades, seu último livro publicado — "Manual do Folclore".

— Culminando essa longa série de acontecimentos, houve magnífica recepção às homenageadas e aos convidados da Prefeitura e Câmara, na chácara Santo Antônio, do Dr. Ademur Caetano, em delicioso churrasco que a todos uniu, como se uma só família fossem.

Inúmeras pessoas trabalharam para que esse acontecimento fosse uma festa magna de Olímpia. Algumas delas já mencionadas anteriormente, e mais: Renato Santo Canevarolo, Célio José Franzin, Lázaro Roberto Ferreira, Luís Eugênio Machado, Antônio Clemêncio da Silva, Maria Jesus de Miranda, Sidney Carlos Schalch, João Carlos Clemente, Valdemar Balbo, Rogério de Oliveira e o casal Alceu e Isaura Clemêncio da Silva.

Um destaque imprescindível: a magnífica atuação dos alunos da E.E.P.G. do Jardim Silva Melo, presença de todos alunos, professores e diretores — um respeito de causar espanto, postura e participação singulares.

A Prefeitura Municipal de Olímpia ofertou, posteriormente, belíssimo álbum de fotos, retratando a soleidade o que, de certa forma, fará com que as homenageadas sempre se recordem desse dia suntuoso. No frontispício do álbum de cada uma, foi gravada a mensagem:

A fim de perpetuar algumas horas de rara beleza e emoção, momentos vividos quando da outorga do título de "Cidadã Olímpense" acrescentamos, juntamente com nossa satisfação por tê-la entre nós, como conterrânea, as nossas saudações amigas e a amizade perene.

Olímpia, 16/8/1985

a) WILSON ZANGIROLAMI a) JOSÉ SANT'ANNA  
Prefeito Vereador

Assim foi a festa da outorga dos títulos de cidadania olímpense a duas velhas olímpenses de coração, a duas folcloristas eméritas que têm, através da literatura e da música, levado o nome de Olímpia além das fronteiras brasileiras.

E o Diploma que receberam, pergaminho artisticamente desenhado pelo Prof. Takanori Takahashi, leva os dizeres: "A Câmara Municipal de Olímpia através do Decreto Legislativo n.º . . . , de 18 de junho de 1985, concede à excelentíssima senhora . . . . . o título de Cidadã Olímpense, em reconhecimento aos relevantes e be-

neméritos serviços prestados em prol da preservação do Folclore Brasileiro em nossa cidade.

Olímpia, 16 de agosto de 1985

José Carlos Moreira Wanderley Dario Forti  
— presidente — — 1.º secretário —

Edicilvio da Cunha Sobrinho José Sant'anna  
— 2.º secretário — — autor da proposição —

---

## SEBASTIÃO ALMEIDA OLIVEIRA

### INSIGNE FOLCLORISTA

Nascido em Monte Azul Paulista, perto da Capital do Folclore, em 8/3/1904, mudou-se com a família, aos oito anos, para Ribeirão Claro, atual Guapiaçu, próximo de Olímpia. Trabalhou no campo. Em 1910 presenciou a histórica passagem do cometa Halley pela Terra. Lembra das credices pertinentes. Frequentou apenas oito meses o curso primário. Estudou sozinho, mas não dispensou os cursos por correspondência. Aprendeu Português, Inglês, Francês e Agrimensura. É um autodidata. Fez o supletivo ginásial, com sucesso, por correspondência. Não terminou o supletivo colegial, porque houve anulação de um exame.

Transferiu-se, em 1927, para Tanabi, onde foi Oficial do Registro Civil e Tabelião. Por concurso público, foi efetivado, no ano seguinte. Exerceu esta atividade cartorária até à aposentadoria, ocorrida em 1966. Desempenhou numerosos cargos, sendo, por quinze anos, chefe de Gabinete da Prefeitura Municipal de Tanabi. Participou da fundação de diversas instituições culturais, esportivas e beneficentes.

Fundou em 1942 o semanário "O Município". Escreveu em diversos jornais: O Estado de São Paulo, Diário de São Paulo, Correio Paulistano e outros. Publicou muitos estudos na Revista do Arquivo da Prefeitura de São Paulo, de onde destacamos: "Provérbios e Hábitos nos Domínios do Folclore", "Armadilhas Usuais do Índio e do Sertanejo" e "Provérbios de Um Rei Sábio".

Utilizando o Esperanto, escreveu para notáveis órgãos, de larga circulação, em vários países europeus e asiáticos, como: França, Itália, Holanda, Tchecoslováquia, China e Japão. Os aspectos históricos, geográficos e folclóricos sempre foram abordados na visão regionalista que desenvolveu. Como estudioso, viajou por diversos Estados. Também esteve no exterior. Foi amigo de Mário de Andrade, Sérgio Milliet e outros renomados vultos. É membro do Instituto Histórico e Geográfico de três Estados: São Paulo, Minas e Goiás. É integrante da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, de Buenos Aires e de Washington. Pertence à seção paulista da União Brasileira de Escritores, participando do 1.º Congresso Brasileiro, em 1945. Integrou a Sociedade de Etnografia e Folclore, de São Paulo; a Liga Brasileira de Esperanto, do Rio; a Academia de Letras de Uruguaiana e outras organizações culturais. Em 1949, pela Editora Civilização Brasileira publicou a notável obra "Expressões do Populário Sertanejo". Daí dois anos editou a biografia de Garcia Redondo. No ano de 1948, o livro "Folclore e Outros" pela editora Gazeta, de Limeira. Divulgou, em 1977, "Subsídios Para a História de Tanabi". Brevemente estarão no prelo as obras: "Notas de Leitura", "Paranduba Folclórica" e "Expressões do Populário Brasileiro", onde dicionariza temas lingüísticos e folclóricos. Criou o brasão de armas e o topônimo para o Município de Votuporanga, retirando-o do Tupi. Também deu o nome ao Município de Cosmorama, criando o hino oficial daquela comuna. Foi responsável direto para a denominação da Rodovia Euclides da Cunha que corta o Oeste paulista

de Mirassol até às margens do Rio Paraná. Esta abnegada, culta, inteligente e lúcida figura que marcou a cultura regional, paulista e brasileira, vive em Tanabi. Retirou-se dessa cidade que tanto ama, por curto tempo, quando abraçou Poços de Caldas, por motivos de saúde. Naquela oportunidade ele doou mais de dois mil volumes para a biblioteca do Município. A Municipalidade homenageou o doador, batizando aquela biblioteca com o nome do insigne folclorista. É consultado por estudiosos

que redigem teses de mestrado e doutoramento. É citado em obras editadas não só no Brasil, como além-mar. Enfim, é uma marcante personalidade que ficou gravada na nossa memória. Jamais um estudo macrorregional da Alta Araraquarense, em termos de ciências humanas, poderá omitir o nome desse estudioso, que é fã incondicional dos festejos folclóricos, anualmente realizados em Olímpia — a Capital do Folclore.

José Carlos Rossato

## Correspondência

De várias cidades do Estado de São Paulo, de outros Estados e até do exterior, recebemos mensagens de folcloristas e estudiosos do folclore em geral, enaltecendo o trabalho que Olímpia desempenha através dos seus festivais do Folclore, especialmente o dedicado labor de sua Comissão Executiva.

Apresentamos, neste Anuário, parte da correspondência recebida em 1985, antes e após o 21.º FEFOL.

Ribeirão Preto, 29 de julho de 1985  
C-0347/85

Ilmo. Sr.

PROFESSOR JOSÉ SANT'ANNA  
OLÍMPIA — SP

Prezado Professor,

Amigos comuns que hoje trabalham em Ribeirão Preto, entre os quais meu assessor e seu ex-aluno Antônio Gilberto Pinhata, sempre me passam informações de sua terra e, principalmente, do seu trabalho que procura difundir e preservar os estudos folclóricos que fizeram de Olímpia, a *Capital do Folclore*.

Estive aí recentemente, oportunidade em que transmiti ao companheiro Parolim, as minhas impressões e embora não o tenha encontrado pessoalmente, quero através desta, colocar-me a sua inteira disposição para colaborar no sentido de tornar realidade seu grande sonho, de dar a Olímpia a primeira Faculdade Nacional de Folclore. Em São Paulo na Assembléia Legislativa, ou mesmo em Ribeirão Preto, através dos seus amigos, estou aguardando sua visita e dos demais companheiros para compormos também esta corrente cultural liderada por V.Sa.

Aproveitando a oportunidade, gostaria de receber do prezado companheiro a programação do próximo festival. E ainda, coloco à disposição o jornal "O Diário", para divulgação, nesta região.

Esperando encontrá-lo em breve, transmito-lhe um grande e cordial abraço.

Atenciosamente,

a) *Marcelino Romano Machado*  
Deputado Estadual

\* \* \*

Goiânia, agosto de 1985

Exmo. Sr. Prefeito:

Congratulamo-nos com a cidade de Olímpia pela realização do 21.º Festival de Folclore. Tal acontecimento merece nossos melhores aplausos quando observamos que o trabalho iniciado pelo Prof. José Sant'anna caiu em terra fértil e hoje, árvore frondosa, suas ramas cobrem todo o país num exemplo de patriotismo e muito amor.

Ao ensejo, cumprimentamos também as autoridades que, em boa hora, conferiram à Prof.<sup>a</sup> Laura Della Mônica o honroso título de "Cidadã Olímpense", ato de justiça e de estímulo.

Cordialmente,  
a) *Regina Lacerda*

Sr. Wilson Zangirolami  
DD. Prefeito Municipal

\* \* \*

Ao Ilustre Confrade,

Professor José Sant'anna  
Olímpia

É com indizível prazer que aproveito do portador, meu dileto amigo Luís Carlos Barbosa, que, indo rever sua terra natal — Olímpia, para transmitir ao eminente professor José Sant'anna, o Mago do Folclore do Brasil, a mais calorosa saudação pessoal, pela sua atuação em prol das poéticas coisas de nossa terra, que o notável Mestre faz para a grandeza de OLÍMPIA e da Pátria Brasileira.

Ao Mestre muito amigo, um cordial abraço e a saudação do povo da cidade de Tietê, a terra do Curuçá.

*Benedicto Pires de Almeida*  
Tietê, 12 de agosto de 1985

Rua Bom Jesus, 469 — 18530 — SP

\* \* \*

Belo Horizonte, 31-08-1985

Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal de Olímpia  
— SP

Caro Amigo,

Manifesto a V. Exa. meu regozijo pela feliz iniciativa dessa Casa em conceder o título de Cidadã Olímpense à folclorista Laura Della Mônica.

Realmente, a homenageada fez por merecer. Há muitos anos, de fato contribuí com o seu notório saber e competência para o maior brilhantismo da cultura nesse Município, especialmente na área do folclore.

Atenciosamente,  
*Saul Martins*

(Presidente de Honra da Comissão  
Mineira de Folclore)

Ao excelentíssimo senhor  
José Carlos Moreira  
Olímpia

\* \* \*

Profesor

JOSÉ SANT'ANNA  
Festival Nacional de Folclore

A/C PREFEITURA MUNICIPAL

Olímpia, São Paulo, Brasil

Estimado Señor:

Nuestro Colegio "SANTA INÉS", con sede en Manizales, Caldas, dirigido por las Religiosas Franciscanas, ha programado para la celebración de sus festividades patronales, por realizarse de 11 a 14 de Octubre de 1985, una atractiva Revista Cultural sobre nuestra América, con el propósito de conocernos a través de los diversos países que conforman el Continente Nuevo.

Con esa intención, solicitamos de la Oficina que usted tan acertadamente dirige, nos faciliten folletos, revistas, cartografías, símbolos patrios, reliquias folclóricas y demás elementos con los cuales podamos informarnos de los siguientes aspectos:

1. CULTURA DEL BRASIL:

- Escritores, poetas
- Científicos
- Personajes destacables

2. ASPECTO GUBERNAMENTAL

- Sistemas
- Orientación
- Personajes políticos, etc.

3. FUENTES DE ECONOMIA Y COMERCIO:

- Muestras — ilustraciones
- Moneda — tendencias

4. RIQUEZA FOLCLÓRICA:

- Muestras, tendencias, etc.
- Mitos, leyendas
- Comida — Plato típico
- Traje típico

5. ARTESANIAS:

- Muestras

6. SÍMBOLOS PATRIOS:

- Escudo, Himno
- Flor o árbol nacional

7. GEOGRAFIA

- Mapas
- Carteleras, folletos
- Lugares turísticos

8. HISTORIA:

- Albúmes, gráficas, mapas

Esto, y todo lo demás que consideren útil, ilustrativo y didáctico, nos será de gran importancia para la exposición que de su hermoso BRASIL haremos en nuestra sede, ayudados incluso por medios de comunicación y cuyo directo destinatario será toda la ciudadanía de nuestra MANIZALES.

Agradecemos inmensamente su colaboración invaluable.

José Hector Henão Gutierrez  
Asesor

Carmenza Gallego G.  
Alumna II "A"

NOTA: Todo el material ilustrativo: Revistas, folletos, mapas, etc. puede ser enviado a la dirección del Colegio Santa Inés, Alta Suiza, Manizales.

\* \* \*

Querido amigo folclorista José Sant'anna: abraço

Recebi ontem a sua bela revista "FOLCLORE", reunindo colaboração preciosa de vários autores, tudo correspondente ao Festival de Folclore de Olímpia. Inclusive aos seus dois artigos de conteúdo muito importante — resultados de pesquisa de campo.

Como não poderia deixar de ser, vi também o meu artigo sobre "Olhar de Seca-Pimenteira" e a nota tão simpática e generosa a respeito deste seu velho admirador. De você só esperamos bons gestos de amizade e fraternidade — como das belas flores só esperamos um bom perfume.

Agradeço efusivamente ao querido amigo todas as suas gentilezas e desmedidas atenções. Você é um raro exemplo, neste país, de homem incrivelmente atuante e ao mesmo tempo bom e generoso em excesso.

Comecei a juntar dinheiro para ver se consigo, nos próximos anos, visitar sua cidade e fazer parte de um desses festivais que você e sua equipe de trabalho organizam com tanto carinho e amor ao folclore nacional. Já tenho no mealheiro de dezessete e setecentos... Aguarde-se.

Andei agora por terras da Bahia de todos os santos e de todos os pecados. Lá fui tão bem recebido, após realizar palestra para universitários, quando fui em março deste ano em Belém do Pará, onde também fiz palestra no Conselho Estadual de Cultura do mesmo Estado. Na Bahia, estive com José Calazans, Hildegardes Vianna, Nelson de Araújo, Wilson Lins, Edilene Matos e não deixei de fazer minha visita ao velho guerreiro Rodolfo Coelho Cavalcante, na sua banca de cordel no Mercado Modelo. Graças a Rodolfo e a Edilene consegui ampliar minha coleção de folhetos de cordel sobre a vida e morte de Tancredo Neves, que já conta com trinta e tantos títulos. Mas, sei que o número já conhecido, até agora, se eleva a mais de sessenta e cinco títulos. E dizia o nosso caro Átila de Almeida, naquele simpósio de Campinas, em São Paulo, que a literatura de cordel estava morta... Veja que vitalidade. A literatura de cordel só morrerá quando matarem todos os poetas populares. Antes, não. Está aí a prova provada. Receba um grande abraço de agradecimentos e vá mandando suas ordens para Natal. Sempre seu admirador fanático,

Veríssimo de Melo

\* \* \*

São Paulo, 10 de setembro de 1985

À  
PREFEITURA DE OLÍMPIA  
COMISSÃO DE FOLCLORE  
15400 — OLÍMPIA — SP

Prezados Senhores:

A nossa casa, conforme tradição de 109 anos, sente-se honrada em difundir, com livros e vitrines, o amor pelas nossas coisas. Quando nosso povo aprender a conhecer sua gente, sua história, hábitos, danças e canto, teremos aprendido a viver em paz. Por acreditarmos no que estamos fazendo é que Olímpia, terra que honra o folclore, terá sempre uma vitrine à disposição.

Agradecemos e retribuimos os protestos de alta estima e consideração.

Atenciosamente,  
Livreria Teixeira Ltda.  
Assinatura ilegível

\* \* \*

Ministério da Cultura  
Instituto Nacional do Folclore  
Biblioteca Amadeu Amaral  
Carta n.º 236/85



# Eletro Metalúrgica Ciafundii Ltda.

"Da natureza exuberante e pura, do indígena intocado e livre, do negro forte e sofrido, do branco de origens diversas a ganhar espaços, nascemos um dia — Brasil e brasileiros. Fazendo a nossa história, lutando pela grandeza da terra e aprimoramento do homem, sem perdermos nossas raízes, nos orgulhamos de preservar a cultura de nosso povo — o Folclore."

(PALMIRA M. DEGÁSPERI RODRIGUES)

## ELETRO METALÚRGICA CIAFUNDII LTDA.

RUA DURVAL BRITO, 111

FONE: (0172) 81-1150

— JARDIM GLÓRIA —

15 400 — OLÍMPIA — SP



# ROQUE BONADIO

COMÉRCIO DE CAFÉ

Máquina:

ALAMEDA BAHIA, 642 — Fone: (0172) 81-1808

JARDIM PAULISTA — OLÍMPIA — SP

"Em Olímpia, no encontro da cultura popular dos Brasileiros, mais do que nunca, e sempre mais, você esquecerá, ao menos por uma semana, as crises nacionais e as suas dores, as perdas e as tristezas, e deixará livres sua alma e seu coração a falar, a cantar e a dançar a plenitude de sua poesia, na força do seu corpo de patriota, em quem a esperança nunca morre e para quem as manhãs que surgem são novos prelúdios de amor a justificar-lhe a vida e a sua crença neste grande Brasil."

(JOSÉ CONSTANTINO FERRATTO)

## ROQUE BONADIO

Escritório de compra:

RUA DUQUE DE CAXIAS, 258 — Fones: (0172) 81-1123 e 81-1983

15 400 — OLÍMPIA — SP

Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1985

Conselho Municipal de Cultura  
Rua Jorge Tibiriçá, 420  
Caixa Postal 60  
15400 — Olímpia — SP

Prezados Senhores:

Em nome da diretora deste Instituto acusamos o recebimento e temos o prazer de agradecer a remessa do Anuário do Folclore comemorativo do 21.º Festival do Folclore — ano XII — n.º 15 — 1985.

Atenciosamente,  
*Lair Diniz Moura Koracakis*  
Setor de Intercâmbio

\* \* \*

São Paulo, 16 de setembro de 1985

Exmo. Sr.

WILSON ZANGIROLAMI  
DD. Prefeito Municipal  
OLÍMPIA — SP

Prezado Amigo

Venho à presença do caro Prefeito, a fim de solicitar escusas pela tardança em responder ao seu amável convite para participar do 21.º FESTIVAL DO FOLCLORE, realizado em seu Município, de 11 a 18 de agosto passado.

Lamentamos muito não termos podido comparecer a tão importante evento, retidos que fomos em Brasília, por nossos compromissos parlamentares.

Queremos parabenizar o Ilustre Prefeito, pelo belo programa idealizado e pela continuação dos esforços que a progressista cidade de Olímpia vem dispendendo há tantos anos, no sentido de promover o Festival do Folclore, tão importante para a fixação e preservação da nossa cultura popular, uma preocupação que fez parte da minha meta quando Secretário de Estado da Cultura.

As classes mais humildes da nossa população são o repositório de nossa história e como tal merecem ser prestigiadas e suas manifestações registradas e conhecidas.

Mais uma vez queremos cumprimentar o amigo e aos demais Coordenadores do 21.º FESTIVAL DO FOLCLORE DE OLÍMPIA. Aceitem todos nosso cordial abraço.

Agradecido,  
*A. H. Cunha Bueno*  
Deputado Federal

\* \* \*

Estimado amigo colega Sant'anna

Acuso o recebimento e agradeço o envio do volume relativo ao 21.º Festival do Folclore, realizado debaixo de sua criteriosa orientação. Parabéns pelo evento e pela publicação.

Não sei se já lhe enviei o material que vai em anexo. É o que ainda tenho e que não está esgotado.

Agradecendo sua atenção, creia-me o mesmo amigo e admirador que o abraça cordialmente.

*Arthur Napoleão Figueiredo*  
Belém — PA  
16.09.85

\* \* \*

Itapira, 17 de setembro de 1985

Ilmo. Sr.

José Sant'anna  
Digníssimo Coordenador do FEFOL  
OLÍMPIA

Muito prezado amigo Sant'anna

Recebi o Anuário do Folclore — do 21.º Festival do Folclore de Olímpia. Empenhada como me encontrava

numa promoção importante de Itapira, assaz, a primeira nestes 72 anos de falecimento do grande e imortal vulto Manuel Carlos de Amorin Correa, somente agora, já realizadas as solenidades que se processaram dentro de um sucesso recompensador, é que eu tive tempo de folhear o Anuário, com aquele meu antigo interesse, a mesma admiração de sempre, lendo-o com vagar, relendo-o, anotando, mostrando-o aos amigos afins e dizendo-lhe, caro amigo José Sant'anna, que o senhor está de parabéns mesmo. O que mais admiro é a sua capacidade em conseguir patrocínio, porque, aqui, não se consegue promover nada. Eu creio no destino. Até no destino e no astral das cidades, e o galardão folclórico, no Estado de São Paulo, muito merecidamente, foi depositado nas mãos de Olímpia! Parabéns, amigo. Que esplendorosa Revista, o ilustre coordenador do FEFOL e diretor da revista, proporciona a cada agosto, de cada ano! Todas tenho-as guardado e folheado carinhosamente, mas esta de 1985, suplantou pelo conteúdo excelente: Folclore Educacional, da professora Manzolli, A superstição do 13, de José Carlos Rossatto. Um parêntese: será esse Rossatto da mesma família dos Rossatto de Itapira, marmoristas tradicionais nesta cidade? As suas adivinhas, Sr. Sant'anna, inspiram-me, a fim de eu começar as pesquisas sobre as adivinhas daqui. Olha, Sr. Sant'anna, aqui está tudo se consumindo ao consumo distorcido das modas jovens importadas e que nada representam do tradicionalismo do nosso povo. Estou lhe remetendo cópias de carta e Exposição de Motivos, para o Senhor avaliar em que pé de desinteresse se encontra o folclore em alguns lugares. E um desses lugares, para surpresa e desolação nossas, é Campinas. Parabéns pelo anunciado: "Qualquer artigo ou ilustração deste Anuário, podem ser reproduzidos, desde que citada a fonte". Serei uma a divulgar muita coisa desta Revista, no meu jornal — Só Mulher, assim que eu voltar a reeditá-lo. Obrigada pela querida dedicatória. Saiba que Olímpia e seu folclore estão no meu coração. Li com atenção — O FEFOL na TV e nos jornais — e tive uma ponta de inveja. Eu labuto há 19 anos como — A VOZ QUE CLAMA NO DESERTO. Repito as palavras de Hildegardes Viana: "Todas as palavras serão poucas para louvar o seu e o trabalho que vem sendo realizado em Olímpia no campo do folclore".

Meu cumprimento amigo e minha estima.

*Odete Coppo*

\* \* \*

Niterói, 18 de setembro de 1985

Prezado Professor José Sant'anna

Sou muito sensível à sua delicadeza com a remessa do último número das festas folclóricas nessa simpática cidade, certamente considerada a capital do folclore no Brasil.

Como todas as vezes acontece, vem repleta de excelente colaboração, firmada por nomes de respeito na matéria.

Na oportunidade destas mal traçadas, desejo congratular-me com o eminente patricio e quantos pelem a seu lado para manter, cada vez mais alto o nível já alcançado pela Revista, cuja publicação honra as nossas letras e é motivo de júbilo para a legião de folcloristas no País e, como eu, de turistas no assunto.

Com estima e apreço,

*Rubens Falcão*

\* \* \*

CADEIRA "ASCENSO FERREIRA"

Recife, 19.9.85

Prezado Prof. José Sant'anna

Acabo de receber a revista comemorativa ao 21.º Festival de Folclore, de Olímpia. Outro marco na desti-

nação do nosso Folclore, pela seriedade e competência dos trabalhos publicados.

Você tem sido um herói, audacioso até, da difícil batalha de preservação e comunicação da cultura popular. Herói sobretudo pela coragem de dinamizar aspectos da virtuosa sabedoria de nossa gente.

Um abraço de entusiasmo do seu confrade.

Titular — Alcides Niceas

\* \* \*

Prezado Senhor,

Recebemos e agradecemos um exemplar da Revista sobre o 21.º Festival do Folclore de Olímpia.

Parabenizamos V. Sa. e equipe por mais esse dinâmico trabalho.

Atenciosamente,

Carmen Lúcia T. A. Dantas  
Coord. Museu Theo Brandão

Maceió, 19.09.85

\* \* \*

Telegrama

Professor José Sant'anna  
Diretor Departamento Folclore  
Rua Bernardino de Campos, 900  
Olímpia — SP (15400)

*Nossa cultura surgente precisa muitos apóstolos e obreiros como o ilustre folclorista, animador cultural, pedagogo a quem muito deve não apenas o Município de Olímpia, mas também as tradições populares do Brasil, suportes maiores nossa cultura. Parabéns êxito Vigésimo Primeiro Festival.*

Ático Vilas-Boas da Mota

Presidente Comissão Nacional Folclore (IBECC/UNESCO)

\* \* \*

Prezado Prof. José Sant'anna

Felicito-o pelo excelente "21.º Festival do Folclore" de Olímpia — SP.

É realmente uma demonstração muito expressiva das nossas tradições.

Lamento não ter tido oportunidade de vê-lo pessoalmente, para abraçá-lo por essa excelente iniciativa cheia de brasilidade.

Atenciosamente,

Dulce Martins Lamas  
Rio, 24-9-1985

\* \* \*

Salvador — BA, 30 de setembro de 1985

Meu caro José Sant'anna:

Muito agradecida pela remessa da revista que dá conta de como foi, mais ou menos, o 21.º Festival de Folclore. Digo mais ou menos porque nada como se ver, o que foi programado, ao vivo. Mas pela colaboração transcrita sei que foi para mais que para menos. Assim, envio-lhe, mais uma vez, os meus calorosos e sinceros aplausos.

Aproveito a ocasião para lhe comunicar o meu novo endereço: Av. Princesa Isabel, 401/102 — Edifício Olímpia — 40000 — Salvador — BA — O telefone também é outro: 235-7765.

Com os meus parabéns, o abraço amigo.

Hildegardes Vianna

\* \* \*

Guarujá, 5 de outubro de 1985

Prezado Professor Dr. José Sant'anna:

Recebi o Anuário de Folclore n.º 15, que você teve a nímia gentileza de me enviar. Muito grata pela aten-

ção. Receba meus parabéns e da Associação de Folclore e Artesanato de Guarujá, extensivos aos seus colaboradores. Pesquisa intensiva e estudos maravilhosos vocês estão realizando!

Congratulamo-nos, também, pelo 21.º Festival de Folclore de Olímpia: gostaria de aí estar presente: ocupada com o nosso Festival foi impossível me ausentar.

Desejo, caro professor, exprimir nosso reconhecimento pela acolhida anual que vocês têm dispensado ao Reisado de Guarujá. Os componentes do grupo regressam do seu festival encantados pelo que lhes é dado presenciar e pelas atenções com que vocês os cumulam; não poupam elogios ao amigo e demonstram grande admiração, aliás muito merecida, pelo seu trabalho.

Cumprimentando-o, peço a Deus que lhe dê saúde e sempre grande disposição para continuar na árdua luta em prol do Folclore.

Estendo minhas saudações e agradecimentos ao Exmo. Senhor Wilson Zangirolami, DD. Prefeito de Olímpia.

O abraço amigo de

Esther de Almeida Karvinsky

Presidente da C.M.F.A. e A.F.A.G.

\* \* \*

Belo Horizonte, 15 de outubro de 1985

Estimado Colega e bom Amigo Prof. José Sant'anna

Comunico-lhe o recebimento do exemplar relativo ao 21.º Festival do Folclore, realizado em Olímpia, a Capital brasileira dos aspectos populares e tradicionais de nossa Cultura.

Parabéns a você por esse esforço de gigante, naturalmente extensivo à sua equipe.

O conteúdo é de excelente qualidade e revela um aprimorado trabalho de pesquisa e de análise.

A velha amizade e o abraço de

Saul Martins

\* \* \*

CÂMARA DOS DEPUTADOS

Sr. Presidente,

Srs. Deputados,

A cidade de Olímpia, ao lado de um progresso ímpar, que supera em muito a média de crescimento dos Municípios Paulistas, destaca-se de forma invejável no sentido do seu progresso Cultural.

Assim é que, já na administração anterior, de Álvaro Cassiano Ayusso, foi constituída a Casa da Cultura, que abriga, além de um moderno Teatro, Biblioteca, Salas de Música, de Som, etc.

Mas a grande demonstração cultural que anualmente se realiza em Olímpia é o Festival do Folclore, de nível Nacional.

Este Festival, que anualmente acontece no chamado mês do Folclore, agosto, neste ano superou em muito o sucesso, já anteriormente atingido.

A administração Municipal, sob o comando de Wilson Zangirolami, neste 21.º Festival, superou em muito as expectativas, ganhando novas fronteiras na sua profeção.

Mas, Sr. Presidente, Srs. Deputados, é necessário que se ressalte a figura de seu grande idealizador e notável estudioso do folclore Brasileiro, Prof. José Sant'anna.

Homem culto, educador exemplar, figura de escola nos meios culturais, o mestre José Sant'anna, pela sua simplicidade e humildade, é a alma e o corpo do folclore, não só Olímpense, mas também de toda a nação.

Daí Sr. Presidente, envio desta Tribuna, ao povo, às autoridades, e aos organizadores deste 21.º Festival os cumprimentos de que são merecedores por este extraor-

dinário evento que engrandece a memória e a cultura da nossa gente.

Jorge Maluly Neto  
Deputado Federal

\* \* \*

Natal, 6.5.1986

Of. n.º 49/86 — MCC

Do: Diretor do Museu "Câmara Cascudo" da UFRN  
Ao: Presidente da Câmara Municipal de Olímpia (SP)  
Assunto: Agradece comunicação

Exmo. Sr.

Vereador José Carlos Moreira

DD. Presidente da Câmara Municipal de Olímpia

Tenho a honra de acusar o recebimento do ofício n.º 114/86, de 23.4.1986, no qual V.Exa. me comunicou que a egrégia Câmara Municipal de Olímpia consignou em ata voto de aplauso pela publicação do meu livro "FOLCLORE INFANTIL", tendo em vista requerimento do ilustre Vereador José Sant'anna.

Quero agradecer efusivamente a V.Exa. e a todos os membros ilustres dessa Casa Legislativa a honrosa distinção de que fui alvo e que considero um dos mais altos estímulos que obtive em minha atividade de escritor e folclorista.

Pondo-me à disposição de V.Exa. e demais dignos membros dessa Câmara Municipal de Olímpia aqui em Natal, firma-se com elevada consideração e melhor apreço.

a) Prof. Veríssimo de Melo  
Diretor do MCC da UFRN

\* \* \*

Câmara Municipal de Olímpia  
Requerimento n.º 154/86

Senhor Presidente:

Considerando que a participação e a contribuição do BRADESCO para a realização dos quatro últimos Festivais do Folclore de Olímpia têm sido um dos fatores preponderantes do êxito e do sucesso até aqui alcançados, obtendo sempre com enorme repercussão em todo território nacional;

REQUEREMOS, na forma regimental, que seja encaminhado ofício à Direção do BRADESCO, renovando os agradecimentos do Município pelo apoio que tem dado aos Festivais do Folclore, e na mesma oportunidade, solicitando que esse amparo e incentivo, de todo imprescindíveis, mais uma vez se façam presentes para a realização do 22.º Festival do Folclore, a ser realizado de 10 a 17 de agosto p. vindouro, nesta cidade, período em que também acontecerá, paralelamente, o I Simpósio Nacional Sobre Folclore sob os auspícios da Prefeitura Municipal de Olímpia.

Sala das Sessões Professora Dona Oscarlina de Toledo Bonilha, em 14 de maio de 1986.

José Sant'anna  
Vereador

Aprovado, na sessão de 15 de maio de 1986, por unanimidade.

\* \* \*

## Noticiário

**FACULDADE** — O Deputado Estadual Ademar de Barros, conforme D.O.E., Sec. I, São Paulo, de 31 de agosto de 1985 submeteu ao Plenário a Moção n.º 407, de 1985, na qual, tecendo considerações sobre necessidade da criação de centro especializado, dedicado ao estudo e pesquisa das manifestações folclóricas sugeriu a criação de escola de nível universitário para tais estudos. Menciona a cidade de Olímpia, detentora do título de "Capital do Folclore" como a única capaz de abrigar esse tipo de escola, por seu passado e presente voltados para os estudos do Folclore, encerrando com as palavras: "A Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, nos termos regimentais, apela ao Excelentíssimo Senhor Presidente da República, no sentido de que determine, junto ao Ministério da Educação, as providências necessárias visando à criação, na cidade de Olímpia, deste Estado, da Faculdade Nacional do Folclore." Esperamos que a Moção do Deputado amigo e conterrâneo seja levada em consideração e que tenhamos, em breve, a nossa Faculdade. Agradecemos ao Deputado pelo empenho e pelas palavras elogiosas aos Festivais de Olímpia.

NOTA: No D.O.E. n.º 066, Secção I, de 9/4/1986, folha 39, vem publicado no Expediente de 8/4/1986, 48.ª Sessão Ordinária, o recebimento do ofício n.º 206/86 — "Da Secretaria da Educação Superior, comunicando o recebimento do Ofício n.º 14.492/85-AL, por intermédio do qual solicita a criação da Faculdade Nacional do Folclore, em Olímpia — SP."

\* \* \*

**LIVRO (I)** — Veríssimo de Melo, grande folclorólogo, escritor, mestre em estudos e pesquisas folclóricas,

escrevendo no Jornal do Comércio — Recife — PE, a 28/8/85 esclarece que a "Itatiaia", Editora de Belo Horizonte lançou em setembro de 1985 a 2.ª edição de sua obra "Folclore Infantil" que já nos foi enviada. Toda obra de Veríssimo de Melo, de fundo popular ou folclórico, tem ampla repercussão não só entre folcloristas, mas entre todos os que se preocupam com a cultura brasileira. Veríssimo de Melo, a quem admiramos e que já teceu louvores ao trabalho de Olímpia, merece todo nosso respeito. Olímpia cumprimenta-o pela vasta obra folclórica e aguarda sua visita durante um dos festivais do folclore.

\* \* \*

**LIVRO (II)** — Recebemos de Maria Thereza Lemos de Arruda Camargo, gentil convite para coquetel comemorativo do lançamento de seu livro "Medicina Popular", realizado no dia 1.º de outubro de 1985, na Livraria Almed, São Paulo — SP. Ficamos sensibilizados pela lembrança do convite e, sabedores do valor e esforço da amiga escritora, temos certeza de que seu livro será um sucesso e virá contribuir, generosamente, para ampliar nossos conhecimentos sobre a medicina popular, parte do folclore brasileiro. Agradecemos e desejamos boa sorte à autora e à obra.

Maria Thereza, pesquisadora junto ao Departamento de Botânica do Instituto de Biociências na disciplina de Anatomia Vegetal USP, em São Paulo, em 12 de janeiro de 1984, quinta-feira, proferiu, na Casa da Cultura "Dr. Antônio Sylvio Cunha Bueno", de Olímpia, belíssima conferência, ilustrada com eslaides, sob o tema — "Plantas na Medicina Popular", por indicação do Prof. José Sant'anna e a convite da Associação Paulista de

Medicina — Olímpia. Foi hóspede da família Dr. Nilton Roberto Martinez.

\* \* \*

**OS CINCO PONTOS** — Assim falou o Presidente José Sarney à Nação (Identidade Cultural — Prioridade e Artes), nas páginas 21 e 22 do livro "Os Cinco Pontos", em cadeia de Rádio e Televisão no dia 22/7/1985: "A sociedade industrial gera valores materiais. Os valores espirituais são destruídos e não se criam outros. Pouco a pouco vai perdendo sua identidade, fica à mercê da colonização cultural e a nação se descaracteriza. O Brasil, rico em sua cultura de tantas facetas e influências, mescladas e consolidadas na feição de um país que se afirma nas tradições, no folclore, nas letras e nas artes, pouco a pouco definha, tragado pelo abandono e pela pobreza.

Os valores espirituais têm de ser preservados, os bens culturais têm de ser criados e protegidos. A cultura deve estar na mesa do planejador, como a economia. Nunca os nossos artistas e intelectuais tiveram tantas possibilidades, e nunca essas possibilidades foram tão desprezadas. Partiremos agora para o renascimento cultural.

O Presidente tem a certeza de que não basta o País crescer. O crescimento não terá sentido, se não crescerem a cultura, o teatro, a literatura, o cinema, a música, as artes plásticas; e a memória histórica não for preservada."

\* \* \*

**LIVRETO (I)** — No 20.º Festival do Folclore, de 12 a 19/8/1984, o Prof. José Sant'anna compôs livreto elucidativo sobre o Conjunto do SESI, Fortaleza — CE, contando como o grupo se formou e se mantém coeso desde 1961 e da sua 1.ª apresentação em Olímpia, 13.º FEFOL, 1977. Discorre sobre várias danças: Maxixe, Coco, Cana-Verde, Torém, Algodão, Xaxado, Chótis e outras, que serviram para maior compreensão do maravilhoso espetáculo apresentado pelo SESI. Homenageando o Conjunto Folclórico do SESI, que apresentou Ássum Preto em seu repertório Musical, o Prof. Sant'anna, criador do Festival do Folclore de Olímpia e seu atual coordenador, teceu comentários (Análise da Significação no Texto Poético) sobre a música de Humberto Teixeira (cearense) e Luís Gonzaga (pernambucano), com um escorço bibliográfico dos autores. O livreto tem sido de grande valia para estudantes e professores e ainda é grande a sua procura. É indispensável em qualquer Biblioteca, complementando estudos sobre cultura nordestina.

\* \* \*

**SOBRECAPAS** — O Banco Itaú — Agência de Olímpia — confeccionou belíssima sobrecapa colorida para os talonários de cheques. Ladeando a foto da Igreja de Nossa Senhora Aparecida, de Olímpia, aparecem o altar e a dança em homenagem aos reis, cenas do Terno de Moçambique "São Benedito", do Jardim Santa Ifigênia, de nossa cidade, com a mensagem:

"Nessa terra hospitaleira, as mais ricas manifestações do nosso folclore são preservadas com muito carinho por toda a sua gente. É a Olímpia dos ritmos, cores e folguedos — exemplo ímpar de comunidade dedicada à expressão dos mais altos valores da nossa cultura. Aqui você pode entrar que a casa é sua. Itaú."

A Comissão de Folclore de Olímpia agradece, de coração.

\* \* \*

**CORNELIANOS** — No último fim-de-semana de agosto de 1985, aconteceu em Tietê (SP), como parte das festividades da XXVI.ª Semana "Cornélio Pires", o Segundo Encontro de Cornelianos.

Tal qual ocorreu em 1984, quando da edição primeira do Encontro de Cornelianos, Olímpia esteve representada. Como não poderia deixar de ser, a Capital do Folclore esteve presente nessas duas homenagens prestadas à memória de "Nhô Cornelo", na pessoa de José Carlos Rossato, pesquisador do Departamento de Folclore.

Considerado pioneiro no levantamento de fontes do folclore paulista, Cornélio Pires, em Tietê, sua terra natal, é anualmente lembrado. Desde 1958, data de falecimento, a Prefeitura Municipal de Tietê, até hoje, comemora Cornélio em todas as cores, em todos os ritmos e com toda velocidade.

O clímax do 2.º Encontro de Cornelianos foi o lançamento da reedição de duas obras, num só volume, do dileto filho de Tietê: Musa Caipira e As Estrambóticas Aventuras de Joaquim Bentinho, o Queima Campo.

\* \* \*

**IBGE** — Recebemos do Sr. Guilherme da C. Bittencourt, da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de São Paulo um atencioso cartão comunicando e agradecendo o recebimento dos Anuários do Folclore (20.º e 21.º FEFOL). Mais contentes estamos nós por sabermos que as Revistas, depois de analisadas, estão na Biblioteca do IBGE-SP, à disposição dos consulentes da mesma, e, ainda, por termos recebido, em retribuição, Monografias de diversos Municípios paulistas, o que é importantíssimo para nossas pesquisas de ordem histórica, geográfica e folclórica. Gratos.

\* \* \*

**COMISSÃO EXECUTIVA** — Para que os festivais decorram com certa harmonia e agradem a muitos, atrás dos bastidores, quase sempre incógnitos e em contante atividade, indivíduos há que são, por visitantes e pessoas da cidade, desconhecidos. É o que acontece com a Comissão Executiva, cujos membros se esfalfam, lutam e se desgastam em trabalhos vários, nem sempre compreendidos, nem sempre atendidos. Sem eles, os festivais seriam, devido à extensão alcançada nos últimos anos, praticamente irrealizáveis. A essa Comissão, constituída pelos seguintes elementos, em ordem alfabética: Aguiar Alves de Melo, Antônio Clemêncio da Silva, Célio José Franzin, Damião Damiani Filho, Egídio Caputo, Francisco de Assis Madalena, Gilberto Schalch, Iseh Bueno de Camargo, Jair de Alencar, José Fernando Rizzatti, José Sant'anna, Luis Antônio Cavariani, Luís Antônio Fonseca, Maria Aparecida de Araújo Manzolli, Maria Giuseppe Scura, Maria Jesus de Miranda, Sidney Carlos Schalch, Sílvio Luís Bachega, Válder Galetti, Wilson Zangirolami (prefeito), Zuleica Carneiro Zangirolami (1.ª dama), muito deve o 21.º FEFOL e, por isso, Olímpia lhes agradece de todo o coração, esperando contar com a colaboração espontânea e eficiente de todas essas pessoas, no próximo festival. Obrigado a todos e também às subcomissões formadas com o intuito de auxiliar a Comissão, desempenhando um árduo trabalho de retaguarda. Obrigado a todos que colaboraram.

\* \* \*

**COLABORAÇÕES** — Não podemos deixar de citar as empresas privadas, entidades e pessoas que, de alguma forma: um pouco mais, um pouco menos, porém, com alegria e desprendimento, contribuíram, monetariamente, para que tudo decorresse bem no 21.º FEFOL. Autoridades políticas e militares, preservadores de nossa cultura, fizeram-se presentes quando solicitados e nos deram as mãos, colaborando para o brilhantismo do festival do ano anterior. Mas, para não incorrerem no imperdoável erro da omissão, não relacionaremos nomes dos colaboradores. Agradecemos, portanto:

— a presença encantadora e estimulante do senhor governador do Estado, Dr. André Franco Montoro e sua digníssima Esposa;

— ao Sr. Jorge Cunha Lima, da Secretaria da Cultura;

— ao Sr. Luís Benedito Máximo, da Secretaria do Trabalho;

— ao Sr. Sérgio Barbour, da Secretaria de Esportes e Turismo;

— ao Sr. Chopin Tavares de Lima, da Secretaria do Interior; e

— ao Sr. Paulo Renato Costa Souza, da Secretaria da Educação.

\* \* \*

**POSTOS DE PEDÁGIO** — Uma novidade no 21.º FEFOL. Graças à gentileza da Caixa Econômica do Estado de São Paulo, nos postos de Pedágio que ligam São Paulo a Olímpia, foram entregues convites a todos os motoristas e ocupantes de veículos, contando-lhes o que haveria, na cidade, de 11 a 18 de agosto e quais os objetivos desse festival. Foi farta a distribuição e sua repercussão muito grande entre os usuários do pedágio em questão. A Comissão do Folclore agradece, cordialmente, a Caixa Econômica do Estado de São Paulo. Aos encarregados da distribuição no pedágio, sinceros agradecimentos dos promotores do festival olimpiense. Que se repita, ampliando-se a distribuição em 1986, em nossas rodovias. Fazemos votos.

**FOLCLORE** — O 21.º FEFOL, como já é do conhecimento de todos que aqui estiveram e de todos aqueles que lêem o que sobre Folclore se escreve, foi grandioso. Olímpia mal pôde abrigar a tantos grupos que aqui compareceram e, o que é mais triste, por falta de verbas, por falta de espaço físico, viu-se na contingência de recusar grupos que imploravam a sua vinda, a sua apresentação, de passagem que fosse. Até este ano, muita coisa nos faltou; porém, repletos de otimismo, cremos que chegará o dia em que a todos acolheremos, grupos folclóricos de todo o Brasil, grupos que são as sentinelas avançadas da nossa cultura popular.



Do Estado de São Paulo aqui estiveram, alguns grupos, apenas uma noite, outros somente no desfile e, poucos, durante vários dias: de Barretos — Guarda de Vilão, Dança-de-são-gonçalo, Catira; de Bebedouro — Dança-de-são-gonçalo e Folia de Reis com Presépio Vivo; de Cajobi — Folia de Reis; de Campinas — Pastoria do Menino Jesus; de Capão Bonito — Fandango de Tamancos; de Capela do Alto — Fandango de Chilenas; de Guaraci — Folia do Divino; de Guarujá — Reisado Sergipano e Boi-Bumbá; de Icém — Grupo Treze de

Maio; de Mauá — Samba-Lenço; de Piracicaba — Batuque e Cururu; de Santo Antônio da Alegria — Congo de Sainha; de São José do Rio Pardo — Caiapó; de Tatuí — Cordão de Bichos; de Taubaté — Moçambique; de Votuporanga — Catira; de Viradouro — Folia de Reis.

Grupos de Olímpia que se apresentaram: Folia de Reis "Céu de Belém", Folia de Reis "Estrela da Guia", Folia de Reis "Estrela de Belém", Folia de Reis "Magos do Oriente", Folia de Reis "Estrela do Oriente", Folia de Reis "Presépio de Belém", Companhia de Reis "Maria Santíssima", Companhia de Reis "Menino Jesus", Companhia de Reis "Presépio de Jesus", Companhia de Santos Reis "Lapinha de Belém", Dança-de-são-gonçalo "duas do Bairro de São José, uma da Fazenda Corredeira, uma do Jardim Cisoto", Esquadrão de Cateretê "Dois de Março", Terno de Congada "Chapéu de Fitas", Terno de Moçambique "São Benedito", Quadrilha Junina, Jongô, Folia de São Benedito "Pena de Ouro", Capoeira "Praia das Andorinhas".



Grupos de outros Estados brasileiros: Ceará (durante todo o festival, com apresentações diárias, diurnas e noturnas) — Grupo Parafolclórico do SESI, mais de 40 danças nordestinas; Minas Gerais: Caiapó de Campestre; Congada de Passos; Terno de Congada "Marinheiros da Prata" e Terno de Moçambique "Estrela Dalva" de Pratápolis; Terno de Congada "Chambá" e Terno de Moçambique de São Sebastião do Paraíso; Terno do Congo de São Tomás de Aquino; Moçambique Branco e Congo de Sainha de Uberlândia; Congada "Marinheiros de Itaú", Rio Grande do Sul — (do dia 15 a 18 de agosto), Grupo de Tradições Gaúchas de São Gabriel, com cerca de 30 diferentes danças do Sul, música, canto e instrumentais típicos, apresentações diurnas e noturnas, Sergipe — Grupo Parafusos, Cangaceiros, Terno de Zumbumba e Chegança de Lagarto, magníficas apresentações cênicas.

**PARAFOLCLORE** — Há alguns anos atrás, pouco tempo após o Prof. José Sant'anna haver iniciado, com alunos do então CENE "Capitão Narciso Bertolino", os Festivais de Folclore de Olímpia, a Prof.ª Maria Aparecida de Araújo Manzolli, interessada em danças regionais, começou a prestar sua colaboração. Para tal, esteve no Rio Grande do Sul estudando e pesquisando o Folclore gaúcho e de lá trouxe danças que, sofrendo poucas variações, no início, permitiram a formação do Grupo de Danças Parafolclóricas "Cidade Menina-Moça" do Centro de Tradições "Noiva Sertaneja". Esse grupo, magnificamente estruturado e dirigido pela Prof.ª Cidinha, apresenta-se todos os anos durante o Festival do Folclore e em todos os eventos de Olímpia. Têm-se apresentado em inúmeras cidades da região e em outros Estados, como Goiás, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Em São Paulo, Capital, apresentaram-se em programas de tevê — RTC e Bandeirantes, recebendo aplausos gerais e convites para apresentações posteriores.



Em março de 1985, a jovem Liedna Nogueira de Oliveira, ex-integrante do Grupo de Danças do SESI, Fortaleza CE, por ter gostado de Olímpia, decidiu aqui fixar residência. Com apoio do senhor Prefeito Wilson Zangirolami e do Prof. José Sant'anna e o entusiasmo da senhora Zuleica Carneiro Zangirolami, conseguiu seus intentos e organizou o Grupo Parafolclórico de Tradições Nordestinas "Asa-Branca". O Grupo foi criado a 25/3/1985 e reúne crianças das creches "Recanto da Tia Anastácia", "Sítio do Pica-Pau Amarelo" e "Cidade Mirim de São João Batista", bem como alunos das Escolas Estaduais de Primeiro Grau "Prof.<sup>a</sup> Maria Ubaldina de Barros Furquim", "Dr. Antônio Augusto Reis Neves" e "Dr. Wilquem Manoel Neves", na faixa etária dos 9 aos 14 anos.

Liedna conseguiu, em pouco tempo, fazer com que seu grupo também se destacasse, agradando a todos. Recebendo o apoio total da 1.<sup>a</sup> dama, dona Zuleica, tem-se apresentado com grande frequência. Participou das festas da inauguração do Corpo de Bombeiros, de um Minifestival na Casa da Cultura "Dr. Antônio Sylvio Cunha Bueno", do 1.<sup>o</sup> Minifestival Folclórico de 1985. Apresentou-se, ao governador de São Paulo, Dr. André Franco Montoro e comitiva, em agosto de 1985, uma homenagem ao trabalhador — programa especial; no 2.<sup>o</sup> Encontro Olimpense de Artistas — ECOA; na Festa do Ancião em 27/9/1985 no Abrigo São José; na Semana da Criança, na Praça Rui Barbosa e no Notal dos Pobres, festa organizada por dona Zuleica Carneiro Zangirolami. Neste ano, no dia 24 de janeiro, após estudos preliminares, as crianças do "Sítio do Pica-pau Amarelo" apresentaram peças teatrais baseadas em leituras feitas, colaborando com a Semana do Livro.



Assim, contando com dois grupos parafolclóricos, um nascido quase que junto com os Festivais do Folclore, outro recém-criado, temos, em Olímpia, as bases para

que se perpetuem as danças brasileiras, para que nada mais seja perdido no que se refere a essa página do nosso folclore. Estão de parabéns as duas mestras — *Maria Aparecida de Araújo Manzolli* e *Liedna Nogueira de Oliveira* e, queiram os céus que estas dedicadas professoras continuem dinâmicas e ativas, preservando nossos valores culturais.

\* \* \*

**LIVRETO (II)** — Em 1985, 21.<sup>o</sup> Festival do Folclore, de 11 a 18 de agosto, sob orientação do Prof. José Sant'anna, a Prof.<sup>a</sup> Iseh Bueno de Camargo conseguiu imprimir um livreto intitulado "Aspectos do Folclore Brasileiro — Danças, Folguedos e Parafolclore". São sumariamente descritos: Bacamarteiros, Balaio, Batuque, Boide-Mamão, Cacumbi, Caiapó, Catira, Congada, Cordão de Bicho de Tatuí, Cururu, Dança-de-são-gonçalo, Dança do Vilão, Fandango, Folia de Reis, Guerreiro, Jongu, Maracatu, Moçambique, Parafuso, Pastoria do Menino Jesus, Quilombo, Reisado, Taieira, Ticumbi. Apresenta algumas explicações sobre o Folclore Lagartense e destaca a Folia de São Benedito "Pena de Ouro", dirigida por Edávia Barbosa Giudice de Jesus. O livreto da Prof.<sup>a</sup> Iseh Bueno de Camargo serve como roteiro às pessoas que se interessam por danças folclóricas e que, assistindo a elas, passam a compreendê-las melhor e também a valorizá-las.

\* \* \*

**CEARÁ** — O Grupo Parafolclórico do SESI — CE, num gesto inusitado de cooperação e entrosamento culturais imprimiu e inundou Fortaleza e algumas cidades do Ceará, bem como capitais nordestinas com um pequeno cartaz, contando que estaria em Olímpia no XXI Festival do Folclore. Cenas de danças faziam parte dos cartazes e nós, olimpienses, por essa espontânea e feliz divulgação do Festival, sentimo-nos honrados e gratos a seu idealizador e a "Oeste S.A. Indústria Têxtil" que deu apoio à impressão dos mesmos. Parabéns, SESI, pela feliz idéia! O referido Grupo agrada a qualquer espectador. Aqui em Olímpia o grupo apresentou, no decorrer do Festival, 18 de suas maravilhosas danças, com trajes vistosos e muito bonitos. O Prof. Francisco da Silva Freitas, dirigente do Grupo, exímio narrador, explicou a coreografia de cada dança apresentada no palanque e animou todos os bailes do recinto fechado, os forrós, principalmente.



A esposa do Prof. Freitas, D. Maria Estela Brito de Freitas, encarregada do guarda-roupa do Grupo, fez maravilhas com os trajes que embelezaram palanque e salões. Respeitável também a presença da Prof.<sup>a</sup> Míriam Câmara Pereira Lopes, coordenadora de lazer desse Grupo, nos três anos que aqui compareceu (1977, 1984, 1985).

\* \* \*

**RIO GRANDE DO SUL** — Desde o dia 15 de agosto de 1985, em pleno apogeu do 21.<sup>o</sup> FEFOL, o C.T.G. Orelhano, de São Gabriel — RS, fez presença marcante em Olímpia. Além de um excelente cantor e acordeonista, apresentaram ricas danças gaúchas, com tra-

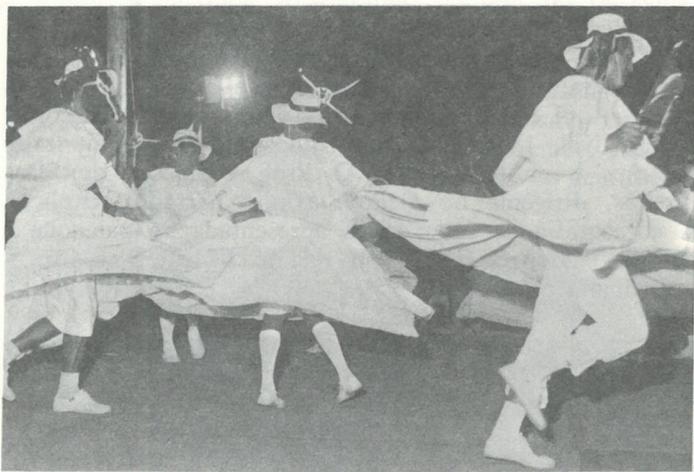
jes belíssimos. São Gabriel pode orgulhar-se desse grupo de danças parafolclóricas que, pela segunda vez, em Olímpia, abrilhantou as noites do nosso 21.º FEFOL, num digno espetáculo de som, colorido, de reminiscências sulistas, ao sabor dos pampas riograndenses.



Além disso, temos que louvar a recepção — churrasco à moda gaúcha, que ofereceram aos amigos olímpenses. Agradecemos a presença desse grupo de gente culta e conservadora. Somos gratos pelo belo espetáculo que nos ofereceram e, esperamos, estejam perenemente em nossos festivais. Parabéns mestres, cantores, músicos e dançarinos.

\* \* \*

**SERGIPE** — A Prefeitura Municipal de Lagarto — SE, através de seu Prefeito, Artur de Oliveira Reis, fez chegar às mãos do Sr. Wilson Zangirolami, Prefeito de Olímpia, um livreto, em cuja contracapa há uma mensagem que esclarece os anseios lagartenses de brilhar neste FEFOL, com a apresentação dos Parafusos, Sambão e Terno de Zabumba de Terreno.



Em seguida vem o histórico de cada dança a ser apresentada, com pesquisas de Adalberto Fonseca e, além da beleza estonteante do grupo dançando *Parafusos*, ou da alegria do *Sambão* e ritmo do *Terno de Zabumba* ficamos, com a saudade da partida, o gosto de poder agradecer a todos de Lagarto, ao Prefeito da cidade, ao historiador Prof. Adalberto, a Sr.ª Soledade de Carvalho Rocha (excelente coordenadora dos grupos: protótipo de ordem, pontualidade, respeito e moral) e ao povo sergipano que preserva seu folclore. E obrigado por divulgar, de maneira tão organizada, os festivais folclóricos de Olímpia. Esperamos que voltem.

\* \* \*

**FOLCLORÍSTICA** — Durante o 21.º FEFOL realizou-se, no período diurno, na Casa da Cultura “Dr. Antônio Sylvio Cunha Bueno”, o III Ciclo de Palestras sobre Folclorística — 12 a 16/8/85, colaboração da Co-

missão de Folclore (Conselho Municipal de Cultura), Delegacia de Ensino de Olímpia, BRADESCO e Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Unidade de Treinamento de Olímpia). Foi excelente a frequência, apresentando-se como oradores Prof. José Sant’anna, Isêh Bueno de Camargo, Maria Aparecida de Araújo Manzolli, Ineh Bueno de Camargo, Inezita Barroso e Laura Della Mônica. Encerrando o ciclo de palestras, houve o magno acontecimento da outorga de títulos de cidadania olímpense a Inezita Barroso e Laura Della Mônica.

Logo ao término das palestras, iniciava-se o I Minifestival do Folclore, no Centro de Esportes “Vera Maria de Toledo”, com apresentações do grupo do SESI — CE, grupo de danças do C.T.G. Orelhano, São Gabriel — RS, disputas entre alunos participantes — travéguas, adivinhas, contos folclóricos e grupo de danças de Marli Minári. Apesar da distância entre a Casa da Cultura e o Centro de Esportes, foram ambos sucesso incontestes e grande o seu aproveitamento.

\* \* \*

**BRINQUEDOS** — A 20.ª Gincana de Brinquedos Tradicionais Infantis, sob responsabilidade de Débora Aparecida Vicente, alcançou retumbante sucesso e o número de crianças inscritas ultrapassou todas as expectativas. De 11 a 17/8/85, a criançada agitou Olímpia: pau-de-sebo, pega-porco, corrida-de-roleimã, estilingue, ovo-na-colher, bolinha de vidro, corrida-no-saco, pão, perna-de-pau, corrida-do-arco, rabo-no-burro, amarelinha, pular corda, quebra-pote, bétia, égua-de-pau, papagaios. Um esfuziante espetáculo, concorrido e assistido por enorme número de alunos de Olímpia e cidades visitantes. Parabéns à Prof.ª Débora e aos demais organizadores e patrocinadores de tal acontecimento lúdico-folclórico.

\* \* \*

**TRUCO** — Uma das grandes tradições dos Festivais do Folclore é o Jogo do Truco, quando os aficionados desse antigo e alegre pelear se organizam em verdadeiros campos de batalha inimiga. No 21.º FEFOL a luta foi acirrada, formando-se grupos empenhadíssimos em combater e vencer. Este foi o 14.º Campeonato do Truco e realizou-se nos dias 8, 9 e 10 de agosto. Havia 38 duplas participantes. A dupla vencedora era constituída por Sidnei Donizeti Evangelista Novais e Laerte Arcelino Novais que fizeram a casa vibrar e atraíram centenas de torcedores ao local de disputa. O Truco não desaparecerá tão cedo dos nossos festivais, já que vem de longe e de longa data e tem fôlego para infinitos anos. Aos participantes e torcedores, à Associação dos Funcionários Públicos Municipais de Olímpia (AFPMO), em cuja Sede Social realizou-se o Campeonato, os agradecimentos de todos os folcloristas e apaixonados do Truco.

\* \* \*

**ESPETÁCULOS** — Ao término das apresentações de grupos folclóricos no palanque do 21.º FEFOL, recinto aberto, outra programação se desenrolava no Ginácio de Esportes, espetáculos musicais com a presença de Donizete, Trio Barra Pesada, Tônico e Tinoco, Dominginhos, Luís Airão e baile gaúcho, com danças (forró) todas as noites, até de madrugada. Umhas noites mais, outras menos, foram concorridos esses encontros musicais, enriquecendo a programação do Festival do Folclore, paralelamente. Queremos externar nossa gratidão a Hohn And Haas Brasil Limitada, patrocinadora dos três primeiros espetáculos artísticos.

\* \* \*

**DESFILE** — O 21.º FEFOL brilhou em 1985, durante o desfile Alegórico de Projeção Folclórica. Os carros, ornamentados pelas escolas e outras entidades locais

(comércio, indústria, agropecuária), jamais foram tão ricos e imaginativos. Eram apoteóticos mesmo, arrancando aplausos da assistência, encantando a todos que os viam desfilar entre plumas, palmas, cordas, laços, grãos, flores e belíssimas jovens. Escolas como a EEPSPG "Capitão Narciso Bertolino", EEPG da Vila Silva Melo e EEPG Comendador "Francisco Bernardes Ferreira", cuja alegoria denominava-se "Brincando com o Vento", trabalhada em conjunto, espalharam folhetos explicativos, versando sobre papagaios e cata-ventos, esclarecendo às pessoas que pudessem tirar os olhos do deslumbramento do carro para ler durante o desfile.



Parabéns, diretores de escolas e seu professorado. Parabéns pela feliz idéia e pelo carro que apresentaram. Parabéns mesmo. Não esmoreçam nunca.

Nossos agradecimentos a todos que desfilaram, que ornamentaram carros alegóricos, que vestiram os encantos de crianças e jovens, que deram maior destaque ao FEFOL! Respeitável também a presença de oito bandas marciais que deram alegria constante e muito brilho ao majestoso desfile. Parabéns a Zeca Scura e a sua equipe de trabalho.

\* \* \*

**FILMAGEM** — Dentre as diversas equipes de rádio e televisão que estiveram em Olímpia durante o 21.º Festival do Folclore — 1985, é mister destacar o magnífico desempenho da R.T.C. — Rádio e Televisão Cultura — Emissoras Educativas da Fundação Padre Anchieta. A equipe "Próxima Parada", constituída por gente jovem e dinâmica: Celso Luís Tavares de Oliveira (diretor e produtor), Denise de Mattos (assistente de produção), Arcângelo Mello Júnior (cinegravista), Alcides de Almeida e Nílson Félix Gonçalves (operadores de áudio), Wanderlein Baggio Júnior, Adilson de Paulo e Naécio Tadeu de Araújo (assistentes de cinegravista), aqui permaneceu nos dias 15, 16, 17, 18 e parte do dia 19 de agosto, num trabalho incansável e constante, indo muito além de suas

funções, dedicando-se a serviços braçais inclusive, suprimindo a falta de elementos humanos onde se fizesse necessário, cobrindo, ao mesmo tempo, todos os eventos folclóricos desses dias, selecionando as melhores cenas, procurando ângulos mais favoráveis, destacando grupos mais autênticos, enfim, dando cobertura total ao Festival de 1985. Ao final, cerca de 32 horas de filmagem iriam para o ar, parceladamente, para que cenas inesquecíveis fossem vistas por todo o Brasil.

Infelizmente isso não aconteceu e todo o trabalho da equipe foi perdido. Segundo ofício do Sr. Carlos Queiroz Telles, chefe do Departamento Cultural da R.T.C., ofício datado de 06/11/85, o programa todo fora, inexplicavelmente, apagado por funcionário do Almoarifado, apresentando suas desculpas à cidade, através do Prefeito Municipal.

No entanto, a Folha de São Paulo, no dia 25/10/85, sob o título "T.V. afasta acusados de furtar fitas" cita que as queixas do diretor jurídico da Fundação Padre Anchieta referem-se a fitas de vídeo-teipe com programas gravados, cujo conteúdo desconhecia, e não fitas virgens como o coordenador da T.V. Cultura mencionou. Assim, há uma longínqua esperança de que as fitas ainda sejam encontradas intactas, a fim de que possamos rever o 21.º FEFOL e, o que é mais importante, aquilatar o esforço imenso da magnífica equipe da R.T.C. que nos honrou com sua presença e seu desempenho magistrais.

A todos da R.T.C. que aqui compareceram e que tanto de si doaram ao 21.º FEFOL, nossos sinceros agradecimentos e votos de que lhes seja permitido retornar em 1986, sem que a mesma tragédia se repita. À Fundação Padre Anchieta e a todos da Rádio e Televisão Cultura, Olímpia agradece sensibilizada e se solidariza com a máguia de terem sido extraviadas as fitas do nosso 21.º Festival do Folclore, fitas que continham rico material didático e fotográfico, podendo, em qualquer ocasião, proporcionar aos jovens cineastas, prêmios e louvores em concursos ou Festivais de Cinema.

Voltem, moços! O 22.º FEFOL espera por vocês e, quem sabe, colherão os louros que a má sorte lhes roubou em 1985.

\* \* \*

**PRAÇA DO FOLCLORE** — Diversas cidades do espaço brasileiro cumpriram o dever patriótico de comemorar, em agosto, o folclore. Lembramos de Olímpia, São Carlos, Itapetininga, Campinas, Franca, Brasília e outras que a memória fica devendo. Dessas apenas uma persiste no dever cívico de preservar o que há de mais puro em nosso povo. É Olímpia, a Capital do Folclore. Neste ano será realizado o 22.º Festival do Folclore. O primeiro verificou-se em 1965 e até hoje, ininterruptamente. Olímpia se transforma, durante oito dias de agosto, numa vitrina do folclore nacional, apresentando grupos dos mais diferentes rincões de nossa Pátria.

Pelo espaço de 18 anos, a Praça da Matriz serviu de palco aos Festivais do Folclore, que carinhosamente chamamos de FEFOL. Mas com a emancipação do evento, a velha praça ficou pequena. Assim, o Festival passou a ser realizado no Centro de Esportes e Recreação Olyntho Zambon. Mas aquele local não foi adequado pelo espaço. Em vista disso, o prefeito Wilson Zangirolami, ao ser empossado, assumiu o compromisso que lutaria para que até ao final de seu mandato o famoso festival, de fama nacional e internacional, passasse a ser realizado na Praça do Folclore. Essa luta do burgomestre é a de toda a comunidade olimpiense. É um velho sonho dos folcloristas e do Criador dos Festivais, tornado realidade pelo dinamismo de Wilson Zangirolami — o prefeito progressista.



A Praça do Folclore será o local adequado por possuir toda a infra-estrutura indispensável: energia elétrica, água, esgoto e asfalto. Nela serão construídos barracões, arquibancadas, concha acústica, estacionamento e alojamentos, onde serão hospedados os grupos folclóricos visitantes. É natural que essa praça terá outras funções no decorrer do ano. Poderá ser utilizada para exposição de animais, rodeios, festas existentes no calendário olimpicense, como aniversário da cidade e outras atividades semelhantes. Portanto, a Praça do Folclore poderá ser ocupada de várias maneiras, no decorrer do ano civil.

O local escolhido é uma área de 4 alqueires paulistas. Foi desmembrado de uma propriedade do Dr. Altino Robazi. Essa área acha-se paralela ao Conjunto Habitacional Antônio José Trindade, COHAB — I.

Para o lançamento da pedra fundamental da futura Praça do Folclore, foi convidado o Governador André Franco Montoro. No dia 17 de agosto de 1985, às 18 horas, acompanhado de sua esposa, Lucy Montoro, vários deputados estaduais e assessores, foram recebidos pelo prefeito Wilson Zangirolami, a primeira dama Zuleica Carneiro Zangirolami, vereadores e folcloristas da cidade e região.

A euforia tomou conta dos presentes. Sua Excelência, Franco Montoro, naquela oportunidade, prometeu à viva voz que iria maximizar esforços para contribuir, de modo decisivo, para a realização do sonho do povo de Olímpia: a construção da Praça do Folclore.

Logo após o lançamento, o Governador e comitiva deslocaram-se para a Central de Alimentação do Município. Lá, no prédio da antiga FEPASA, foi inaugurada a cozinha piloto. Foi recebido por considerável número de populares, autoridades municipais e por cerca de 50 grupos folclóricos.

Quando os relógios marcavam 21 horas, foi prestada uma homenagem ao Governador e comitiva, no recinto do 21.º FEFOL, com danças e folguedos folclóricos de diversos Municípios brasileiros, de vários Estados. Montoro e comitiva ficaram encantados, não só pela platéia presente, mas sobretudo por conhecerem grupos paulistas que jamais tinham visto. Um dos que mais atraiu a atenção do casal Franco Montoro e comitiva foi o grupo folclórico Caiapó, de São José do Rio Pardo. Em conversa que manteve com o prefeito Zangirolami e o folclorista Prof. José Sant'anna, nosso Governador demonstrou muito interesse pela preservação do folclore paulista. Em seu discurso, Montoro manifestou os maiores louvores

à Capital do Folclore e parabenizou à Comissão Executiva do Evento. Como lembrança levou de Olímpia um pífano cedido pelo grupo parafolclórico do Ceará, e, por certo, não esquecerá da hospitalidade de que foi alvo. Certamente lembrará da promessa de auxiliar com verbas na construção da Praça do Folclore, onde já será realizado o 22.º FEFOL com a presença de Sua Excelência, conforme demonstrou desejo.

\* \* \*

**TALENTO** — Durante o 21.º Festival de Folclore, 1985, esteve entre nós, encarregada de toda reportagem radiofônica, a jornalista e teatróloga *Marlene Fortuna*, uma das filhas do inesquecível José Fortuna, um dos maiores compositores brasileiros, autor de centenas de músicas sertanejas e de gêneros diversificados, e de Durvalina Ferreira Fortuna.

Marlene, com seu esplêndido visual e sua dicção perfeita, aliados a sua natural espontaneidade cativou a todos olimpenses e visitantes que aqui estiveram de 11 a 18 de agosto.

Nascida em São Paulo, é professora de 2.º grau e jornalista pela Cásper Líbero. Coursou Arte Dramática, Teatro, participando de inúmeras peças teatrais, como "História de Palhaços e Gentes", "Os Penitentes de Santo Cabrito", "Forró no Céu", "Os Veranistas", "Romeu e Julieta" e muitas outras. Trabalhou em circo com José Fortuna. Foi jurada de programas de tevê. Faz parte do Grupo de Teatro Macunaíma tendo, com esse grupo, percorrido grande parte do mundo: Itália, França, Bélgica, Alemanha, Suíça, Espanha, Holanda, Inglaterra, Ilhas Canárias, Austrália, Oriente Médio — Israel, Estados Unidos, México e, praticamente, o Brasil todo.

E ainda encontra tempo para comandar o programa "José Fortuna", na Rádio Mulher de São Paulo e escreve para Revista Trimestral do Clube Atlético Monte Líbano.

Eis, em pouco espaço, a vida de uma jovem artista brasileira que, chegando a Olímpia, fez-se olimpense de coração, deu seu recado com eficiência e naturalidade e continua, até hoje, a querer saber tudo sobre a cidade que adotou como a "mais querida".

Só podia ser assim pois, filha de José Fortuna, (de Itápolis — SP), só podia ser querida e simples. Ele, poeta nato, autor de composições como Lembrança, Paineira Velha, Cavalo Branco, Esteio de Aroeira, Solidão, Fronteira, Anáí, O Carro e a Faculdade, Cheiro de Rel-

va, O Ipê e o Prisioneiro (parceria com Paraíso); ela, artista desde o berço, de linguagem fácil e límpida; pai e filha, irmãos na arte, ficarão sempre nas nossas lembranças musicais e artísticas.

A estrofe que está na campa de José Fortuna, poema de sua autoria, diz assim:

“Aqui estou, meus velhos companheiros.  
Olhem para cima, pra me ver passando  
Em meu cavalo Raio de Luar  
Pelo estradão das estrelas, galopando  
O meu berrante hoje são trombetas  
Que os anjos tocam chamando a boiada  
De nuvens brancas no sertão do espaço  
Vindo ao curral azul da madrugada”.

Enquanto ele anda pelo estradão das estrelas, Marlene marca o ritmo das horas hodiernas, alegrando, encantando, distribuindo amor e simpatia.

Olímpia agradece a sua presença. Volte sempre, cara amiga.

\* \* \*

*NOSSA GRATIDÃO* — Já que estamos em tempo de agradecimento, é justo que nos lembremos de algumas pessoas muito dedicadas que colaboraram no 21.º FEFOL, pessoas que sempre colaboram. Executam trabalhos importantes e prolongados, trabalhos que não podem ser percebidos, muitas vezes. Temos que ressaltar a participação ativa e constante do engenheiro Marco Aurélio Macedo Pereira e seus comandados, na montagem total do ambiente para o Festival, trabalho gigantesco. Temos que citar a colaboração eficiente e exaustiva de Edson Parolim, diretor do DAEMO, responsável, junto com sua bem treinada equipe, pelo abastecimento de água durante o Festival, momento em que se eleva astronômicamente o uso do precioso líquido. Falar da PRODEM que não mede sacrifícios a fim de que haja ônibus à disposição de todos que querem chegar ao recinto do Festival. Falar das floristas Rita de Oliveira Giacóia, Rosa Pereira dos Santos, Maria Felícia Alves Toledo Busarello e Teresinha Batista Henrique Teixeira que passaram intermináveis horas confeccionando flores de papel crepom, papel de seda, flores que enfeitaram chapéus, instrumentos musicais e trajes de grupos folclóricos. Mencionar a participação de Maria Jesus de Miranda, encarregada de mil e uma tarefas que ninguém da Comissão poderia fazer, tarefas cansativas e ingratas que a levam, quase sempre, à beira do “stress”. O trabalho diuturno da costureira Judite Santana Nogueira, na confecção de indumentárias diversas aos grupos folclóricos. A atividade de Valdemar Balbo, jovem simples que trabalha durante o dia todo e ainda se encarrega de descobrir discos e fitas que faltam, que executa tarefas de grande monta que passam despercebidas. O trabalho de Aguiar Alves de Melo, encarregado da organização do hasteamento das bandeiras no recinto do 21.º FEFOL, tarefa que demanda esforço e arte. Mencionar a dedicação de Gilberto Schalch que passa os festivais cozinhando para os grupos folclóricos, assessorado por pequeno número de auxiliares que, como ele, não têm tempo para assistir às solenidades. A colaboração do SENAC em diversas tarefas, inclusive na montagem e manutenção de barraca que apresentou o artesanato de várias regiões do país. O exaustivo trabalho de Jaraguá-Som que, dia e noite ficou a postos, inundando o recinto de música folclórica, alegrando e espalhando o “folclore” pelos ares. A extraordinária colaboração de João José Abra que, à época do 21.º FEFOL, dedicou todo o seu tempo aos trabalhos gráficos que lhe foram entregues com pressa absoluta. O José Lopes Ilmer (Zeíto), cuidando de outra equipe de cozinheiros, agradando aos mais exigentes paladares e alimentando diversos grupos folclóricos. O silencioso trabalho de Alceu Clemêncio da Silva, colaborando com a

Comissão e com os “mestres-cuca” na correta distribuição dos alimentos. Citar, com todo o carinho, o esforço dos Conjuntos — Coral Municipal de Olímpia — regência de Jônatas Manzolli, Madrigal Musicante de Bebedouro — SP — regência da Dr.ª Enilde Borges Anacleto; Coral Municipal de Pirangi — SP — regência de Anselmo Fuzinato e esposa, Corais que tudo fizeram para abrihntar o 21.º FEFOL. E há muito mais gente — flores ocultas que perfumaram os festivais e, por isso, merecem toda nossa gratidão e o respeito que Olímpia dedica aos que trabalham em silêncio. E eles são muitos, graças ao Senhor.

\* \* \*

*PALESTRAS* — O Ministério da Cultura, através do Instituto Nacional do Folclore, da FUNARTE, enviou-nos convite para assistirmos palestras sobre Literatura de Cordel e Cantoria Nordestina, nos dias 5 e 6 de setembro de 1985, no Auditório do Museu do Folclore Edison Carneiro, do Rio de Janeiro. As palestras estiveram a cargo do Prof. Aloysio de Alencar Pinto, musicólogo; Prof. Antônio Augusto Arantes, antropólogo; Prof.ª Dulce Martins Lamas, musicóloga e Prof. Ivan Cavalcante Proença, ensaísta e doutor em Literatura e Cultura Brasileira. Muito gratos pelo convite. Aguardamos material escrito sobre o encontro.

Prof.ª Dulce Martins Lamas, do Rio, tornou-se nossa conhecida e amiga no X Encontro Cultural de Laranjeiras — SE, em janeiro de 1985. Esteve em Olímpia durante a realização do 21.º FEFOL, agosto de 1985, com finalidade de conhecer a cidade e pesquisar sobre música folclórica. Na ocasião, deixou para os Anais de nosso Festival, um relatório de importância fundamental para os estudos da Cultura Brasileira.

\* \* \*

*INF* — A Prof.ª Amália Lucy Geisel, Diretora do Instituto Nacional do Folclore, da FUNARTE, MINC, em resposta ao senhor Prefeito solicitando verba para construção do local para a realização dos festivais nos oferece, não o auxílio financeiro pedido, mas a promessa do apoio do referido órgão aos grupos folclóricos. Esperamos que a senhora diretora dê a mão sempre que possível e, gratos pela deferência e promessa. Aguardamos sua presença no 22.º FEFOL, quando conhecerá nossos grupos folclóricos e as centenas de grupos que acorrem de todos os recantos do país. Muito gratos, D. Amália Lucy Geisel. Visite-nos, conheça o folclore olímpense, nossa terra e nossa gente.

\* \* \*

*E.E.P.S.G. “CAETANO DE CAMPOS”* — Pouco depois do término do 21.º Festival do Folclore, menos de um mês, contagiado pelo entusiasmo do que viu, pela televisão e do que ouviu por sua assistente de direção que “viveu” o mesmo, o diretor da EEPSSG “Caetano de Campos” — Aclimação — SP, Wady Nader, através de ofício enviado à Prefeitura de Olímpia, convidou o Prof. José Sant’anna e Maria Aparecida de Araújo Manzolli para ministrarem um curso sobre “Folclore Aplicado à Educação”, para a turma do Magistério daquela conceituada escola.

Não podendo ir o Prof. Sant’anna, por motivo de saúde, indicou a Prof.ª Iseh Bueno de Camargo que, por ser aposentada, quase foi barrada pela Secretaria da Educação, causando estranheza mesmo à Delegacia de Ensino local. Enfim, vencidas as barreiras, o curso foi realizado.

Sucesso absoluto, inesperado, mesmo. Além de alunos do magistério, professores de Educação Física, elementos das Delegacias de Ensino e da Secretaria da Educação participaram do curso, discutindo, transmitindo

idéias e conceitos, cantando, dançando e compondo trilhas melódicas, sobre temas estudados.

Os "alunos" fizeram algumas apresentações e a mais emocionante delas foi, no pátio da escola, sem microfone, terem conseguido fazer com que mais de 500 crianças e jovens cantassem em conjunto e vibrassem com as danças demonstradas, danças recém-aprendidas. Outra apresentação, para convidados e membros da comunidade, em recinto fechado, mereceu aplausos intermináveis, a platéia toda de pé.

Os esforços de Cidinha Manzolli, tocando acordeão e ensinando música, canto e dança, foram coroados de êxito. Jônatas Manzolli conseguiu fazer com que a turma aprendesse, em pouco tempo, quase todos os gêneros da música folclórica trazendo, ainda, seu Coral de Campinas para abrilhantar uma das apresentações e até a língua guarani (ou tupi, ou ambas), entrou no repertório folclórico. Jane, da Cidinha; Lili, da Ercy, os meninos Rodrigo, Kleber e Toninho, irmão do Babá, revezaram-se, ensinando danças e músicas a todos os participantes do curso.

Houve muita comoção à hora da despedida e o pedido de todos para que sejam convidados a vir a Olímpia, no próximo Festival, e a exigência de promessa de outro curso similar, o mais breve possível.

As professoras e seus brilhantes coadjuvantes, nossos parabéns e o agradecimento de Olímpia por, mais uma vez, levarem o nome desta cidade e o seu Folclore além dos limites físicos do Município.

\* \* \*

**ARTES E CIÊNCIAS** — Nos dias 10 e 11 de outubro de 1985, no saguão da Casa da Cultura "Dr. Antônio Sylvio Cunha Bueno", realizou-se a 1.ª Mostra de Artes e Ciências, congregando alunos das várias escolas da rede oficial de ensino. A mostra foi montada por alunos e professores de Ciências e Educação Artística, coadjuvados pelos professores das demais disciplinas do 1.º grau, jurisdicionados à Delegacia de Ensino de Olímpia. Foi um trabalho extraordinário, digno de ser visto por alunos de outras escolas e, através da televisão, mostrado a todo o país no sentido de estímulo e conagração escolar. A E.E.P.G. "Santo Seno" apresentou, além dos trabalhos relacionados com artes e ciências, um excelente desfile de licores, para todos os gostos e paladares: licor de hortelã, banana, caroço de pêssegos, café, cacau, rosas, jenipapo, uva... Os visitantes receberam, mimeografadas, essas ricas receitas. A E.E.P.G. "Prof.ª Maria Ubalina de Barros Furquim", por sua vez, entregou os receituários: "As Hortaliças e a Saúde" e "As Frutas e a Saúde" com minuciosas e interessantes instruções sobre o uso medicinal que se faz de frutas e hortaliças, bem de acordo com a opinião de nosso homem simples, ou seja, bem folclóricos, como Olímpia gosta, como o brasileiro quer.



Um trabalho desse naipe dá bem a medida do que se pode e do que se deve fazer, em Educação, dentro

do planejamento da escola, elevando o ensino às alturas de uma nação que está, no momento, empenhada em levar "a Educação para todos". Parabéns à Delegada de Ensino, Prof.ª Bäder Abinagem Serrano, aos supervisores de ensino, aos diretores de escola, à Prof.ª Antônia Maria de Camargo, aos Professores de Ciências e Educação Artística. Enfim, parabéns a todos que dessa 1.ª Mostra participaram. Que a próxima alcance os mesmos resultados e brilhe tanto quanto esta. Fazemos sinceros votos.

\* \* \*

**SEGUNDA FEIRA** — O Fundo Social de Solidariedade de São Paulo, que tem à sua frente D. Luci Montoro, primeira dama do Estado, promoveu de 9 a 13 de abril de 1986, no Pavilhão da Bienal, Parque Ibirapuera, a 2.ª Feira de Produção Comunitária e Artesanato do Estado de São Paulo. A Feira, aberta ao público, das 14 às 22 horas e no sábado e domingo, das 10 às 22 horas, congregou elementos de inúmeros municípios paulistas, todos trabalhando sob o mesmo lema: "A força de São Paulo é a gente que faz".

Olímpia, sob o comando da nossa dedicada e empenhedora primeira dama, D. Zuleica Carneiro Zangirolami como, no ano passado, apresentou o artesanato olimpiense: crochê, colchas de retalho, aventais, pintura em tecido, toalhas com abrolhos, flores de palha, toalhas de linho finamente trabalhadas, panos de prato bordados em ponto-cruz, licores diversos, doces, molho de pimenta e os famosos biscoitos de polvilho.



O Grupo de Danças Parafolclóricas "Asa-Branca", do Centro de Tradições Nordestinas, liderado pela Prof.ª Liedna Nogueira de Oliveira, congregando crianças de escolas de 1.º grau e das Creches: "Cidade Mirim", "Sítio do Pica-Pau Amarelo" e "Recanto da Tia Anastácia", levou, à capital, suas graciosas e movimentadas danças: Coco-peneruê e o Chótis Cintura-Fina, cujas crianças são, na maioria, incentivadas e auxiliadas por D. Zuleica e pela Prefeitura de Olímpia.

O Grupo de Danças Parafolclóricas "Cidade Menina-Moça", do Centro de Tradições "Noiva Sertaneja", liderado por Maria Aparecida de Araújo Manzolli, com sua "estampa" de rica coreografia, revivendo o folclore do Estado de São Paulo e do Rio Grande do Sul, como sempre acontece, ponto alto das apresentações olimpienses, atraiu os visitantes da Feira que se deslumbraram com o que assistiram e aplaudiram, calorosamente.

Durante o período das atividades foi exibido em televisor, instalado junto aos estandes, documentário em cores, retratando o 21.º FEFOL de Olímpia. As olimpienses adotivas Inezita Barroso e Laura Della Mônica marcaram presença, prestigiando o evento.

Além de ser uma obra de fundo social, essa Feira congregou cidades e cidadãos, mostrando o que fazem de belo e utilitário em cada região. Olímpia, nos estandes

18, 19 e 20, como no ano anterior, brilhou mais uma vez. Aos acompanhantes de D. Zuleica, Wilson Zangirolami (prefeito), Maria Giuseppe Scura, Calisse Mendonça Marquini, Sônia Najem Galetti, Maria Jesus de Miranda, Lourdes Roberti Fauaz e João Carlos Clemente, nossos parabéns pelo dinamismo e pela cooperação constante em todas as atividades que visam o bem-estar dos municípios e tão prontamente atendem aos apelos da grande dama, D. Lucy Montoro.

\* \* \*

**ACORDA, POVO!** — É o nome do livro que a folclorista Laura Della Mônica escreveu para ser discutido durante o *I Simpósio Nacional Sobre Folclore* a ser levado a efeito de 14 a 17 de agosto de 1986, em Olímpia, como evento do 22.º Festival do Folclore. É um trabalho de pesquisa bibliográfica, que exigiu dois longos anos de estudos comparativos, lendo o que sociólogos, antropólogos, filósofos, folcloristas, historiadores, religiosos e políticos nos legaram acerca do vocábulo “folclore”. *Acorda, Povo!* é um lançamento do Museu de História e Folclore “D. Maria Olímpia”, da Prefeitura Municipal de Olímpia.

\* \* \*

**22 ANOS** — O folclorista *Dr. Ático Vilas-Boas da Mota*, baiano, residente em Goiânia, em visita costumeira a Olímpia, redigiu esta belíssima mensagem: *22 Anos: Um Caso de Amor*. “Eu gosto de Folclore, tu gostas de Folclore, ele gosta de Folclore, nós gostamos de Folclore, vós gostais de Folclore, eles gostam de Folclore. Assim se conjuga o verbo *gostar*, assim se exprime o *amor pelas coisas do povo*.”

Se você quiser conferir tudo isso, não se esqueça do que eu vou lhe dizer: **OLÍMPIA É A CAPITAL NACIONAL DO FOLCLORE** e vem realizando, há 22 (vinte e dois!) anos um festival que é feito para ninguém botar defeito. Se você sabe conjugar bem o *Amor às Cousas do Povo*, não perca a oportunidade de vir a Olímpia, no próximo *Mês de Agosto*. Aqui, todos conhecem bem as regras da Gramática, do *Bem-Querer ao Folclore* e você terá oportunidade de conferir os exercícios de sua alma com os cadernos do espírito do povo. Aliás, esses cadernos estão cheios de desenhos e cores bonitas e neles não há erros. Para enxergá-los bem, basta você limpar os olhos e abrir as janelas de seu espírito e as comportas de seu coração!

Venha conhecer Olímpia! Quem assistir a um de seus festivais, ficará sabendo depois o gosto que a saudade tem! (1986).”

\* \* \*

**IN MEMORIAN** — Não poderia passar despercebido o passamento de três folcloristas, amigos de Olímpia, que admiravam o trabalho aqui desenvolvido em favor do folclore e que mantinham correspondência conosco, regularmente. Lamentamos registrar, mas cumprimos a obrigação.

**ONEIDA PAOLIELO DE ALVARENGA** — Nasceu em Varginha (MG), em 6-12-1911, Oneida Alvarengo, estudou piano no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, na Capital Paulista. Foi premiada com a tese “Linguagem Musical”. Organizou e dirigiu a Discoteca Pública Municipal do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo. Fez o curso de Etnografia e Folclore. Foi premiada com “Cateretê do Sul de Minas Gerais”. Membro-fundador da Academia Brasileira de Música. Teve amizade com Mário de Andrade e outros nomes dessa estirpe. Foi incansável defensora do folclore brasileiro, notadamente na área musical. Publicou diversas obras. Destacamos: *Música Popular Brasileira*, traduzido em vários idiomas; *Melodias Registradas por Meios Não-Mecânicos* (catálogo ilustrado) do Arquivo Folclórico da

Biblioteca Municipal, e Mário de Andrade, *Um Pouco*. Faleceu em São Paulo em 23-2-1984.

**AIRES DA MATA MACHADO FILHO** — Outro mineiro, Aires da Mata, nos deixou. Nasceu em Diamantina no dia 24 de fevereiro de 1909. Era sobrinho-neto do Conselheiro João da Mata Machado que foi Ministro no Império e Presidente da Câmara dos Deputados na 1.ª República. Primo do poeta simbolista Edgar Mata.

Interessou-se, desde cedo, pelas cantigas em linguagem africana, ouvidas em seu Município, ponto de partida para seu amor ao folclore. Foi professor, colaborou com inúmeros jornais — “O Diário”, “Folha de Minas”, mantendo, no “Estado de Minas”, a importante coluna “Escrever Certo”. Também colaborou em muitas revistas especializadas.

Membro de várias Academias, chegou a integrar a Academia Brasileira de Letras. Foi secretário-geral e depois Presidente da Comissão Mineira de Folclore. Participou do 1.º Congresso Brasileiro de Folclore, sempre lutando para defender os valores populares e o folclore nacional. Escreveu muito, destacando-se “O Negro e o Garimpo em Minas Gerais” e “Curso de Folclore”.

A 23 de agosto de 1985, viajando na BR-040, com membros de sua família, foi vítima de grave acidente perdendo, nossa pátria, um dos mais lídimos representantes da nossa literatura folclórica. Em fevereiro de 1986, a Comissão Mineira de Folclore lançou Boletim Especial, dando maior destaque a essa saudosa figura do nosso meio literário, especialmente de sua obra sobre folclore. Foi grande amigo do Prof. José Sant’anna.

Retiramos esses dados para as duas primeiras notas, da obra de Laura Della Mônica, ainda em preparo, “*Abrangência Folclórica*”, que brevemente estará no prelo.

**JOÃO EMÍDIO DE LUCENA** — 1985 marcou, também, o término da vida de um grande estudioso do nosso folclore, especialmente do folclore nordestino — o “Tenente Lucena”. Paraibano de nascimento, em João Pessoa viveu grande parte de sua vida, uma vida inteira dedicada ao estudo e às pesquisas do rico folclore infantil do Nordeste.

“Lucena empenhou-se na difusão da cultura popular, promoveu cirandeiros, cantadores, cegos de feira, artesãos, poetas, contadores de “causos”, cangaceiros, beatos, mamulengueiros e emboladores” — palavras de Iveraldo Lucena, um dos seus biógrafos.

Lucena nasceu em Itabaiana — PB, a 6 de abril de 1912, pai de 9 filhos: Palmari, Potengi, Piragibe, Iguatemi, Irecê, Poti, Perilo, Periguari e... Neusa. Sangue de índio, ancestrais africanos e brancos de certa nobreza — Barão de Lucena. Poucos estudos, muita inteligência, amor às crianças e ao próximo em geral, soldado e professor, um autodidata de fato, capaz de captar o belo de qualquer manifestação folclórica e transmiti-la, com requinte, dos pesquisadores do folclore nacional.

Viveu no Rio Grande do Norte, viajou pelo Nordeste todo, esteve na África, mantinha assídua correspondência com folclorólogos de renome, criador do Grupo Parafolclórico “Terra Seca” e o Grupo Parafolclórico do SESC, ambos na Paraíba. Constava, da sua agenda, a participação no 21.º FEFOL, já muito conhecido através dos Anuários do Folclore e da correspondência mantida com o Professor José Sant’anna. A morte o colheu antes dessa data — faleceu a 9 de julho de 1985, em João Pessoa, um mês antes do nosso festival.

Dona Neusa de Holanda Lucena, sua esposa, numa tentativa de dar prosseguimento à obra desse gênio nordestino, desse grande folclorista, pede ao Prof. Sant’anna que continue a lhe enviar tudo sobre os festivais olímpenses. E ele o fará.

Setenta e três anos de vida, vida dedicada à família, à Pátria e aos brasileiros, às tradições populares, ao Nordeste e ao seu imensurável acervo folclórico. Setenta e

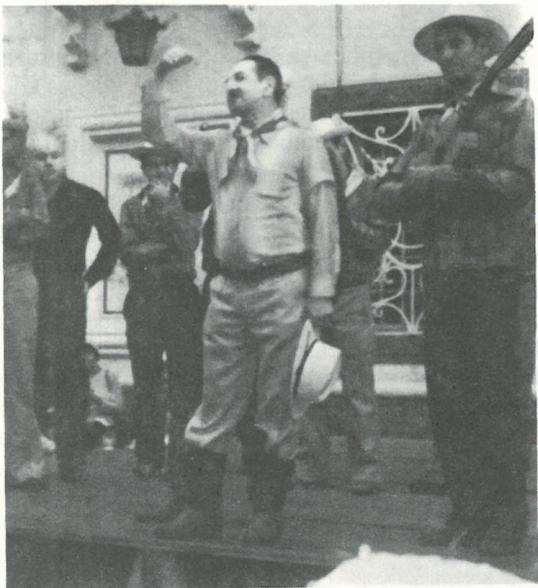
três anos enriquecendo nossos estudos sobre o Folclore Nacional fazem, deste saudoso Lucena, um marco imprecívél da literatura popular brasileira.

Gratos a José Nílton da Silva, amigo do Tenente Lucena, folclorólogo nordestino, nosso amigo recente, a quem devemos dados biográficos desse companheiro que partiu.

\* \* \*

**PEDRO VILARINO FERREIRA** — Pedro Vilarino Ferreira nasceu em Capão Bonito — SP, em 30 de novembro de 1919. Passou sua infância no Bairro Ferreira dos Matos, naquele Município e sua adolescência, no Distrito do Ribeirão Grande. Casou-se, aos 20 anos, com Maria Francisca Ferreira, nascendo-lhe seis filhos. Residiu, por longo tempo, no Distrito de Ribeirão Grande, mudando-se, pouco antes de seu falecimento, para a cidade de Capão Bonito, onde foi proprietário de um bar: Bar do Cuitelo, numa das ruas mais movimentadas da cidade.

Mesmo na sua terra, poucos o conheciam por Pedro. Para todos, era o Cuitelo. Cuitelo porque, segundo ele, em um só dia, deu cabo a 463 beija-flores, pássaros que se transformaram em praga no seu rincão. E, em Capão Bonito, na Rua Silva Jardim, n.º 347, no dia 16 de março de 1986, dois dias após o falecimento de sua esposa, deixou-nos, saudosos e desolados, este velho fandangueiro. Morreu como viveu — humilde, quieto, querido. Chefe do "Fandango de Tamancos", de Capão Bonito, um dos únicos, senão o único do Brasil, seu desaparecimento nos comoveu e nos entristeceu muito. Nosso Folclore o pranteia. Dezesesseis vezes veio a Olímpia com seu grupo alegre e barulhento, dezesesseis vezes nos encantou com as palmas, sapateados e passos do seu Fandango. Adeus, Cuitelo, adeus Pedro Vilarino Ferreira, que seus companheiros, em sua homenagem, não permitam que o Fandango de Tamancos pereça, empobrecendo, ainda mais, o folclore paulista, o folclore brasileiro. Que seus tamancos rústicos alegrem os espaços siderais. Adeus!



P.S.: Recebemos do amigo, vereador João Cláudio Ferreira, da Câmara Municipal de Capão Bonito, representante do Distrito de Ribeirão Grande, fotocópia de uma poesia de Memórias de Pedro Vilarino Ferreira, por ele mesmo escrita, relatando as traquinagens de sua meninice e outras proezas. O texto é manuscrito, longo, difícil de ser lido e escrito, é natural, em linguagem popular, fazendo relembrar o período fonético de nossa língua. Foi escrito em 1949. Dele extraímos apenas a estrofe de n.º 44 — uma oitava heterométrica — cuja escrita foi atualizada por nós, e diz assim:

“Agora vou contá um caso  
Que aconteceu uma vez,  
Foi numa grande caçada  
Que este Vilarino fez  
Tenho muita prova disso,  
Não falo com imperatividade,  
Cuitelinhos num dia matei  
Quatrocentos e sessenta e três.”

Na estrofe seguinte, aponta como testemunhas do fato, seu padrinho de batismo e amigos da época.

Importante observar o emprego da palavra “imperatividade”, não registrada em dicionário, talvez termo regional, usado por necessidade rimática, e com a idéia de arrogância.

O colibri do fandango de tamancos — Pedro Vilarino Ferreira — estará eternamente vivo, pois no ano de 1984, quando se apresentava, com seus companheiros, durante o 20.º FEFOL de Olímpia, ocupou o espaço de alguns minutos na filmagem da R.T.C. de São Paulo. O mesmo ocorreu em agosto de 1985, mas, infelizmente, essa fita foi desgravada por mãos maldosas, mal intencionadas.

\* \* \*

**BRADESCO** — Ao BRADESCO, nosso amigo, preservador das tradições culturais de nosso povo, defensor do Folclore Brasileiro, devemos a confecção dos deslumbrantes cartazes que se espalharam por muitas regiões do país, anunciando o 21.º FEFOL. O grupo “SAMBALÊNÇO” de Mauá — SP, com seus trajes típicos, destaca-se no verde da relva e é digno de ser guardado, especialmente pela obra do fotógrafo e sua perspicácia quanto a detalhes — 5.000 cartazes foram distribuídos.

Também ao BRADESCO se deve a confecção das Agendas do 21.º FEFOL, livretos que contêm todo o programa a ser desenvolvido, bem como informações de caráter utilitário. Na capa, o mesmo grupo de Mauá — 5.000 Agendas.

Como se tudo isso não bastasse, cerca de 6.000 Diplomas e Certificados, de diversas cores e tamanhos vários, destinados a muitos eventos e ocorrências dos dias do festival foram impressos pelo BRADESCO.

Depois de tanta compreensão, o que dizer aos dirigentes desse Banco amigo e protetor, ao pessoal do laboratório de fotografias, da gráfica, dos meios de expansão cultural e da equipe de finanças, senão — *obrigado, obrigado, obrigado!*

**Por trás deste sorriso  
existe a certeza  
de um futuro tranquilo.**



O resultado do  
Top Clube proporciona  
educação,  
alimentação, vestuário  
e assistência médica  
aos 36.250 alunos das 30  
escolas da Fundação  
Bradesco.

**TOP CLUBE  
BRADESCO**

**A melhor solução de seguro para você.**

*folclore: um pouco  
da nossa terra  
e da nossa gente*



**BRADESCO**  
o banco brasileiro